



Léon Chevreuil

NÃO SE MORRE



Autores Espíritos Clássicos



www.luzespirita.org.br

NÃO SE MORRE

Provas Científicas da Sobrevivência

Léon Chevreuil

Original em francês, de 1920:

On ne meurt pas

Disponível em [PDF](#):

Tradução: Abílio Ferreira Filho

Revisão: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Ery Lopes

Versão digitalizada:

© 2020

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita

Autores Espíritas Clássicos



Léon Chevreuil

NÃO SE MORRE
Provas científicas da sobrevivência

* * * * *

Prefácio De CH. MOREAU-VAUTHIER

Eu não imagino, eu constato.

L. C.

* * * * *

Obra laureada pela Academia de Ciências em 1919

* * * * *

PARIS
Jouvre & Editeurs
15, Rue Racine, VI

1920

ÍNDICE

- Homenagens Póstumas*, por Paul Bodier — pág. 6
- Homenagem a um sábio*, por Hubert Forestier — pág. 8
- Prefácio — pág. 16
- Capítulo I - O grande problema — pág. 19
- Capítulo II - A telepatia — pág. 29
- Capítulo III - As perturbações orgânicas — pág. 43
- Capítulo IV - As vidas anteriores — pág. 56
- Capítulo V - O fato observado — pág. 73
- Capítulo VI - Os agentes motores — pág. 83
- Capítulo VII - Aparições telepáticas e formas materializadas — pág. 99
- Capítulo VIII - As materializações completas — pág. 112
- Capítulo IX - As materializações da natureza — pág. 131
- Capítulo X - As manifestações espontâneas — pág. 151
- Capítulo XI - As manifestações do além — pág. 171
- Capítulo XII - *Mors janua vitae* — pág. 189



Léon Chevreuil

HOMENAGENS PÓSTUMAS

Na quinta-feira, 14 de dezembro de 1939, na exata hora em que os restos mortais de Léon Chevreuil foram enterrados, recebi a carta de luto anunciando que o grande escritor espírita tinha regressado à vida pós-morte desde 11 de dezembro de 1939.

É mais um apóstolo perfeito que nos deixa, um amigo sincero que eu conheci e admirava por mais de trinta anos.

Acima de tudo, ele é um escritor brilhante que desaparece, um homem que, toda a sua vida, defendeu com paciência, tenacidade e coragem; filosofia kardecista, espírita cristão por excelência.

Assim como Léon Denis e Gabriel Delanne, é uma grande perda para o espiritismo. Mas pensando que Léon Chevreuil morreu aos 87 anos, só temos o dever de saudar, com emoção, o patriarca que foi encontrar os grandes Mestres de quem fora um fiel amigo ao mesmo tempo em que o discípulo cuja atividade, sem fraqueza, continuou o admirável trabalho de seus antecessores.

Por 32 anos, conheci Léon Chevreuil e sempre o vi ativo e discreto em seu papel de propagandista, escrevendo artigos e livros que permanecerão monumentos de ciência, de bom senso e fé, de uma fé que jamais vacilou, uma fé que jamais foi negada, pois que era, acima de tudo, plena de amor, de caridade e de modéstia.

Léon Chevreuil não era um orador, mas, por outro lado, ele possuía, no mais alto grau, os magníficos dons de um grande escritor, um pensador ao mesmo tempo instruído e prudente, certo da verdade que ele ensinou, às vezes com um toque de ironia sem malícia, mas cheio de espírito.

Ex-presidente da União Espírita Francesa, Léon Chevreuil havia se aposentado após a tão recente "transformação" desta Sociedade e esta se fez muito honrada ao nomeá-lo como seu Presidente honorário.

Talvez, animada por um zelo um tanto precipitado, ela tinha esquecido esse gesto que a tornaria maior aos olhos de todos. Descobri, de minha parte, que havia um pouco de pressa em substituir um presidente muito velho, a quem ninguém podia culpar nada, e que somente sua avançada idade e saúde instável o distanciaram das reuniões do Comitê.

Poderiam nos dizer que Léon Chevreuil, após a saída da União Espírita Francesa da rue Copernic, havia renunciado. Ainda assim, a União Espírita devia ao escritor, ao apóstolo, ao homem de bem, essa última homenagem e muitas pessoas honestas acharem penosa essa falta de respeito e ingratidão, que denota tal esquecimento.

Mas agora que a recém-organizada União Espírita Francesa está totalmente tranquila, eu sei que do pós-morte para onde retornou, Léon Chevreuil desculpou tudo isso sorrindo ironicamente e sempre sem malícia. Os grandes desaparecidos dificilmente se importam com honras terrenas e suas almas são muito grandes e bonitas demais para culpar qualquer um que seja...

Paul Bodier

Revista Espírita, Janeiro de 1940

HOMENAGEM A UM SÁBIO

discurso de
Hubert Forestier¹

Felizes aqueles que, a exemplo de nossos Mestres espirituais, sentem, abandonando esta crosta terrena, a certeza de ter movido outras almas pelo contágio do exemplo, da fala ou da escrita. Bem-aventurados são aqueles que, como eles, têm consciência diante da insipidez do materialismo de nossa época, de terem aberto olhos, por vezes obscurecidos por vapores vagos ao esplendor do ideal tão necessário para nossa salvação.

Nosso caro Léon Chevreuil adormeceu no silêncio e na paz do Divino em 11 do último dezembro, em seu domicílio em Paris. Ele tinha 87 anos. Nosso amigo Paul Bodier imediatamente lhe dedicou poucas linhas de piedosa gratidão. Estamos de todo o coração associados a este tributo que renovamos hoje nestas páginas, e sabemos que a multidão de espíritos da França se uniu ao mesmo fervor, desde as notícias generalizadas deste fim humano, para endereçar pensamentos emocionados e reconhecimentos ao autor da obra imortal: ***Não se morre!***

Quão bem ele trabalhou durante sua longa vida beneficente, idealizada por sua preocupação em tanto servir a arte através da pintura quanto à causa do Espírito pelo Espiritismo Kardecista! Quão orgulhosos podemos estar de ter tido a honra, durante numerosos anos, de possuir em nossa cabeça esse caráter valente, este delicado estudioso cuja caneta, fina e instruída, tem sido capaz de expor em páginas inesquecíveis a defesa de nossos princípios, refutando com facilidade e firmeza os argumentos dos detratores, ignorantes ou de má-fé, da doutrina dos espíritos.

Um pensador lógico e comum, nenhum problema embaraçou sua inteligência animada e potente; tais qualidades foram reveladas em Léon Chevreuil sem esforço, despertando em nós a admiração e respeito entre os seus adversários.

¹ Hubert Forestier foi diretor da ***Revista Espírita (Revue Spirite)*** e da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas fundada por Allan Kardec. Fiel ao Espiritismo. Em 1931 substituiu Jean Meyer na direção da ***Revista Espírita*** adotando como lema "servir".

O pintor talentoso, ele deixa uma obra valiosa e merecidamente considerada, distribuída em museus e em coleções privadas. Seu mérito, do nosso ponto de vista, foi a coragem que ele mostrou diante do ostracismo dos Jurados de Exposição, ao fazer esse grande talento servir para expressar em suas telas sua certeza na sobrevivência da alma.

Quem não se lembra, entre nossos leitores, a famosa pintura, de propriedade da *Maison des Spirites* e popularizada por uma reprodução em cartão postal, espalhada por milhares de exemplares ao redor do mundo? A *Revista Espírita* reproduziu na íntegra, em sua edição de julho de 1934, este trabalho do Mestre espírita que revela o drama profundo da morte para dois seres, um dos quais a entende enquanto o outro a teme... "*Então você não os vê!*"² — Esta é a pequena frase que o autor deu à sua obra. Esta é a pequena frase murmurada por uma criança moribunda que, com a mão emagrecida, aponta para os invisíveis apoiados sobre sua cama, à sua pobre e sobrecarregada mãe. É também a pequena frase em que penetra um doloroso arrependimento, que aqueles que não veem acreditam dizem àqueles que não acreditam...

Léon Chevreuil nos deixou, fisicamente, tendo bem merecido o Espiritismo. Fiel discípulo do sábio Allan Kardec, admirador e amigo de Léon Denis, Gabriel Delanne, Jean Meyer, Ernesto Bozzano, Paul Bodier, Andry-Bourgeois, paterno em relação ao nosso Editor-chefe, Hubert Forestier, a quem guiou, há quase vinte anos, os primeiros passos no caminho militante, é, em nossa opinião, o penúltimo, senão o derradeiro representante da alta linhagem de homens do século passado que fizeram a grandeza do Espiritismo francês e cuja ação e pensamento, transbordando fronteiras, chegaram aos países mais remotos da Terra.

É necessário aqui analisar o trabalho filosófico e científico de Léon Chevreuil? Nós não pensamos assim, além disso, precisaríamos de páginas e páginas, de que — infelizmente! — no momento não dispomos para realizar tal trabalho. Mas faremos questão de empreende-lo uma vez que tiver passado o vento da insanidade que sopra pelo mundo a esta hora. Enquanto isso, se não podemos recordar hoje muitos artigos dignos de sobreviver ao esquecimento, podemos citar de passagem pelo menos dois dos livros do eminente autor: *Espiritismo na Igreja* (1937) — em que mostra como os milagres dos santos estavam em uma relação direta com a mediunidade — *O Espiritismo Incompreendido* (1931) (2) — que destaca essa palavra forte de Pasteur, que é todo um programa: "Não há religião, nem filosofia, nem ateísmo, nem materialismo que se sustentam. É uma questão de fatos" —

² *Tu ne les vois donc pas!* (Paris, 1934).

voltaremos à obra-prima de Léon Chevreuil: *Não se morre!* (1920)³, relembando o quão benéfico este livro foi desde sua publicação em meio à tormenta da guerra de 1914-1918. Continha tais certezas nele! Quanto alívio ele ofereceu à angústia de mães, esposas, irmãs e órfãos! A Academia de Ciências, pela primeira vez consciente das necessidades do coração e da razão para aqueles feridos pela guerra, dignou de coroar este trabalho de um homem de boa-fé, distinguindo assim os méritos de Léon Chevreuil e sublinhando oficialmente o valor de sua tese acerca da sobrevivência da alma humana. Desde então, as edições desse precioso livro se seguiram; a mais recente remonta a apenas novembro de 1935, superando vinte mil exemplares. Contém um novo prefácio no qual Léon Chevreuil declara, para sua alegria, que desde a publicação de *Nós não morremos!* As questões tratadas por ele deram um gigantesco passo...

E ele acrescenta:

"Esta é uma verdadeira revolução que se opera na mentalidade dos corpos instruídos. Vivemos neste erro do século XIX que nenhuma forma de realidade poderia existir fora de uma substância; sabemos agora que a substância não é nada e que devemos procurar em outro lugar as fontes da vida e a explicação do movimento. Daí, duas maneiras de julgar. O século passado estava grosseiramente equivocado porque se considerava científico, tomando por base do seu raciocínio a matéria que não existe mais e invocando as leis ao invés de constatar os fatos."

O ilustre Charles Richet teve que reconhecer essa evolução e confessar, por sua vez, simplesmente, a verdade em seu prefácio para *A Porta do Mistério*, publicado em Lisboa em 1926:

"Vivemos em uma época em que o oculto se tornou científico, em que o sobrenatural se tornou natural, em que a vida após a morte aparece nos laboratórios. E afinal, por que não?"

E o autor do famoso *Tratado da Metapsíquica* acrescenta com uma leal franqueza:

"Podemos ter a pretensão de limitar a ciência, quer dizer, o conhecimento do mundo, às ínfimas e desinformadas noções de que, laboriosamente, conquistamos e registramos em nossos livros?"

Léon Chevreuil e Charles Richet encontram-se, portanto, de acordo e sua opinião é útil para lembrar; mas quão eloquente é o "prefácio" de Léon Chevreuil,

³ Os referidos livros podem ser obtidos pela *Revista Espírita* (B.P.S.M.) em Soual (Tarn).

todas as páginas devem ser lembradas, elas têm em si mesmo tanto valor, tanto poder de persuasão! É melhor, parece-nos, que cada espírita adquira uma cópia desta nova edição de *Nós não morremos!* ou o ofereça, se já o tiver, para aquele cuja alma tenha sido machucada pela crueldade da guerra. Será fazer um trabalho piedoso e humano, será realizar um ato de bondade e generosidade fraternal em relação aos outros.

Em muitas ocasiões, em resposta à pergunta que lhe fora colocada, Léon Chevreuil quis bem esclarecer: "Como ele se tornou espírita". Vamos ler esta entrevista concedida à *Psíquica* em agosto de 1926.

"Perguntam-me como eu me tornei espírita. Perguntemo-nos primeiro: — O que é um espírita? — A definição é simples. — É uma pessoa que crê que o mundo invisível não é um mundo inacessível e que se pode obter, sobre a destinação futura do homem, noções exatas de que filósofos e as religiões não foram capazes de nos mostrar.

"Como me tornei esse homem? — Eu poderia responder: é através do estudo. Mas para ser sincero, devo confessar que fui derrubado, na minha época, no caminho de Damasco.

"Há um momento em que a criança, tornado homem, medita sobre o significado da vida e então reconhece o absurdo das coisas ensinadas. Quando esta hora voltou-se para mim, eu não conseguia encontrar a verdade em nenhuma doutrina, eu me tornei um perfeito incrédulo, eu era um verdadeiro filisteu, o inimigo de Israel. Raramente ouvia falar de espiritismo; então encolhi meus ombros a uma altura que pensei ser suficiente para atrair a estima dos meus contemporâneos, e se eu fosse discutir com Allan Kardec, meu sorriso tornar-se-ia bastante zombeteiro.

"Eu acreditava, como alguns metapsiquistas contemporâneos, que o amor do maravilhoso, o desejo de impressionar, ou a necessidade de superstição, inerente aos seres inferiores, era uma explicação suficiente; em suma, eu tinha voltado para a mais completa indiferença.

"No entanto, as pessoas que eu achava muito inteligentes e profundamente ligadas à sua religião garantiram-me ter obtido movimentos de mesa no passado, porque, por hoje, era proibido.

"Essa afirmação me surpreendeu, mas a conclusão é: — É possível, afinal, que um movimento se produza; quanto à crença de que se pode entrar em conversação, essa não merece consideração. Esse estado de espírito persistiu por trinta anos.

"Quatro ou cinco vezes, todavia, eu tinha tentado ensaios vagos, quando as conversas nos levaram a este assunto, mas sempre aconteceu que o menor estalo era recebido pelas piadas habituais que acabaram com esses ensaios. Eu queria continuar, contudo, percebi que entre as risadas havia alguns que riam de amarelo e que suas piadas não eram mais que um pretexto para fugir da experimentação. Eu conservei uma vaga curiosidade sobre aquilo.

"Um dia, finalmente, mostraram-me uma casa onde aquilo funcionava; não era Maison des Spirites. Eu fui lá, éramos quatro pessoas, em plena luz; a mesa ganhou vida, tanto que uma lâmpada que se achava numa alta coluna perdeu o equilíbrio. Então — que coisa maravilhosa! — sob essa lâmpada, que tinha perdido seu apoio e que deveria cair fatalmente, o tampo da mesa escorregou, fez contato com as quatro pernas da base, eleva-se, restaurou o equilíbrio e descansou em seu assoalho, sem fazer mais barulho do que uma folha levantada pelo vento.

"Bem, devo ter sido acusado de pressa no meu julgamento e confesso que no exato instante senti meu ceticismo desmoronar, pois fatos tão simples e também inimitáveis não precisam ser controlados. Eu entendi imediatamente que todo o materialismo do século XIX tinha acabado de ser varrido por este fato colossal.

"Porém, a noite carrega conselhos; no dia seguinte fui confidenciar meu estado de espírito a um amigo íntimo e combinamos experimentar nós dois: não havia mais dúvida, pois uma inteligência se manifestou. Fomos à casa de um amigo em comum, lá a mesa se elevou do chão a ponto de resistir à pressão de nossas mãos. Aconteceu que, considerando a experiência suficiente, até nos levantamos. Enquanto estávamos longe da mesa, ela se mexeu sozinha diante de nossos olhos. Nos dias seguintes, e em outro local, pensei em fazer perguntas sérias em sessões mais regulares. Isso realmente aconteceu; numa época em que tínhamos voltado a propósitos fúteis, tive a ideia de questionar a mesa sobre uma pessoa que tinha sido o único afeto e consolo da minha infeliz infância. De um único salto a mesa subiu à altura dos meus olhos, então parou e, lenta e solene, ela fez um gesto de saudação no meu colo; estava ficando sério.

"Entendamos que depois dessas iniciações, pensei que o fenômeno voltaria a acontecer com frequência. Bem, não foi nada disso e desde então a mesa nunca mais se mexeu, ou mexeu tão pouco que não vale a pena falar. E isso aconteceu comigo no momento da maior angústia moral, como se quisessem me dizer:

"Você quer sondar o mistério, veja só uma vez e que seja o suficiente!

"Alguns dias depois, caminhei pelas galerias sem pensar em nada, no parapeito, os livros alinhados não teriam chamado minha atenção, mas havia um que, apoiado em uma caixa, estava completamente fora de linha. O título dele me impressionou: — *Sobrevivência*. — Examinei: era muito novo para mim, levei o livro comigo, e como o endereço do autor — a Sra. Rufina Noeggerath — estava no final do volume, fui à Rua Milton e esta foi minha primeira iniciação. Eu vi lá Hugo d'Alesi, Dr. Chazarin; ouvi falar de fenômenos pela primeira vez. Li Allan Kardec; finalmente descobri uma doutrina razoável, que ofereceu uma possível solução para o mistério das coisas e uma explicação racional da vida.

"Naquele momento, mudei a posição das minhas baterias e voltei ao estudo do materialismo. Reconheci que o espiritismo se adaptava maravilhosamente às coisas ensinadas, que a doutrina das reencarnações estava em harmonia com a filosofia evolucionista, que respondia às dificuldades que a filosofia de Haeckel não tinha sido capaz de resolver. Constatei também que Büchner estava apenas zombando das ingenuidades dogmáticas, que ele próprio reconhecia que se poderia muito bem conceber o sistema espiritualista do universo; em suma, o espiritualismo tinha como atender a todas as

demandas da ciência e eu encontrei todos esses fenômenos nos testemunhos da religião mais ortodoxa, Ectoplasmas, entradas, mediunidades visuais e auditivas, nada estava faltando. Mas a maior surpresa que o estudo me reservou foi aprender quantos sábios ilustres, de todos os países, haviam constatado os fatos com todo o rigor dos métodos experimentais.

"Eis o que eu queria pôr ao alcance de todos no meu livro *Nós não morremos!*. Hoje não tenho mais dúvidas concernentes à sobrevivência e, tendo concebido Deus como uma nova ideia, senti uma alegria interior que nunca me deixou."

Um pouco mais tarde, em 1932, e para ser agradável ao nosso amigo, Sr. José Lhomme, Diretor da *Revista Espírita Belga*, Léon Chevreuil relembrou algumas de suas próprias experiências; aqui está a relação extraída desta excelente revista:

"Eu vi entradas em plena luz e obtive provas da clarividência, porém foi sobretudo com Eusapia Paladino que eu testemunhei os fenômenos mais surpreendentes; o que eu diria não acrescentaria nada aos relatórios de César Lombroso, Charles Richet, Julian Ockorowicz, De Rochas, Curie, Arsène d'Arsonval...etc. Anotarei, no entanto, que a agitação acima de nossas cabeças de vários objetos, bandolins, sinos, etc., se reproduziram enquanto o médium, completamente deitado de joelhos, estava cercado pelos meus dois braços.

"Porém o fato capital, na minha opinião — porque é a prova concreta e irrefutável da objetividade e rigidez do corpo invisível — é a obtenção dos moldes. O Dr. Gustave Geley obteve-os em parafina; Eu os coloquei na massa. Em um bloco de dez quilos de massa, Eusapia me deu a impressão em *escultura* de seu punho fechado. No entanto, um molde escavado em massa é uma coisa perfeitamente impossível de imitar, mesmo para os mais hábeis profissionais modeladores.

"A existência do corpo espiritual, materializável e desmaterializado sendo assim demonstrada, parece-me ser a experiência mais provável de atingir o incrédulo quando ele é de boa-fé; os fenômenos materiais que fundamentam o espiritismo e serão o ponto de partida para uma nova orientação do pensamento livre de abstrações e toda consideração mística. É sobre eles que devemos nos apoiar para resistir a qualquer ataque e forçar as portas dos institutos científicos. O mais importante deles será, na minha opinião, aquele que demonstra a realidade objetiva do corpo invisível. Devemos colocar as autoridades científicas, bem como nossos líderes engordados deste substrato da vida que é o Perispírito e que os adversários são persistem em reivindicar como sobrenatural.

"Quando a humanidade estiver convencida de que o elemento psíquico — até então ignorado pela ciência oficial — é uma coisa substancial e uma realidade tão natural quanto às ondas sonoras reveladas pelo telégrafo sem fio, e que o problema de uma vida etérica entrou no reino das coisas observáveis, teremos criado uma nova mentalidade e todas as esperanças serão permitidas."

Assim, Léon Chevreuil chegou ao Espiritismo apenas na companhia de senhora Razão, recusando-se a admitir facilmente a existência de fatos e manifestações que excediam seu conhecimento, decorrentes do ensino de chefes da

escola materialista ou dogmática. Mas seu culto ao exato, à pesquisa pura deveria levá-lo — a despeito de sua vontade — a essas descobertas de um mundo ignorado em que se revelaram à sua observação confusa as possibilidades da alma humana neste mundo e no outro. O cético de ontem teve que tomar as palavras do ilustre advogado criminal César Lombroso e se curvar diante da força constrangedora dos fatos.

Depois de ter servido modesta e sinceramente à Arte e ao Espírito, nosso venerável Léon Chevreuil submeteu-se às leis comuns e apagou deste mundo o coração machucado pela inconsciência e a incompreensão de alguns; libertou-se das algemas terrenas asseguradas pelas realidades do Além-túmulo, afirmadas e demonstradas em seu abundante trabalho com uma força e uma generosidade de apóstolo.

Hubert Forestier
Revista Espírita de Fevereiro de 1940



1934

Peint par Léon CHEVREUIL

" TU NE LES VOIS DONC PAS ! "

Pintura de Léon Chevreuil
"Tu ne les vois donc pas"
(Então você não os vê)
Paris (1934)

PREFÁCIO

Meu Caro Chevreuil,

Que belo assunto! Que título magnífico! Estou encantado por apresentar vosso volume ao público. Não que eu tenha a menor autoridade nessa matéria: eu não entendo, por assim dizer, nada sobre o assunto que vós tratais. Mas não é esse ponto uma razão para assegurar os leitores que, recém-chegados a essas questões árduas, estariam curiosos de conhecer? Desde a porta, eu lhes digo: eu sou como vós, e vós convido a entrar. Eu conheço o autor como um homem consciencioso e convicto. Há bem quarenta anos eu o sigo na vida. Artista, ele foi, na Escola de Belas-Artes, meu camarada, e quando eu me remeto a essa época eu o encontro, no meio de nossos brilhantes colegas, tal como ele é hoje, tranquilo, absorto, sonhador, nascido para sonhar com o além.

Mais tarde, ele pintou um quadro que teve, como suas outras obras, as honras do Salão. Uma mulher no meio de um bosque de pinheiros, braços levantados, contemplativa. Ela se chamava Solidão. A cor era de um sabor cinza, muito fina, nos pormenores, o tom dos sonhos. Os anos passaram.

Uma bela tarde, há uma vintena de anos, eu não sei como nos encontrávamos, com amigos, fazendo girar as mesas. Vós não estáveis, meu caro Chevreuil. Isso evoluía mais ou menos. Mas essa brincadeira despertava em vós curiosidades novas. E desde então, vós vos engajastes nos estudos dos quais me empenho. De minha parte, eu fiquei com as mesas mais ou menos girantes, mas eu vos observava com inveja como as pessoas presas à terra observam no ar os aviadores.

Ah! As questões espíritas, como são cativantes. Mas é preciso, como vós, poder se dedicar o tempo todo. Não era de modo nenhum o meu caso. Eu permanecia sobre a terra, vos seguindo com simpatia, feliz quando vossa conversação me colocava a par de vossos estudos. E eis como esses estudos terminavam em um volume. Como eu não o anunciaria com prazer? Eu sei o ardor

que foste tomado. Talvez eu reprochasse por um excesso de escrúpulo na documentação. Vós já sacrificastes numerosas páginas, eu o sei. Vossa consciência vos pressionou, eu temo, a conservar muito ainda. Vós quereis convencer pela abundância. Resumir mais teria sido suficiente. Perdoai-me, meu caro amigo, uma crítica que está bem considerada a honra do autor. O divulgador somente teria ganho além da concisão, alcançando sem dúvidas mais leitores. Eis tudo. Não é a abundância que convencerá aqueles persistem em duvidar. O homem que escarnece e se posa como espírito forte não parecerá senão um espírito fraco. Deixai por isso esses zombadores. Eu me admiro da importância que vós dais em persuadi-los. Eles mesmos me espantam. Por que essa fúria em vos negar em vos combater? O que eles temem então? A única razão respeitável que eu possa lhes atribuir é que aos olhos de um grande número, tocar na morte é tocar na religião. E eu imagino mesmo que alguns ficariam revoltados em ver suas crenças explicadas e justificadas pela ciência. Eles julgariam que elas perderiam o caráter religioso.

Eu vos considero, ao contrário, como precioso explorador. Vossa audácia é feliz, vossa curiosidade será salutar. Ah! Se vós pudésseis destruir todos os erros que tornam a morte tão terrível às pobres gentes. Se vós pudésseis também nos desembaraçar de tantos feiuras e besteiras das quais se cerca e práticas indignas de nossas ideias e de nossos costumes.⁴

É por vós e vossas pesquisas que se conseguirá a não mais se confundir com a doença e o sofrimento. Em suma, é uma grande partida. Eu que detesto os trajetos de condução, de trem ou de navio, eu não gosto de partidas. Mas quando se chega ao destino, que alegria ver novos países. A morte não é tanto a partida dolorosa senão a chegada a novos países.

A comparação de William Stead que vós não deixais de assinalar, me pareceu sempre muito engenhosa e muito justa, quando ele associa o além à América, admitindo que se possa ir até lá sem poder regressar. Cristóvão Colombo e seus companheiros teriam aí fundado uma civilização florescente. Outros navegadores tendo aí chegado, quiseram manter ligação com a Europa, lhe falar desses países maravilhosos. Mas suas comunicações por um telégrafo sem fio ainda muito elementar, dariam resultados incompletos, incompreensíveis, praticamente suspeitos. Crer-se-ia que fossem farsas. Com o tempo, entretanto, é graças à obstinação de alguns sábios, se estabeleceriam relações regulares... Paciência então, esperemos...

Livros como o vosso, resumindo os estudos desses sábios sobre essas

⁴ A organização de Pompa fúnebres e de cemitérios não é monstruosa e ridícula, de mau gosto?

questões, prepararão o público para adotar novas ideias. É nisso que eu aprovo vosso trabalho, aplaudo a vos a sua execução escrupulosa e vos desejo o sucesso que ele merece.

CH. Moreau-Vaurhie

Capítulo I

O GRANDE PROBLEMA

O conhecimento da alma humana, como entidade psíquica, e física, será a ciência de amanhã.

Camille Flammarion

Nós morremos?... A essa questão, tão importante para o homem, poucas pessoas poderiam responder no estado atual dos conhecimentos. Muitos acreditam que a questão está toda decidida, e vivem na convicção de que a sobrevivência da alma humana é um absurdo condenado pela ciência. Por que os pensadores e os filósofos não puderam, ao longo dos séculos, entrar em acordo sobre uma concepção única, parece que a ideia espiritualista deva ser considerada como uma quimera e é extraordinário que ninguém imagine que a ciência, que já resolveu tantos problemas, poderia ainda resolvê-lo, é o que mais importa para a humanidade. As religiões não nos dão certos conhecimentos, a ciência não compreende a linguagem da fé, só compreende a demonstração. Respeitando velhas concepções filosóficas e religiosas, esperamos não ofender nenhuma convicção; aqueles que acreditam receber a luz do alto gostariam de, pelo menos, não observar com desprezo os humildes operários que trabalham cá em baixo demandando uma solução para a natureza, e que pesquisam o solo, na esperança de aí encontrar um fundo sólido sobre o qual poderão edificar.

Estamos em 1916, acabamos de ver o homem na obra; o assassinato, a violação e a pilhagem, não se pôde provocar nenhum despertar de consciência nas nações neutras, o horrível tormento que acaba de desencadear a morte sobre a Europa nos revelou muito bem as grandezas e as fraquezas, e parece que falta alguma coisa no conduzir da humanidade. A fé não tem vez.

A ciência do século XIX tinha feito essa violência à razão e ao sentimento de negar tudo o que faz a grandeza moral do ser, ela aceita a mentira de que não havia outra coisa, no Universo, senão os estados da matéria tais como nós a conhecemos,

então não havia mais nada; não havia mais alma, mais inteligência, só havia reações. O grande dogma científico era, então, que a causa de tudo residia na matéria, que uma última análise reduzia ao átomo indivisível, indissolúvel, eterno. Hoje é preciso admitir a dissolução dos átomos e, como é absurdo supor que a matéria desaparecida esteja destruída, podemos afirmar que a dissociação dos átomos é sua passagem para o além do qual a ciência nada conhece.

Há por isso outras possibilidades físicas além das admitidas ou conhecidas pela ciência. Quanto às doutrinas espiritualistas, elas são insuficientes; felizes aqueles que têm a fé, mas não podemos entrar no domínio da mística, tomamos o problema por baixo; estudando a alma humana em suas faculdades e suas manifestações, nós a seguiremos até em seus desvios e suas aberrações, a fim de demonstrar que ela é de essência espiritual e que o materialismo não pode dar a chave.

Nós não morremos!... Eis aí a certeza que podemos adquirir pela única via da observação aplicada aos que nos são acessíveis, o saber pode substituir a fé. Existe hoje toda uma ordem de fatos adquiridos da observação, e que provam definitivamente que a alma existe por si mesma, que ela preexiste à formação do corpo e que ela sobrevive à destruição de seu envelope.

Isso, bem o sabem os sábios; alguns, e dos mais ilustres tiveram dificuldade de explorar esse domínio e afirmam que, por vias absolutamente científicas, chegaram a uma certeza a esse respeito, e isso o mundo o ignora.

Existe toda uma ordem de fatos adquiridos da ciência e que provam que, no ser vivo, existe uma substância invisível dotada de faculdades que a matéria não explica, e isso o mundo ignora. Enfim existe toda uma ordem de fatos, mais difíceis para observar cientificamente, mas submetidos a constatações minuciosas e que estabelecem que, em certas condições, algumas pessoas falecidas puderam se manifestar ao mundo dos vivos.

Eu vejo, caro leitor, que um fino sorriso paira em vosso lábio; tenha cuidado, é o fino sorriso que acolhe muito frequentemente as novas verdades e que cada um de nós poderá se censurar um dia ou outro.

O corpo morre está entendido. Mas como começaremos por provar que o corpo não é tudo e que nós temos possibilidades de sobrevivência em um substrato material que jamais faz falta. Dito de outro modo possuímos, desde o presente, um corpo invisível que vós não conheceis talvez e do qual nós vamos vos falar.

Alguns dirão: "Eu quero ver antes de crer"; àqueles pode se responder: "Vós acreditais em forças que jamais vistes?"

No entanto, o sonâmbulo lúcido vê os eflúvios magnéticos, ele vê também o corpo psíquico. Para nós, não vemos nem mesmo o oxigênio que, materialmente, o mais indispensável, pois que ele é o alimento de nobre vida muito mais essencial que a alimentação: entretanto há pouco mais de um século os homens viviam na ignorância absoluta desse elemento importante indispensável à vida material, como nós vivemos hoje na ignorância do elemento psíquico, verdadeiro corpo da alma, indispensável à sensação é à ação.

A invisibilidade nada tem de sobrenatural, e podemos dizer, a esse propósito, que os materialistas há cinquenta anos acreditavam que a visibilidade, ou a impenetrabilidade, era a condição essencial de verdadeiros supersticiosos.

O espiritismo científico é estabelecido sobre bases materiais que são o fundamento de uma metapsíquica do mundo invisível; ele associou a suas observações os mais qualificados sábios para dar aos fatos um valor indiscutível.

Infelizmente, extraviadas pelos sarcasmos de uma imprensa perfeitamente ignorante do estado atual dos estudos, pessoas boas imaginam que os espíritos devem ser como uma espécie de zeladores do além à medida que respondem, à primeira solicitação, se seu avô se acha entre os locatários da casa. Há sempre uma maneira espiritual de apresentar as coisas que faz a alegria dos espíritos fortes.

É preciso então se colocar, antes de tudo, acima das vãs zombarias e ter a coragem de parecer ridículo, o triunfo dos idiotas não será por muito tempo. Nos será preciso primeiro estudar o animismo.

O que é o animismo? É uma doutrina e é um fato de observação. Como doutrina, é ela que faz da alma o princípio que anima o corpo; como fato, é a manifestação exterior das forças ditas anímicas.

Os materialistas opõem o animismo ao espiritismo. Mas a palavra *animismo* não pode ter, na boca deles, nenhum sentido, já que eles não admitem de modo algum a alma como princípio, e que, como faz, a exteriorização de faculdades sensoriais, motrizes e intelectuais, agindo para fora da pessoa humana, é incompatível com sua concepção do organismo. Assim eles admitem a palavra e não admitem a coisa. Há então inconsequência da parte deles em explicar o que quer que seja o animismo. Mas o animismo é um fato que eles não podem negar; há obstinação de sua parte em ficar na concepção da fisiologia, ao passo que, de outro lado, eles combatem a concepção espiritual em nome da teoria anímica que, para eles, não poderia existir. Os Espíritas ensinam que, sem o animismo, não haveria nenhuma relação possível entre o espírito e a matéria, sem o animismo não haveria fenômeno de inspiração, nenhum pressentimento, nenhum dos fenômenos que

tornam possível o esforço de comunicação entre nós e os desaparecidos. A possibilidade da manifestação espírita está subordinada mesmo ao animismo.

Há cinquenta anos, não se admitia o animismo; por isso que a ciência afastava a questão *a priori*. Para um Büchner e seus discípulos que tomavam as leis para causas, a questão não podia mesmo ser colocada. Conhecendo as leis da fisiologia, Büchner afirmava, cegamente de forma estranha, que elas implicavam a rejeição pura e simples de toda ação a distância e suas razões eram lastimáveis. A antiguidade do homem, escrevia ele, destrói a tradição do almanaque Mateus de lá Drôme. Para ele, do momento em que Deus não criou o homem dois mil anos antes do dilúvio, o espiritualismo está afundado; todos os argumentos de Büchner são dessa força.

Para ele a transmissão do pensamento seria um milagre; mas essa ação se manifesta normalmente em nossos organismos e não é mais possível hoje negar que ela se manifeste fora dos organismos. Entretanto, não se toma senão a contragosto, toma-se o menos possível, não se cede senão mais lentamente possível o terreno que a ciência espiritualista está prestes a conquistar e, para justificar essa atitude, toma-se a máscara hipócrita da prudência científica.

Vencido numa questão de fato, constrangido a aceitar a realidade de manifestações que parecem anormais, declara-se ao mesmo tempo a intenção bem encerrada de não negar os fatos senão sob um aspecto conveniente. A razão que se dá é que é preciso estudar os fenômenos mais simples antes de passar ao estudo dos mais complexos. Esquece-se de que antes de formar um julgamento é preciso estudar todos os aspectos diferentes de um mesmo fenômeno.

Aqueles que nos concederam, com certa dificuldade, a realidade do movimento sem contato, só pretendem estudar o lado físico da manifestação não levando em conta manifestações inteligentes das quais ela não é frequentemente senão a expressão. É o que se chama limitar o campo da experiência; é o que chamamos: interditar a pesquisa das causas. Aqueles que pretendem nos ditar assim o caminho a seguir, asseguram que os pioneiros independentes os incomodam em suas experiências, que eles embaralham tudo.

Expliquemos então.

Seria uma pretensão monstruosa em se reter na explicação à qual podem se relacionar os mais simples fatos, então como outros fatos, da mesma ordem, se levantam contra essa explicação, os fatos são fatos, e nenhum tem o direito de eliminar nenhum, tão excepcional quanto parecesse. Isto, mesmo, é tanto mais precioso quanto escapa à nossa compreensão atual, pois recua os limites do possível

e servirá de base a futuras descobertas.

Eu ousou mesmo dizer que quanto mais um fato é excepcional, há menos chances de vê-lo se repetir frequentemente é mais necessário, quando existem provas sérias, lhe dá publicidade. É preciso que se saiba que tal prova existe a fim de que isso não caia no esquecimento e que a prescrição não possa alcançar um fato novo.

Não se vê de modo nenhum os astrônomos negligenciar uma observação mesmo isolada, e não levar em conta a aparição de um cometa porque ele cessou de aparecer. Não os ouvimos dizer que não é preciso observar as nebulosas enquanto temos ainda muito a observar em um campo mais próximo. Tal é entretanto o método que se gostaria de nos sugerir quando se diz que não será preciso abordar o assunto das comunicações com o além como quando se terá completamente esgotado o do hipnotismo.

Mas quem sabe qual dessas duas pesquisas projetará sua luz sobre a outra. Um mesmo processo fisiológico pode produzir automatismos parecidos quanto aos efeitos, apesar de serem diferentes os agentes produtores. Se o Sr. Pierre Janet pode se servir do hipnotismo para provocar, em um sujeito inconsciente, um automatismo de aparência espírita, ele simplesmente provou que um espírito qualquer poderia depositar nas camadas inferiores do organismo, uma sugestão de mesma natureza; que a sugestão seja verdadeira ou falsa, pouco importa; o Sr. Pierre Janet criou uma ilusão, que seja mas ele teria podido se servir do mesmo meio para enviar uma mensagem verídica. Somente através do espiritismo que certos casos se tornam explicáveis.

Segundo o método mais simples seria preciso admitir do único fato que um automatismo seria explicável por uma ação espontânea das atividades celulares sobressairia a conclusão que nenhuma outra ação automática poderia ser atribuída a uma fonte mais elevada. A observação. A observação desmente absolutamente essa maneira de ver.

Não diremos grande coisa do movimento de mesa, o fenômeno vulgar é suficientemente conhecido. Como é muito raro encontrar quatro ou cinco pessoas dispostas a se reunir em torno de uma mesa para experiências sérias, e como é muito difícil trazer uma comunicação simpática, não se grava, na maior parte do tempo, senão resultados lastimáveis, examinadores insuficientes, pronunciam, à saciedade, um veredito de condenação.

A experimentação é difícil, mas é suficiente para estudar aqueles que observaram seriamente para se fazer uma ideia do valor das comunicações obtidas

pelo levantamento de objetos sem contato, mais frequentemente uma mesa. Aí encontrarmos a prova do elemento fluídico exteriorizável em comunicação com o cérebro dos assistentes. Há por isso, em torno de uma mesa, alguma coisa como um campo de força constituído pela exteriorização fluídica de todas as pessoas presentes. Aí, já, há alma pensante e atuante, é uma manifestação anímica. Há, no elemento exteriorizável, uma faculdade de sentir que o coloca em relação com a vontade. Há alma por todo lado; há, por todo lado, uma faculdade motriz capaz de sentir uma influência e de agir mecanicamente no sentido que lhe dita a vontade.

A alma do homem parece tão bem ligada à a seu corpo que os fisiologistas atribuem ao próprio corpo os movimentos que a alma determina. É como se se atribuísse ao fio telegráfico a produção da corrente elétrica cujos efeitos nós vemos. E, certos acidentes permitem constatar, a alma não se identifica com as funções do corpo como o acreditam os materialistas.

Os únicos fatos do magnetismo e da corrente hipnótica tendem já a alma provar a ação de uma força psíquica independente dos órgãos. Após Mesmer, Puységur e Deleuse, o barão do Potet tinha penetrado muito antes no estudo do mistério, mas sua época não estava madura para compreendê-lo.

Charcot tinha entrevisto a profundidade do abismo e não ousa afrontá-lo:

"O hipnotismo, diz ele, é um mundo no qual se encontra, de um lado fatos palpáveis, materiais, grosseiros, costeando sempre a fisiologia, fatos absolutamente extraordinários, inexplicáveis até aqui, não respondendo a nenhuma lei fisiológica e praticamente estranhas e surpreendentes. Eu me prendo aos primeiros e deixo de lado os segundos".

E, a hora chegou hoje, de se ocupar dos segundos. Os fatos se acumulam, os casos mais extraordinários são constatados pelas pessoas mais competentes e eles provam da forma mais evidente que os liga de forma uníssona a alma e os sentidos não são indissolúveis. Assim a visão à distância, a leitura sem o socorro dos olhos, a intervenção dos sentidos, etc...

Já Durand de Gros, um sábio doutor, duplicado, o que é raro, como um profundo filósofo, tinha escrito (*Fisiologia filosófica*, Alcan, 1886): "Se a retina se desenvolvesse sobre a lâmina espiral cóclea da ouvido, as vibrações sonoras substituiriam a luz, *os sons seriam vistos*. Reciprocamente, se o nervo acústico abrisse suas fibras no fundo do olho, *os raios luminosos se tornariam sons*". E isto que era, da parte do Dr. Durand, uma intuição de gênio foi confirmada pela experiência, mas está no órgão invisível, no corpo psíquico que podem se produzir de semelhantes intervenções; pois que, bem entendido, os nervos ótico e o acústico

não podem ser substituídos um pelo outro experimentalmente, mas esses nervos não são senão fios condutores, e é graças à sua faculdade, simplesmente condutora, que se pode fazer a transposição estranha imaginada por Durand de Gros. Se por mais inverossímil que seja, isto é, nós temos necessidade de nos cobrir de uma autoridade séria: eis aqui o testemunho de Lombroso: "Mas eis que em 1891, eu me debati na minha prática médica contra os fenômenos mais curiosos jamais apresentados a mim, eu tive que curar a filha de um alto funcionário de minha cidade natal; essa pessoa foi atingida na época da puberdade por um violento acesso histeria acompanhado de sintomas dos quais nem a patologia, nem a fisiologia puderam explicar. Por um momento, seus olhos perdiam praticamente a faculdade de ver e, em compensação, a doença via pelos ouvidos. Ela era capaz de ler com os olhos vendados algumas linhas de tipografia que se lhe apresentava a seu ouvido. Quando se colocava uma lupa entre sua orelha e a luz solar, ela sentia como uma queimadura dos olhos, ela exclamava como se quisessem cegá-la. Ela profetizava com uma exatidão matemática, tudo o que ia lhe acontecer. Embora esses fatos não fossem novos, eles não eram extremamente menos singulares. Confesso que, pelo menos, eles me pareciam inexplicáveis pelas teorias fisiológicas e patológicas estabelecidas até então... Então eu tive a ideia de que talvez o espiritismo me facilitasse aproximar-me da verdade".⁵ É que com efeito a concepção de uma alma independente do corpo, de uma alma ativa, e não mais de uma alma *função*, podia sozinha solucionar o problema que toda concepção materialista é impotente para resolver.

Quando se encontra um fato dessa natureza, só há um partido a tomar, abandonar as concepções superadas e declarar francamente que a fisiologia, tal como ensina o materialismo dogmático, será sempre impotente para explicar o movimento vital. Foi o que fez Lombroso repudiando o antigo erro.

Por que então tantos outros fecham os olhos para não ver de modo algum?

Ah, é preciso confessá-lo, que nossos sábios oficiais são muito tímidos, eles têm medo de ter uma alma.

Outros se enganam corajosamente. Eles se rendem à evidência do fato, mas são vítimas de uma ideia preconcebida que foi a base de sua educação científica; os fatos são absurdos diante de sua fé materialista, eles são absurdos tanto que se julga absurda a existência da alma; a hipótese da alma, ao contrário torna os fatos naturais, explicáveis, nos mostra ligação que há entre eles e, coisa maravilhosa, os fatos assim interpretados estão de acordo com tudo o que nós conhecemos da

⁵ Da revista *A Arena*, tradução do Dr. Dusart, *Revista Científica e Moral do Espiritismo*, agosto de 1907.

ciência experimental, eles estão de acordo com todas as observações científicas que eles explicam e completam admiravelmente.

Não cabe à ciência julgar as coisas da alma, ou da filosofia espiritualista, estão aí questões fora de seu domínio; mas a alma dá nascimento aos fenômenos do animismo que escapam, no momento, a toda teoria aplicável aos fenômenos físicos. Cabo então à ciência determinar em que meio, etéreo ou outro, põe qual teoria, ondulatória, indutiva, etc... se poderiam explicar os fenômenos de ação à distância e de transmissão de pensamento. Lhe caberia sobretudo reconhecer seus erros diante do fato anímico, que implica a existência de uma força que ela sempre negou, pois não se pode admitir a exteriorização de faculdades sensoriais, motrizes, ou intelectuais sem se converter a um espiritualismo qualquer.

Os materialistas o compreendiam bem assim que eles se opunham, a todo fenômeno de ação à distância, o argumento de impossibilidade por razões, diziam eles, que aqueles eram os únicos mesmo para apreciar.

Uma ação à distância... nos diziam eles, com piedade da nossa ignorância, mas mostrai-nos então somente isso, boa gente, e vosso nome voará na história mais alto que os de Kepler ou de Newton.

A impossibilidade se tornou evidência, o nome daqueles que o demonstraram não se tornou grande na história, mas o fato se tornou sem importância, foi batizado *animismo*.

O que se denomina animismo é simplesmente a manifestação do corpo psíquico, órgão intermediário entre o corpo e o espírito e o qual não podemos dizer se ele atua segundo um modo físico, sendo esperado que ele se manifeste sob uma forma ainda desconhecida da ciência. Mas ele se manifesta, eis o que é essencial.

O que nós vamos mostrar, concernente à telepatia, é o resumo de mais de quarenta anos de experiências: os que as conduziram e são sábios de primeira ordem; os fatos que são a base de nossas demonstrações foram constatados e aceitos por aqueles após sérias enquetes.

Deixando de lado tudo o que pertence à história, às tradições e às lendas, nós mostraremos que a simples constatação dos fenômenos materiais repousa sobre autoridades absolutamente competentes e dignas de fé. Depois veremos como se comporta a máquina orgânica com respeito a esses fenômenos estranhos, como esse maravilhoso e delicado instrumento é acessível às influências do pensamento, seja interna, seja externa, e como essa sensibilidade abre a porta a certos meios de correspondência oculta que nos permitem crer na eficácia da prece e da inspiração.

Sem fazer hipóteses pessoais nós relembremos os que foram emitidos sobre o polizoicidade anímica, pois elas parecem responder modo surpreendente aos problemas da constituição da alma humana e o da evolução dos seres tudo de acordo com o que sabemos sobre a filogênese, a ontogênese e é a embriologia. Mostraremos enfim como se pode adquirir a certeza da sobrevivência.

Essa convicção, cientificamente adquirida não pode senão contribuir com o levantamento moral cuja necessidade se faz sentir de todas as partes, vemos na pesquisa científica nossa única porta de salvação. A ciência não escuta, ela não compreende a linguagem da fé, ela não compreende, ela só compreende a demonstração; ou, os fatos que nós expomos demonstram a sobrevivência. Em sumo, a base racional da moral se encontraria no conhecimento absoluto, a ciência não pode ai atingir, mas ela pode atingir um conhecimento relativo suficiente para nos mostrar que existe alma na natureza; que há não somente forças, mas ainda órgãos psíquicos e isso é suficiente para nos libertar dessa doença mental que nos fazia ensinar que não havia tal coisa, no corpo humano, senão funções de nutrição, de circulação e de respiração. Não são as funções de fígado e do baço que nós temos amor ao verdadeiro, ao bem e ao belo, que levantam a indignação e rebentam o entusiasmo, são bem acima forças psíquicas. Aquelas existem tão bem que, na história da humanidade, elas sempre triunfaram sobre forças satânicas da matéria, foram elas que ganharam a batalha da Marne. Procuremos então, nas constatações empíricas do animismo, da clarividência e da telepatia, a arma que nos permitirá combater a concepção bárbara do materialismo que nos conduzia à decadência; esse estudo é suficiente para reabilitar o ensino espiritualista. O homem é assim feito que não é sensível senão aos argumentos que o tocam pessoalmente, ele só pode adotar uma moral baseada no conhecimento de seu destino, é o único que pode afetar seu incurável egoísmo. É preciso que ele saiba que, se ele é feliz ou infeliz, não há aí senão uma consequência toda natural de direções escolhidas por ele. É preciso que ele saiba que a simples lei telepática o submeterá, no além, à dura prova de afrontar a lucidez de uma multidão de almas claridentes que lerão nele, como um livro aberto, e que assim suas ações más se tornarão o instrumento de seu suplício, que eles não poderão suportar, deverão fugir de sua sociedade, buscar isolamento e as trevas e, finalmente, retornar à uma nova encarnação que será uma nova prova. Há aí do que remover nosso egoísmo e, se nós podemos demonstrar que justamente a felicidade de cada um é solidária do progresso geral, se nós somos todos solidários, então os fortes devem trabalhar para levantar os fracos e não servirá a nada os odiar. Nós voltaremos a cair assim, pelo simples conhecimento das

leis da evolução, sob a grande lei do Cristo, não há outra saída senão nos amar e viver uns para os outros, é a verdadeira revelação científica que nos libera a chave de um ensino moral sólido, prático e racional.

Capítulo II

A TELEPATIA

A ação de um ser sobre um outro à distância, é um fato científico tão certo como existência de Paris, de Napoleão, do oxigênio ou de Sírios.

Camile Flammarion

Por volta 1802, um comitê de altas personalidades inglesas que se interessavam pelos fatos intelectuais mais que pelos fenômenos físicos precedentemente estudados por Sir William Crookes e Alfred Russel Wallace, resolveu estudar cientificamente a transmissão do pensamento. Com esse objetivo, fundou a Sociedade para Pesquisas psíquicas que se dedicou ao estudo e, tendo tomado todas as precauções para eliminar todos as objeções que se podem fazer evocando os códigos de sinais engenhosos e a possibilidade de seu emprego se convenceu da realidade da transmissão de pensamento.

Acharemos no órgão dessa sociedade: *Procedimentos da Sociedade para Pesquisa Psíquica*, no primeiro volume, os relatórios sobre essas experiências com os desenhos e diagramas que darão uma ideia dos resultados obtidos. Em 1883 e 1884, em Liverpool, o Sr. Malcolm Guthrie descobriu dois *sujets* sensitivos entre os empregados de uma grande casa de tecidos de lã e instituiu uma série de experiências às quais se associou o grande médico Sir Oliver Lodge. Para mostrar ao leitor quantas dessas experiências eram era então contestadas, lembraremos, aqui, as palavras pronunciadas, na sessão de e abertura da Sociedade, por seu primeiro presidente, que era, creio, professor Barrett.

“Eu penso — dizia ele — que é bom proclamar nossa unanimidade para dizer que o estado de coisas atual é uma vergonha para o século esclarecido em que vivemos. Digo que é uma vergonha que se esteja ainda discutindo sobre a realidade desses fenômenos maravilhosos dos quais é praticamente impossível exagerar a importância científica, se somente a décima parte do que foi atestado por

testemunhas dignas de fé podia ser demonstrado como verdadeiro. Eu repito que é uma vergonha, apesar de que tantas testemunhas competentes declararam sua convicção, que até outras pessoas têm interesse profundo para que a questão seja esclarecida, de ver ainda discutir a realidade dos fatos, e de ver gentes instruídas guardar em massa a atitude da incredulidade”.⁶

Uma importante obra cujos materiais são tomados emprestados, a maior parte, a essa sociedade, foi publicada em 1886 por dois antigos agregados do colégio de Cambridge, os Srs. Edmond Gurney e Frédéric W. Myers com o qual colaborou também o Sr. Frank Podmore. Esse livro intitulado: *Fantasmas dos mortos*, foi publicado em Londres (Trübner e Cia., Ludgate hill. E.C.). Ele foi traduzido para o francês e resumido sob o título tendencioso: *As Alucinações telepáticas*, traduzido e resumido pelo Sr. Marillier (Félix Alcan, editor). A transmissão de pensamento e a telepatia fazem quase todas as despesas desse volume que se tornou um clássico.

O Sr. Charles Richet escrevia no prefácio:

“Eu não abordei essa leitura sem uma incredulidade ridícula, mas, pouco a pouco, como eu não tinha nenhum fetichismo para a ciência dita oficial, eu terminei por adquirir a convicção de que a maior parte dessas narrativas eram sinceras; que as múltiplas precauções, necessárias para assegurar testemunhos exatos à autenticidade do fato, tinham sido tomadas, e que, tão extraordinária como foi autenticidade conclusão, não se podia recusar a admiti-la.”

A telepatia é o fenômeno universal espalhado por todo o Universo, o único fenômeno entre todos os seres e atingindo até à matéria onde ele vai provocar a vida. Existe no cosmos um elemento que é, na vida da alma, o que o oxigênio é na vida física e é sobre nós mesmos que vamos observar os efeitos. Os primeiros observadores disseram que, se a telepatia espontânea dava os resultados dos quais nós temos tão numerosas testemunhas, era preciso necessariamente que houvesse, no homem, uma faculdade, não fosse senão em germe, que seria possível controlar.

Foi o Sr. Ch. Richet o primeiro a experimentar, eu creio, estabelecer a coisa de modo matemático aplicando as experiências à adivinhação de nomes pensados; ele obtém alguns resultados mas ainda pouco conclusivos.

Em 1886 as senhoritas Wingfield aplicaram o método do Dr. Richet, mas limitando a experiência a um número de dois dígitos, de 10 a 99. Dois mil seiscentos e catorze tentativas deram 275 êxitos; a probabilidade média não foi senão de 29. Quatrocentas tentativas de uma outra série cuja probabilidade foi 4, deram 27

⁶ *A Sociedade Anglo-Americana para as Pesquisas Psíquicas*, por Edward T. Bennett. Tradução do Sr. Sage, p. 28, Leymane, 42, rua Saint-Jacques, Paris.

êxitos.

Alargando o campo de experiências, o Sr. Guthrie de Liverpool teve a ideia de tentar a transmissão de sensações, gosto, odor, tato. Os Srs. Gurney e Myers degustavam cheiravam, apalpavam enquanto os sensitivos Ri... e E... diagnosticavam suas sensações. Mas o resultado mais decisivo que tenha sido obtido foi encontrado do lado das sensações visuais. As primeiras tentativas, nessa ordem, pertencem, creio, à iniciativa do Sr. Rawson; consistiam em obter a reprodução gráfica de um desenho muito simples tal como um triângulo, um anel, uma flor... etc. Essas experiências foram repetidas com sucesso pelo Sr. Guthrie; foram repetidas na avenida de Villiers pelo Sr. Schmoll; constatadas novamente por Lombroso e muitos outros psicólogos; enfim elas são hoje incontestáveis.

Em todas as tentativas, os desenhos foram reproduzidos com uma exatidão que não deixa dúvida sobre a transmissão da imagem; todavia pode-se afirmar que o sensitivo não vê sempre a imagem traçada sobre o modelo, mas foi tocado pela ideia que o agente lhe envia; é agente de percepção de um pensamento ativo.

Assim um anel traçado *em planta* sobre o papel foi desenhado em perspectiva, um pé desenhado nu, é representado com uma botina na réplica; uma mão é reproduzida mas não sob a mesma face, etc,... etc... Deve-se então atribuir os resultados à sensibilidade dos centros inferiores, é a sensibilidade normal e consciente que registra o gênero de percepção, também a experiência exige um grande esforço da parte do sensitivo e lhe ocasiona uma grande fadiga.

Pode-se citar igualmente uma tentativa do Dr. Joire tendo por objetivo demonstrar a ação do pensamento sobre um centro ativo. O ensaio se fazia sobre sujeitos absolutamente novos, só sobre estudantes não treinados que se prestavam benevolmente à experiência. O Dr. Joire pensava em um movimento tal que: levantar o braço esquerdo, a perna direita, dar três passos para frente ou para trás e, para a estupefação dos sujetos que não tinham consciência de receber essa impulsão, acontecia assaz frequentemente que o gesto executado era o gesto pensado.

Mas os resultados, que não são percebidos senão vagamente pela consciência central, são ultrapassados pelos resultados muito mais nítidos que se obtêm quando o agente consegue influenciar os órgãos inferiores cujo resposta, no caso, torna-se puramente automática. Mas esse gênero de experimentação não se pode empreender com a ajuda de *sujets* especialmente dotados. Temos preciosos exemplos em *Os Anais da Sociedade para Pesquisas Psíquicas*.⁷ Em 1871, durante um

⁷ Consultar os *Procedimentos da Sociedade para Pesquisa Psíquica*, vol. III, p. 8 a 23.

período de oito meses, o Sr. Newnham fez uma série de experiências, graças à mediunidade de sua mulher com a qual ele podia se corresponder automaticamente.

Uma mudança de questões e de respostas era feita por essa via desviada de um centro motor que punha em movimento a mão da Senhora Newnham, sem que esta última tivesse a menor consciência das questões que lhe endereçava, nem das respostas que ela dava. Jamais as questões de seu marido foram formuladas, mesmo em voz baixa; ele as escrevia a lápis bem fora do alcance de seus olhos. No curso dessas longas experiências as respostas foram sempre com relação às questões, é preciso notar que o fato importante de que cinco ou seis questões eram colocadas em fila, sem que a Sra. Newnham soubesse do elas tratavam. Assim não há aí nenhuma comunicação de pensamento, não é comunicado senão pelo movimento.

O Sr. Newnham fez assim 309 experiências. Citaremos a seguinte:

"Eu tinha nesse momento, conta o Sr. M., um rapaz, estudante em minha casa como aluno particular. Em 12 de fevereiro ele entrava de férias tendo combinado falar de nossas experiências, ele exprimia sua incredulidade de um modo um pouco bruto; eu lhe propus tal prova que desejaria, com a única reserva que eu veria a questão colocada.

"Em consequência, a Sra. N. tomou lugar em meu escritório, em sua poltrona de costume, ao passo que nós nos retirávamos para a grande sala e *fechávamos a porta atrás de nós*. Isso feito, o rapaz escreveu em uma folha de papel: — Qual é o nome de batismo de minha irmã mais velha? — Nós reentrávamos imediatamente no escritório onde já nos esperava a resposta: Mina: — É a abreviação familiar do nome Wilhelmina. Devo assegurar que isso me era completamente desconhecido".

Essa última observação do professor tem pouca importância. O que ressalta da experiência é que um centro secundário recebeu, de um pensamento estranho, o movimento e a direção, sem passar pela consciência central do médium. Na espécie, pouco importa que o agente motor tenha sido o pensamento do marido, o de um rapaz, ou o de uma entidade desconhecida. O fenômeno que eu denomino telepático age em nós constantemente, sem atrair no mundo a nossa menor atenção.

Assim estamos em comunicação telepática com todos nossos órgãos. Não observamos não mais a ação telepática que se traduz em nós pela inspiração. Quem pode afirmar que seja o autor de uma ideia feliz, de uma obsessão? Quem pode afirmar ser o autor de suas próprias ideias? — De mil sensações obscuras, de reservas de nossa memória, nós criamos em nós combinações que chamamos de nosso pensamento, mas não fizemos senão exteriorizar uma síntese de sensações previamente recebidas e que nos são vindas de fontes ignoradas.

Podemos afirmar que o pensamento exterior influi sobre nós de uma forma

mais direta, e nós o podemos graças às observações que têm sido feitas. Essa influência pode se localizar; tanto atinge o cérebro, diretamente, e isso parece natural, quanto influi diretamente sobre os centros secundários e isso parece inacreditável, sobrenatural. Os centros inferiores agem, nesse caso, segundo processo conhecido somente daqueles, pois eles percebem telepaticamente, sendo como nós mesmos incapazes de determinar de onde lhes vêm a percepção. É o que dá lugar aos automatismos.

É nos observando a nós mesmos, e observando os automatismos cuja fonte pôde ser controlada, que foi possível às vezes determinar a origem dos fenômenos. Como essas fontes são exteriores, é hoje perfeitamente certo que o pensamento, a emoção, o desejo podem influenciar à distância seja o cérebro, seja os órgãos dos sentidos. Disso nos é preciso dar alguns exemplos.

Caso em que o cérebro é influenciado diretamente

É o caso ao qual se presta a menor atenção porque é o eu consciente que percebe esse gênero e influência e que o eu delibera se aceitará ou repelirá essa influência. O caso é então de aparência normal. Eis aqui numerosos exemplos tirados da coletânea *As Alucinações telepáticas*.

O Sr. A. Skirving, mestre pedreiro na catedral de Winchester, fez o seguinte depoimento:

"Eu trabalhava no Regent's Park para os Srs. Mowlen, Burt e Freeman que, à época, tinham um contrato com o governo para todas as empresas de construção da capital. Eu penso que era a Gloucester Gate, se não me engano. Em todos os casos, era nessa porta de Regent's Park a leste do jardim zoológico, na esquina nordeste do parque. A distância de minha casa era já muito grande para voltar para as refeições, eu levava por isso minha alimentação comigo, e era por isso que eu não tinha necessidade de deixar meu trabalho durante o dia.

"Um certo dia, no entanto, eu senti um desejo intenso de voltar à minha casa. Como eu não tinha nada para fazer em casa, procurei me livrar desse desejo, mas me era impossível de conseguir. O desejo de voltar à minha casa aumentou de minuto a minuto. Eram dez horas da manhã e não havia nada que pudesse me desviar do meu trabalho àquela hora. Eu fiquei inquieto e não me senti à vontade, senti que devia ir mesmo correndo o risco de ser ridicularizado por minha mulher; eu não podia dar nenhuma desculpa para deixar meu trabalho por uma besteira. Todavia eu não pude ficar, parti para casa, movido por uma impulsão à qual não podia resistir.

Quando cheguei diante da porta de minha casa, e bati; a irmã de minha mulher abriu para mim. Era uma mulher casada que morava algumas ruas mais distantes. Ela tinha o ar de estar surpresa e me disse: Eh, Skirving, como é que vós o sabeis? Sabeis o que? Digo-lhe

eu: — Eh, bem, a propósito de Mary Ann. — Eu lhe digo: Eu não sei nada sobre Mary Ann (minha mulher). — Então o que é que vos traz de volta a essa hora? Eu lhe respondo: — Eu posso com dificuldade dizê-lo; me parecia que havia necessidade de mim em casa. Mas o que foi que aconteceu? Perguntava eu. Ela me contou então que um fiacre [antiga carruagem de aluguel], tinha passado em cima de minha mulher havia uma hora e que minha mulher estava seriamente ferida. Ela não tinha cessado de me chamar desde o seu acidente, ela tinha então crises, ela acabava de ter várias seguidas. Eu subi e embora ela estivesse bem doente, ela me reconheceu de imediato. Ela me estendeu os braços, enlaçou-os em torno do meu pescoço e pôs sua cabeça sobre meu peito. As crises passaram imediatamente e minha presença a acalmou visivelmente, ela dormiu bastante. Sua irmã me contou que ela tinha afastado as crises provocando piedade para me com fazer vir até ela, não havia a menor probabilidade de que eu viesse. Essa curta narrativa não tem senão um mérito: é estritamente verdadeiro."

Alexandre SKIRVING

A ação produzida sobre um cérebro à distância por um agente exterior torna-se ainda mais evidente quando duas pessoas afastadas sofrem simultaneamente a mesma influência. Eis aqui o caso comunicado por um médico, o Dr. C. Ede, de Guilford.

A Sra... G... e sua irmã tinham passado a tarde com sua mãe, que se achava de ordinário quanto à saúde e à disposição de espírito no momento de sua partida. No meio da noite a irmã da Sra. G... despertou assustada e diz ao seu marido: "É preciso que eu vá de imediato à casa de minha mãe; poderia preparar a condução. Tenho certeza de ela está doente..."

O marido após ter inutilmente tentado convencer sua mulher que era só um pensamento foi preparar a condução. Ao chegar perto da casa de sua mãe, no ponto de intersecção de duas ruas, a irmã da Sra. G... percebeu a viatura desta última.

Cada uma das duas irmãs perguntou à outra por que se achava ali; elas deram cada uma ali mesma resposta: — Eu não podia dormir, sentindo seguramente que mamãe estava doente, por isso vim ver. — Chegando à vista da casa, viram à porta a camareira de confiança de sua mãe, e elas souberam que esta última tinha caído doente subitamente, ela morria e tinha expressado um desejo ardente de ver suas filhas.⁸

Há centenas de exemplos clássicos que eu poderia citar; eis aqui um tomado ao emprestado da pesquisa do Sr. C. Flammarion em seu livro sobre *O Desconhecido e os problemas psíquicos*.

⁸ *Procedimentos da Sociedade para Pesquisas Psíquicas* (conforme brochura de Ed. Bennet, traduzida pelo Sr. Sage, 1904, Bodin, editor).

27º caso. - Minha tia avó, a Sra. De Thiriet, se sentindo morrer, apareceu quatro ou cinco horas antes de sua morte, inteiramente recolhida em si mesma. — O que vós estais sentindo? Perguntou-lhe a pessoa que fazia essa narrativa. — Não, minha cara, mas acabo de chamar Midon para meu enterro.

Midon era uma pessoa que a tinha servido e morava em Elmont, aldeia situada a 10 quilômetros de Nancy onde se achava a Sra. De Thiriet. A pessoa que assistia aos últimos momentos desta acreditou que ela sonhava; mas duas horas depois ela ficou muito admirada de ver chegar Midon, suas vestes pretas em seus braços, e dizendo que tinha ouvido a Senhora chamá-lo para vê-la morrer, e lhe render as últimas obrigações.

D'ARBOIS DE JUBAINVILLE

Encarregado das Águas e Florestas, aposentado,
Cavaleiro da Legião de honra em Nancy.

Observar-se-á que, nesse caso, o agente estava consciente da ação telepática que exercia sobre o sujeito.

Os órgãos dos sentidos percebem telepaticamente

A telepatia age visivelmente as relações do cérebro com os órgãos. O homem exerce a telepatia com seus centros visuais, aditivos, etc.

Todo o mundo está de acordo que o olho não explica a visão, ele recebe somente uma sensação, e somos nós que formamos, diante de nossa consciência central, uma imagem representativa da natureza exterior, que uma longa prática nos ensinou a interpretar. O que é percebido pelo órgão, nós o ignoramos, podemos imaginar que é uma percepção de alguma forma tátil da luz e de suas vibrações; e ponto de explicar as primeiras pelas segundas, atribuindo a umas e a outras a mesma origem. A telepatia é verídica essa percepção que o órgão nos transmite telepaticamente evoca em nós a ideia de formas e de cores às quais elas correspondem.

É o mesmo para o fenômeno da audição. Não há som no ar, só há movimento, do qual o eco, em nós, foi interpretado maneira especial que conhecemos.

E é o mesmo para todas as transmissões de nossos órgãos; assim o observador deve se penetrar da ideia de que em todos os organismos há alguns pontos de centros conscientes, dotados de sensibilidade e de atividade e que são como interruptores da sensação.

Daí que o automatismo e a alucinação se explicariam muito bem, pelo despertar nos centros particulares de uma sensação desconhecida por nós. Estranhos que somos às percepções íntimas de pequenas consciências inferiores, nós compreendemos muito bem como uma sensação, conhecidas deles somente, e

despertada neles sem nos dar conta, nos atinge telepaticamente e cria em nós a mesma interpretação, qualquer que seja a causa da excitação do órgão. Eu quero dizer que se ensaio uma lembrança é capaz de revelar uma sensação nas consciências inferiores, nós não somos mais capazes, nós mesmos, de distinguir essa sensação da transmitida pelo mesmo órgão quando ele está em presença da imagem real. Temos assim a ilusão igual à realidade.

É uma imagem modificada sem dúvida, como o é, ao lado da natureza a imagem produzida sobre uma placa fotográfica, mas, diante da consciência do sensitivo, essa imagem é real, e bastante parecida para ser enviada ao espectador na forma de uma projeção cinematográfica.

Isso admitido, a experiência e numerosas observações permitem afirmar que a telepatia não atinge somente o cérebro, mas que ela é muito capaz, em certas condições ainda desconhecidas, de atingir diretamente nossa mente em nossas consciências segundas, o que faz que o *eu* é surpreendentemente forte para receber, por essa via indireta, uma imagem como jamais viu, ou de executar, automaticamente, ações que ultrapassam o alcance do conhecimento. Isso parece negar o axioma: *Nihil in intellectu quod non prius fuerit in sensu.*⁹

Isso prova que simplesmente que os órgãos dos sentidos podem ser impressionados por uma influência estranha. A imagem transmitida se imprime, primeiro, sobre o centro secundário e, daí, se apresenta em seguida à compreensão do sensitivo.

A telepatia explica assim não somente as alucinações, mas ainda as sugestões vindas do exterior, as ações pós-hipnóticas, os automatismos, etc.

Caso em que a telepatia atinge o sentido visual

Esse caso se acha no número de fevereiro de 1901 do *Jornal da Sociedade para Pesquisas Psíquicas*,¹⁰ contado pelo Sr. David Fraser Harris, mestre de conferências na Universidade de Santo André.

Há alguns anos, um negócio urgente me impediu de voltar a Londres no fim da semana. Eu me encontrava como o único viajante que havia no momento no hotel e, esperando meu chá, eu me instalava confortavelmente em uma grande poltrona defrente de um fogo muito reconfortante. Não estava muito claro para se poder ler. Eu virei as costas para a janela e não pensava em nada em particular; eu estava em um estado de tranquilidade e é de passividade, quando de repente perdi a noção do

⁹ Tradução do latim: “Não há nada no intelecto que não foi o primeiro no sentido” — Nota do Revisor.

¹⁰ Reproduzido no livro do Sr. Sag: *A Zona-Fronteira*. Leymarie, editor, rua Saint-Jacques, 42.

lugar em que eu me encontrava. Em lugar da muralha negra e dos quadros que aí estavam pendurados, eu vi a minha frente a fachada de minha casa em Londres, minha mulher estava em frente na porta e falava a um operário que tinha uma grande vassoura em suas mãos. Minha mulher tinha um ar muito aflito e havia em mim uma certeza de que o homem estava numa grande miséria. Eu não ouvia mas sua conversação e não podia ouvi-la, mas eu não sabia o que muito forte me dizia que o infeliz pedia a minha mulher para ajudá-lo. Nesse momento o criado me traz o chá; minha visão se desfaz e eu me dei conta de novo do lugar em que eu me encontrava.

Todavia a impressão produzida sobre mim pela visão era muito profunda, eu estava tão convencido de ter visto alguma coisa de real, que após ter bebido meu chá eu escrevi à minha mulher para lhe comunicar o que acabava de me acontecer, eu lhe pedia informações a respeito daquele homem e ajudá-lo no que fosse possível.

Eis o que se passou em Londres: "um rapaz veio bater à porta de minha casa que está a 140 ou 145 milhas do endereço onde eu me achava; ele se dirigiu à criada e se ofereceu para varrer por um dinheiro a neve que cobria a calçada e a entrada de minha casa. Enquanto o rapaz falava chega um pobre diabo em frangalhos que diz: 'Eu vos rogo, dai-me a preferência; este menino gastará provavelmente em comprar balas o dinheiro que vós lhe derdes, ao passo que eu tenho necessidade de comprar pão. Eu tenho uma mulher eu quatro filhos em casa, todos doentes; nada para comer, pouco fogo, nada para garantir e devemos nosso aluguel'. A criada pediu para esperar e foi avisar minha mulher que veio falar com o infeliz. Ele repetiu que tinha estado doente, que toda sua família estava na hora mais profunda miséria, mas que antes de se dirigir à assistência pública ele queria tentar encontrar um trabalho qualquer."

Era essa a cena que eu tinha visto no momento preciso em que ela se passava; *ela me tinha sido transmitida provavelmente pela impressão que a miséria do pobre homem causou ao espírito de minha mulher.*

Eis o fim da história: "Minha mulher diz ao homem que ela iria à sua casa à noite e veria o que ela podia fazer. O homem tinha dito a verdade. Minha deu o que ela pôde em dinheiro, vestimentas, alimentação e combustível. Inútil acrescentar que minha carta que lhe enviei na segunda-feira de manhã lhe causou uma grande surpresa. Alguns dias depois eu mesmo vi o homem, eu não podia me equivocar do que eu tinha percebido em minha visão. Ele encontrou em seguida um trabalho de leiteiro e veio distribuir leite em nosso bairro durante pelo menos dois anos."

Eis um exemplo do que pode fazer a telepatia atingindo o sentido visual. Por essa via uma imagem que jamais foi, anteriormente colocada diante do *sujet*, pode se apresentar a ele. É preciso observar, entretanto que a ação exercida sobre o centro secundário não é exclusivo deste, sempre mais vago, que visa o cérebro. Assim, no caso que precede, nós vemos que o marido, em relação telepática com sua mulher, vê a mesma imagem como ela mesma; imagem perfeitamente definida e que equivale à visão da realidade, pois que ela vai até a fotografar os traços do personagem. Mas, ao lado disso, o cérebro do perceptivo estava impressionado por eu não sei que de muito forte que lhe dava a intuição do que o infeliz pedia. O que eu quero fazer observar aqui, é a ação telepática, exercida sobre os centros secundários, é líquido e preciso, ao passo que ela é vaga e confusa quando se dirige ao sentido principal, onde ela não provoca senão a intuição.

Uma outra observação a fazer, a sensação de certeza afirmada por aqueles que são atingidos por percepções semelhantes; a Sra. G..., e confirmar sua irmã estão tão convencidas que é sua mãe que as solicita, que elas fazem um gesto insólito em sair no meio da noite. O pedreiro de Winchester tem um belo raciocínio de lutar contra o desejo que lhe parecia irracional, ele cede malgrado o aparente absurdo de sua determinação. Para uma pessoa que não analisa seus sentimentos, como a boa Midon, ela não percebe mesmo que ela é o objeto de um fenômeno, ela percebeu uma realidade e aí responde: A Senhora me chamou eis me aí. Ao passo que uma pessoa de alta cultura, como o mestre de conferências, tem tão pouca dúvida que escreve imediatamente à sua mulher para registrar as informações a respeito do homem do que ele não atribui a imagem a um sonho.

Naturalmente, todos os casos de visão anormais não são telepáticos. Certas visões devidas às imagens realmente presentes, mas, por um instante, não queremos sair do domínio da telepatia.

Caso em que a telepatia atinge o sentido auditivo

O caso seguinte tomado do livro de Camille Flammarion: *o Desconhecido e os Problemas Psíquicos*, p. 140:

A Senhora A..., mãe da pessoa que relatou isso, tinha tido durante anos a seu serviço uma criada à qual ela era muito ligada. Essa mulher se casou e foi morar numa fazenda bastante longe da pequena aldeia onde habitava a Sra. A...

Uma noite ela acordou de sobressalto e diz ao seu marido: Ouve, ouve? A Senhora me chama. Mas tudo estava calmo e silencioso e seu marido procurou tranquilizá-la. Ao fim de alguns minutos, a pobre mulher, cada vez mais agitada, diz: - é preciso que eu vá à casa

da Senhora, ela me chama, eu tenho certeza de que devo ir. Seu marido continuando a crer que ela estivesse sob o império de um mau sonho zombava dela, e ao fim de algum tempo ela acabou por se acalmar.

No dia seguinte indo à aldeia, soube que a Sra. A... Tomada na véspera à noite de uma indisposição súbita, estava morta à noite e não tinha cessado ao morrer de chamar sua antiga criada, *no mesmo momento* em que esta ouvia a voz de sua patroa.

Suzanne H. Em Paris (Carta 362)

Seria útil multiplicar os exemplos, todavia, como se poderia invocar a explicação fácil de um apelo imaginário que, por uma coincidência admirável, achar-se-ia correspondente à realidade, nós citaremos ainda um fato. Ele levanta uma série que responde a essa objeção, é quando as palavras ouvidas foram realmente pronunciadas pelo agente diante da testemunha.

Assim o caso seguinte:

O desconhecido...XXXIII.

No dia 22 de janeiro de 1893, eu fui chamado para apressar-me para junto de minha tia, idosa de oitenta e dois anos e doente já há alguns dias.

Em minha chegada, eu encontrei minha cara tia em agonia e não falando mais; eu me instalei à sua cabeceira para não mais a deixar. Por volta das dez horas da noite, eu velava sentado em uma poltrona perto dela, quando eu a ouvi chamar com uma voz surpreendente: "Lucie! Lucie! Lucie". Eu me levantei energicamente e vi minha tia tendo perdido os sentidos e arfando. Dez minutos após ela dava o último suspiro.

Lucie era uma outra sobrinha e a afilhada de minha tia que não vinha vê-la frequentemente de boa vontade, pois que ela se queixou várias vezes à enfermeira.

No dia seguinte, eu disse à minha prima Lucie: Vós deveis ter ficado bem surpresa recebendo um despacho anunciando a morte de nossa tia. Ela me respondeu: De jeito nenhum, eu esperava um pouco. Imaginai que na última noite por volta às dez horas, enquanto eu dormia profundamente, eu acordei bruscamente ouvindo minha tia me chamar: Lucie! Lucie! Lucie! " Eu não dormi o resto da noite.

Eis aí o fato que eu vos afirmo muito exato e vos rogando para não dar senão minhas iniciais se vós o publicais, pois a aldeia em que eu habito não é composta senão de pessoas fúteis, ignorantes e devotos hipócritas.

P. L. B. (Carta 47)

A telepatia afeta vários centros ao mesmo tempo, assim a visão e o ouvido. Temos, por exemplo, o caso da Sra. Richardson que, ao mesmo tempo que ela teve a visão exata de seu marido ferido sobre o ou campo de batalha ouviu e reconheceu sua voz dizendo: "Tire esse anel de meu dedo e o ou envie à minha mulher", palavras que o general tinha efetivamente pronunciado. Ora, o Sr. Richardson estava a mais de 250 quilômetros de lá.

Isso é relatado em *As Alucinações Telepáticas*, quadragésimo sétimo caso cercado de todas as garantias que se podem exigir de uma pesquisa séria.

Caso em que a telepatia atinge o sentido tátil

No caso mais comum, é uma espécie de simpatia à distância. Assim, quando um golpe ou uma ferida é nitidamente sentida por um parente ou amigo do agente no momento em que este é batido.

Achamos um excelente exemplo em *As Alucinações Telepáticas*, caso V XXII, relatado pela Sra. Severn (p. 40).

Brantwood, 27 de outubro de 1883.

Eu acordei em sobressalto. Senti que tinha recebido um golpe violento na boca, tive a sensação distinta que tinha sido golpeado e sangrava abaixo do lábio superior. Sentado em minha cama eu segurava meu lenço, e eu pressionava como tampão sobre o lugar ferido. Alguns segundos após, tirando-o, fiquei admirado de não ver nenhum traço de sangue. Só então eu percebi que era absolutamente impossível que alguma coisa tivesse podido me bater, pois eu estava em minha cama e dormia profundamente. Eu pensava então que simplesmente acabava de sonhar. Mas eu observei meu relógio e vendo que eram sete horas e que Arthur (meu marido) não estava no quarto, concluí (com razão) que ele saiu de madrugada para uma partida de barco, pois fazia bom tempo.

Depois voltei a dormir. Tomamos o café da manhã às nove e meia, Arthur voltou um pouco atrasado e observei que ele se assentava um pouco longe de mim como de costume e que de tempos em tempos ele furtivamente levava seu lenço aos lábios como eu mesma tinha feito.

"Arthur, digo-lhe eu, por que fazes isso? — e completei um pouco inquieta:

— Eu sei que tu te feriste, mas eu te direi depois como eu o sei.

— Bem, me diz ele, eu estava em certo momento, fui surpreendido por um golpe de vento e a barra do leme veio me bater na boca; percebi um golpe violento sobre o lábio superior, tinha ensanguentado muito e eu não posso estancar o sangue.

Eu digo e então:

— Tu tens alguma ideia de a que horas isso aconteceu?

— Devia ser um pouco perto das sete horas — me responde ele.

Eu lhe contei então o que me tinha acontecido; ele ficou muito surpreso e todas as pessoas que tomavam tomavam o desjejum conosco ficaram como ele. Isso se passou em Brantwood cerca de três anos.

Joan R. SEVERN

Caso em que a telepatia afeta os sentidos do sabor e do odor

Esses casos são naturalmente muito menos numerosos, pela simples razão que os sentidos do sabor e do odor não são os agentes ordinários de nossas

relações. Entretanto, temos a certeza de que a telepatia é um fenômeno universal e que nenhum de nossos seja refratário a esse modo de comunicação. Primeiro, se conseguiu algumas experiências nesse sentido, em seguida tivemos alguns exemplos espontaneamente observados. Só citaremos os seguintes:

O Desconhecido... (Flammarion, caso XLII). - Pessoalmente não tenho nenhum fato de telepatia a vos mostrar. Mas anteontem falava-se em minha casa de vossas sábias pesquisas. Uma pessoa absolutamente digna de fé contou que assistindo sua mãe em seus últimos momentos ela tinha, quase no momento da morte desta espalhou uma grande quantidade de água de Colônia em torno da moribunda. Na mesma hora, a irmã do narrador, a mais de trinta quilômetros dali, teve a certeza da morte de sua mãe, e ela percebeu muito distintamente um odor de água de Colônia, no entanto não havia nenhum frasco dessa água ao seu alcance. Essa senhora sabia que sua mãe estava muito doente.

Octave MARAIZ

Antigo advogado chefe representante da Ordem, na Romênia (carta 80)

Outro exemplo; Hall. Tel., página 327:

26 de janeiro de 1885.

Em março de 1861, eu morava em Houghton Hants. Minha mulher que tinha os brônquios delicados, estava retida em casa nessa época. Um dia, como eu caminhava ao longo de uma senda ladeada por sebes, encontrei as primeiras violetas selvagens da primavera, eu as recolhi para levá-las para minha mulher.

No começo de abril eu caí perigosamente doente e no mês de junho eu deixei o país; jamais tinha dito exatamente a minha mulher onde achara as violetas e, pelo que eu tinha dito, durante bons anos eu passei com ela pelo lugar onde eu tinha colhido as flores.

Em novembro de 1873, estávamos com amigos em Houghton, minha e eu fizemos um pequeno passeio a senda. Atravessando o local, de repente me veio à mente uma lembrança das violetas primaveris que eu tinha colhido há doze anos e meio antes. Após o intervalo habitual de uns vinte ou trinta segundos, minha mulher fez esta observação: "é estranho, mas se não fosse impossível, eu diria que sinto cheiro de violetas na sebe."

Eu não tinha falado nada, nem o menor gesto ou o menor movimento que indicasse o que eu pensava, e o perfume de violetas não estava na minha lembrança. Tudo o que eu tinha pensado, era no local onde cresciam as violetas sobre o talude; eu tenho uma memória extremamente precisa de lugares.

Tais são os fatos: poderíamos citar muitos outros exemplos para cada uma dessas séries, pois a documentação é excessivamente rica desde que a Sociedade para Pesquisas Psíquicas reuniu materiais e que pesquisas foram empreendidas por aqueles entre os sábios quiseram se interessar por esses fenômenos. Resulta que há

em todos os seres uma possibilidade de transmissão de todas as sensações em geral, e particularmente do pensamento à grande distância e que as imagens, assim transmitidas, não são ilusórias. Isto é que a telepatia não pode ser negada. Ao lado disso existem fenômenos que parecem também produzir imagens objetivas, onde há ausência de toda objetividade; vamos ver que não há meio de os confundir com os precedentes.

Capítulo III

AS PERTURBAÇÕES ORGÂNICAS

*Que demônio é esse então que traz o arrasamento nos órgãos com a velocidade do relâmpago e a potência da faísca.
É uma ideia... uma simples ideia.*

Durand de Gros

O processo fisiológico que cria em nós as informações as imagens enganosas, não difere muito daquela pela qual nos são transmitidas as imagens telepáticas. Entretanto, entre a telepatia e as alucinações, a distinção é tão fácil de se estabelecer que é verdadeiramente extraordinário que mentes cultivadas tenham podido cultivar efeitos tão diferentes.

A alucinação é mentira.

A telepatia não entra em nós por nenhuma via conhecida; a alucinação aí entra pela via ordinária dos sentidos.

A telepatia vem de uma fonte exterior atual; a alucinação vem de nós mesmos. Enfim a telepatia aparece na calma e no recolhimento e, mais frequentemente, em ligação com circunstâncias de ordem íntima; ela não se repete.

A alucinação, ao contrário, se manifesta na excitação e persiste, ou é sujeita à recidiva.

O tipo clássico da alucinação é o de Nicolai, livreiro em Berlim, citado por Brière de Boismont (obs. 8), que tinha a visão de figuras humanas caminhando com um ar assombrado e parecendo se ignorar uns aos outros; ou ainda, o caso relatado por Walter Scott, de um magistrado que, assombrado pela visão de um espectro, em cuja realidade não acreditava entretanto, morreu pra causa dessa visão persistente, malgrado os socorros de um médico competente.

Veremos mais adiante como esses clichês se acham impressos em certas regiões desconhecidas da nebulosa psíquica; por esse momento contentemo-nos por constatar o caráter da aparência objetiva dessas imagens que sempre são persistentes, tenazes e sujeitas a reaparecer; ao passo que nos casos que temos relatado mais acima, e que são certamente atribuídos a agentes externos, foi sempre achado que o perceptivo não tivera outras visões do mesmo gênero, nem alucinação de nenhuma sorte; a imagem jamais é reparada após o momento o agente estava presumido de ter exercido sua ação, se há repetição é para vencer a resistência do perceptivo quando ele se recusa a se deixar convencer, em seguida a obsessão desaparece.

As ações telepáticas das quais temos relatado alguns exemplos não apresentam nenhum dos caracteres da alucinação provocada por perturbações orgânicas e escapam a todas as definições lembradas por Brière de Boismont.

Este último não observou jamais senão os fatos produzidos por perturbações orgânicas, embora ele relate alguns que são certamente da telepatia, mas ele não faz nenhuma distinção, também os vapores de um cérebro quente lhe é suficiente para explicar tudo e, quando ele se acha em presença de um verdadeiro caso de aparição, é com a teoria do cérebro quente que ele tirará o caso.

Se ele tivesse melhor conhecido os fatos, não teria podido generalizar o modo; com efeito, os exemplos que ele nos mostra e que analisa revestindo uma característica que falta às aparições; é a permanência de estados mórbidos.

A causa da alucinação é sempre surpreendente. É fadiga, pavor, ideia fixa, alcoolismo; esse tipo é constante nas citações de B. De Boismont. Eis aqui uma tomada ao acaso:

Obs. 130. - Uma menina de nove a dez anos tinha passado o dia de sua festa em companhia de várias outras crianças se dedicando a todos os divertimentos de sua idade. Seus pais, de uma religião pouco esclarecida, não paravam de lhe contar histórias do diabo, do inferno e da condenação eterna. À noite, indo para o quarto se deitar, o diabo lhe apareceu e a ameaçou devorar. Ela deu um grande grito, se enfiou nos apartamentos de seus pais e tombou como morta a seus pés. Um médico tendo sido chamado chega a chamá-la à vida ao fim de algumas horas. Essa criança diz então o que lhe havia acontecido, acrescentando que ela com certeza um ser condenado. Esse acidente foi imediatamente seguido de uma doença nervosa longa e grave.

Outrora essa sorte de visão era muito frequente.

O Dr. Macário, em seus *Estudos clínicos sobre a demomania*, emite a opinião

de que essa forma de loucura é frequente nos manicômios da província, o que atribui ao que o materialismo não lançou no solo francês de tão profundas raízes que se poderia crer.

O temor do diabo, diz B. De Boismont (p. 134), o medo dos castigos futuros tinha outrora uma influência imensa sobre as mentes... no espaço de seis anos observamos em torno de quinze fatos em nosso estabelecimento.

A ideia fixa pode também criar aparições de falecidos; a esse tipo se prendem visões de criminosos que são perseguidos por suas vítimas, Bièrre de Boismont relata, entre outros casos, o de Manoury que tinha feito prova, e respeito a Urbain Grandier, da maior barbárie.

Obs. 124. - Uma noite, às 10 horas, voltando de uns dos limites da aldeia visitar um doente e andando em companhia de um outro homem e seu frater, ele exclamou de repente como em sobressalto: Ah! Eis aí Grandier...! Que queres de mim? E entrou num tremor e um frenesi dos quais os dois homens que o acompanhavam não puderam fazê-lo regressar. Eles o transportaram à sua casa, sempre falando a Grandier que acreditava ter diante seus olhos e com mesmo tremor.

Durante os jogos poucos dias que ele ainda viveu, seu estado não mudou de jeito nenhum. Ele morreu acreditando sempre ver Grandier e procurando se afastar para evitar aproximação e proferindo palavras terríveis.

O caráter bem marcante da alucinação é a persistência ou à repetição das perturbações; e é uma característica que faz falta às visões telepáticas.

Sully, continua Brièrre de Boismont, relata que as horas solitárias de Carlos IX se tornavam horrorosas pela repetição de crises e berros que o bombardearam durante o boleteo massacre de Saint-Barthélémy.

Enfim, o abade Guillon, autor de um livro sobre o suicídio conta a história de um duelista que, tendo assassinado dezessete pessoas, se achava perseguido em todos lugares pelos fantasmas de suas vítimas.

Se agora queremos dar uma olhada sobre as aparições, hoje melhor observadas, veremos que estas estão sempre presentes em calma e com oportunidade. Não encontramos isso nas alucinações. Se estas podem se explicar pela doença, os remorsos, o pavor, etc..., aquelas não são jamais devidas a causas semelhantes, mas acha-se sua fonte incontestável em uma ação telepática distinta da atividade cerebral, como a prova é feita cada vez que é possível remontar às fontes. Nos parece então que não se deve aplicar a palavra alucinação senão às imagens que têm, para o alucinado, o mesmo valor que os objetos, e quando elas são

de fonte interna, e que será preciso uma outra palavra para designar a imagem transmitida pela via telepática, isto é, de fonte exterior.

A verdadeira alucinação tem sempre uma causa interna, a linguagem popular a exprime de instinto, ele diz: "é uma ideia que se faz", e a palavra correta. A ideia que se faz é uma ilusão que se cria a si mesma, uma sorte de autossugestão que cria a aparência da realidade; à força de desenhar o diabo termina-se por fazê-lo aparecer.

Me parece então fácil estabelecer uma distinção entre a telepatia, supostamente transcendente, e é a vulgar alucinação. Esta é uma ideia que se faz; a outra é uma que um agente exterior vos transmite. A primeira é mentirosa e confina à loucura, a segunda é exata e é se revela às pessoas sadias de espírito em um momento de calma e de recolhimento.

Mas o que é preciso compreender, é que há, em nós, centros psíquicos ignorados que, sob o império da emoção, tornam-se criadores de imagens.

Ordinariamente esses centros se comunicam telepaticamente conosco, ou ao menos só temos consciência de imagens que lhes transmitimos, e daquelas às quais fazemos um apelo telepático nas operações da memória; o novo fenômeno, que se constata hoje, é que os centros secundários podem ser atingidos por fontes externas sem que nós tenhamos consciência.

A ação telepática sendo um fenômeno universal, não há tão pequeno centro fisiológico que não tenha sua consciência e sua sensibilidade própria e que não perceba os efeitos de nosso pensamento. Por consequência, o homem atormentado por uma ideia fixa, por um remorso, pelo medo... etc..., impressione vivamente esses pequenos órgãos, imprime aí as criações de seu pensamento, estes que percebem uma imagem, ou antes uma sensação análoga àquela que eles provam quando o homem está em presença de uma imagem real. Em razão da intensidade ou da persistência da imagem criada sob o golpe de uma emoção forte, o centro secundário conserva essa imagem profundamente gravada e é o suficiente que uma ocasião a desperta da forma de uma lembrança para que ela produza a aparência da realidade.

Compreender-se-ia assim o automatismo psicológico obedecendo a atividades próprias ressuscitando a imagem desde que a emoção a chame de volta e enviando-a na forma de uma projeção cinematográfica ao cérebro daquele que a criou.

É assim que poderíamos aceitar a teoria do cérebro quente como explicação de certos fenômenos. Mas como aplicar a teoria da alucinação às que outros vos

transmitem? O que responde a realidades? Aquelas não agem senão fracamente sobre os órgãos que não são habitualmente influenciados à distância; poucos sujeitos são aptos a recebê-las, e, o mais frequente, é um acidente que só ocorreu uma vez na vida do perceptivo. As imagens são verídicas porque as emoções que as provocaram não eram fingidas; entretanto alguns magnetizadores se gabam de ter transmitidos assim imagens fictícias, eles tiraram daí conclusões absurdas, que, em seu pensamento, deviam explicar a ilusão dos espíritas. Mas as experiências, se elas pudessem ser retomadas experimentalmente, não provariam senão uma coisa: é que a transmissão de pensamento é perfeitamente verídica: se o magnetizador consegue enganar o médium com uma imagem fictícia, e poderia também lhe comunicar uma verdadeira, pois que a prova está feita, os espíritos podem se comunicar, quer estejam vivos ou desencarnados isso não tem nenhuma importância, estamos em presença de um fato, há um elemento psíquico e devemos estudar esse elemento desconhecido.

As perturbações orgânicas não afetam somente os órgãos da sensibilidade, bem mais extraordinários são as perturbações que se manifestam nos centros motores. Sem dúvida, do momento em que admitimos que não centro fisiológico tão pequeno que não tenha sua consciência e sua atividade próprias, é fácil compreender a ação psíquica das camadas inferiores agindo na sua espontaneidade. É suficiente para isso conceber uma espécie de traumatismo psíquico, alguma causa, fisiológica ou outra, interceptando a comunicação entre as pequenas almas na base e a unidade que reina no cume; a transmissão telepática uma vez interrompida, cada centro fisiológico retoma sua independência.

São esses estados anormais que acionam os gestos automáticos e particularmente o fenômeno conhecido sob o nome de "escrita automática".

Quando produzimos a escrita normal, os centros motores que recebem nossas sugestões permanecem estranhos ao nosso pensamento íntimo, eles não executam senão movimentos e o movimento que eles produzem está fora de nossa consciência pessoal; assim eu não tenho necessidade de conhecer as localizações especiais dos centros motores para agir sobre eles, eu digo a sucessão das letras sem saber como se dá meu organismo para me obedecer. Se o organismo é abandonado a si mesmo, ele não recebe mais nenhuma sugestão de fora, como é no entanto, animado por ele mesmo, ele tem uma tendência à atividade. Ele é reduzido ao único conhecimento que possui, o do movimento, e produz os únicos movimentos conhecidos de sua memória fraca, traçados de letras, letras cuja sucessão é incoerente e, porque as coisas se passam assim geralmente, os fisiologistas se

entendem a não querer admitir fenômenos acima daqueles.

Ora, às perturbações orgânicas produzem efeitos incoerentes, infantis ou criptomnésicos, mas ao lado deles há resultados estupefacientes, necessitando a intervenção ativa de uma interface inteligência que se conhecia, que discute e que nos informa fatos dos quais ninguém tinha conhecimento. De sorte que, aqui como em todo momento, somos obrigados a admitir, para o mesmo fenômeno, dois motores diferentes.

Há toda uma série de fenômenos motores que tomam emprestado, é verdade a forma do automatismo, mas que não se explicam pelo mecanismo inconsciente. Se um músico pode tocar piano, se Victor Hugo pode inconscientemente inspirar versos à mesa que os soletra ele não poderá, por exemplo, ditar uma frase em uma língua que ele não conhece.

Se, da escrita, passamos agora à observação das perturbações gerais, vamos cair em um tal abismo de complicações, que eu não quero tratar aqui desse assunto, eu quero somente indicá-lo. Trata-se de manifestações de personalidades diferentes, que se apresentam algumas vezes em um mesmo organismo, e que aparecem, ora como uma divisão da personalidade, ora como a verdadeira possessão de todos os órgãos tombados ao poder de uma influência estranha.

A alma é uma coisa complexa, sua unidade não existe senão por relação ao indivíduo que se conhece no que ele chama seu *eu*. Mas o domínio psíquico se compõe de uma multidão de pequenas almas cuja massa é divisível e em que uma certa desordem, algumas vezes se manifesta.

Um homem pode ser visto sob dois aspectos muito diferentes, um professor de matemática, durante sua aula, não deixa ver senão uma parte de si mesmo, ele mesmo se esquece, momentaneamente, tudo o que está fora do grupo de seus conhecimentos especiais. Mas suponho que, ao sair de sua classe, ele seja bom músico; sua família o verá mais frequentemente sob o aspecto de um violinista. Suponhai, agora, que em seguida a um acidente qualquer, esse homem tenha perdido toda lembrança da música, só restará como matemático, vós lhe falareis de seu violino, ele não vos compreende, ele não terá jamais tocado. Mas ao fim de alguns dias, a memória do músico reaparece e, em compensação, o grupo de lembranças matemáticas tenha se apagado. Tal é o aspecto, eu não digo a explicação, mas é o aspecto sob o qual pode se apresentar certo fenômeno conhecido sob o nome de divisão da personalidade.

Mas pode ainda acontecer isso, como um estado sonambúlico se revela, durante o qual, como o ator preenche um papel, o sujeito encarna o tipo do

personagem que lhe é proposto, o que ele consegue perfeitamente; somente que esse jogo não resiste ao exame porque o sujeito fica nas generalidades e que ele é sempre incapaz de fazer prova de conhecimentos especiais.

Mas um novo personagem aparece, este não conhece mais ninguém à sua volta, se apresenta sob um estado civil novo e mostra que ele possui certos conhecimentos que nenhuma hipótese permite atribuir ao sujeito sonambúlico que parece assim possuído por uma influência estranha. É o fenômeno que com frequência apresentou a Sra. Piper em estado de transe, e ao qual a Sociedade para Pesquisas Psíquicas consagrou vários grandes volumes de seus anais.

Afirmamos que um fato experimentado, observado por autoridades competentes, tão inexplicável que seja, torna-se uma verdade empiricamente constatada, o que é suficiente para fazer admitir como base de deduções futuras. O caso é inexplicável fisiologicamente, eis aí uma verdade útil a se reter.

Mas, nós o repetimos, não caímos aqui em um abismo de complexidade, parece alguma que uma amnésia parcial ocasiona no sujeito o apagar de todo um período de sua existência e, o que há de mais espantoso, é que nada de fora disso indica na pessoa uma perturbação qualquer; é sem dúvida que ela é irreconhecível. Assim uma pessoa instruída e bem elevada vai cair em transe por despertar em um estado em que terá trocado de caractere sem ter nenhuma lembrança de seu estado precedente. Ela não conhecerá as pessoas de sua intimidade, mesmo sua escrita será trocada; enfim, é uma outra pessoa. Uma nova crise sobrevém e ela se revela em seu primeiro estado completamente ignorando o segundo estado que ela acaba de deixar.

O Dr. Azam, de Bordeaux eu creio, observou um caso, que se tornou clássico, na pessoa de Félida cujas mudanças de personalidade se manifestaram durante longos anos. Quase uma crise por dia a tomava, uma outra pessoa aparecia ignorando o romance que ela cantava a todo momento antes da crise, incapaz de continuar o trabalho com agulhas que ela tinha em mãos, era preciso que sua família a remetesse ao corrente de sua obra, no novo estado.

Tornada fechada em seu novo estado, ela ignorava absolutamente o detalhe voltando ao seu estado primeiro. Félida II tinha um cachorrinho ao qual era afeiçoada. Félida I o caçava como um intruso.

Malgrado todas as aparências de uma possessão, pode-se ver, nos fenômenos, a alternância de uma personalidade da qual cada papel não abarcasse senão um período do tempo vivido pelo sujeito. Por exemplo Félida I não possuindo senão as lembranças de sua juventude, Félida II não conhecia senão o que sobreveio desde

uma certa data. Não procuraremos explicar essa aparência de vida alternante, nós queremos somente assinalá-la.

Há casos de divisão múltiplos, em que o sujeito revive períodos de sua existência passada e cada período conduz com ele os estados mórbidos correspondentes. Vê-se ainda um sujeito míope e constrangido a levar seus óculos, que, em um dos estados, gozará de uma visão excelente; enfim, mudança no valor intelectual, mudança na memória, mudança na moralidade, há aí, verdadeiramente, um mistério que a fisiologia não explica e que a psicologia ainda está longe de esclarecer.

Houve uma tentativa de explicação fisiológica, mas é de uma simplicidade infantil: Temos dois hemisférios cerebrais, cada um deles constituindo uma pessoa isolada produziria o jogo alternativo de dois atores que se ignoram. Mas a questão não é tão simples e para fazê-la compreender vamos analisar o caso da Senhorita Beauchamp, sobre o qual temos um estudo completo.

A livraria Alcan publicou em 1911¹¹ a tradução francesa do caso da Srta. Beauchamp. Várias personalidades se manifestaram no sujeito do Dr. Prince. Vê-se aí, além da personalidade normal, três personalidades com diferentes ideias, de crença e de temperamento. As lembranças são também distintas para cada personalidade.

Isso então forma quatro pessoas:

A primeira, Srta. Beauchamp, admiravelmente bem-dotada e estudiosa, sofre um choque nervoso ao qual o doutor atribui a aparição das perturbações que sobrevieram.

A segunda, B2, não é senão a Srta Beauchamp colocada em estado de hipnose pelo Dr. Prince, o qual talvez não tenha considerado B2 como uma personalidade de mesma natureza que as seguintes.

A terceira, B3, aparecia como a encarnação de um ser malicioso, que afirma se apoderar dos órgãos de B1 para viver em um corpo emprestado e que, assim, perturba profundamente sua existência.

A quarta, B4, representa ainda um personagem enigmático que só é talvez uma cisão de B1 em um estado de diminuição pessoal; B4 representa uma mulher ordinária menos afinada que B1, é a mulher um pouco frívola e animada para si mesma.

Na realidade só há duas novas personagens, pelo menos em nosso ponto de

¹¹ *A dissociação de uma personalidade*, por Morton Prince, traduzido do inglês por Rede J. Ray e Jean Ray. Félix Alcan, Paris 1911.

vista, pois o estado sonambúlico é um estado conhecido que, acreditamos, não tem grande relação com as entidades misteriosas que se apresentam. O sujeito magnetizado é incontestavelmente uma nova forma do sujeito, um novo estado de seu *eu*. Não podemos fazer a mesma afirmação sobre B3 e B4 que se apresentam como influências estranhas.

B3 recebeu o nome de Sally, essa personagem é um problema. Ela não desempenha um papel, ela parece uma entidade distinta vinda em um corpo para se divertir às expensas de sua vítima, é um parasita que quer gozar da vida e substituir a Srta. Beauchamp aproveitando suas relações terrestres. Ela difere das outras personalidades no que o médico, tratando seu sujeito pela hipnotismo, pode a seu grado trazer a Srta. Beauchamp ao estado B2 ou B4, mas ele não pode chamar, nem desalojar Sally que resiste a suas sugestões. Melhor, frequentemente é ela que sugere; em sua luta contra o médico ela sugeriu a Srta. Beauchamp de ouvir tudo ao contrário do que este diria.

Assim a vida da Srta. Beauchamp se alterna entre dois estados diferentes que tornam sua existência tanto mais difícil que o médico que a hipnotiza não parece ter colocado seu meio ao corrente de suas mudanças. Compreende-se a tristeza da existência daquela que não sabendo nada de seus períodos de ausência, desperta em um lugar desconhecido, a ponto de conversar com gente que ela não conhece, ou ainda percebendo que ela não estava ao corrente das coisas do que se fala, põe-se reservada, se perguntando sempre se ela não estava a caminho da loucura.

Mas Sally é na verdade um pequeno demônio, à revelia da Srta. Beauchamp, possuindo todos seus órgãos, ela escreve cartas, marca encontros; imagine-se a estupefação da pobre B1, que descobre suas cartas inexplicáveis e que se crê possuída pelo diabo. Uma só coisa assusta Sally, o temor de perder o corpo do qual ela abusa, a ideia de que a morte da Srta. Beauchamp a privaria de seus meios a faz um pouco mais razoável. Então ela faz um pacto com o médico que não tinha podido comandá-la.

Naturalmente, a tese do professor de patologia do sistema nervoso é que não há distinção a fazer entre todas as personalidades que considera, todas como dissociações do eu; entretanto eu me permitiria apresentar algumas objeções em nome da unidade e da indivisibilidade do ser humano do qual parece se fazer barato quando se trata casos semelhantes.

Os diferentes aspectos do eu não mantêm necessariamente na dissociação. O Sr. De Rochas mostrou muito bem, por seus estudos sobre regressão de memória, que um mesmo sujeito, reportado aos anos anteriormente vividos, se mostra sob

aspectos e com um caractere diferente; entretanto não há nada que possa fazer supor uma divisão do *eu*.

A B4, uma das personalidades que apareceram, segundo o Dr. Prince, é um personagem dessa natureza; tomada de uma amnésia que lhe esconde todo um período de sua vida no tempo, o sujeito retoma sua vida onde ele estava na idade de dezoito e ignora o que a Srta. Beauchamp pôde fazer e aprende desde então. Não há então mudança do *eu*. São as mesmas vontade, emotividade e sensibilidade que vivem e se movem em um grupo de imagens e de lembranças, comuns às duas personagens até dezoito anos, diferentes a partir do momento em que B4 se manifesta com uma lacuna de memória.

É porque eu creio dever manter reserva com relação a essa luta de palavras que disserta de imediato sobre as dissociações do *eu*.

Até aqui tem-se chamado *eu*, o lar central da vida consciente que se manifesta a si mesma como uma entidade indivisível. Se é em outro sentido que se emprega essa palavra é preciso alertar o leitor. Braços e pernas não têm nada em comum com o *eu*, e eu confesso nada compreender na hipótese da *dissociação*.

Quando se fala de uma cisão do eu, isso não me parece ter nenhum sentido, o eu subconsciente em si mesmo me aparece como sem sentido, o subconsciente na verdade me é suficiente; o subconsciente que age à revelia de um sujeito consciente não é *ele* pois por *ele* eu entendo sua parte consciente; enfim, tenho necessidade de uma hipótese compreensível e não sofro senão quando se me fala de um eu que estaria fora de mim. Minha subconsciência, é do *sub-ser* exterior à minha consciência.

Para emitir uma hipótese sobre a dissociação, é preciso que a imagem seja clara. Se o eu se deve entender como o ser material, a dissociação não será outra coisa senão uma neurose traumática criando paralisias locais; se deve se é entender do centro psíquico que se conhece a si mesmo, ele é indivisível. No primeiro caso, ele não pode ter senão uma mutilação do ser e as partes serão ao todo inferiores; no segundo caso ele não pode ter senão alternativas da personalidade.

No fato da Srta. Beauchamp fala-se ingenuamente da coexistência de vários *eu* formando personalidades diferentes. Isso relembra o mister da Trindade, segundo a qual três deuses se fazem um, sendo cada um deles igual ao todo.

Admitamos, se o desejardes, que o curso da vida constitui um agregado de ideias e de lembranças que formarão camadas como uma árvore cujos anos se contam pelas cascas, mas esse agregado é distinto do eu. Não é senão supondo o sujeito em relação com várias camadas concêntricas que eu poderia acreditar uma

representação objetiva do que poderia ser uma mudança de personalidade.

É assim que se poderia imaginar a vida da Srta. B. Pelos círculos concêntricos representando os anos vividos por ela, e se veria que B4 só é o sujeito em si mesmo representando uma lacuna de alguns anos.

Quanto aos estados fictícios obtidos por meio da hipnose não se deve, creio eu, considerá-los como personalidades. Os problemas no que concerne à Srta. B. É verdadeiramente mais complexo e oferece um conjunto tão bizarro que é permitido supor que uma manifestação estranha seja introduzida entre os outros fenômenos. B3, apelidada de Sally, não é explicável por um desdobramento do eu, fórmula que não apresenta nada de fácil à imaginação. Para exprimir um pensamento concreto foi preciso supor grupos de estados de consciência que teriam criado um segundo eu ignorado pelo primeiro. Mas estados dissociados não podem criar um ser *ex-nihilo*, sem uma relação com o eu presentemente consciente.

Entende-se por dissociação, um grupo de imagens isoladas; o barulho da rua que bate em nosso ouvido sem atrair nossa atenção, um detalhe observado maquinalmente enquanto a mente está absorta alhures, eis aí imagens que podem sobreviver na subconsciência no estado de dissociação, mas é preciso que essas imagens remontem à consciência superior, de outra forma elas seriam como mortas; um grupo de lembranças dessa natureza é impotente para se animar por si mesmo ao ponto de criar uma nova pessoa, mesmo fictícia. Ora, Sally é uma pessoa fictícia? Todas as pretensiosas divisões da Srta. B., podem ser os estados alternativos de um eu único, todas salvo Sally. Chamar esta: o outro eu da Srta. B., como o faz o Dr. Prince, é ressaltar o problema, não é resolvê-lo. Sally afirma sua independência por atos e a Srta. B. Colocada em estado de lucidez hipnótica declara: "Somos todas a mesma pessoa, todas salvo Sally".

Quanto ao Dr. Prince, ele se recusa a admitir Sally, mas esta tem truques diabólicos; rebelde à sugestão, é ela que impõe sua vontade à Srta. Beauchamp, por meio de hipnóticas e pós hipnóticas. Ela faz o que ela quer, ela escreve cartas que ela coloca no correio, ela fuma cigarro para contrariar seu médium que ela detesta com reserva e piedade. Enfim ela desperdiça seu dinheiro, rasga seus cheques e a trata como estúpido carvão.

Quando a Srta. B. está em estado normal, Sally está sempre aí como uma testemunha exterior que estará mais ao corrente de todos seus atos, do mesmo modo que ela sabe tudo o que fazem as outras personalidades; as outras, ao contrário, são importantes inexistentes e incapazes de saber o que fez a Srta. B. em seu estado normal. Graças a esse conhecimento, Sally se esforça algumas vezes para

dissimular sua vinda, ela tenta interpretar o papel da Srta. B., mas como ela não tem a mesma instrução, o médico faz cair a sua farsa fazendo-a falar francês; Sally que não sabia francês, se vendo acuada, rebenta a rir e se mostra sob seu aspecto habitual, muito alegre com a boa brincadeira.

Sally pode mesmo contar os sonhos, o que prova que ela existe, ou coexiste, no momento da atividade consciente do médium. Outra particularidade que a distingue das pessoas alternantes, ela se adapta, fisiologicamente, bastante mal aos órgãos; tendo muita dificuldade para falar, ela gaguejava nos começos; ela declara que o corpo lhe é praticamente estranho como uma vestimenta e, nela, ela não conhece nem a doença, nem a fadiga, nem a fome, nem a sede.

Eis aqui um exemplo das encarnações de Sally: na véspera do Natal, a Srta. B. estava na igreja, sentada no lado direito da nave e o coro cantava a procissão. De repente ela se encontrou do lado esquerdo e o coro cantava ainda a procissão. Vinte e quatro horas tinham passado para ela como vinte e quatro segundos, foi Sally que tinha confiscado e trazido o dia seguinte aí ou ela tinha ficado presa; ela tinha aproveitado convites endereçados à Srta. B. tinha se atribuído todas as alegrias do Natal e estava divertida.

Há melhor ainda: uma vez que a Srta. B. estava presa ao mais violento delírio, Sally interveio perfeitamente lúcida, ela aceitou mesmo ser enfermeira e vir, por momentos, dar a alimentação ou os remédios que a doente, na gravidade de seu delírio, não podia tomar. A mente lúcida aparecendo ao mesmo tempo que o estado delirante é um dos fatos que provam a presença de duas entidades distintas. É impossível conceber o *eu* cortado em dois dessa maneira; a ideia que temos do *eu* não nos permite conceber a simultaneidade desses dois estados contrários em uma só unidade. Afirmar que a Srta. B. e Sally agem sob o império do eu único, é dizer que são dois eu de uma mesma pessoa, é aceitar palavras cujo sentido é inconcebível.

Era fácil esquematizar divisões arbitrárias da personalidade, mas é menos fácil lhe dar uma aparência de vida; Sally é um pedaço demasiadamente grosso para ter sido destacado da consciência principal da Srta. Beauchamp sem que esta não tivesse sido diminuída; a dissociação da personalidade da Srta. B. em tantos pequenos pedaços é puramente arbitrária. Sally não acha seu lugar nesse esquema, não se acha nenhum *eu* ao qual ele se liga e o mistério não está esclarecido.

Sem dúvida não se pode dizer que seja uma entidade de mistério que teria podido ser estudada com fruto, uma manifestação de atividade estranha cujo segredo reside no desconhecido e que prova, pelo menos, a existência desse novo

mundo que não tem ainda bastantes exploradores.

Capítulo IV

AS VIDAS ANTERIORES

*Eu sou tua irmã invisível, eu sou tua alma divina, e isto é o livro de tua vida.
Ele contém as páginas cheias de tuas existências passadas e as páginas em
branco de tuas vidas futuras.*

O Livro dos Mortos
Rito funerário dos Antigos Egípcios

A alma é uma entidade distinta do corpo; é ela que acompanha a parte essencial do ser ao curso de incorporações numerosas que são necessárias a nossas evoluções. A maioria dos homens viveu no conhecimento dessa verdade desde Platão, e eles viverão amanhã na certeza científica que essa velha filosofia não os enganaram.

É o magnetismo que nos chamou para revelar o fato que já vivemos no passado. Os trabalhos do Sr. De Rochas, sobre a regressão da memória, abriram perspectivas novas das quais vamos dizer algumas palavras.

Já sabíamos que um sujeito, relacionado pelos passes magnéticos a um estado anterior, ao estado de infância por exemplo, se mostrava dócil a essa sugestão. Mas acreditava-se, geralmente, que era aí o fenômeno banal que incita um sujeito sugestionado a aceitar o papel imaginado, o velho, o padre, do general, etc. Bem, ao lado dos papéis fictícios há coisas reais; assim todo o mundo sabe que se pode abusar do magnetismo para escapar de um de revelações verídicas, ou forçá-lo a entregar seus segredos. Tudo não é então mentira no estado hipnótico, e o sujeito que retorna ao tempo de sua infância desempenha um papel que é a repetição verdadeira dos estados anteriormente vividos por ele.

O Sr. Coronel De Rochas, que foi um experimentador notável, trouxe uma inovação, e mostrando a fidelidade dos quadros reconstituídos.

Por exemplo, uma jovem de dezoito anos é levada de volta para o passado, ela

passa sempre as mesmas fases, depois, lentamente, pelas mesmas vias, ela é levada a sua idade verdadeira antes de despertar. Com a idade de sete anos ela vai à escola, começa somente a escrever; aos cinco anos ela não sabe mais ler, conduzida ao berço ela mama. Pode-se mesmo ir ao além-túmulo, o sujeito toma a posição de feto no seio de sua mãe.

Com uma órfã que tinha sido educada em Beirute e cujo pai tinha sido engenheiro no Oriente, o Sr. De Rochas tentou a regressão; aos dez anos ela se crê em Marselha, ela aí estava com efeito nessa ideia, e o Sr. não o sabia; aos oito anos ela está em Beirute, ela fala de seu pai e de seus amigos que frequentavam a casa; se lhe pergunta como se diz "bom dia" em turco, ela responde: "Salamalec", o que ela esqueceu na velhice; a dois anos, ela está em Cuges em Provença, o que era exata; ao um ano, ela não pode mais falar, ela responde por sinais de cabeça.

— Mas eis aqui onde a operação torna-se curiosa. Para obter os estados de regressão o Sr. De Rochas fazia, sobre seu sujeito, passes longitudinais e, para conduzi-la em sentido inverso, de passes transversais. No curso de suas experiências, ele se apercebeu que, continuando os passes, o sujeito podia ultrapassar sua idade atual, isto é que se via a si mesmo um tempo futuro. Aqui é preciso desconfiar do sonho sonambúlico, da tendência que sempre um sujeito a satisfazer seu observador, da possibilidade de uma mudança de personalidade; os quadros assim obtidos serão raramente exatas. Entretanto, em 1904, um sujeito empurrado em direção ao futuro, dá um resultado exato. Eu cito textualmente o caso de Eugênia.¹²

— Eu a fiz assim envelhecer pouco a pouco; na idade de trinta e sete anos (ela tinha em realidade 35). Ela manifestou todos os sintomas do parto e a vergonha desse acontecimento porque ela não estava novamente casada. Isso devia se passar em 1906. Alguns meses após ela parece se afogar. Eu a fiz envelhecer dois anos; novos sintomas de parto. Eu lhe pergunto onde se encontra nesse momento: "sobre a água", me diz ela. Essa resposta bizarra me fez supor que ela divagava e a conduzia ao estado normal.

Ora, tido o que ela tinha predito se realizou. Ela tomou por amante um vendedor de luvas do qual ela teve um filho em 1906. Pouco após, desesperada, ela se lança na Isère é salva agarrando uma perna. Enfim, em janeiro de 1909, ela deu à luz uma segunda vez, sobre uma das pontes de Isère, onde ela foi subitamente presa de dores do parto voltando a fazer trabalho de faxineira.

Esse fato é curioso, e será preciso ainda de outros para ousar se pronunciar,

¹² *As vidas sucessivas*, por Albert de Rochas. Chacorne, 1911, p. 96.

todavia, era preciso mencionar. Os casos de regressão são mais interessantes e nós voltaremos a eles. É um fato estranho, mas todos os sujeitos descrevem de uma maneira idêntica para além da vida presente. Foram conduzidos a seis meses, no seio da mãe; eles tomaram a posição do feto; continua a regressão, eis aí no espaço; uma curta letargia, e nós assistimos a uma cena nova, a agonia de um velho. É o começo da vida que precedeu a encarnação presente que se manifesta ao contrário, e remonta, no tempo, até a uma encarnação ainda mais antiga.

Observemos somente o momento do nascimento; que o sujeito seja instruído ou não, é sempre visão. Primeiro, antes do nascimento, ele se vê no espaço sob a forma de uma bola, ou de um nevoeiro ligeiramente luminoso, e errando em torno dos órgãos da mãe; todos vêm, no ventre da mãe, o corpo no qual eles vão encarnar. Assim a concepção precede a tomada de posse do feto pelo corpo espiritual, que não entra senão pouco a pouco, "por lufadas dirá um dos sujeitos, no pequeno corpo. Até que o sujeito se vê como estaria colocado no exterior.

Um outro sujeito, Josefina, dependurada assim em torno do corpo da mãe e não entrando senão bastante tarde, e pouco a pouco no corpo da criança. Todos fixam em sete anos aproximadamente a incorporação completa. Isso é de acordo com o que sempre descreveram os sensitivos lúcidos que vêm igualmente o corpo astral dos moribundos se desligar de seu corpo psíquico, sobre o qual ele parece flutuar. Mayo, reportado antes de seu nascimento, disse que ela não é mais nada, ela sente que existe e é tudo, mas ela se lembra de ter tido uma outra vida. Conduzida para antes, quando ela volta ao mundo, ela diz que alguma coisa a empurrou para reencarnar, depois ela desceu em direção de sua mãe durante o que está já estava grávida, e ela não entrou no seu corpo físico senão um pouco antes de seu nascimento e parcialmente.

Para o que é das vidas anteriores elas são um pouco incontrolláveis, as declarações dos sujeitos contêm elementos de erros e de verdades. Mas que temos nós o direito de exigir em semelhante matéria. Se uma só existência representasse a totalidade do ser, nós teríamos o direito ao invocar esse ser, de exigir que ele nos fizesse um relatório fiel; mas se nós temos várias existências sucessivas, não se ligando entre si já que seriam cortadas pela morte qual pode ser a situação da unidade colocada fora do corpo vivido? Quais podem ser a qualidade e o funcionamento dessa memória? Nós não podemos sabê-lo. A interpolação e o anacronismo podem legitimamente se produzir, como uma consequência necessária das vidas múltiplas.

Vitor Hugo disse:¹³

"Vós não credes nas personalidades moventes (isto é nas reencarnações) sob pretexto de que não vos lembrais de nada de vossas existências anteriores. Mas como a lembrança dos séculos esvanece permaneceria impressa em vós, quando vós não vos lembrais mais das mil e uma cenas de vossa vida presente? Desde 1802, há em mim dez Vitor Hugo. Creiais então que eu me lembro de todas suas ações e todos seus pensamentos? Quando eu atravessar o túmulo para reencontrar uma outra luz, todos esses Vitor Hugo me serão algo pouco estranhos, mas será sempre a mesma alma."

Bem, se o sujeito, colocado em estado de hipnose, encontrar as lembranças esquecidas de sua vida presente, é porque a alma, sempre ligada ao seu estado fisiológico, aí encontra os elementos funcionais da memória; mas os personagens anteriores são forçosamente inexistentes, só resta lembranças fragmentárias.

Um caso bem interessante é o da Sra. J... obtido pelo Sr. Bouvier a quem o coronel De Rochas tinha comunicado suas experiências. Eu só posso dar aqui uma ideia superficial em um resumo necessariamente muito breve.¹⁴

Eis aqui como fala o Sr. Bouvier da primeira regressão de seu sujet chegado ao momento do nascimento:

"Antes da concepção no momento em que o espírito ainda está no espaço, ele faz esforços para se subtrair à força invencível que parece atrai-lo, depois remontando sempre no tempo, ele responde sobre o que ele faz, qual é seu modo de existência até ao que, de novo, ele retome o corpo que ele deixou precedentemente para entrar numa outra vida; mas, coisa curiosa, cada vez que eu o faço penetrar no seio de sua mãe, ele passa pela mesma fase caracterizada pela mesma atitude".

Eu devo fazer observar, de passagem, a constância do processo de encarnação, qualquer que seja o sujeito magnetizado.

A Sra. J... tem trinta e nove anos. Tentou-se, com ela, levar a experiência até seu último limite, fazendo-a remontar o mais longe possível no tempo. Foi-se, assim, até a sua décima segunda existência.

Desde sua primeira regressão — décima segunda vida — ela indica nomes próprios que não são achados, e lugares dos quais a descrição é no entanto exata. Assim, aos quinze anos, ela acaba de deixar a classe das damas trinitárias da rua da Gárgula em Briançon. Uma nota do Sr. De Rochas indica há realmente uma pensão para moças mantida pelas damas trinitárias da rua da Gárgula, nessa aldeia. Mas o

¹³ Reposta de Vitor Hugo, relatado por Arsène Houssaye, citada por de Rochas.

¹⁴ O relatório preenche 38 páginas. A. De Rochas, *As vidas sucessivas*, p. 173.

pai da Sra. J... morou muito tempo depois em uma cidade de Isère, sua mãe jamais habitou Briançon e seu marido, militar, jamais esteve servindo aí.

Terceira vida - Ainda em Briançon, aos dez anos ela dá a data de 1748.

— Em 1702 em Ploëmel.

Quinta vida - É um soldado; como em todas as outras vidas os quadros se apresentam remontando o curso do tempo, é a cena da morte que se apresenta primeiro. Ele morre de um golpe de lança.

D. — Vós recebestes o golpe de lança em que idade?

R. — Em Marignan, estamos em 1515 (Pobre Barry, tu és maldito).

D. — Com quem estais?

R. — Com Francisco.

D. — Que é Francisco?

R. — O pai, nosso Senhor e Mestre por Deus, o rei da França.

D. — Como vós vos chamais?

R. — Michel Berry.

D. — Contra quem combateis?

R. — Contra esses porcos de Suíços...etc.

Sexta vida — Estamos em 1302. É uma jovem professora; tem dezoito anos, ela está na casa da condessa de Guise.

D. — Qual é o rei?

R. — Eu não sei, diz se que é o belo Felipe.

Sétima vida. - Estamos em 1010; tem oitenta e sete anos, ela é abadessa, aos setenta e sete anos, ela crê que o fim do mundo está para acontecer.

D. — Sabeis qual é o rei?

R. — Roberto II.

Aos setenta anos.

D. — Qual é o rei?

R. — É Capetos.

Aos sessenta anos, mesma pergunta.

R. — É Capetos.

Aos quarenta e cinco, é Luís IV.

Aos trinta e cinco anos.

D. — Qual é o rei?

R. - Luís IV desde já vários anos. Diz-se que ele não é belo, gordo, inchado, mas eu não o vi.

Aos vinte e quatro anos.

D. — Em que ano estamos?

R. — 947.

D. - Qual é o rei?

R. - Luís IV.

Aos quinze anos, mesma questão.

R. — Luís IV.

Oitava vida. - Chefe de guerreiros francos. Ele tomado por Átila, em Châlon-sur-Marne e queimaram seus olhos.

D. — Há outros chefes sob vós?

R. — Há o chefe tribuno Massoée.

D. — E acima?

R. — É o chefe dos chefes, Mérovée.

D. — Em que ano estais?

R. — 449.

D. — Conheceis Deus?

R. — Há alguém acima; é Théos.

D. — Como o adorais?

R. — Dá-se-lhe homens que são queimados, é muito belo.

Nona vida. - É um guarda do imperador Probus.

D. — Em que país estais?

R. — Em Roma.

D. — Em que ano estais?

R. — 279.¹⁵

Aos vinte e cinco anos.

D. — Que fazeis?

R. — Sigo a Turim, com minha mulher.

D. — Quem vos uniu?

R. — O padre nos uniu... etc.

Décima vida. — É uma mulher, ela se chama Irisée, ela gostaria de ir em direção aos deuses, ela ao padre Ali.

D. — Em que país estais?

R. — No Imondo.

D. — Em que ano estais?

R. — Ali diz que não é preciso procurar, os deuses sabem... etc.

¹⁵ Acreditamos ser útil relembrar aqui, a cronologia - Francisco I, (1515-1547) - Felipe o Belo, (1478-1506) - Roberto II, (996-1031) - Hugo Capeto, (987-996) - Luís VI o Gordo, (936-954) - Mérovée, (448-458) - Átila, (434-453) - Probus imperador, (276-282).

Décima primeira vida. - Criança morta aos oito anos, sem importância.

Essa regressão em direção aos tempos passados é certamente curiosa, e há aí um mistério que não está ainda esclarecido, mas a hipótese de uma revivescência momentânea das lembranças de um espírito liberto do corpo é certamente a menos inverossímil das hipóteses emitidas até aqui.

É preciso lamentar que essa hipótese não tenha sido mais frequentemente considerada como pivô da observação. Observar-se-á, por exemplo, o grande interesse que haveria sido em fazer sofrer a experiência da regressão ao caso da Srta. Beauchamp relatado acima.

Exprimiríamos o mesmo lamento ao sujeito do médium observado pelo Professor Flournoy, Helena Smith. O caso desse médium teria sido de outra maneira bem interessante se tivesse sido estudado tomando por base a hipótese de vidas anteriores.

Há, no caso de Helena Smith, particularidades bem curiosas, que não parecem suscetíveis de serem explicadas de outra forma senão por meio de alguns fragmentos de lembranças pessoais, provenientes de vidas anteriores e que seriam remontadas à memória do sujeito colocado em estado de sonambulismo lúcido.

É nesse espírito que eu gostaria de voltar sobre a obra do Sr. Flournoy,¹⁶ cujo estudo, bem conhecido de todos os psicólogos, foi acolhido favoravelmente nos meios científicos.

O autor escreve com um espírito contrário a nossas interpretações, esse nós é uma garantia de que podemos aceitar fatos que ele mesmo não podia admitir irrefletidamente. Somente, o Sr. Flournoy apresenta sua teoria primeiro, os fatos em seguida, depois ele introduz os fatos em sua teoria. Ele mesmo se declara hostil a toda interpretação que supõe a intervenção de uma inteligência estranha. Nesse único pensamento ele prova, diz ele, uma hilaridade nervosa, isso o faz alegre. Quanto aos movimentos de mesa, ele declara com certo cinismo: - Que os objetos se movem ou não se movem, isso me é prodigiosamente indiferente (pág. 357).

É o caráter que ressalta do estudo do Sr. Flournoy que não se liga quase nada ao fenômeno em si mesmo ele analisa somente o conteúdo; a faculdade de criar instantaneamente uma língua imaginária não atrai sua atenção, ele demonstra, com razão alhures, que essa língua não é autêntica. Seria preciso entretanto explicar como operações de uma grande complexidade podem se produzir fora da ação consciente. Sabemos que é preciso desconfiar de nomes que se dão as personalidades mediúnicas para responder ao desejo de gentes curiosas, elas

¹⁶ *Das Índias ao planeta Marte*, por Thomas Flournoy, Alcan, 1910.

aceitam geralmente o primeiro que se lhes propõe. Não conhecemos as personalidades do Além, quando se tem um negócio a um manifestante sério que se liga às experiências sérias é preciso que ele adote um nome.

O espírito guia da Srta. Smith respondia ao nome de Leopoldo, ele aceitou mais tarde a personalidade de Gagliostro, que, creiamos, lhe foi sugerido.

No caso da Srta. Beauchamp, Sally era uma pessoa hostil e má. Leopoldo, ao contrário, é um espírito protetor, mas o processo físico da possessão aparente é sempre o mesmo, dificuldade de adaptação da influência estranha aos órgãos do médium. Quando Leopoldo quis escrever, foi uma luta de vinte minutos durante a qual Helena resistiu com toda sua força, tudo foi inútil, Leopoldo lhe arrancou a caneta, lhe torceu o braço, a fez sofrer até que Helena, vencida, chorou e obedeceu. A Srta. Smith que tinha o hábito de segurar sua caneta com o dedo do meio foi constrangida a escrever com o indicador. Ela produziu logo uma escrita diferente da sua, não somente quanto à caligrafia, muito mais grossa e, mas também quanto à ortografia que é do último século. Leopoldo não falha uma vez de escrever *j'auroids* para *j'aurais* ["eu teria"], de empregar termos arcaicos; se de aventura, ele nomeia ruas de Gênova, isso será sob seus nomes antigos.

A mesma luta recomeçará para se apoderar dos órgãos vocais; não foi senão um após a primeira tentativa que ele conseguiu fluentemente. Aqui, nova aproximação a fazer com o caso de Sally que gaguejava horrivelmente no início. Helena sofreu energicamente na boca e no pescoço, depois ela começou a fazer uma voz profunda e cavernosa, de um sotaque italiano que não tinha nada em comum com o timbre bonito habitual de sua bonita voz feminina; e não é somente o som da voz que muda, o arcaísmo se encontra na palavra como na escrita; o vocabulário se esmalta com palavras em desuso, *firole* em lugar de *bouteille* [garafa]... etc. Mas Leopoldo não de forma alguma que ele é Italiano, ele pronuncia os "u" em "ou" e não se servirá de uma palavra nova, dizendo *omnibous* para *tramway*... etc., tudo isso com uma forte voz de baixo, bem masculina e tão italiana quanto possível (*Das Índias*, ver p. 110).

Para o Dr. Flournoy isso não é senão um papel bem interpretado, o personagem não é senão uma modificação de Helena, é uma auto-hipnotização. O Sr. F. passa pelo obstáculo. A auto-hipnotização não pode ser a ação de uma vontade que se conhece a si mesma, é o modo comum da ação exercida sobre si mesma, ou sobre os centros motores, se os considerarmos tanto quanto distintos do eu. A auto-hipnotização não seria, aqui, senão uma marcha ao contrário, o eu quer escrever de uma maneira, a mão quer escrever de outra e é a mão que triunfaria sobre o sujeito,

é a periferia orgânica que atacaria o cérebro e lhe imporá seus movimentos. Não compreendemos o automatismo naquele sentido. Ainda uma palavra sobre Leopoldo, ele possui uma independência completa e, quando ele anuncia ao magnetizador que é ele que é o mestre, nenhuma sugestão pode nada mudar.

Eu apresentei o personagem de Leopoldo porque é um tipo geral. Todos os médiuns são assim um espírito guia que intervém nos fenômenos. Mas não é esse papel que me ocupo, eu passo a seguir aos fatos de regressão.

O estado fenomenal da Srta. Smith tende a reconstituir dois fragmentos de suas vidas anteriores. O médium, ou seu guia, atribui a Maria-Antonieta as reminiscências mais recentes, e a outra encarnação, cujos fragmentos aliás muito incompletos reaparecem por intermitência, nos reporta a uma época muito mais afastada, no XV século, na Índia, onde o sujeito teria encarnado como uma princesa hinduísta.

Para o Sr. Flournoy esses fatos são cânceres psíquicos, ele o declara antes de tudo.

Em patologia, diz ele, os neoplasmas têm como ponto de partida as células embrionárias que começam a proliferar, a se diferenciar. Do mesmo modo em psicologia, parece que certos elementos recuados e primitivos do indivíduo, das camadas infantis ainda dotadas de plasticidade e de mobilidade são particularmente aptas a engendrar estranhas vegetações subconscientes, tipos de tumores ou de excrescências psíquicas que chamamos de segundas personalidades.

É necessário ressaltar o que uma semelhante analogia tem de fantasiosa. O neoplasma patológico não chega a termo, ele se torna uma monstruosidade de ordem inferior. A segunda personalidade, ao contrário, tem faculdades de percepção superior a aquelas do ser inteligente do qual ele não seria senão uma fração. E depois, para ser preciso, o Sr. Flournoy não teria ficado nos termos vagos da psicologia. Esses neoplasmas, que se destacam da pessoa principal, não o podem tanto que tomam emprestado um órgão para se manifestar. Cada personalidade sucessiva deve então ser representada, no tempo em que ela age, por feixes de fibras motrizes e sensitivas; esses neoplasmas, absolutamente estranhos ao ser principal, devem ter alguma parte sua localização.

O autor compreendeu bem e escreve: "Devia ser uma boa vez a convir que essa mecânica cerebral é sempre subentendida, mas não se deve jamais falar tanto quando não se tem nada mais preciso para se dizer".

É preciso falar nisso, ao contrário, para compreender quanto uma semelhante localização aplicada aos fatos, se tornariam grotesca. Eu gostaria que me

mostrassem, mesmo por hipótese, os diferentes lugares que ocupariam no organismo várias inteligências escrevendo pela mesma mão, sem misturar suas lembranças nem suas escritas, sem confundir seus papéis que exigem cada um uma ortografia especial e um falar diferente, enfim, sem embaralhar o emaranhado de criações complexas das quais elas conservassem a lembrança, já que formassem a trama, sem jamais se cortar na sequência.

Flournoy nos fala da fineza da escolha, da sensibilidade requintada, da arte consumida embora instintiva que preside à triagem e ao armazenamento das lembranças sacro subconscientes; eu gostaria de ver o substrato daquelas coisas e saber qual foi o núcleo primitivo dessas formações. Qual dilatação feliz de nosso baço...! Se jamais se traduz isso em linguagem fisiológica. Eu gostaria que me falassem de um bulbo rachidiano abrindo sua astúcia contra a fizesse do glote-faringe, da qual seria trouxa da sensibilidade refinada plexo solar. Eu gostaria de ver a lógica implacável de um quadrigêmeo, combatido pela retórica da medula alongada; pois é aí que seria preciso seriamente em vir, está em um discurso confuso dessa espécie que se encontraria empurrado o dia em que seria necessário precisar a teoria do neoplasma. Os sábios confessam que aquelas coisas escapam da ciência positiva. "A ciência ideal, dizendo Berthelot, varia sem cessar e variou sempre" e o psicólogo Myers exclama em um acesso de franqueza: "Nós nos achamos sempre finalmente em face da inexplicável e a mais Larmarkiana das respostas e está em realidade tão mística quanto a mais platônica".

A verdade é que não podemos conceber, em nós, presença de inteligências superiores à nossa que se nós observamos o homem como uma concentração de todos os elementos psíquicos pertencentes a suas vidas anteriores. Então isso constituiriam a reserva puramente psíquica de tudo o que há do inconsciente em nós. Nossa individualidade não é senão a elaboração, parcialmente consciente, de um organismo muito mais extenso que representa a síntese de todas nossas personalidades antigas em via de integração superior, e isso é a sobrevivência.

Helena Smith ressuscitaria assim fragmentos de seu passado. No papel de Maria-Antonieta ela atinge uma perfeição notável, se se crê nisso o Senhor Flournoy:

É preciso ver quando o transe real está completa, a graça, a elegância, a distinção, a majestade às vezes que rebentam na atitude e no gesto de Helena. Ela tem verdadeiramente um porto de rainha (pág. 26)... O movimento cheio de desenvoltura do qual ela não esquece jamais a cada contorno para lançar para trás sua cauda imaginária; tudo isso que não se pode descrever, está perfeito e de

facilidade.

Essa perfeição de interpretação que uma atriz não alcançaria sem estudo não para aí. A ortografia antiga corre tão naturalmente de sua caneta: instantes, crianças, *j'étois...* etc. A mudança de voz se faz tão naturalmente, e, nesse estado, ela ignora que é a Srta. Smith.

Vê-se, por aí, de quais qualidades superiores um neoplasma seria dotado. Ao passo que uma regressão automática em direção dos fragmentos do passado não exige nenhuma faculdade transcendental, já que no lugar de necessitar de um prodígio de astúcia e de hábil mentira, nos seria suficiente um mecanismo natural parecido com as regressões obtidas pelo Sr. De Rochas.

Se nós admitimos a reencarnação, nada mais existe senão a atual. Maria-Antonieta se comportando como poderia fazê-lo a pessoa mesmo, é uma coisa dissoluta, inexistente, não seria capaz de ser duas pessoas em uma. A lagarta e a borboleta que é resultante não podem existir simultaneamente.

Entretanto eu não estou bem seguro que o Sr. Flournoy não tenha pretendido fazer fracassar na hipótese, do fato que ele conseguiu para fazer atribuir, pelo médium, os papéis de Philippe Egalité e do marquês de Mirabeau aos Srs. Demole e Auguste de Morsier, apresentados como tais.

Toda excitação atual não pode receber senão uma resposta atualmente improvisada. Maria-Antonieta tornada senhorita Smith, é incapaz de agir espontaneamente como rainha, mas a Srta. Smith é capaz de regressão. A única coisa que ela possa fazer é agir com clichês autênticos; sua consciência sonambúlica pode muito bem se servir de imagens do passado para compor *arlequins* mas, embora o médium seja desprovido de toda cultura histórica, seus clichês são sempre mostrados verossímeis, o estilo e a ortografia são do tempo, os fatos e as imagens conforme à história. O que de mais natural que, entre imagens apagadas, ela faça reviver uma cena de família, em que ela se vê com suas três crianças e a Srta. Elisabeth. Essa cena traz de volta a lembrança de uma inocente melodia, bastante arcaica, cor da época.

O canto de uma mãe que embala seu filho é, entre todas ações, uma daquelas que são as mais suscetíveis de afetar o mecanismo da memória.

Esses velhos clichês teriam pedido para ser meditado com um cuidado religioso, para não falsear o instrumento delicado que os tinha registrado.

Se se tivesse podido se servir, aqui, do método do Sr. De Rochas, ter-se-ia começado por solicitar a colaboração de Leopoldo, único mestre dos órgãos, ter-se-ia levado pela persuasão, fazendo-lhe valer imenso interesse da experiência, a se

associar. Depois, o médium, uma vez entrançada, no lugar de fazer um salto difícil em direção a um tempo muito recuado, teria sido levado, pouco a pouco, a remontar o curso de sua vida presente, seria voltar ao seio de sua mãe e o interesse tivesse sido de saber sobre si, no Além, o estado de espírito, teria encontrado os mesmos traços de suas vidas anteriores.

No lugar disso o que se faz? — Alegramo-nos com a Srta. Smith. — Ao sair de uma sessão, onde acabava de encarnar a princesa hinduísta, ou outra coisa, lhe é sugerido bruscamente o retorno ao papel de Maria-Antonieta; para que fazer? — Para fazer descer a rainha à sala de jantar, onde eu vejo que despejar copos cheios de vida que ela esvazia ininterruptamente, sem pestanejar, enquanto que, no estado normal, a Srta. Smith é a sobriedade em pessoa. Maria-Antonieta toma café, o que a faz fumar...etc. Como nós eis que longe de procedimentos que conviriam empregar ao exame de um mistério. É por isso verdade, como o autor o confessa, que o sujeito não provocava nele senão uma doce hilaridade...? Infelizmente...!

A verdade é que, para o sábio professor, não havia mistério, ele acreditava sinceramente em sua teoria do neoplasma patológico e em experiências conduzidas dessa forma não podiam se levantar contra sua teoria.

Assim não se observou nenhuma ordem na produção dos fenômenos; e isso não é por uma série de regressões, mas bruscamente que a Srta. Smith entra em um ciclo de existência muito mais antigo, ligando-se a uma encarnação que teria tido lugar na Índia.

A Srta. Smith, diz o professor Flournoy, é verdadeiramente muito notável em seus sonambulismos hinduístas... pergunta-se com estupefação de onde vem essa moça das margens do Léman, sem educação artística, nem conhecimento especial sobre o Oriente, uma perfeição de interpretação à qual a melhor atriz não atingiria sem bagagem senão ao preço de estudos prolongados, ou de uma estadia nas bordas do Ganges (*Das Índias*, pág. 272).

O que quer que seja, eis aqui os fatos:

- Helena, em estado de sonambulismo, interpreta o papel de uma princesa Simandini, filha de um xeique árabe e mulher de um príncipe indiano Sivrouka Nayaca.
- Esse príncipe residia em Kanara e construiu aí, em 1401, a fortaleza de Tchandraghiri. Simandini em sua morte, foi queimada viva sobre a sua pira.

Entre as pessoas presentes, nenhuma conhecia esses nomes próprios quando eles foram citados; a história da Índia é obscura, a liberdade de invenção era

completada para o médium. Entretanto ele achou que Kanara estava situado na província de Malabar, mas não na de Tchandraghiri, ou de preferência Flournoy descobriu três, mas eles não respondiam, nem como situação, nem como data ou tema do médium. Quanto aos outros nomes, primeiro não encontráveis, os sábios e historiadores consultados desistiram de encontrar a pista. Foi o Sr. Flournoy mesmo que, um belo dia, debruçou-se sobre uma velha história da Índia em que se achava a seguinte passagem: "O Kanara e as províncias limítrofes do lado de Délhi podem ser consideradas como a Geórgia do Hindustão; é aí, dizem que se encontra as mais belas mulheres, também os naturais se mostram muito invejosos; eles as deixam serem pouco vistas pelos estrangeiros. Tchandragari, cujo nome significa montanha da lua, é uma vasta fortaleza construída em 1401 pelo rajá Sivrouka Nayaca. Esse príncipe assim como seus sucessores eram da seita dos Djains" (de Marlès, *História geral da Índia antiga*. Paris, 1828, t. I, pág. 268-269).

Para o Sr. Flournoy esse documento sucumbe sob pretexto de que a garantia de Marlès, como historiador, não é de primeira ordem. Se a obra tivesse sido boa, ela tivesse sido mais divulgada, ela teria podido verossimilmente ser a fonte de um romance imaginado pela consciência subliminar da Srta. Smith. Mas esse, mau livro, muito raro aliás, foi sepultado no mais profundo esquecimento. Para o Sr. Flournoy, ele sucumbe tanto como documento histórico, isso quer dizer que é preciso pesquisar a fonte romance, quanto, mesmo no livro de Marlès; mas que é preciso se guardar de supô-lo um fundo de verdade. Entretanto não se tinha ainda achado nenhum Tchandragari: foi o Sr. Barth preencheu essa lacuna encontrando um forte de Tchandragari situado no Kanara do Sul, isto é, respondendo às condições de tempo e de lugar úteis à corroboração do romance.

Quanto à impossibilidade em que se encontrou a Srta. Smith de ter podido tomar conhecimento do texto de Marlès o Sr. Flournoy chama isso de uma objeção de ordem negativa. Não conhece senão dois exemplares dessa obra, todos os dois enterrados na poeira das bibliotecas, um em uma associação privada, da qual jamais nenhum membro ou amigo da família Smith tenha feito parte, o outro na Biblioteca pública onde seria preciso ter perdido o sentido para ir consultá-lo entre milhares de livros mais interessantes e mais modernos (*Das Índias...* pág. 283). Mas, diz o professor: "extravagância por extravagância, eu prefiro ainda a hipótese que não invoca senão probabilidades naturais àquelas que apela às causas ocultas".

Ah... Eis a grande palavra frouxa... Uma causa oculta! Mas eu posso assegurar o Sr. Flournoy, que a explicação imaginada por ele de uma verruga psíquica seria uma causa oculta ao mesmo título que a regressão. Vós vedes o oculto no fato que

um clichê antigo reaparece em um novo organismo; mas é a única explicação que a ciência oficial quisesse nos dar concernente a certos fenômenos de ordem puramente biológica. Se vós aceitais que atitudes psíquicas se manifestam em nós, em razão de aquisições ancestrais, eu vejo muitos obstáculos do que as lembranças latentes tenham a mesma origem.

Helena nega com indomável energia, ter podido conhecer a obra de Marlès e nós sabemos quais recursos oferece o hipnotismo para descobrir a mentira. A Srta. Smith elaborando um sonho em estado sonambúlico, era fácil conhecer a fonte; isso não escapa ao professor que o declara muito francamente.

"Parece — diz ele — que o mais simples seria aproveitar o estado hipnótico das sessões para confessar a memória subconsciente de Helena e conduzir entregar seus segredos, mas minhas tentativas nesse sentido não deram resultado ainda".

Enfim, a explicação do Sr. Flournoy é o neoplasma, isto é, o fato de uma monstruosidade psíquica, de várias monstruosidades, nascidas espontaneamente, e cujas faculdades ultrapassam muito as da inteligência mãe que a gerou. Ele diz com efeito: "O que o trabalho consciente e refletido chegou a fazer, as faculdades subliminares podem executá-lo em um grau mais alto de perfeição ainda nos sujeitos a disposições automáticas" (*Das Índias*, pág. 273)

Eis aí a verruga inteligente.

Se o livro de Marlès fosse a fonte do romance, o médium teria feito outros empréstimos; a memória automática sendo impecável, teria escrito Tchandragari como em Marlès, elementos secundários, tais como a residência de Magalore, não são citados em Marlès. Mas o que o médium não pôde aí tirar é o conhecimento do sânscrito. Helena, com efeito, fala um sânscrito imperfeito mas conservando um extraordinário comprimido de verdade.

O Sr. Flournoy atira-se a essa imperfeição; mas perguntar como uma memória sonambúlica, tendo transposto o passo da morte, subsiste sem alteração, é talvez excessivo. Com tais exigências fracassaria a teoria darwiniana estendida até ao homem colocando Darwin, ou antes Huxley, ao desafio de nos expressar por meio de mímica suas lembranças do antropopiteco. O que pode restar no subconsciente do médium não pode ser senão uma ruína, um vestígio longínquo. A linguagem sânscrito de Helena não é senão discursos confusos e isso deve ser assim.

Parece aliás que isso sejam textos recolhidos da audição que se tenha submetido a orientalistas, e eu penso no que escreveria, sob o ditado de um Inglês, uma pessoa ignorante da língua. Enfim, passemos malgrado tudo há palavras autênticas, às vezes Helena escreve e Leopoldo traduz uma frase embora, diz ele, ele

ignora o sânscrito, mas ele decifra o pensamento de Helena que, no estado de transe, na intuição. Um Orientalista, o Sr. De Saussure, foi pedido para examinar os testes assim interpretados, e ele controlou alguns fragmentos tendo o sentido indicado por Leopoldo. Há barbarismos, mas algumas palavras são reconhecidas como irreprocháveis.

Enfim, são fragmentos de sânscrito entre os quais palavras inteligentes conservam quando mesmo seu caractere. Assim os a abundam porque a proporção de a, no sânscrito, com relação a nossa língua, é de 4 a 1. A consoante f jamais aparece, embora tão frequente em francês, porque ela é estrangeira no sânscrito. Não é notável?

A princesa Hindu, se ela viveu, não tem mais hoje nenhuma espécie de individualidade, não há mais uma menina suíça que, por um fenômeno de regressão hipnótica, ache alguns fragmentos de clichês antigos entre os quais palavras, incompletamente apagadas da memória, reapareçam mecanicamente.

Mas se Helena não faz, de certa língua, uma reconstituição límpida, os elementos pelo menos são corretos. É um edifício em ruínas do qual subsiste alguns tijolos ou fragmentos de escultura, os quais não mentem de modo algum no estilo de sua época.

No dia 6 de março de 1885, nosso médium acolheu o professor para uma saudação Hinduísta: Atieyâ ganapatinâmâ, isso saúda ao nome do deus na cabeça do elefante que, no panteão Hindu, simboliza a ciência e a sensatez é um acolhimento inteligente, se dirigindo particularmente ao professor e ao sábio, mas o Sr. Flournoy é impiedoso: "Nenhuma conjectura, diz ele, é trivial, ou burro, quando se trata de fenômenos que são essencialmente da ordem do sonho".¹⁷ E eis aqui a explicação: — Como se responde a um espirro: "Deus vos abençoe", o autor aproxima a palavra até da onomatopeia "Atiou", a qual, segundo ele, as crianças se servem para imitar o espirro.

Se eu já bem compreendi, isso queria dizer que a consciência sonambúlica de Helena antes de se exprimir por: "Deus vos abençoe" foi invadido pela ideia do espirro, essa associação de ideia teria conduzido a palavra ateyâ, ao acaso, o resto veio por si. Que exegese, grandes deuses, que exegese...!

Quanto aos outros fragmentos, o professor esperando a explicação de algum feliz acaso parecido com aquele que o fez descobrir o texto de Marlès que persiste em considerar como fonte inicial do sonho.

A mímica do personagem atinge uma intensidade de expressão espantosa,

¹⁷ Uma vez mais a afirmação precede aqui ao exame do fato.

mas esse é o caractere inerente a todo estado sonambúlico. Somente esses estados, sempre ignorados da consciência principal, são ordinariamente incapazes de produzir o que jamais entrou no sujeito.

Não podemos crer na formação subconsciente de uma linguagem que contém certos elementos de verdade, e cujo sono hipnótico se recusa a entregar o original. Tendo feito estudos linguísticos, a Srta. Smith, que é muito inteligente, não possui nenhum, ela sempre detestou o estudo de línguas e se mostrou rebelde ao alemão, que seu pai falava correntemente, e do qual lhe impôs lições durante três anos; se por isso essas famosas excrescências psíquicas não faziam senão se inchar de elementos trazidos desde a infância, seriam fragmentos de alemão que se manifestariam na glossolalia.

Mas não esqueçamos, o sujeito jamais foi estudado do ponto de vista da regressão, a hipótese preconcebida sempre foi a do neoplasma psíquico, é ela que serviu de pivô para os observadores. Também não ficaram em guarda para evitar a confusão; os estados hipnóides apresentam fases e graus e não tomaram sempre cuidado de colocar o médium no estado profundo necessário à reconstituição das imagens mais longínquas. Se fosse sugestionado o sonho Hindu no momento inoportuno, por exemplo quando a Srta. Smith estava em estado de sonambulismo superficial, ou quando ela acabava de manifestar criações oníricas, é evidente que os resultados teriam sido falseados. As vidas anteriores não vão ressuscitar elas mesmas para nos deitar abaixo sua evidência, é aos observadores de fazer o possível para descobri-los por meios sutis.

Eu disse, a propósito da Srta. Beauchamp, é uma grande temeridade ousar quebrar essa velha concepção filosófica da unidade do eu para admitir criações espontâneas que não teriam nenhum suporte. Auto-hipnotização, hipermnésia, não são senão palavras; cerebração inconsciente implica dois termos contraditórios; criações subliminares genéricas sem o concurso do eu... alucinações teológicas, isto é, ilusão tendendo a um fim real, camadas subconscientes... camadas infantis... neoplasmas... excrescências... verrugas psíquicas!... Frágeis hipóteses.

São tais crianças sem pai cujo poder ultrapassaria as faculdades humanas, não seria mais uma consciência mas quatro, cinco ou seis subconsciências que interpretariam uma farsa tão complexa, cada uma tendo sua maneira própria de ver, de escrever, de falar, de riscar os t, de pronunciar os u, sem jamais se confundir, sem omitir as formas arcaicas do século passado, sem esquecer a nacionalidade do figurante, nem seu sotaque, nem sua ortografia. Coisa incrível, esses seres factíveis escapariam à sugestão hipnótica, eles tomam o passo sobre o magnetizador e são os

que hipnotizam o sujeito, retificando, por meio de uma sugestão auditiva, o erro do sujeito quando ele interpretou mal uma sugestão visual. Uma inteligência humana é absolutamente incapaz de conduzir tantas imposturas.

Ao rol dessas personagens seria preciso colocar além dos muitos fenômenos de lucidez reconhecida, de intervenções úteis, de previsões exatas. Assim far-se-iam dos fenômenos duas partes, uma no domínio dos fatos controláveis, seria sincero e verídico, e seriam classificados na impostura subliminar os as mesmas influências desde que elas exercessem em um domínio incontrolável.

Tudo isso no partido tomado confessado de não crer nas manifestações, de não crer na ação do passado sobre nossa esfera psíquica, nem na ação de um magnetizador invisível sobre nosso sistema nervoso.

Antes de nos impor essa crença dos neoplasmas de gênio, seria bom mostrar algumas provas do eu cortado em pedaços, provar que Leopoldo é uma divisão de Helena e que esta, dividida a seu turno, produz novas personalidades que saíam umas das outras como os estojos de uma luneta. Como essas gerações espontâneas têm conhecimentos, por que elas inteligência para idiomas? A prova incumbida às novas hipóteses, não se traz mesmo uma justificativa dessa fisiologia da alma, que permite um seccionamento do qual cada parte seria superior ao todo.

O espiritualismo, pelo menos, por falta provas absolutas, traz uma hipótese explicativa. E essa explicação se torna simples e normal, desde o instante que admitimos as relações da alma com seu passado.

Capítulo V

O FATO OBSERVADO

Eu não disse que isso era possível.

Eu disse que isso é.

William Crookes

A ciência que não queria nada conhecer fora da matéria, negava a possibilidade de toda manifestação física sem contato, como se a visibilidade era a condição essencial da materialidade. São essas manifestações que se fingiu desprezar, que se recusa ainda de conhecer ou que não se consente admitir senão sua negada total importância.

Esses fatos são fatos e alguns absurdos que parecem, eles existem.

Desde 1854, o conde Agénor de Gasparin publicou uma grande obra em dois volumes sobre as mesas girantes que ele havia estudado do ponto de vista puramente científico. Seu objetivo tinha sido demonstrar que não havia aí senão uma manifestação puramente física ele teve a ingenuidade de acreditar que, porque sua demonstração estava bem estabelecida, ela ficaria incontestada. Infelizmente... seguiram-se outras demonstrações, de outros experimentadores que tiveram a mesma ingenuidade, isso durou sessenta anos assim.

Gasparin empilhava sobre sua mesa três cubas, das quais a última era enchida de pedras; a mesa, assim carregada se levantava do lado que ele pedia.

Alguns sábios, testemunhas da experiência, invocavam a teoria da pressão inconsciente (!!!); eles afirmavam então que, se se espalhasse farinha sobre a mesa e que nenhum traço de dedo aí deixasse seu vestígio após o levantamento, nenhuma objeção seria mais possível. Essa experiência foi tentada e repetida frequentemente com sucesso.

Um professor de física e astronomia da Universidade de Genebra, o Sr. Marc Thury, se esforçou a seu turno para lançar uma nova luz sobre os fatos de

levantamento sem contato. Ele operou de forma a obter o movimento nas condições em que a ação mecânica dos dedos tivesse sido incapaz de se produzir. Diante dele, uma criança levanta um piano de 200 quilos, e, como se explicava esse movimento pela ação dos joelhos, a criança repetiu o fenômeno colocando-se de joelhos sobre um tamborete e tocando o piano nessa posição.

As conclusões de Thury foram:

- 1º Que um fluido é produzido pelo cérebro e se libera ao longo dos nervos;
- 2º Que esse fluido pode transpor os limites do corpo humano;
- 3º Que ele obedece à vontade.

Thury escrevia a propósito:

A tarefa da Ciência é de prestar testemunho à verdade. Ela não pode fazê-lo se toma emprestado uma parte de seus dados à revelação, ou à tradição, pois há uma falta lógica admitida, mas que deve ser demonstrada, e o testemunho da Ciência se torna nulo.

Os fatos da ordem natural se reportam a duas categorias de forças, umas necessárias, as outras livres. À primeira categoria pertencem as forças gerais de gravidade, do calor, da luz, da eletricidade, e da força vegetativa. É possível que se descubram outras um dia, mas atualmente são as únicas que se conhecem. À segunda categoria de forças pertence somente a alma dos animais e a do homem: são bem forças, pois que são causas de movimentos e de fenômenos variados no mundo físico.

Assim os trabalhos desses dois experimentadores contêm já, em germe, a afirmação de alguma coisa material indeterminada, fluídica, em conexão com a alma-força agindo fora do corpo humano e obedecendo à vontade.

Mais tarde, para colocar o fato ao abrigo de toda contestação, se construíram aparelhos registradores; Robert Hare, químico da Universidade de Harvard, foi o primeiro que entrou nessa via.

Em 1869, a Sociedade Dialética de Londres decidiu por uma enquete e constituiu um comitê com cinquenta sessões, ao curso das quais ela registrou muitos testemunhos sérios dos quais alguns mesmos emanavam de altas autoridades.

O subcomitê nº. 1 escrevia:¹⁸

Vosso comitê evitou o emprego de médiuns profissionais ou assalariados: a única mediunidade era a de seus membros, todos ocupando uma boa posição social, sendo de uma rigorosa integridade...

¹⁸ *Relatório sobre o Espiritismo*, traduzido pelo Dr. O. Dussart. Edite. Leymarie, 1900, p. 19.

Vosso comitê limitou seu relatório *aos fatos* observados por seus membros reunidos; esses fatos *eram perceptíveis pelos sentidos e possuindo uma realidade suscetível de provas indiscutíveis*.¹⁹

Os quatro quintos dos membros de nosso subcomitê estavam no início das experiências, absolutamente céticos ao sujeito da realidade dos fenômenos assinalados. Eles estavam convencidos de que os fenômenos eram o resultado seja da *impostura*, ou da *ilusão*, seja da *ação muscular inconsciente*. Não foi senão diante da evidência indiscutível, nas condições que excluía toda possibilidade de admitir nenhuma dessas soluções, e após os ensaios e provas por vezes repetidas, que os mais céticos foram conduzidos, pouco a pouco, e como malgrado eles, à convicção que os fenômenos observados ao curso de sua longa enquete eram de fato incontestáveis...

Eles se produziram tão frequentemente, em tantas e diversas condições, foram cercados de tantas precauções contra o erro ou a ilusão e deram resultados tão invariáveis, que os membros de vosso subcomitê que acompanharam as experiências, embora fossem iniciantes para a maior parte por um ceticismo absoluto, permaneceram plenamente convictos *que existe uma força capaz de mover corpos pesados sem contato material e que essa força depende, de uma maneira ainda desconhecida, da presença de seres humanos*.

Nós chegamos aqui a uma certa conclusão. Cada vez que homens de boa fé estudaram seriamente, eles chegaram a um veredito semelhante. Entretanto será sempre impossível vencer a ideia já preconcebida, os que tinham pretendido aceitar essa arbitragem o recusaram vendo quanto era contrário à sua expectativa; eles afirmaram que um veredito dessa natureza teria necessidade de ser confirmado por uma autoridade decisiva.

Isso foi a causa e a origem das pesquisas feitas por Sir William Crookes. Desta vez, foi a debandada completa dos negadores. Estes tinham declarado de antemão que eles aceitariam as conclusões de William Crookes quaisquer que elas fossem. Mas eles continuaram discutindo dando provas de ignorância e de má fé. De toda evidência, escrita nesse assunto Camille Flammarion, tinha-se aprovado a ingerência do engenhoso químico nas pesquisas ocultas e heréticas, que com a ideia que ele demonstraria a falsidade desses prodígios.

Em 1888, apareceu um médium italiano, Eusapia Paladino, cuja vida foi consagrada, quase inteiramente, à experimentação científica. Todos os sábios da Europa a examinaram alternadamente, todos constataram a realidade dos fatos,

¹⁹ Sublinhado no relatório do comitê.

mas essa vez apoiando-se em uma multidão de provas, obtidas por meio de aparelhos registradores e de provas fotográficas; temos assim provas permanentes e visíveis de todos, da levitação da mesa ou do levantamento de objetos, presos no momento de seu levantamento e atestando que não havia, nesse momento, nenhum contato.

Em 1896, o coronel De Rochas escreveu seu belo livro sobre a exteriorização da motricidade, monumento indescritível que estabelece a prova definitiva e dá o histórico dos diferentes controles exercidos sobre Eusapia até por volta do ano de 1896.

Em 1898, o Sr. Guillaume de Fontenay escrevia um livro sobre o mesmo assunto relatando somente as sessões às quais ele tinha assistido com a família Blech e o Sr. C. Flammarion.²⁰

O Sr. C. Flammarion organizou ele mesmo, em 1898, em seu salão da avenida do Observatório, uma série de sessões às quais assistiam, entre outros, o Sr. Arthur Lévy, Victorien Sardou, Gustave Le Bon, o Sr. e Sra. Bisson. A cada sessão, Eusapia era desvestida e revestida diante de duas senhoras encarregadas de constatar que ela não escondia nenhum truque sob suas vestimentas. Eu não falarei de modo algum dos fatos maravilhosos que foram observados, não anexando atualmente senão o único fato do movimento sem contato; é sobre isto que nós mantemos a confissão do sábio astrônomo que por causa dos relatórios das sessões, escreveu essas linhas: "A levitação da mesa, por exemplo, seu desprendimento completo do solo, sob a ação de uma força desconhecida, contrária à gravidade, é um fato que não pode razoavelmente mais ser contestado". Eis aqui por isso que é adquirido, as levitações da mesa sem contato, são daqui em diante fora de dúvida e devem ser afirmados, sem reserva. Isso foi constatado, não uma vez, mas cem vezes, não por alguns, mas por um grande número.

Vamos relembrar as principais testemunhas reproduzindo textualmente alguns extratos de suas afirmações.

William Crookes - Os exemplos em que corpos pesados tais como mesas, cadeiras, canapés, etc... foram colocados em movimento sem contato do médium são muito numerosos. Eu indicarei brevemente alguns mais impressionantes. Minha própria mesa em parte, descreveu um círculo, meus pés não repousando sobre o assoalho. Sob os olhos de todos os assistentes, uma cadeira veio lentamente de um canto distante do cômodo e todas as pessoas o constataram; em uma outra

²⁰ A propósito de Eusapia Paladino, por Guillaume de Fontenay, Paris, 1898.

circunstância, uma poltrona veio até o lugar onde nós estávamos sentados, e sobre minha pergunta, ela retornou, lentamente, à distância por volta de três pés. Durante três noites consecutivas, uma pequena mesa se moveu através do cômodo em condições que eu tinha expressadamente preparado antecipadamente, a fim de responder a toda objeção que se poderia levantar contra esse fato.

Em cinco ocasiões diferentes, uma pesada mesa de sala de jantar se levantou acima do assoalho em plena luz, enquanto eu mantinha as mãos e os pés do médium.

Sir Alfred Russel Wallace - Eu era um materialista tão perfeito e tão afetado, que podia nesse tempo achar lugar no meu pensamento para a concepção de uma existência espiritual, nem para nenhuma outra função que seja no universo, que a, matéria e a força. Os fatos de agora em diante são coisas persistentes. Minha curiosidade foi primeiro despertada por fenômenos mínimos mas inexplicáveis, constatados na família de um amigo, e meu desejo de saber e meu amor da verdade me excitaram a prosseguir na enquete. Os fatos tornaram-se cada vez mais manifestos, cada vez mais variados, cada vez mais longínquos de tudo que ensina a ciência moderna ou tudo o que discutiu a filosofia contemporânea. Eles me venceram, eles me constrangeram a aceitá-los *como fatos*, muito tempo antes que eu pudesse admitir a explicação espiritualista, não havia então, em meu sistema de pensamento, lugar onde isso pudesse se acomodar. Lentamente, isso foi tomando lugar.

O mesmo escreveu em suas notas: "essas experiências persuadiram que há um poder desconhecido que emana do corpo de certo número de pessoas colocadas em conexão por estar sentado em torno de uma mesa redonda, com todas suas mãos sobre esta".

César Lombroso - "Até aqui [1890], eu foi o adversário mais obstinado do espiritismo. A todos aqueles que me contrataram para examinar essa ordem de fenômenos eu respondia: Tudo que fale que um espírito que anima mesas poltronas é simplesmente ridículo, a manifestação de forças sem matéria é tudo tão inconcebível quanto à atividade funcional sem órgãos... Eu adquiri a convicção de que os fenômenos espíritas se explicam em grande parte, por forças inerentes ao médium, depois também, por uma parte, pela intervenção de seres supra terrestres que dispõem de forças cujas propriedades do radium podem dar uma ideia análoga. A solução desse problema será um dos acontecimentos mais prodigiosos do novo século".

Albert De Rochas - Recusar crer em afirmações tão numerosas, tão nítidas tão precisas, é tomar como impossível o estabelecimento de uma ciência física qualquer pois o estudante não será capaz de exigir ser a testemunha de todos os fatos que se ensina e cuja observação é com frequência difícil.

Julian Ochorowicz - A hipótese de um duplo fluídico (corpo astral) que, em certas

condições, se desliga do corpo do médium parece necessária para a explicação da maior parte dos fenômenos. De acordo com essa concepção os movimentos de objetos sem contato seriam produzidos pelos membros fluídicos do médium.

Enrico Morselli - Sim!... Esses fenômenos cuja aceção me parecia primeiro completamente fundado pela trapaça ou pela iniciativa ingenuidade, pela fraude ou pela ilusão dos sentidos, pela boa fé ou preconceito, são em grande número autênticos e certos; quanto ao pequeno número do sujeito eu não adquiri certeza, eles não invalidam nenhuma existência de uma categoria extraordinária ou paranormal de fatos, dependendo de organismos especiais dotados da faculdade de exteriorizar suas imagens e suas vontades.

Pio Foa - Agora que somos persuadidos de que os fenômenos são autênticos, nós provamos também o dever de dizê-lo publicamente e proclamar que os raros pioneiros desse ramo da biologia, destinado a tornar-se um dos mais importantes, vieram e observaram com exatidão.

E agora, sendo dadas essas conclusões dos únicos sábios modernos que tenham estudado seriamente os fatos, pode-se perguntar por que há incrédulos? Por que certas pessoas que crêem na telegrafia sem fio, o ar líquido e em outros fenômenos que elas nunca viram, dos quais elas não tiveram a menor prova, e que elas admitem somente porque ouviu-se falar recusam admitir um outro fenômeno que resistiu a sessenta anos de polêmicas, que foi submetido a todos os controles, a todos os exames científicos?

Bem, foi a questão colocada pelo sábio neurologista da Universidade de Genebra, o Sr. Morselli.

Após ter relembrado sua incredulidade, ele afirma novamente:

Hoje, munido de uma experiência talvez suficiente, após ter longamente e bastante refletido sobre o que eu vi e toquei com o dedo, após ter estudado sem descanso durante anos a questão da mediunidade, mudei de opinião.

Depois, sentindo a necessidade de explicar a inexplicável atitude dos incrédulos o sábio professor se exprime assim (*Anais de Ciências psíquicas*, abril de 1907): O público que lê relatórios das sessões não pode sempre fazer uma ideia exata e completa das condições nas quais são percebidos os fenômenos. Cada fenômeno demandaria informações tão detalhadas sobre todos os elementos do fato, sobre a posição e sobre os gestos do médium, sobre a corrente e sobre o estado psíquico dos assistentes, sobre o controle, o desenvolvimento, a duração e a intensidade das manifestações, sobre as circunstâncias preparatórias e as

consecutivas, etc... Etc... Que a descrição deveria estar absolutamente ilegível ou mais ou menos impossível de apanhar medianamente uma representação mental sintética...

Daí que o público desafia os relatórios dos céticos, a cada narrativa de fenômenos, renova as velhas e eternas questões provocadas pela dúvida. Tudo fornece uma razão para não se crer, quando se obstina em ser cético, ou a parecer: o controle das mãos? A situação dos pés? A atitude da cabeça? A distância do objeto, a atenção dos dois inspetores da direita e da esquerda? As convulsões do médium? As emoções dos assistentes? A intensidade de luz?... Ah! É sobretudo essa última objeção que para os que duvidam, e os ouve a cada momento voltar à ideia fixa da obscuridade, como se as sessões se produzissem, todas e sempre, na obscuridade e como se as pessoas que estudam esses fatos, e adquiriu-se mesmo daqui em diante nisso um longo hábito, sendo incapazes de se orientar com seus sentidos e seus centros perceptivos, somente por causa da falta de luz.

Tem-se respondido de uma maneira mais que satisfatória a essas objeções; os incrédulos não cessam de repetir como se fossem os únicos em posição de fazer um julgamento sobre o que eles jamais viram.

Enfim, sobre o fato que nos ocupa especialmente, eis o testemunho de Morselli:

Os levantamentos autônomos da mesa constituem o fenômeno que se prefere fotografar; temos visto, em plena luz, um levantamento do móvel até a altura de nossas cabeças enquanto estávamos em pé no meio de um cômodo. Assistimos também a verdadeiros minuetos da mesa, e em plena claridade do gás, tão logo o médium se fechava no gabinete.

Enfim, importa também citar a conclusão do Dr. Pio Foa, que é professor de anatomia da Universidade de Turim, conclusão que nos é infinitamente preciosa:

Deve-se concluir desses fatos que o sistema nervoso do médium em relação com vias que, do exterior, chegam até ele e que, partindo de seu sistema nervoso, vão ao exterior; vias sensitivas e motrizes, não anatômicas, diferentes das conhecidas e que se prolongam fora do organismo até uma certa distância, como raios de uma forma de energia que ainda não é conhecida.

É preciso insistir sobre os controles sábios, sobre os testemunhos renováveis sem cessar e sobre esses começos de teorias científicas, porque são coisas das quais os jornais jamais falam. Exploradores, ou pobres de espírito, são apresentados por esses jornais, como a essência e o fundamento do movimento espírita, enquanto

isso não tem nada de comum com ele; de sorte que o público ignora sempre a base séria do movimento que está em fase de crescer, e mesmo, não é raro ouvir dizer: "Mais pois que os jornais nos mostram que tudo não é senão fraude e charlatanismo, por que não encarregam os sábios de elucidar a questão? Seria preciso terminar".

Mas quando em 1854 o conde A. De Gasparin acumulava experiências sobre experiências, já estava por terminar.

Quando Robert Hare construía os primeiros aparelhos de controle para estabelecer a certeza sobre uma base objetiva, já está por terminar.

Quando, em 1869, a Sociedade Dialética de Londres instituiu uma comissão de exame, era ainda para terminar.

Quando, mais tarde ainda, se pretendeu que Sir William Crookes fosse a única autoridade capaz de se pronunciar sobre e que se declarou se submeter antecipadamente às experiências baseadas nos aparelhos registradores e que deveriam ser definitivas, estava ainda por terminar.

Quando o Sr. De Rochas juntou a todas essas provas uma nova base objetiva, publicando as fotografias de sua obra sobre *a Exteriorização da Motricidade*, estava ainda por terminar.

Quando César Lombroso, em 1891, aceitou um desafio célebre e consentiu em examinar Eusapia, era para terminar para sempre.

E quando jornalistas, que não conheciam a primeira palavra da questão, vieram nos dizer que nossas afirmações não repousavam sobre nenhuma base objetiva, e isso seria para eles ponto final. Que ele nos diga então o que é uma base objetiva, o que é uma prova e porque nossas provas não são provas.

Há alguns anos ainda, quis-se terminar. Havia em Paris, na rua Condé, um Instituto Geral Psicológico, cujos inícios não foram precisamente benevolentes para nossos fenômenos e cujo método, cheio de preconceito e dogmatismo, conseguiu mesmo desencorajar alguns físicos eminentes que demoraram a se retirar do seu seio. Foi essa sociedade que resolveu terminar.

Ela imaginou que os experimentadores precedentes tivessem sido vítimas de alucinações coletivas, que nossos sentidos pudesse ser nos enganar, seu testemunho não podia ter nenhum valor objetivo. O Instituto, então, declarou que se, ao testemunho dos sentidos, correspondessem os resultados devidamente registrados por aparelhos automáticos construídos para esse efeito, ter-se-ia afastado, essa vez, toda possibilidade de erro.

Assim foi feito ao curso de uma longa série de experiências, divididas em três anos, sob a direção de nomes bem conhecidos dos Srs. Curie, d'Arsonval, Bergson,

Branly, Ed. Perrier, Boutroux, etc... Essas experiências deviam dar resultados dos quais não seria mais permitido duvidar.

Bem entendido que nenhuma dúvida teria subsistido se os resultados tivessem sido negativos; mas como os resultados foram absolutamente positivos, a dúvida ainda persiste hoje, pois o presidente se contentou em que tinha sido impossível descobrir os meios do médium.

Enquanto todos os sentidos concorriam a dar testemunho do fenômeno e a controlar, os resultados eram registrados por aparelhos engenhosos e complicados, sob a direção de operadores que não participavam das sessões.

No mesmo tempo que o sujeito era controlado, os aparelhos automáticos, em uma peça vizinha, escreviam graficamente o número e a amplitude dos movimentos; eles indicavam os levantamentos da mesa, se ela se destacava do solo, ou se ela levantava somente um, dois, ou três dos seus pés.

Levitações completas dos quatro pés eram registradas durante trinta a sessenta segundos, ou mesmo mais, enquanto a atenção dos espectadores, assim aliviados do cuidado de observar o fenômeno, não estava ocupada senão controlar, como os pés, as mãos, outros os joelhos ou a cabeça do médium.

Mas vale dar alguns extratos do relatório do Instituto Geral. Extrato do: *Boletim do Instituto Geral Psicológico*, pág. 436.

Eusapia pede à condessa de Grammont, que está fora da corrente, para assentar-se sobre a mesa.

Ela se assenta sobre o pequeno lado da mesa oposto ao de Eusapia. Nessas condições os pés três e quatro (*os mais distantes do médium*) são levantados, e quando a mesa volta a cair um pé se quebra (Controladores: à esquerda, o Sr. Youriévitich; à direita, o Sr. Curie).

Levantamento completo da mesa. - as persianas das duas janelas da sala de experiência estão abertas. (Controladores: à esquerda, o Sr. Youriévitich; à direita, o Sr. d'Arsonval).

Eusapia pergunta se o Sr. Bergson (que está fora da corrente) vê seus dois joelhos.

O Sr. Bergson. — Muito bem.

A mesa se levanta nos quatro pés bruscamente.

O Sr. Youriévitich. — Eu estou seguro de ter soltado a mão.

O Sr. d'Arsonval. — Eu também.

Outro caso: Todo o mundo está de pé. Ao pedido de Eusapia, o Sr. Courtier lhe segura às duas pernas; a mesa é levantada nos quatro pés mais ou menos cinquenta centímetros do chão.

O Sr. Debierne. — Sua mão estava sobre a mesa.

O Sr. Courtier. — Eu segurava suas duas pernas.

A mesa é levantada uma segunda vez nas mesmas condições.

Citemos ainda um último exemplo em que as condições de evidência pareciam absolutas: pág. 472.

O *guérdon* [mesinha redonda de um único pé] (colocado à esquerda de Eusapia a cinquenta centímetros de sua cadeira) é completamente levantado enquanto os pés de Eusapia são amarrados aos pés de sua cadeira por cordões e os pulsos estão presos aos pulsos dos controladores.

Chegando na sua ascensão à altura dos ombros do Sr. Curie, virou os pés no ar, depois colocou o tampo contra o tampo da mesa. O movimento não foi rápido, mas atentamente guiado. Controladores: à esquerda, o Sr. Curie; à direita, o Sr. Youriévitich. Nem o Sr. Curie, nem o Sr. Youriévitich, nem o Sr. Courtier, sob os olhos dos quais o fato é produzido em uma luz suficiente para analisar as fases, não constataram nesse momento movimento suspeito do sujeito que tinha assim ficado como foi indicado pés e pulsos ligados.

Temos pensado que fatos tão simples, tão nítidos, observados em plena luz, submetidos a um controle absoluto, e confirmados sem restrições por autoridades sábias, não podiam ser negados por pessoas com anemia cerebral. É também o julgamento do Dr. Flournoy, eminente psicólogo, ainda hostil a nossas teorias, mas sábio consciencioso, ele se inclina diante dos fatos e conclui: "O relatório do Instituto Geral Psicológico é esmagador... Eu penso que esse relatório constitui um testemunho esmagador e decisivo para tanto que pode ter aí alguma coisa de decisivo na ciência".

E o leitor concluirá o mesmo, nós o esperamos.

Capítulo VI

OS AGENTES MOTORES

*Parece certo que nos casos
como os que eu cito,
temos a prova de um pensamento,
de uma inteligência na obra em nós mesmos,
e distintas de nossa própria personalidade*

Sir John Hersechell

Após ter estabelecido a materialidade do fato de movimento sem contato, baseado em testemunhos irrecusáveis examinemos agora as consequências.

Primeiro saímos do período das contestações vãs; abordamos o estudo dos fenômenos e fizemos a análise.

Desde que apareceram as sucessivas edições desse livro, surgiu um fato novo de um alcance colossal. Será preciso talvez ainda cinquenta anos para fazê-lo admitir mas, desde o presente, os homens sem preconceito podem adquirir a certeza.

Um professor do colégio de Belfast, o Sr. Crawford, encontrou, junto de um médium muito poderoso, o meio de objetivar o agente, o motor invisível, e analisar o processo do fenômeno. Essa análise confirma plenamente o que escrevíamos desde a primeira edição: Os corpos pesados são movidos pela substância exteriorizada. Isto podia aliás se deduzir das experiências anteriores feitas por Crookes, De Rochas, Ochorowicz.

Os fenômenos são causados por projeções flexíveis semelhantes a raios saindo do corpo do médium. Esses raios são os instrumentos motores das levitações, movimentos de mesa sobre o solo, golpes de batidas, toques ou toda outra modalidade do fenômeno.

Crawford observou *varas de força*; é uma substância palpável, filamentosa

formando alavanca e obedecendo direções inteligentes; substância tornada visível por meio de pós coloridos. Mediu-se a força que é capaz de se manifestar, pesou-se seus efeitos em uma balança e fotografou-se.

O número de outubro de 1920 do *Pacheco Research Quarterly* publicou oito dessas provas. Um relatório foi feito, em público, na Sorbonne na sala do laboratório do Sr. d'Arsonval, e as conclusões que se impõem são que estamos em presença de uma substância idêntica às constatadas pelo Sr. Richet nas sessões de materializações e que o trabalho da Sra. Bisson foi muito bem colocado em evidência, após anos de lutas e uma louvável perseverança.

No levantamento de mesa, a visibilidade da substância é menor do que para as materializações, mas a impressão é a mesma ao tocar. Sua mobilidade e sua plasticidade são semelhantes.

O professor Crawford declara que as coisas se passam realmente como se entidades invisíveis participassem ativamente das experiências, levanta a mesa ao comando, e obedecendo a suas diretivas, ou lhe sugerindo modalidades experimentais.

O fato capital, a nova e colossal revelação que o fato traz em si, é que o organismo não é mais senão que um agente de transmissão do dínamo-psi-quismo que se manifesta em todo ser vivo. A velha fisiologia está morta; é o pensamento que é matriz dos órgãos e todos os fenômenos do espiritismo encontra aqui sua coesão e sua unidade, na concepção tão simples de um ideodinamismo.

Recorreu-se, já, à hipótese da ideoplastia, ela responde bem aos fatos mas, atrás da plasticidade, se esconde o dinamismo do pensamento; mistério profundo sem dúvida, mas constatação experimental que é, para o materialista, um golpe mortal. Por toda parte em que há uma substância orgânica há um agente motor, uma ideia. É uma ideia inferior que move uma mesa, mas um pensamento superior pode exercer sua sugestão sobre a vida aqui embaixo.

Crawford, tendo observado que os operadores invisíveis não compreendiam sempre o lado científico das experiências, estes, interrogados, deram a entender que eles eram senão operários manipuladores de força sem compreender a essência; eles eram comandados por entidades diretoras que não podiam operar por elas, mesmas. Por isso: Consciência abaixo, consciência acima, tal é a explicação de todas as obscuridades do espiritismo e a resposta a todas as críticas, a todas as acusações de incoerência. Mas dinamismo do pensamento agindo em diferentes graus de consciência, e se manifestando por toda parte, eis aí a força motriz do universo.

Maravilhosa unidade das leis! A matéria que vai tomar as formas que o

pensamento lhe impõe e a ação do homem não é mais limitada à periferia orgânica, ele exerce uma sugestão e é sugestionado.

O pensamento puro irradia através dos órgãos e lhe dita os movimentos; e, pela telepatia, ela irradia até nos órgãos estranhos. Sem contato, uma criança pode mover uma mesa, um pensamento pode levantar um povo. Pode-se escrever pela mão de um ser com quem se acha em relação telepática, e a simpatia que existe entre os seres decuplica seu poder anímico afastando obstáculos criados pelo espaço. As imagens se transmitem a distâncias condenáveis, as sensações são percebidas e todos os gêneros de mediunidade se tornam explicáveis.

O fato revelador é que, cada vez que temos podido remontar à fonte de uma mensagem automática, nós achamos a origem no pensamento de uma pessoa viva; e, diante de uma expressão nitidamente formulada eu não vejo razão para supor uma ação semelhante emanando da pessoa invisível, quando a outra fonte é inadmissível.

Quando um médium toma a pena e que ele indica com muita precisão o meio de encontrar um objeto perdido, logo se fez escrever: Criptomnésia.... Mas o médium é praticamente estranho às pessoas que o consultam sobre o objeto perdido, e se o consulente, ele, mesmo, não perdeu esse objeto, não pode ser questão de Criptomnésia. É preciso que esse conhecimento exista em alguma parte em outro local que na memória, e que uma inteligência qualquer formule a frase que não pode acionar o mecanismo motor senão por uma ação pensada; é preciso uma inteligência, estranha ao médium e ao consulente, para conhecer o que nenhum deles poderá saber.

Eu creio, melhor ainda, na intervenção de uma inteligência oculta, que o centro motor é incapaz de produzir outra coisa senão movimento. Não é mais fácil, não mais, explicar a escrita em espelho, ao contrário, a intervenção de letras e de sílabas... etc. Esses jogos são difíceis e necessitariam de uma atenção sustentada, não são certamente nascidas no pensamento dos assistentes, eles são o reflexo automático de alguma coisa que se passa no Além.

Às vezes a inteligência versifica e exige que se lhe responda em verso. Estão aí índices que não tem nada a ver com inteligências ganglionárias.

Criptomnésia... criptomnésia!... Acreditamos, nós, que uma cerebração consciente é necessária a uma redação coerente. Se essas coisas refletem a mentalidade dos operadores, é que há em alguma parte uma inteligência que dá a forma e a expressão a seu próprio pensamento que ela reflete.

Podeis chamar isso de o inconsciente, são belo e bem consciências ativas,

capazes como nós de influenciar um organismo, e conhecendo nossa língua, nossa filosofia, nossas ciências, e que são conscientes dos efeitos que elas têm para produzir. Eu ficaria curioso de encontrar um contraditor capaz de sustentar que o inconsciente age na inconsciência: eles não são raros, entretanto, os ingênuos que acreditam ainda que os fenômenos psíquicos recebam um esclarecimento qualquer da teoria do inconsciente.

É tempo de denunciar essa burrice. O inconsciente é a vida do coração e do ventre, é minha digestão. O inconsciente é ainda o mecanismo de uma coisa tão bem aprendida que não tem necessidade de direção consciente, o ciclista mantém seu equilíbrio inconscientemente. É por isso, tudo mais, a memória tanto que ela funciona sem atrair a atenção do sujeito. Eis aí o que é que a consciência ativa, e eu desafio que me assinale uma outra.

A escrita automática é uma ação motriz exercida por cima da cabeça do sujeito, em seus órgãos inferiores. Essa ação revela uma inteligência autônoma e um conhecimento estranho ao sujeito.

Não esqueçamos não mais a mediunidade falante. O processo é sempre o mesmo, isto é, que uma força passando por cima da vontade do sujeito constrange seus órgãos e sempre, sempre... essa força dá prova de inteligência e conhecimento especial. Na espécie de conhecimento especial será no falar uma língua desconhecida ao médium. A influência estranha parece aqui indispensável.

Às vezes grandes forças parecem ser agitadas. Assim, durante perseguições que se seguiram a revogação do Édito de Nantes, uma potência desconhecida invadiu toda uma região. No Dauphiné, nos Cévennes, todas criancinhas que jamais tinham articulado uma sílaba, nas regiões onde se falava antes patoá, preferiam em excelente francês os discursos mais prodigiosos que levantavam a coragem dos perseguidos. Os filhos de católicos, inspirados pela mesma força, falavam no mesmo sentido que os dos protestantes, isto é, contra a própria Igreja. O fanatismo não explica melhor senão o inconsciente como esse caso especial.

Isso que é alcançado por essa influência não tem nenhuma ideia de palavras articuladas, que quando elas saíram de sua goela. Um caso que não é possível é o da filha do juiz Edmonds, a força mestra de seus órgãos lhe faz falar dez ou doze línguas, talvez mais.

E não são somente as faculdades motrizes que caem sob a dominação de um poder estranho, são ainda as faculdades sensitivas.

Observai bem essa diferença: agora mesmo passava-se por cima da vontade do sujeito para fazer uso de seus órgãos, agora vai-se apagar diante dele, as

realidades existentes para penetrar mais facilmente em sua sensibilidade. É o mundo real que desaparece tudo para ter lugar uma visão simbólica, é a anestesia imposta aos órgãos exteriores, antes que se mostra a imagem, sabendo que aparecia a visão cujo objetivo parece incontestável e a utilidade imediata.

É assim que uma senhora vê a imagem de sua mãe estendida sobre o piso e, sem discutir sua visão, ela vai procurar o médico antes de entrar e salvar a doente indo direto ao lugar do acidente.

De outras vezes é o sentido auditivo que é afetado. O Dr. Joseph Smith, sono em seu gabinete, ouve essas palavras: "Envie um pão à casa de James Gandy". O doutor ignorava o endereço, ele hesitava. "Envie um pão à casa de James Gandy", repete fortemente a mesma voz; e por três vezes, ele ouviu a mesma injunção. Em casa o padeiro um menino se achava à porta da loja que se encarrega de levar o pão ao endereço ignorado pelo doutor: aí, as crianças choravam de fome, diante de sua mãe em preces pedindo a Deus de lhe enviar alguma coisa.²¹

Oh... Eu sei a explicação que se lhe dá: — O estado emocional da mãe foi se abater sobre a percepção do bom doutor. — Tudo isso não explica o fenômeno auditivo na forma em que ele foi percebido; aí, houve o que se chama uma ação em espelho, uma inteligência que acolhe a prece dessa mãe e produz a alucinação sensorial criando a fórmula que se adapta às circunstâncias. Há muitos casos, de meu conhecimento, em que pessoas particularmente unidas perceberam estados emocionais à distância, é então o laço psíquico que estabelecia uma comunicação direta; mas, naqueles casos, o sensitivo ouvia mesmo as palavras que tinham sido pronunciadas, ou pensadas bem longe dele. Aqui é outra coisa, o doutor não ouviu. - Meu Deus me envie pão... Ele não ouviu: — Eu tenho, mamãe, nem nenhuma outra palavra de circunstância; mas ele recebe um aviso reiterado. O estado emocional que o tocou não foi de um ser que implora, foi de um ser que ordena. Eu não vejo que processo telepático poderia assim transportar os efeitos, não vejo outra coisa senão uma inteligência consciente e refletida. A telepatia não é senão mais uma fonte que se possa invocar quando o fenômeno só interessa a uma única pessoa.

Assim, uma senhora no banho recebe o aviso de abrir o ferrolho de sua porta, estupefação... resistência, e a ordem é reiterada até que a senhora tenha destrancado sua porta. A faxineira a levanta um pouco mais tarde do fundo de sua banheira, desmaiada, certamente ela tivesse se afogado se porta não pudesse se abrir.

Não há explicação subconsciente que renda razão a essas coisas que podem

²¹ Caso 287 Fantasmas dos Vivos.

se apresentar ainda sob outras formas. Por exemplo uma senhora idosa que, em um corredor obscuro, ia se precipitar no buraco escancarado de um elevador cujo carro tinha descido. Um fantasma lhe barrou o caminho. Alucinação? — Sim, sem dúvida, mas alucinação inteligente e provocada de propósito por um espírito tutelar. Toda outra interpretação se torna totalmente complicada.

Eu acabo de citar dois exemplos de aviso, salvadores, eis aqui um outro que parece do mesmo tipo embora seja puramente fisiológico. Myers nos cita o exemplo como explicação das ilusões em que caem os espíritas, mas essa aproximação é injustificada.

Uma senhora diante de sua lareira mantém, em uma mão, uma nota bancária que ela se apressa em colocar em sua gaveta, e na outra, uma carta que ela se apressa a lançar na lareira. Maquinalmente ela relê a carta, depois, quando ela terminou, não tendo mais a atenção despertada, ela faz o inverso, a carta ia para a gaveta e o bilhete bancário para o fogo. Mas os braços se endureceram e o movimento não pôde se executar, houve uma inibição geral. Talvez essa senhora acreditasse na intervenção de uma inteligência protetor, mas o processo fisiológica é entretanto bastante claro; há em cada órgão funcional uma consciência sensível; a consciência A, era encarregada — abraçar o bilhete bancário — a consciência B, igualmente expectante, estava pronta para a execução de uma outra ordem diferente — pôr a carta no fogo. A revelia da senhora cada centro motor só esperava que a ordem final para a execução; ou, no instante preciso, em que o gesto devia ser executado, a senhora envia uma sugestão em sentido contrário, isso produz uma contratura (muscular). A senhora se acha exatamente na posição do sargento instrutor que faz uma confusão no comando de seu pelotão, a ordem não é regulamentar, ninguém se mexe.

Eis aí uma explicação puramente fisiológica. Podemos aplicá-la ao fenômeno precedente? É evidente que o organismo inferior da outra senhora não tinha conhecimento da posição do elevador, depois a forma do fenômeno, devido ao subconsciente, tivesse sido a inibição geral, a senhora não teria podido avançar. No lugar disso o que vemos? Uma forma alucinatória e preservativa - isso é totalmente diferente; e nós sabemos que as alucinações, quando elas não são doentias, são provocadas pelos estados emocionais das pessoas que nos são simpáticas. Essa senhora pode por isso fortemente ter visto uma imagem criada pelo estado emocional de um amigo invisível. Mas é sobretudo quando o agente motor é uma pessoa viva que essa constatação se torna interessante. Perty conta o seguinte fato

que é relatado por Aksakof.²²

Sophie Swoboda impedida por uma festa de família, não pudera por seus deveres em dia. Ela deixou a sociedade por um instante e, quando estava só, achou-se mentalmente em frente de sua professora, pareceu que ela lhe falava, explicando seu esquecimento e expressando seus pesares, depois reunindo-se de volta à sociedade ela contou aos convivas o que acabava de lhe acontecer. No mesmo tempo a professora, que era médium escrevente, tomava do lápis e se comunicava com seu marido, a comunicação parou de repente e uma escrita, que ela reconheceu como de Sophie, a preveniu que o dever não estava pronto. Essa senhora levou a escrita original à sua aluna; era o mesmo texto e as mesmas expressões agradáveis que Sophie tinha empregado na conversação fictícia com a professora.

Por esse exemplo, e por muitos outros, temos o direito de rejeitar a conclusão dos que afirmam que a escrita automática emana sempre daquele que a produz. Os profundos segredos da subconsciência são certamente fontes possíveis, mas não se pode generalizar pois que a criptomnésia não tem mais nada a ver com casos dos quais conhecemos os agentes motores.

Aksakof cita ainda o exemplo de Thomas Everitt cuja mulher era médium e que, por seu intermédio, se correspondia com um de seus amigos. Florence Marryat conta do mesmo modo que ela escrevia de seu próprio punho uma comunicação vinda de uma pessoa adormecida, e W. Stead, o grande jornalista, se correspondia à distância com seu filho e algumas outras pessoas vivas.

Para terminar, observemos, que entre uma mensagem de mesa e uma mensagem escrita, não havia diferença essencial; são as mesmas forças que animam, seja os órgãos, seja a matéria bruta, e os efeitos não diferem senão em razão da imperfeição dos meios. Eis aqui um exemplo que nós descobrimos com a mesma evidência a fonte motriz de uma comunicação obtida pela mesa: é tirada do nono volume de *Procedimentos* da S. F. P. R., p. 48. Não podemos dar senão um resumo.

Caso da Srta. Kirby

A Srta. Kirby morava em Santa-Cruz, na Califórnia, em uma fazenda onde estava empregado um jovem marinheiro inglês de nome Thomas Travers, completamente iletrado.

Como se fazia uma experiência de mesa em família, esta soletrou o nome de Mary Howels, praticamente desconhecido dos assistentes, entretanto Mary Howels declarava ser a irmã de Thomas Travers, o que implicava contradição porque,

²² *Animismo e Espiritismo*, p. 478.

declarando também que ela não era casada, ela teria que trazer o nome de seu irmão. Este interrogado, terminou por declarar, com confusão, que ele tinha trocado de nome desde que ele tinha abandonado o serviço de um baleeiro, temendo ser levado pelo alistamento marítimo. Na realidade ele se nomeava bem Howels. Mary Howels soletrou então: "Eu tenho um filho, uma menina; ela tem sete anos e mora atualmente em Cat Street, em uma casa mal afamada, eu queria que meu irmão pudesse tirá-la de lá.

Thomas, iletrado como já dissemos, não conheceu o sentido da mensagem; hesitava-se em comunicar-lhe. Enfim lhe foi dito: — Vossa irmã afirma ter uma filhinha de sete anos. — Tom contou com seus dedos e respondeu: — É verdade sete anos hoje. — O resto da mensagem o emocionou vivamente e ele prometeu enviar 50 dólares no mês seguinte. Mas se lhe perguntou, há uma rua denominada Cat Street em Plymouth, na Inglaterra? Pois era o lugar de origem do falso Travers. — Sim, respondeu ele, e é no pior bairro da cidade.

Nos dias seguintes Mary Howels se manifestou de novo, anunciando que sua filha estava doente. — Mais tarde ela estava pior, enfim ela anunciou que sua filha ia morrer, depois ela confirmou o falecimento. — Bem! Foi-lhe, ela está agora convosco — Não, respondeu a mesa.

Coisa curiosa, os assistentes tinham acompanhado esse diálogo acreditando se entreter com o espírito de Mary Howels falecida, ou ela estava viva, esqueceu-se de lhe perguntar. Isso se tornava interessante. A Srta. Kirby julgou que era preciso escrever com circunspeção aos familiares de Thomas o que ela fez em nome desse último, pedindo notícias de todos e compreendendo a pequena. A resposta vem dizendo que todos iam bem, salvo a filha de Mary que estava morta.

As sessões tinham sido realizadas em Santa-Cruz, na Califórnia, Mary Howels estava em Plymouth, na Inglaterra. A hora de Santa-Cruz entre 7 e 9 horas (hora das sessões) corresponde ao meio da noite em Plymouth. O pensamento de Mary Howels se exteriorizava por isso durante seu sono e é a transmissão desse pensamento que provocava um movimento da mesa em Santa-Cruz.

A comissão da Sociedade Psíquica se correspondeu com esse sujeito com a Srta. Kirby e, com um objetivo de controle, ela se dirigiu ao Correio de Plymouth, para saber se a rua acima nomeada existia com efeito. Eis aqui a resposta:

Posto do Correio, Plymouth, 23 de janeiro
1888. Senhor,

Em resposta à vossa honrada correspondência de 21 do corrente, posso vos informar que, há poucos anos ainda, havia aqui uma rua denominada Catte Street, e

atualmente batizada Stilman Street. Com nossos melhores agradecimentos.

Pelo diretor: R. A. LEVERTON

Como se vê, às vezes é difícil explicar o fenômeno automático, é com frequência possível determinar os agentes. É preciso deixar à subconsciência o que pertence à subconsciência e ao espírito o que pertence ao espírito.

Isso estabelecido, devemos nos perguntar se a prova de uma vida do Além poderia nos ser dada, por uma via idêntica, no caso em que um ser desencarnado poderia exercer sobre nós uma ação telepática seguida dos mesmos efeitos.

Incontestavelmente essa prova nos foi dada, mas pode-se sempre escapar supondo que existe, no Além, seres diferentes de nós, mas se correspondendo conosco e conhecendo nossa língua, o que lhe permitiria desempenhar o papel de nossos amigos desencarnados, com um objetivo que é impossível de conceber. Ao leitor cabe julgar a verossimilhança dessa interpretação.

Eis aqui uma experiência feita, há alguns anos, pelo Dr. Ermacora, fundador da *Revista de Estudos Psíquicos*.

O doutor tinha um sujet, a senhora Manzini que tinha dado fenômenos de aparência espírita da melhor qualidade. Ele pediu à personalidade do Além, que se manifestava pela escrita automática sob o nome de Elvira, para lhe dar uma prova de sua realidade objetiva por uma ação direta que ela deveria exercer sobre uma menina de cinco anos. A consistiria, para Elvira, suscitar um sonho inteiramente imaginado pelo Dr. Ermacora, e que a criança poderia contar ao despertar.

Naturalmente, era preciso assegurar o completo isolamento da criança, uma órfã, que morava então com o médium, a Srta. Manzini, a qual tinha, além disso, sua mãe junto a ela.

A criança, mantida na ignorância da experiência que ia tentar, estava distante e, o mais frequente, já adormecida, quando o doutor ditava o programa do sonho.

Toda comunicação verbal era impossível pelas vedações que o doutor punha sobre as portas do cômodo em que dormia a senhorita Manzini, a outra pessoa ignorava o tema preparado; o doutor vinha ele mesmo quebrar os selos no dia seguinte de manhã e se interrogava a criança.

As experiências foram em número de 100. Como assunto do sonho, escolhia-se as cenas mais incompatíveis com os conhecimentos da criança... Ascensões em balões, tempestades, excursões de montanhas, etc.

Eis aqui alguns exemplos.²³

²³ Tirados do livro do Sr. Sage, *A Zona fronteira*, Leymarie, editor, p. 249.

Nº76. - *Sujet* do sonho. - A criança será um operário ferreiro, sem emprego, que irá pedir trabalho ao mestre-ferreiro, que mora em uma certa rua de Padone. Este, para pôr à prova a habilidade do operário, lhe dará uma ferradura para moldar. Enquanto Angeline-ferreiro o forjar, o ferro cairá pedaços e se agradecerá por isso.

De manhã, escreve o Dr. E... Eu encontro os selos intactos; o sonho se realizou nos menores detalhes; a criança não pode dizer o nome da rua, mas ela a desenha perfeitamente.

Eu assinalarei ainda o tema curioso que ocorreu.

Nº82 - A criança será uma formiga que arrastará uma migalha de pão. E essa outra.

Nº 98 - *Sujet* do sonho. - A criança será um francês, professor na Universidade de Tóquio. Um amigo lhe enviará de presente dez garrafas de Bordeaux solicitando analisar o vinho para saber se ele contém ferro; e será achado ferro.

Em seguida, eu peço à Srta. Marie para dar verbalmente três ou quatro vezes à criança, que já dormia em um outro cômodo, a sugestão de sonhar que ela brinca com uma bola vermelha.

Mesmo controle do nº 80. A criança conta como de costume seu sonho à Sra. Annette que me relata. No sonho ela era um velho senhor que ensinava a gente jovem falando uma outra língua. Um outro senhor lhe enviou de presente algumas garrafas de vinho, ela não sabe o número exato, mas acredita que havia 8 ou 9. Ela verterá nesse vinho, um pouco do conteúdo de um frasco e o vinho se tornará todo preto; ela acrescenta que, no vinho, havia ferro. A Sra. Annette que não compreende o sentido de suas palavras, lhe diz: — Mas se esse vinho continha ferro, o ferro teria quebrado as garrafas. Ao que a criança responde: — Não, não, o vinho tinha simplesmente um gosto de ferro. A reação química sonhada pela criança é conforme a realidade, o ferro produz realmente uma coloração muito escura. Ora, é preciso notar que nem a menina, nem a Srta. Manzini, têm a menor noção de química. Será por isso correto supor a intervenção de uma outra inteligência. Nenhum sonho de bola vermelha. Eu sei que existe uma teoria toda pronta para os casos dessa espécie, o do inconsciente: não é a vontade que age, mas somente a ideia. Nós também acreditamos assim, somente, se admitimos que a ideia possa agir mecanicamente, fora do conhecimento daquele que a emite, torna-se quase absurdo supor que ideias, no estado de repouso no inconsciente do agente, possam se manifestar sob forma de pensamento discursivo, ou por meio de imagens complexas, em uma ordem coerente. É porque a intervenção do Além tendo percebido a ideia, fazendo-a reviver em tempo oportuno, nos parece se adaptar muito melhor à forma do fenômeno.

Passemos a um outro fenômeno. A escrita dá informações exatas, ignoradas por todas as pessoas presentes, é preciso supor bem que há noutro local um motor atualmente agindo. Se é um falecido, ele pode agir em sua agonia tanto quanto após sua morte. Esses casos espontâneos não podem quase que jamais ser controlados, entretanto eis aqui um que oferece a vantagem de ter sido constatado por um eminente especialista.

Caso relatado pelo Dr. Liébault, rua de Bellevue, 4, Nancy:²⁴

4 de setembro de 1885.

Eu me apresso em escrever sobre o fato de comunicação de pensamento²⁵ do qual eu vos falei, quando vós me destes a honra de assistir a minhas sessões hipnóticas em Nancy. Esse fato se passou em uma família francesa da Nova-Orleães, e que tinha vindo passar alguns tempos em Nancy para resolver um negócio de interesse.

Um dia, era, eu creio, 7 de fevereiro, por volta de oito horas da manhã, no momento de se pôr à mesa para o desjejum, a Sra. B... sentiu necessidade, alguma coisa que a pressionava a escrever (era o que ela chamava de transe), e ela correu imediatamente para seu caderno grande, onde ela traçou febrilmente a lápis caracteres indecifráveis. Ela retrçou os mesmos caracteres nas páginas seguintes, e enfim a excitação de seu espírito se acalmando, pôde-se ler que uma pessoa chamada Marguerite lhe anunciava sua morte. Supôs-se logo que uma senhorita com esse nome que era sua amiga e morava, como professora, o mesmo pensionato de Coblenz, onde ela tinha exercido as mesmas funções, aí acabava de morrer. Toda a família G..., compreendida a Srta. B... Veio imediatamente à minha casa, e nós decidimos verificar no mesmo dia, se esse fato de morte tinha realmente acontecido. A Srta. B... escreveu a uma senhorita inglesa de suas amigas que exercia também as mesmas funções de professora no pensionato em questão; ela apresentou um motivo, tendo o cuidado de não revelar o motivo verdadeiramente. De correio para correio, nós recebemos uma resposta em inglês, da qual me foi copiada a parte essencial, resposta que eu recebi em uma carteira há apenas quinze dias, e extraviada de novo. Ela exprimia a admiração dessa senhorita inglesa pelo assunto da carta da Srta. B..., carta que ela não esperava tão cedo visto que o objetivo não lhe parecia bastante. Mas ao mesmo tempo a amiga inglesa se apressava em anunciar à nossa médium que sua amiga em comum Marguerite morreu no dia 7 de fevereiro, por volta das oito horas da manhã. Além disso, um pequeno quadrado de papel impresso estava inserido na carta; era um aviso de morte e convite. Inútil vos dizer que eu verificava o envelope da carta e que a carta não pareceu vir de Coblenz.

Eis aqui por isso um caso em que toda fraude tivesse sido impossível e diante da qual não resta mais senão duas hipóteses: ou o agente motor era mesmo a pessoa falecida, ou uma entidade do Além emitia o pensamento ativo, indispensável à transmissão da mensagem. Vamos fazer agora a primeira dessas duas hipóteses, relatando um outro caso onde a pessoa moribunda não pôde influenciar o *sujet* no momento de sua agonia.²⁶

"No dia 3 de janeiro, o vapor Alice, comandado pelo meu irmão Joseph, teve uma

²⁴ *Fantasmas dos Vivos*, Londres, 1886, p. 293.

²⁵ Observemos, de passagem, que não há comunicação de pensamento no fato automático.

²⁶ *Fantasmas dos Vivos*, t. I, p. 204, tradução em *Alucinações tela toas*, p. 117.

colisão com um outro vapor no Mississipi a montante de Nova-Orleães. Por causa do choque, o mastro do pavilhão ou flecha se abateu com uma grande violência, e vindo chocar-se com a cabeça de meu irmão, lhe fendeu o crânio. A morte de meu irmão foi instantânea. No mês de outubro de 1867, eu ia aos Estados Unidos. Durante a estada que fiz à casa de meu pai, em Camden, Nova Jersey, a morte trágica de meu irmão tornou-se naturalmente o assunto de nossa conversação. Minha mãe me contou então que ela tinha visto, no mesmo momento do acidente, meu irmão Joseph lhe aparecer. O fato foi confirmado por meu pai e por minhas quatro irmãs. A distância entre Camden, Nova Jersey e o local do acidente é em linha reta direta de mais de 1000 milhas, mas essa distância aumenta a quase o dobro pela rota do correio. Minha mãe falou da aparição a meu pai e a minhas irmãs na manhã do dia 4 de janeiro, e não foi senão no dia 16, isto é, treze dias mais tarde, que uma carta chegou, que confirmava os menores detalhes dessa 'visita' extraordinários. Importa dizer que meu irmão William e sua mulher que habitam no presente em Filadélfia, moravam então próximo do lugar do terrível acidente. Esses também me confirmaram os detalhes da impressão produzida sobre sua mãe."

Eis aqui a narração da Srta. Collyer:

No dia 3 de janeiro de 1856, eu não me senti bem e ia me deitar cedo. Alguns tempos após, eu não me senti à vontade em minha cama. Eu observava em torno do cômodo e, para minha admiração muito grande, eu vi Joseph em pé próximo da porta. Ele fixava em mim olhares muito grandes e muito tristes; sua cabeça estava envolvida por ele portava um gorro de dormir sujo, e uma vestimenta branca parecida com uma vestimenta litúrgica, igualmente suja. Estava praticamente desfigurado; eu fiquei agitado o resto da noite por causa dessa aparição, etc...

Em resposta a um pedido de esclarecimento o Dr. Collyer escreveu:

Como eu afirmei, minha mãe recebeu a impressão espiritual de meu irmão, no dia 3 de janeiro de 1856. Meu pai que é um homem de ciência, calculou a diferença de longitude entre Candem Nova Jersey e a Nova Orleães, e estabeleceu que a impressão espiritual se produziu no preciso momento da morte de meu irmão. Posso dizer que jamais acreditei que os fenômenos que se produzem quando o cérebro é excitado são fenômenos espirituais. Há quarenta anos que eu sou materialista e estou convicto que todos as ditas manifestações espirituais admitem uma explicação filosófica, baseada em leis e condições físicas. Eu não desejo formular teoria, mas de acordo com minha opinião, existia entre minha mãe e meu irmão, que era seu filho favorito, laços simpáticos de parentela. Quando os laços foram rompidos por sua morte, minha mãe estava nesse momento em um estado que devia favorecer a recepção do choque.²⁷

²⁷ A recepção do choque, do mesmo modo que o laço rompido, não podem ser, na boca de um materialista, senão metáforas. Que choque, com efeito, poderia produzir a substância medular a 1000 milhas de distância (seja 1852 km)? Quanto ao laço físico, se é real, impossível dizer se é material ou não. Nós não devemos aceitar que está

Na narrativa publicada pelo *Spiritual Magazine*, me esqueci de indicar que, antes do acidente, meu irmão Joseph se retirou para deitar-se, o barco estava atracado ao longo do aterro no momento em que ele foi atingido por um outro vapor que descia o Mississipi. Naturalmente meu irmão estava de pijama. Tão logo que foi chamado e se lhe disse que um vapor se achava muito perto de seu próprio barco, ele correu para a ponte. Esses detalhes me foram contados por meu irmão William que se achava nesse momento no mesmo lugar do acidente. Eu não posso explicar como a aparição trazia bandagens, pois não se pôde tocar meu irmão senão algum tempo depois da morte. A diferença de tempo entre Candem Nova Jersey e Nova Orleães é próximo de 15 graus, uma hora.

No dia 3 de janeiro à noite minha mãe se retirou cedo para dormir, por volta de 8 horas; o que daria como hora da morte de meu irmão, 7 horas (hora de Nova Orleães). É evidente que uma morte tão súbita tornaria impossível toda cerebração ativa. Aliás, a vítima não recebeu, no momento do acidente, nenhuma imagem visual; ela não pôde por isso transmitir. Somente, a pessoa falecida teria podido contemplar seus despojos e ter sido o agente motor dessa transmissão.

Mas nada prova que a imagem não foi transmitida por uma outra testemunha do acidente. Malgrado as afirmações do Dr. Collyer, que afirma que seu pai tinha estabelecido a coincidência calculando a diferença de longitudes; de fato, nada estava estabelecido, o relatório é mudo sobre a hora do acidente e sobre essa visão. De outra parte, é dito que o irmão da vítima estava nos lugares; é por isso provável que a bandagem da vítima e sua roupa da noite tivessem já tiradas de sua vista quando a mãe foi impressionada; por consequência é o irmão William que, nesse caso, serviu de espelho e é ele que deve ser o agente motor presumido.

Essa observação tem sua importância, porque se supõe muito frequentemente que essas espécies de visões, produzidas no momento do falecimento, são devidas a um estado de super excitação pré-agônica; é uma hipótese gratuita, e é interessante constatar numerosos casos onde essa hipótese deve ser excluída.

Quando se acha incontestavelmente em face de um caso de aparição *post-mortem*, e que o acidente não teve testemunhas, emite-se uma hipótese ainda mais ousada, a da telepatia atrasada.

Essa hipótese não responde aos fatos; é preciso, para explicar a telepatia, uma inteligência e uma força ativa. E depois as aparições *post-mortem* se complicam

provado; está provado que a força atua à distância, não está provado que a matéria a possui; se o espírito atua à distância, é que ele é uma força.

ordinariamente de avisos que são fora do conhecimento de todas pessoas vivas, como no caso seguinte.

Tomo V dos *Proceedings*, página 291 (de acordo com minhas notas).

A Sra. Brooks viajava na Europa e tinha escrito a seu filho, empregado em Nova Iorque e vivendo no Brooklin, para vir juntar-se a ela. Este respondeu fixando o momento de sua partida.

Mas no intervalo, ele caiu doente, e foi a mãe que teve de voltar para sua casa, chamada pela doença de seu filho. Entretanto ela o encontra já capaz de se levantar, e o médico não tinha nenhuma dúvida de seu perfeito restabelecimento.

O rapaz declarou então que um Sr. Hall, seu professor e amigo, morto há um pouco mais de cinco anos, lhe apareceu e o preveniu que ele morreria de uma doença do coração, na quarta-feira, dia 5 de dezembro às 3 horas.

O jovem Brooks jamais tinha tido o menor problema do coração e aqueles de seus amigos aos quais ele comunicou o aviso não levaram em conta. Seu médico não fez senão rir, afirmou que o coração estava em perfeito estado.

No dia 4 de dezembro, ele seguia um enterro com uma senhora em companhia da qual ele passou a noite. Ele a fez prometer que ela viria vê-lo no dia seguinte se ele lhe escrevesse. O médico, de seu lado, procurando distrair o doente por meios físicos, lhe aplicou no pescoço um remédio alergizante.

Na manhã da quarta-feira o jovem Brooks se levantou como de hábito, fez um desjejum confortável e, segundo todas as aparências, parecia destinado a uma longa vida; o médico o deixou sem a menor inquietação. O rapaz insistiu para que sua mãe não demorasse com ele, dizendo: — isso te mataria de me ver morrer. — A mãe, para não parecer leva-lo a sério, o deixou sem oposição, mas se propondo a voltar, às 2 horas, ele lanchou em família, se sentiu fraco, pediu para voltar para seu quarto, depois ele escreveu à jovem senhora que chegou ao fim de vinte minutos.

Ele morreu em presença de sua família, às 3 h 10. Seu médico e sua mãe que chegaram alguns instantes depois ficaram estupefatos de achar a premonição realizada.

O Sr. Gurney, que controlou esse caso, escreve: “Era um rapaz muito forte de caráter, um espírito excepcional, e um físico esplêndido”.

Nos estudos especiais, essa narração e muitas outras semelhantes figuram sempre no capítulo das premonições. Mas a questão que se põe é: como seria dada por uma aparição sem consciência e sem finalidade, uma aparição que não existiria senão em virtude de um pensamento precedentemente emitido e que atingiria o *sujet* sob forma de telepatia atrasada.

Pouco importa, com efeito, que a aparição tenha sido material, espiritual ou que ela resulte de uma simples visão mental, nós não procuraremos determinar sua natureza exterior, mas queremos saber se, no Além, reside uma entidade essencial,

representando a força ativa, sem a qual nenhum desses fenômenos se produziria.

O fato de determinar o dia e a hora da morte é um fato fora das faculdades humanas, e a autossugestão não pode explicar isso. Um fato preciso anunciado por uma pessoa determinada, mesmo supondo que esse agente não seja senão uma imagem percebida pelo subconsciente, necessita da intervenção de uma inteligência que criou a imagem como em um espelho. Que a imagem seja vista ou ouvida, que se expressa por uma visão, ou pela escrita automática, do momento em que contém uma informação exata, e desconhecida de toda pessoa presente, somos obrigados a concluir que uma inteligência estranha é a causa determinante desses fenômenos.

Eia ainda um fato tirado do *Personalidade Humana*, por Frédéric Myers, vol. II, p. 244.

Trata-se de uma senhora Elisa Mannors (nome emprestado); essa senhora, que o autor tinha conhecido viva, faleceu há um certo tempo, se manifestou, pela escrita, no dia seguinte da morte de seu tio, um certo Sr. F. Ela descreveu um incidente tendendo a provar que ela tinha estado realmente presente no leito de morte de seu tio.

O Sr. F. Myers, em sua obra, cita o relatório dos *Proceedings S.P.R.* vol. XII, p. 378. O aviso de falecimento se achava inserido em um jornal da manhã, de Boston, e ele tinha lido ao me deixar na sessão (da Sra. Piper). Nessa sessão a primeira mensagem nos veio, contra toda expectativa, da Sra. Elisa. Ela explicou, em termos claros e nítidos, que F. estava ali, perto dela, mas que não podia se expressar. Ela desejava contar como ela tinha assistido ao F. o atraindo para ela. Ela dizia que ela estava presente em seu leito de morte, lhe havia falado, e ela me repetiu o que tinha dito. Ela tinha se expressado de uma maneira inusitada e especificou que tinha sido ouvida e reconhecida por ele.

Tudo isso foi confirmado em detalhe, da única maneira possível então, por um amigo íntimo da Sra. Elisa, e de mim mesmo, e amigo igualmente do mais próximo parente vivo do Sr. F. Eu mostrei o relatório da sessão a meu amigo, e a um outro de seus parentes que se achava perto do leito de morte. Um ou dois dias depois, este declarou espontaneamente que, em sua agonia, o Sr. F. tinha visto Elisa, que esta tinha lhe falado e ele repetiu o que ela tinha dito.

A expressão que esse parente relatou a meu amigo era o que eu tinha recebido da Sra. Elisa durante o transe da Sra. Piper; e o que se tinha passado no leito do moribundo era naturalmente praticamente para mim.

Paro aqui as citações não tendo a intenção de provar, mas somente de mostrar como, eliminando pouco a pouco as hipóteses insuficientes, pode-se chegar

a se fazer uma certeza sobre as comunicações do Além.

O influxo espiritual, a influência telepática se fazendo obedecer automaticamente pelos órgãos, eis a interpretação normal das alucinações verídicas e dos automatismos. Em resumo, a experiência prova que os fenômenos psíquicos relevam de uma nova força, que se manifesta da consciência em todos os graus. Os agentes motores de uma mesa que se levanta sem contato podem ser, sucessivamente, consciências elementares, consciências de pessoas vivas, influências ambientes, ações de falecidos ou de entidades ocultas servindo inconscientemente de espelho a nossas faculdades psíquicas ainda mal estudadas.

A escrita automática emana igualmente da fisiologia inferior, influenciada por ambiências difíceis de determinar mas que, em certos casos, dão provas de inteligência e de conhecimento que ultrapassam o que está ao nosso alcance e vão, algumas vezes, até estabelecer com uma grande verossimilidade a identidade da pessoa falecida que pretende comunicar assim.

Os agentes motores podem atuar diretamente sobre o cérebro, indiretamente sobre os órgãos dos sentidos e, mecanicamente sobre os centros ganglionários motores e sensitivos.

O valor intelectual do fenômeno está em razão do grau de consciência do agente motor.

Capítulo VII

APARIÇÕES TELEPÁTICAS E FORMAS MATERIALIZADAS

*In aedem hora apparuerunt
digiti quase manus hominis scriilentis contra,
candelabrum in superficie parietis auloe
regioe: et rex aspiciebat articulos manus scribentis.*²⁸

Daniel, 5: 5

Após os fenômenos inferiores, mas muito instrutivos, que acabamos de expor, convém assinalar as aparições:

Eram são de duas sortes: 1º telepáticas; 2º resultam de uma presença real. A telepatia é suficiente para provocar uma imagem visual que equivale à realidade, isso será, para o vulgo, o equivalente a uma aparição, de outro lado, o fenômeno de animismo, que exterioriza uma porção da substância anímica, será falsamente qualificada de alucinação. Há por isso dois fenômenos bem diferentes. Ao lado da visão telepática, há materializações corporais.

Nós vimos que a *Sociedade para as Pesquisas Psíquicas* de Londres, tinha instituído sob um controle sério, provas experimentais destinadas a colocar fora de dúvida a transmissão de imagens criadas pelo pensamento. E, os sensitivos que percebe, e desenha exatamente a imagem de um pequeno animal, transmitido por um agente, pode ser considerado como tendo tido uma aparição de mais fraco grau.

É sob a mesma influência, de um agente distante, que uma mulher vê seu marido no momento em que ele tomba em um campo de batalha. Muitos fatos dessa

²⁸ Tradução do latim: *Na mesma hora apareceram uns dedos de mão de homem, e escreviam, defronte do castiçal, na caiadura da parede do palácio real; e o rei via a parte da mão que estava escrevendo.* — N. R.

ordem são conhecidos, e bem que eles não revelam senão testemunho, sua realidade não é duvidosa. Eis por isso uma aproximação a fazer entre a aparição e a transmissão experimental do pensamento.

Aliás, a aparição em si mesma pôde ser produzida experimentalmente. William Stainton Moses resolveu uma noite de aparecer a Z, que se achava a algumas milhas de distância. Ele conseguiu plenamente. Algumas semanas mais tarde, e repetiu a experiência com o mesmo sucesso (*Hall. Telepar*, p. 37).

O Sr. S. H. B. tendo resolvido, com toda a força de seu ser, aparecer em um quarto de dormir no segundo andar, onde dormia duas pessoas de seu conhecimento, a três milhas de lá, foi percebido em pé perto da cama de uma delas; esta despertou sua irmã que também viu.

Essas senhoras, as irmãs Vérité, estando completamente despertas, viram muito nitidamente a aparição em seu quarto. Vê-se, por esse exemplo, que uma aparição é produzida pela ação de uma vontade exterior, que ela não é sempre devida à ilusão de um cérebro excitado, e que estamos longe de histórias de outros mundos pelos quais se tenta ridicularizar as aparições.

Eis aqui um caso de aparição desejada por uma pessoa viva (*Hall. Telepar*, caso IX, p. 38...):

Eu vivia na Escócia, minha mãe e minhas irmãs estavam na Alemanha. Eu habitava na casa de uma amiga que era muito querida, e cada ano eu ia à Alemanha ver os meus. Acontece que, durante dois anos, eu não pude ir ver minha família como tinha o hábito. Eu me decidi de repente partir, minha família não sabia nada de minha intenção; eu jamais ia para junto dos meus no começo da primavera e não tinha tempo de preveni-los por carta. Eu não queria enviar avisos, com medo de assustar minha mãe. O pensamento me veio de desejar com todas minhas forças de aparecer a uma de minhas irmãs, de maneira a avisá-las de minha chegada. Eu pensava nelas com a maior intensidade possível durante alguns minutos somente; eu desejava com todas minhas forças ser visto por uma delas (eu mesmo experimentei uma visão que me transportasse parcialmente ao meio dos meus). Eu não concentrei meu pensamento mais do que dois minutos, eu creio. Eu parti pelo vapor de Leith, num sábado à noite, no fim de abril de 1859. Eu desejava aparecer na casa por volta das seis horas da noite, no mesmo sábado. Cheguei na casa por volta das seis horas da manhã da terça-feira seguinte. Entrei na casa sem ser visto, pois acabavam de fazer o vestíbulo e a porta de entrada estava aberta. Eu penetrei no quarto. Uma de minhas irmãs estava de costas na porta; ela voltou quando ouviu a porta se abrir e me vendo, ela me observou fixamente, tornou-se de uma palidez mortal e deixou cair o que tinha na mão. Eu não tinha dito nada. Então, eu falei e disse: “Sou eu. Por que estás assustada?”. Ela me respondeu então: “Eu acreditava te ver como Stinchen (uma outra de minhas irmãs) tu a viste no sábado”.

Em resposta às minhas questões, ela me contou que na noite do sábado, por volta das seis horas, minha irmã tinha me visto distintamente entrar por uma porta do quarto onde ela se achava, abrir a porta de um outro cômodo onde se achava minha mãe, e fechar a porta atrás de mim. Ela se lançou em seguida pois pensava ser eu, me chamando pelo meu nome, e ficou absolutamente estupefata quando não me viu com a minha mãe. Minha mãe não podia compreender a excitação de minha irmã. Procurou-se por toda parte, mas naturalmente eu não fui encontrado. Minha mãe ficou muito infeliz; ela pensava que eu podia estar moribundo. A irmã que havia me visto (isto é, que tinha visto minha aparição) tinha saído na manhã de minha chegada. Eu me assentei sobre o passeio para ver, quando ela voltasse, o que provaria que me vendo a mim mesmo. Quando ela levantou os olhos e me percebeu, sentado sobre a escada, ela não me chamou e quase caiu desmaiada. Minha irmã jamais tinha visto nada de sobrenatural, nem antes, nem depois; e eu não refiz essas experiências desde então. E eu não as refaria, porque a de minhas irmãs que me viu a primeira, quando eu vim realmente à casa, caiu seriamente doente em seguida por causa do choque que ela tinha ressentido.

J. M. Russel

Pode-se ver, por esse exemplo, que a aparição não tem mais nenhum dos caracteres que se atribui à alucinação. São dois fenômenos perfeitamente diferentes dos quais um, a alucinação, acha sua fonte no *sujet*, ao passo que a outra, a aparição emana de um agente exterior.

Quando este que aparece não age conscientemente, não está em seu estado normal; ele está em um estado de sono natural ou hipnótico, ou está em uma crise vizinha da morte, ou em um estado comatoso.²⁹

Os casos de aparições espontâneas não são menos instrutivos, e são devidos a uma causa idêntica; isto é, que, na falta de um esforço intencional, é uma excitação particular do *sujet* que dá à sua faculdade psíquica essa atividade extraordinária que é percebida por um sensitivo e que é ressentida aí onde leva seu desejo.

Caso 200²⁵ – Um rapaz é visto na Inglaterra, sobre a grama da casa paternal, durante o que ele mesmo estava na Austrália. Por essa razão, acreditava-se morto, mas ele não estava. Entretanto, tendo entrado na casa dele, o rapaz conta que estava gravemente doente, e que, durante seu delírio, ele pedia com insistência para ser colocado sob o grande cedro que estava sobre a grama e lhe parecia ver os lugares tão distintamente que ele os via agora que estava de retorno.

Nisso está, aparições, como fenômenos de golpes de pancadas, é, o mais frequentemente, em torno dos moribundos que elas se manifestam.

²⁹ Ver *Alucinação télép.*, p.266.

Haveria interesse em determinar, em cada caso, se a aparição precedeu a morte ou se ela a seguiu. Mas nós não podemos nos estender sobre esse *sujet*; os que quiserem aprofundar poderão consultar a obra do Sr. Gabriel Delanne, *as Aparições materializadas dos vivos e dos mortos*.³⁰

Eles ficarão maravilhados de aprender que existe já uma documentação tão luminosa e tão abundante.

Falemos agora das aparições materiais. Os cétricos não gostam de ouvir dizer que os espíritas não tiram suas afirmações do nada, mas que eles convidaram todos os sábios do século a tomar conhecimento por eles mesmos; eles não gostam de ouvir falar dos documentos reunidos pela Sociedade Dialética de Londres, por Sir William Crookes, pelo professor Charles Richet, por De Rochas, César Lombroso, Enrico Morselli, etc. Entretanto, após essas testemunhas a materialização fragmentária não é mais contestável.

Seja que o corpo psíquico invisível represente realmente o molde sobre o qual vêm se fixar as partículas de matéria que fazem sua visibilidade, ou sua solidez, seja que essa exteriorização de substância sugestionável e maleável, comporte realmente as formas do pensamento, é hoje certamente como se pode constatar, experimentalmente, a existência de membros fluídicos materializados.

Um sábio físico, o Dr. Julian Ochorowicz, já tinha concluído nesse sentido. Vedes o relatório que ele publicava em 1895 e do qual eis aqui a conclusão: *a hipótese de um duplo fluídico (corpo astral) que, em certas condições, se desliga do corpo do médium, parece necessária para a explicação da maior parte dos fenômenos. De acordo com essa concepção os movimentos de objetos sem contato seriam produzidos pelos membros fluídicos do médium*.³¹

Eusapia Paladino, é mesmo evidente que a atividade muscular, as contrações, estão em correlação com os gestos do membro fluídico. Mas foi constatado, por experiências bem controladas, que o órgão fluídico se manifesta com frequência sob a forma de mãos, pés e de cabeças que se tornam visíveis. Para estabelecer essa questão de fato, será suficiente multiplicar as testemunhas.

William Crookes.³² Eu escolheria simplesmente alguns casos numerosos em que eu vi essas mãos à plena luz. Uma pequena mão de uma forma muito bela, se eleva de uma mesa de sala de jantar e me dá uma flor; ela apareceu, depois desapareceu por três vezes diferentes, me dando toda facilidade de me convencer que a aparição era tão real como

³⁰ Resumo, V. *Fantasmas dos Vivos*, t. I, p. 540.

³¹ Conclusões do Dr. Ochorowicz após as sessões de Varsóvia, em Albert De Rochas, *A Exteriorização da motricidade*, 4ª. Edição. Charconac, 11, cais Saint-Michel, 1909.

³² W. Crookes, *Novas experiências sobre a Força psíquica*, 1897, p. 161.

minha própria mão. Isso se passou com luz acesa, em meu próprio quarto, os pés e as mãos do médium estão mantidas por mim durante esse tempo.

Eu vi de uma vez, primeiro um objeto se mover, depois uma nuvem luminosa que parecia se formar em torno dele, e enfim a nuvem se condensar, tomar uma forma e se transformar em uma mão perfeitamente formada. Nesse momento, todas as pessoas presentes podiam ver essa mão. Essa mão não sempre uma simples forma, às vezes, ela parece perfeitamente animada e muito graciosa; os dedos se movem e a carne parece ser tão humana como a de todas as pessoas presentes. No punho ou no braço, ela se torna vaporosa, e se perde em uma nuvem luminosa.

Eu segurei uma dessas mãos na minha, bem resolvido a não deixá-la escapar. Nenhuma tentativa nenhum esforço foram suficientes para me fazer libertar, mas pouco a pouco essa mão pareceu se dissolver como vapor, e foi assim que ela se despreendeu de minha prisão. Os exemplos são numerosos, eu tenho ainda a dar o testemunho do Sr. Charles Richet.

Com esse fisiologista, as provas são um pouco mais difusas, pois ele analisa a perder de vista, ele quer ter tudo previsto, ele quer, diz ele, estar vinte vezes seguro. O controle absorve sua atenção mais do que o fenômeno em si mesmo; as precauções são tão bem tomadas que seria impossível encontrar uma super oferta. Ele não está seguro de ter mantido uma mão tão, no momento interessante, sua atenção não foi concentrada sobre essa mão tanto quanto sobre o fenômeno. Mas é melhor citar o Sr. Richet:

Está claro que quando ele diz uma mão *bem distinta* eu suponho que se pensou em todas as mistificações possíveis. Um contato vago, não é uma mão; a sensação de um membro amputado ou de uma palma de mão não é suficiente. Uma mão bem distinta, é uma mão nitidamente formada, da qual se sente os dedos, dar em uma palavra uma sensação tal que uma mão somente pode dar; mas viva, animada, praticamente idêntica a uma mão humana. E bem! *Essa experiência eu fiz*; e para não falar das experiências de Roma onde ela tinha também sucesso, na ilha Roubaud que vezes ele teve sucesso comigo. Uma vez entre outras, eu com uma mão mantinha as duas de Eusapia; eu levantei minha outra mão no ar, muito alto, então essa mão que me prende dois dedos, as tiro com força, e após tê-las tirado, me dá sobre as costas dessa mão, um tapa bastante forte para que todo o mundo ouvisse.³³

“E entretanto, continua Ch. Richet, não sou somente eu que foi assim tocado por uma mão distinta, enquanto eu mantinha as duas mãos de Eusapia.

No dia 9 de julho, Ochorowicz é tocado nas costas por uma mão bem distinta, enquanto ele mantinha as duas mãos de Eusapia!

No dia 21 de julho, Lodge, segurando as duas mãos de Eusapia, é tocado distintamente por uma mão no ombro. No dia 26 de julho, enquanto eu segurava as duas mãos de Eusapia, eu sou tocado por uma grande mão que deslizava sobre a minha cabeça”.

Todas essas citações se relacionaram com uma série de experiências feitas em Carqueranne e na ilha Roubaud pelo Sr. Charles Richet que aí consagrou suas

³³ V. *A exteriorização da Motricidade*, p. 183 a 188.

férias de 1894. Estavam presentes: O Sr. e Sra. Sigdwick, o Sr. e Sra. O. Lodge, o Sr. Ochorowicz, o Sr. F. Myers, o barão de Schrenck Notzing (de Munique) e o Dr. Segard, médico principal da Marinha.

E para concluir, eis aqui a última palavra de Charles Richet:

“O que torna essa espécie de experiências muito instrutiva, é a meu ver absolutamente decisiva, é o que é preciso admitir ou uma alucinação tátil, o que me parece absurdo, ou uma brincadeira má de um dos assistentes, o que é impossível admitir; ou enfim, e é a conclusão à qual eu chego, alguma coisa como a materialização de uma mão viva, conclusão que admito em desespero de causa e a qual eu me resigno não sem dor”.³⁴

Por que essa dor?

Ah! É o que o Sr. Richet declarou começando, para ele os fatos são absurdos.

E não..! Esses fatos não são absurdos, eles provam uma vez por todas que nós temos um corpo fluídico que depende por sua vez do espírito e da matéria. Essas experiências são instrutivas, elas oferecem uma base ao estudo de fisiologia anímica.

Cada coisa virá em seu tempo. Por hoje, não é um homem, tanto esteja pouco ao corrente dos fatos, que possa negar a formação de membros materializados fora dos órgãos do médium. Os sábios viram os resultados que nós tínhamos obtido com pacientes esforços. Mas, após ter visto, faltava experimentar. Aí não se sentiu falta. Disse-se que, já que essas mãos, que nós mostramos aos céticos, tinham uma aparência de objetividade, se poderia, talvez conservar provas dessa objetividade obtendo impressões, fotografias, moldagens, e o que se tivesse obtido.

Mas é um trabalho que não se pode efetuar senão por meio de uma longa preparação. A observação exige uma longa paciência, o fenômeno não se desenvolve na primeira tentativa, há três fatores em sua produção: o médium, os assistentes e a força oculta. Sua cooperação não pode ser realizada senão após longas sessões mantidas na intimidade e quando se soube aprovisionar as forças.

Os novos que chegam, que pedem que se os convide na primeira ocasião, verão talvez alguma coisa; eles não obterão as grandes provas experimentais em menos tempo quanto o que foi preciso a W. Crookes, a Charles Richet e a Lombroso para se ter certeza. O valor moral e científico dos experimentadores pode somente garantir o valor das experiências; a materialização de uma mão não uma função mecânica e, sozinhas, os que atraíram as boas graças do médium e, não receamos dizer, da força oculta, obterão a permissão para fazer e de empregar aparelhos de

³⁴ V. *A exteriorização da Motricidade*, p. 186.

controle.

Pareceu, antes de tudo, que o controle mais delicado a propor, em face de materializações tão fugazes, seria pedir que uma mão deixasse sua impressão na flor de farinha ou na negrura do fumo. Esse testemunho, acrescido ao da vista e do tocar, devia responder à hipótese, outrora invocada, da alucinação dos assistentes. Friedrich Zollner fez essa experiência com o médium Slade, quando este veio a Leipzig, em 1877.³⁵

Uma tentativa para ter marcas de pé conseguiu, sem o tocar de Slade, embora o médium tivesse declarado que a coisa lhe parecia impossível: O Sr. Zollner colocou folhas de papel preparadas com fumo da lâmpada, no interior de uma ardósia corrugada, e colocou a ardósia sobre seus joelhos, a fim de manter sua visão. Cinco minutos após, em um cômodo bem claro, todas as mãos estando sobre a mesa, o Sr. Zollner observou que tinha sentido por duas vezes, uma pressão sobre a ardósia posta sobre seus joelhos. Três pancadas na mesa tendo anunciado que tudo estava terminado, abriu-se a ardósia e duas impressões, uma de um pé direito, o outro de um pé esquerdo, foram encontrados sobre o papel disposto de cada lado da ardósia.

Meus leitores podem julgar, diz o Sr. Zollner, que me é impossível, após ter sido testemunha desses fatos, considerar Slade como um impostor ou um prestidigitador (Eug. Nus, p. 338)

A primeira ideia de moldar formas materializadas tinha sido do Sr. Denton, professor de geologia, então bem conhecido na América, e morto em 1883.

Seu médium tinha sido a Srta. Hardy. Todo esse capítulo de Aksakof (p. 127 a 172) deve ser estudado inteiro, ele contém toda a história da questão.

Mas a história continua, ou antes ela recomeça, todos os sábios modernos puderam obter algumas das moldagens que forneceram provas tão positivas e tão concludentes do fenômeno da materialização.

Em 1889, o Dr. Espanhol Manuel Otéro Acévedo, *armadura da incredulidade*, veio a Nápoles expressamente para examinar Eusapia, ele tinha solicitado uma impressão na argila: o relato, dessa vez, se acha na obra do Sr. De Rochas.³⁶

Enquanto a mesa respondia tiptologicamente e a *plena luz*, Eusapia, sugeriu, em determinado momento, diz a Otéro. *Tome esse vaso cheio de argila, coloque-o à minha frente sobre essa cadeira e indique o lugar em tu queres que o fenômeno se produza.* A argila foi colocada a dois metros em torno dela, bem examinada pelo Sr. Otéro, que a cobriu com seu lenço branco e indicou o lugar. Nós observávamos

³⁵ Eugéne Nus, *Coisas do outro mundo*, p. 336.

³⁶ De Rochas, *Exteriorização da Motricidade*, p. 12. Comunicação de Chiaia.

todos Eusapia que, empurrando o braço direito convulsivamente, virou a mão nessa direção e estendeu três dedos, lhe imprimindo um movimento indefinível dizendo: *está feito!*

Tendo levantado o lenço, achamos a impressão dos três dedos, no ponto preciso indicado pelo professor Otéro.

Nessa prova evidente, palpável, esmagadora, de um poder sobrenatural, de uma força fluídica invisível que emana dessa mulher, que se desprende de todos seus poros e de seus dedos de mágico, mas que é submetida a uma vontade estranha a nossa humanidade, o professor Otéro, o Sr. Tassi e o engenheiro Agri, se observaram estupefatos, agradeceram respeitosamente o invisível John que respondeu no mesmo instante saudando por quatro golpes muito fortes na mesa mantida no centro do cômodo. Assim terminou essa sessão.

Um outro cético, o Dr. Vizanni Scozzi, de Florença, obteve uma moldagem análoga. Na terra a modelar, o cavaleiro Ercole Chiaia obteve toda uma série de impressões; na obra do Sr. De Rochas encontrou-se numerosos espécimes; mesmo Ochorowicz obteve uma prova em condições em o controle era certo.

Enfim, como se seria capaz de multiplicar os testemunhos, nós citaremos ainda as sessões de Montfort o Amaury das quais se achará o histórico na obra do Sr. G de Fonteney³⁷, no fim das quais uma impressão magnífica foi obtida, sobre mástique de ferro.

Eu não me ocupo aqui de detratores que pretendem que a operação não é mais difícil senão de fazer uma omelete em um chapéu; já que o rigor do controle não será capaz de ser comprimido de seus miolos fracos, não se lhe fará jamais ouvir senão o prestidigitador não conseguiria sua omelete nas mesmas condições de supervisão absoluta.

Mas se poderia supor que o médium conseguiu alongar sua mão, apoiar sua cabeça no patê preparado para esse efeito. Bem, essa suposição, tão natural para quem jamais refletiu nas condições que exige uma moldagem, não tem a menor verossimilhança para ela. Que seja de mástique ou de terra compacta que sejam preparadas em um prato, a penetração de uma forma exige uma pressão considerável, que as carnes não podem suportar sem deformação. Uma cabeça, afundada no mástique, mostraria lábios esmagados, um nariz torcido ou surpreendente..., etc. Uma moldagem não pode ser obtida senão pelo processo do moldador.

Para as mãos, a experiência é fácil de fazer; afundando seu punho na

³⁷ G. de Fonteney. *A propósito de Eusapia Paladino* (Sociedade de edições científicas, Paris, 1898).

mástique, não se chega a nenhum resultado semelhante aos que se obtêm com Eusapia; com ela, eu mesmo obtive, a moldagem de um punho fechado e um moldador muito hábil da rua Racine me declarou que lhe era impossível compreender como se tinha podido fazer essa impressão. É preciso para isso que o membro fluídico após um máximo de energia, se desfaça do molde fundido, para poder se destacar sem forçar o mástique. É porque, também, se imaginou o molde de parafina que, sob forma de luva frágil permite obter uma moldagem única, mas desafiando a imitação.

Aksakof publicou o relato concludente de um escultor encarregado de avaliar essas peças, a mesma avaliação foi feita com Eusapia. O cavaleiro Ercole Chiaia sendo ajudado pelo eminente escultor Giuseppe Ronda, este constatou a impossibilidade de obter semelhantes espécimes pelo processo direto e tornou-se um espírito convicto.

Nós já o dissemos, a operação, mesmo na terra, não é tão simples senão que poderiam acreditar os profanos. Não se desenha uma forma na terra, como se imprime um timbre úmido sobre papel. Isso foi constatado pelo Sr. De Rochas que, em seguida de seu relato sobre as sessões de Nápoles em 1895, escreve textualmente: Para responder às dúvidas que surgiam em sua mente, o autor quis solicitar conselho de pessoas que lhe dessem as melhores garantias de competência e capacidade. Um jovem e eminente artista, o Sr. George Kiewerk, pintor e escultor, em Florença, fez inutilmente em seu atelier uma série de experiências para reproduzir na argila essas impressões.

Uma experiência feita pelo Sr. Crookes tende a demonstrar que o órgão fluídico não corresponde sempre exatamente ao do médium, mas que a mão, assim formada, pode tomar emprestada sua substância de ocasião a outras partes do corpo.

O Sr. Crookes colocou uma pequena quantidade de cor de anilina sobre a superfície de mercúrio que tinha sido preparado para a experiência. A anilina é um corante poderoso, também os dedos do Sr. Crookes conservaram muito tempo os vestígios. Katie King mergulhou seus dedos na cor e entretanto os dedos do médium não ficaram manchados. Traços de anilina se acharam, pelo contrário, sobre seu braço.

Eu creio que essas provas jamais puderam se fazer a plena luz, a obscuridade parece indispensável à concretização sólida dos membros fluídicos; mas não nos esqueçamos que a falta de uma observação direta, pôde-se colocar na luz e supervisionar eficazmente os pés ou as mãos do médium de modo a se assegurar

que a impressão foi bem obtida fora de toda intervenção fraudulenta.

Mais recentemente, os experimentadores imaginaram aparelhos de controle e dispositivos extraordinário, isso não impediu os fenômenos, mas como convicção exercida sobre eles, nada valeu a observação direta. Nós lemos em *os Anais de Ciências Psíquicas* de 1907 um relatório do Sr. Barzinni, jornalista italiano, redator no *Corriere della sera*, que, em diferentes reprises, pretendendo alcançar no voo as mãos misteriosas que lhe tocavam. Ele escreve (pág. 154):

A impressão que eu relatei foi bem curiosa; essas mãos não escaparam, elas se dissolveram, por assim dizer. Elas me escaparam entre as mãos como um murchamento. Ter-se-ia mãos que se derretiam e se dissolviam muito rapidamente após ter tido um máximo de energia e uma aparência absolutamente vital no momento de executar um ato.

Mais adiante ele ainda escreve:

Um bandolim, que tinha sido posto sobre a cama, no gabinete, após ter feito ouvir alguns sons à distância, vem sobre a mesa, onde *absolutamente isolado*, começa a tocar. *Ele está sob o olhar dos assistentes perfeitamente visível*³⁸. Toca-se tudo em torno para melhor se assegurar de seu isolamento. Eusapia é mantida pelas mãos, das quais uma é posta sobre as bordas da mesa, a outra sobre um de seus joelhos, e o bandolim continua a tocar. Nada melodioso, bem entendido, mas as cordas vibram com força nitidamente. Os experimentadores colocam suas mãos a alguns centímetros acima das cordas, e sentem estas vibrar mais do que nunca. O professor Morselli colocou com a mão esquerda a manga do bandolim e o instrumento continuou tranquilamente seus arpejos com intermitências os retomando cada vez que os experimentadores exprimem seu desejo. Mas cada som corresponde perfeitamente a um movimento dos dedos do médium que faz à distância o gesto de tocar e que termina para ir pinçar as últimas notas sobre a frente do professor Morselli. Inútil lembrar que o bandolim não pertence à Eusapia, que ele foi comprado pelos experimentadores — e que, diz o Sr. Barzinni, é um modesto instrumento incapaz de enganar.

Sempre em *os Anais de Ciências Psíquicas*, nós lemos (n^a de março de 1907, pág 212) o relatório de uma sessão sob a direção do professor Lombroso, — o Sr. Mucchi, colaborador de a Stampe, fala bastante longamente das precauções que foram tomadas para desfazer toda tentativa de fraude. Aliás, acrescenta ele, nenhum dos fenômenos mais importantes que são produzidos poderiam dar lugar à menor suspeita de truque. São todos de tal natureza, que não se poderia mesmo limitá-los

³⁸ Nós sublinhamos porque todos os experimentadores que aí tinham paciência e tenacidade, chegam a obter os fenômenos em boa claridade e os negadores repetem sempre que os fatos se passam em plena obscuridade. Eles repetem isso, sempre e quando mesmo, como papagaios.

pela mais hábil prestidigitação.

Um dos assistentes é solicitado de pegar um bandolim que se encontrava no cômodo e de colocá-lo sobre a mesa deixada vazia pela argila. Esse senhor encontra por sua vez a hostilidade de misteriosas mãos que queria e que não queriam deixá-lo entrar; uma vez que ele conseguiu, ele temeu se ver o mesmo ser subtraído e o lugar sobre a mesa inferior, com as cordas viradas para baixo.

O bandolim não tarda a ser levantado daí inexplicavelmente e trazido para cima da mesa das experiências, *onde a vista de todo o mundo, ele toca tudo sozinho*, primeiro uma corda de cada vez, de um som nítido, produz como por um pinçamento de uma unha; em seguida com todas as cordas como se fazia correr os dedos sobre elas. Um de nós é solicitado tocar o bandolim sobre os dedos de Eusapia; a cada toque corresponde o som de uma corda, e se o gesto é mal feito, o som soa incompleto e estridente. Em seguida uma mão que se materializa de repente, pega o instrumento pela manga e o coloca sobre o ombro do tocador, e aí, sob seu nariz, as cordas se agitam e arranham, enquanto a mão se dissolve outra vez e desapareceu. *Anais, julho de 1907.* — Do Dr. J. Venzano. Eu mesmo consegui pegar uma mão antes grande, conseguindo todos os caracteres de uma mão durante uma sessão na casa do Sr. Avellino, no mês de junho de 1901. Era uma mão em princípio grande, conseguindo todos os caracteres de uma mão masculina. Por isso eu abracei intencionalmente com força com o objetivo de retê-la o mais possível na minha. Após algum tempo, mesmo não tendo eu cessado de aumentar meu abraço para não relaxar a prisão, a mão se retirou livremente da minha em um dado momento, como se suas dimensões tivessem sido subitamente diminuídas.

Nós pensamos que a materialização de mãos está no presente provada. É preciso agora responder às objeções? — Eu não creio necessário porque as objeções são inesgotável e que seus autores mostram em seus preconceitos evidente uma ignorância absoluta das condições de controle. Os relatórios dos experimentadores já responderam a todas as objeções.

Como responder, aliás, a negadores que repetem eternamente a mesma coisa, como papagaio e que não replicam jamais às observações muito simples que se lhe opõe. O mesmo que fazia já W. Crookes há uma quarentena de anos.

“Eu não posso mediocrementemente indicar aqui senão alguns dos fatos mais destacados, que todos, que se quisesse se lembrar, tiveram lugar em condições tais que toda mistificação era tornada impossível. Atribuir esses resultados à fraude é absurdo, pois eu relembriaria ainda a meus leitores que o que eu relato aqui não aconteceu na residência do médium, mas em minha própria casa, onde foi praticamente impossível de nada se prepara

adiantadamente. Um médium circulando em minha sala de jantar não podia, quando eu estava sentado em uma outra parte do cômodo, com várias pessoas que o observavam atentamente, fazer tocar com fraude um acordeão que eu mantinha em minhas próprias mãos, os toques em baixo, ou fazer flutuar esse mesmo acordeão aqui e lá no cômodo, tocando durante todo o tempo. Ele não podia trazer com ele um aparelho para agitar as cortinas das janelas, ou levantar venezianas até oito pés de altura; dar um nó em um lenço e colocá-lo em um canto afastado do cômodo; fazer ressoar notas à distância sobre um piano; fazer voar um porta-cartas pelo apartamento; levantar uma taça, um copo, acima da mesa; levantar verticalmente sobre uma das extremidades um colar de coral; mover um ventilador e ventilar a companhia; ou colocar em movimento um pêndulo encerrado em uma vitrine solidamente lacrada na parede.³⁹

É curioso aproximar, desse testemunho, a reposta que, há quarenta anos faz hoje o professor Morselli:

O Sr. Barzini e eu nós não encontramos senão que foi bem difícil de manter e de supervisionar as mãos e os pés dessa mulher; após um pouco de exercícios, consegue-se conter as quatro extremidades sem as deixar escapar; ao mesmo tempo supervisiona-se a cabeça (quase sempre visível) e dá-se atenção aos fenômenos. Todas as pessoas não conseguem nesse múltiplo trabalho muscular, táctil e intelectual; mas estou seguro que, cada vez que eu fiquei encarregado do controle, Eusapia jamais fez, salvo uma ou duas tentativas ingênuas, o famoso truque da substituição da mão (pela qual, aliás, não se explicaria mesmo a vigésima parte dos fenômenos paladinos!); ela não pôde aliás, me acariciar a fronte, me puxar o bigode, ou tocar um trompete se servindo de seus pés, assim como alguns críticos têm absurdamente imaginado!

O resto também, o controle do qual se serve nas sessões espíritas é algo pouco ridículo: fadiga os que o executam e impede certamente Eusapia de dar manifestações espontâneas e novas que seriam muito marcantes de sua mediunidade. Os fenômenos de materialização mais extraordinários eu gostava de tê-los com o médium em liberdade. Eu tenho tido, e maravilhosos, embora Eusapia estivesse presa em uma pequena cama; mas quem sabe qual energia ela poderia exteriorizar se se fizesse no automatismo de sua subconsciência.

Toda modificação da técnica habitual poderá ser um freio contra a fraude, seja, mas ela é também um impedimento e por vezes uma parada completa dos fenômenos medianímicos. Eis, eu creio, bem estabelecido, em tempo que faz, a realidade das formas materializadas, nós vamos agora falar de materializações completas, isso será o objeto do capítulo seguinte.

³⁹ *Pesquisas sobre os fenômenos do espiritualismo* por William Crookes, p. 159, traduzido para o inglês por J. Alidel, Leymarie, rua Saint-Jacques, 42.

Capítulo VIII

AS MATERIALIZAÇÕES COMPLETAS

*A maior das alucinações é acreditar que se conhece **todas as leis da natureza.***

Eugène Nus

Vamos agora citar os relatos de alguns experimentadores sobre a produção, em sessões controladas, de materializações completas. Acabamos de ouvir o professor Morselli afirmando ter visto esses grandes fenômenos, enquanto Eusapia estava ligada a uma pequena cama. Como seu testemunho é particularmente precioso buscamos o relato de uma das sessões às quais ele faz alusão e encontramos na antiga *Revista de Estudos Psíquicos*, de setembro de 1902, dirigida, nessa época, pelo Sr. C de Vesme. Estava-se então nos belos dias da mediunidade de Eusapia Paladino, cuja força já declinamos.

Sessões de Eusapia em Gênes em 1902. Relatório abrangido pelo Dr. J Venzano, de Gênes. A vinte centímetros próximo da escrivaninha colocou-se uma mesa de madeira branca, retangular, não muito grande; a menos de um metro dela dispôs-se uma dupla fila de cadeiras. Um piano colocado em sentido diagonal se colocava em um canto do cômodo. A peça estava vivamente iluminada por um lustre a gás, bico de Auer.

Antes de começar a sessão, controlou-se rigorosamente a Sra. Paladino, o médium. Ela foi despida, em nossa presença, de uma parte de suas vestimentas. O controle mais íntimo, sem nenhuma restrição, foi executado pelas Sras. Avellino e Montalo, em um cômodo ao lado onde a médium se despiu completamente.

Então a médium se vestiu outra vez, em presença das duas senhoras, que não a deixaram um só instante e a acompanharam diretamente à sala das experiências.

A sessão começou às dez horas e meia.

A Sra. Paladino se assentou em uma das extremidades da mesa; ela tinha à sua direita o professor Morselli, à sua esquerda Bozzano; cada um deles segurava uma mão e

um pé da médium.

Quase de imediato, a mesa se pôs em movimento. A médium convidou o Dr. Morselli a colocar o braço e a mão que lhe restavam livres sobre seus joelhos para constatar a imobilidade. A mesa se levantou quarenta centímetros ficando suspensa no ar quase um minuto. É preciso observar que, durante a levitação, as mãos dos assistentes estavam todas levantadas; somente a mão direita da médium, junto à mão esquerda do Sr. Morselli, tocava apenas a superfície da mesa, ao passo que sua mão esquerda, livre, estava também, levantada.

Houve logo, uma segunda levitação com a mesma duração.

Quase imediatamente, Eusapia se levantou, levantou as cortinas do gabinete e se deitou em sentido inverso na cama, em cujas barras o professor Morselli a amarrou fortemente. Eles fixaram os pulsos às duas barras de ferro dos lados, por meio de uma corda, com numerosos nós; passaram em seguida uma dupla volta de corda na cintura da médium, assegurando ainda por vários nós as extremidades da fita às barras da cama. Diminuiu-se a luz da lâmpada, mas só um pouco que se podia ainda ler, assim como fez notar o professor Morselli, os menores caracteres de um jornal.

Após um quarto de hora, a mesa que estava a um metro de nós, e a vinte centímetros do gabinete, entrou em movimento. Primeiro ela se levantou, sobre dois pés, dando vários golpes. Algum tempo depois, as cortinas se agitaram, como se elas tivessem sido deslocadas por duas mãos, e se formou na parte superior uma grande abertura, na qual nós pusemos todos a observar uma figura de jovem mulher, cuja cabeça e a parte do corpo que estavam visíveis se achavam cobertas de panos de uma brancura perfeita. A cabeça parecia envelopada por várias bandagens circulares desse tecido, o que fazia que se percebesse somente uma porção oval do rosto, uma porção suficiente entretanto, para que se pudesse aí observar exatamente os olhos, o nariz, a boca e a parte superior do queixo. A aparição ficou visível para todos quase durante um minuto. Como o Sr. Bozzano tinha feito notar que não se queria senão uma parte da face, percebeu-se as pontas dos dedos e duas mãos que abria o tecido dos dois lados, tornando os contornos mais nítidos e mais completos. Antes de desaparecer, a figura cobriu a cabeça para nos saudar, e nos enviou um beijo cujo som foi perfeitamente ouvido por todo o mundo.

Após alguns minutos de repouso, a mesa começou seus movimentos automáticos. Então as cortinas se abriram uma segunda vez, como se tivessem sido abertas do interior por duas mãos, resultou num amplo espaço livre através do qual se apresentou uma figura de homem, com uma grossa cabeça de fortes ombros, envolvidos, também ele, por tecidos brancos. A cabeça estava envelopada de tal modo, que através desse tecido fino, podia-se entrever a coloração rosada do rosto, os relevos do nariz, zigomas e queixo. Os Srs. Bozzano e Morselli declaram ter observado também a barba espessa no queixo. Essa figura de homem ficou visível durante um minuto pelo menos. Ela se inclinou várias vezes para nós, e antes de se retirar, ela nos enviou vários beijos, sonoros, acompanhados por movimentos expressivos da cabeça.

Quando as cortinas foram fechadas outra vez, ouviu-se bater de mãos no interior do gabinete. Nesse momento ouvimos a voz de Eusapia que, com um tom doloroso, chamava o

professor Morselli. Este entrou no gabinete e a encontrou na mesma posição na qual ela havia sido presa. A médium, com sinais evidentes de sofrimento, reclamava de ter os pulsos excessivamente presos. O professor lhe livrou então os pulsos com muita pena, devido ao número e a complexidade dos nós. A Sra. Paladino não ficou por isso ligada senão pelos pés e pelo busto.

O Sr. Bozzano fez notar que o professor se achando justamente sob a lâmpada, era obrigado, observando o gabinete mediúnico, a garantir com a mão da luz excessiva que vinha do alto. Então rogou ao Sr. Avellino de querer ceder seu lugar ao professor. Isto foi feito, o Dr. Morselli ocupou assim a cadeira marcada no diagrama pelo nº 5 e o Sr. Avellino.

Quando todo o mundo foi para seu lugar, pôde-se notar quase imediatamente que a tampa do piano se levantava e se abaixava automaticamente, produzindo um certo barulho. Quase ao mesmo tempo, vimos aparecer fora da cortina, à direita, uma figura de uma jovem bastante parecida com aquela da qual falamos acima. A aparição pendendo a cabeça para frente, várias vezes, inclinando, como para saudar. Em seguida ela se retirou. Nessa ocasião, fomos batidos por um novo fato, bastante importante para os leitores que (*more solito*) não hesitariam de nos taxar de alucinação. Nós constatamos então que a figura em questão, se pendendo em avanço de modo a ficar a uma certa distância da parede, iluminada pela luz do gás, projetava sua sombra sobre a parede, e eu essa sombra seguia todos os movimentos desse corpo que estava evidentemente materializado.

Esperando, o professor Morselli, por pedido de Eusapia, cuja voz fraca e lamentosa nos atraía para o interior do gabinete, se colocou com uma cadeira perto do piano.

Alguns instantes depois, uma nova figura de mulher apareceu do mesmo lado do gabinete medianímico onde nós tínhamos visto aparecer a figura anterior. Somente, se essa nova aparição oferecesse alguma analogia com a outra, havia no entanto entre elas alguns pontos de dessemelhança. O número de voltas de bandagens brancas envelopando a cabeça era praticamente extraordinária; suas bordas anteriores se sobressaíam de tal modo que o rosto aí aparecia como afundado. O tronco da forma materializada era envolvido por um número tão grande de voltas de faixas; ter-se-ia dito que as faixas de múmias egípcias. A forma materializada se achava tão perto de nós, que não pudemos mesmo conjecturar com certa exatidão sobre a natureza do tecido. Nos pareceu bem mais espesso que a gaze ordinária; menos espesso no entanto que toalha de linho fino. A figura se inclinou para a frente, apoiando o cotovelo sobre a tampa superior do piano. Aí ainda observamos mesmo um fato muito curioso. O antebraço que nós víamos era evidentemente amputado, pois que a tampa caía, por trinta centímetros pelo menos, sobre a frente do piano até a tampa do teclado. A aparição agitando para o alto, várias vezes, esse membro parcialmente formado, projetando sobre a parte interior sua sombra, que seguia sem cessar os movimentos.

A mulher de faixas brancas tinha apenas entrado no gabinete, que nós ouvimos de novo as lamentações da Sra. Paladino que, com uma insistência redobrada, rogava ao professor Morselli de livrá-la dos laços que prendiam muito forte.

Tínhamos apenas retomado nossos lugares, quando as cortinas se abriram a uma certa altura do solo e vimos aparecer, através de um espaço largo, oval, uma figura de mulher que mantinha em seus braços uma criancinha, quase parecendo ninar. Essa mulher

que parecia ter quarenta anos, estava com uma touca branca, provido de bordado da mesma cor; o penteado, escondendo completamente os cabelos, deixava perceber os traços de um rosto largo, a frente levantada. A parte restante do corpo que não estava escondida pelas cortinas estava coberta de panos brancos. Quanto à criança, o que se podia argumentar do desenvolvimento da cabeça e do corpo, podia ter a idade de três anos. A pequena cabeça estava descoberta com os cabelos muito curtos; ela se achava a um nível um pouco superior ao da cabeça da mulher. O corpo de crianças parecia envelopado de quadrados de lã, compostos eles também com um tecido leve e muito branco. O olhar da mulher estava virado para o alto, com uma atitude de amor para a criança, que tinha a cabeça um pouco curvada em direção dela. A aparição durou mais de um minuto. Nós nos levantamos todos e ficamos de pé nos aproximando, o que nos permitiu seguir os menores movimentos. Antes que a cortina arriasse, a cabeça da mulher se pôs um pouco para a frente, pendendo como a do bebê, se inclinando diferentes vezes da direita e da esquerda, pôs sobre a face da mulher vários beijos, cujo timbre chegaram aos nossos ouvidos de uma maneira muito nítida.

Tal é o relatório rigorosamente exato de uma sessão cuja importância se concebe facilmente. Com efeito, os fenômenos são desenvolvidos em condições de controle que destruíssem absolutamente as objeções dos adversários. As manifestações tiveram lugar em plena luz, no meio escolhido, controle e severamente preparadas por nós. O médium foi submetido a um sistema de investigação tão completo com se podia desejar.

No gabinete, o médium era ligado de maneira a desafiar a crítica mais rigorosa..., etc.

Dr. Venzano

Tal é a fisionomia ordinária de uma sessão experimental, com Eusapia, quando ela estava em plena posse de sua mediunidade. Naturalmente, o aspecto dos fenômenos mudam com os experimentadores, pois que o fenômeno não é mecânico e como cada experimentador tem suas ideias particulares e proposta de condições diferentes imaginando novos dispositivos.

Eusapia terá tido o mérito de ter triunfado sobre a incredulidade dos sábios e de ter permitido fazer a prova objetiva da realidade das manifestações do animismo. Talvez vale melhor que se tenha feito primeiro o primeiro passo.

Para abordar o espiritismo e obter a presença de verdadeiras entidades, não é suficiente praticar o método de controle que necessariamente mata ou paralisa a manifestação; é preciso entrar, mesmo que seja pouco, na via mística. Os personagens suscetíveis de identificação não são bastantes consistentes para poder resistir àqueles que os repelem com toda a força de seu ceticismo. Estes respondem

a um apelo. Essa questão complexa nos levaria a uma controvérsia que não tem, aqui, seu lugar.

Queremos somente citar um extrato do jornal *Ven*, arqui-diácono Colley, que fará melhor compreender o que deve ser uma experiência espírita.⁴⁰

Eu direi uma vez por todas que a aparição de nossos amigos psíquicos tinha lugar da seguinte maneira:

Eu me mantinha habitualmente ao lado do médium em transe, sustentando-o com meu braço esquerdo, de tal maneira que eu ficava nas melhores condições para observar o que se passava.

Quando nós esperávamos uma materialização (e por vezes de repente, quando não havia nenhuma expectativa de grande infantilidade psíquica), via-se se levantar como a abertura de uma fornalha, através do vestimenta negra do médium, um pouco abaixo de seu seio esquerdo, um filamento vaporoso, que ficava facilmente visível, tanto que não estava senão uma polegada ou duas do corpo de nosso amigo. Então o filamento constituía pouco a pouco uma espécie de nuvem, de onde saíam nossos visitantes psíquicos, se servindo aparentemente desse vapor fluídico para formas as amplas vestimentas brancas com as quais estavam vestidas.

Durante essa sessão nosso amigo, que chamávamos de Samuel - se desligou do lado de seu amigo, tornando-se um ser objetivamente robusto e separado, o médium estava em transe, o corpo abandonado contra o meu, sob o controle de uma inteligência que nós conhecíamos bem sob o nome de "Lily".

O Sr. A... exprimiu seu vivo desejo que se a coisa podia se fazer sem perigo, a forma materializada com o concurso de "Lily" revelou o médium, a fim de que este pudesse ver essa maravilha: a existência anormal de seu antigo companheiro de escola e confrade em ministério, que se achava em carne e como vivo no nosso meio.

Para não frear o médium, que era de uma natureza muito tímida, nós o despertamos tomando diversas precauções. A cena que se seguiu pode ser melhor, imaginada do que descrita. Nosso amigo parecia primeiro como atordoado, depois surpreendido; ele interrogou de soslaio o espírito materializado e, saltando do canapé sobre o qual nós o tínhamos colocado quando Lily tinha cessado de controlá-lo, ele se precipitou em direção ao companheiro de outrora exclamando: - Mas é Sam...! eu declaro que é Sam. Houve então apertos de mãos, saudações fraternais entre os dois amigos, o médium era uma presa de uma alegria infantil; nossa estupefação sem limites diante esse maravilhoso espetáculo de poder espírita... Quando os dois amigos quiseram falar ao mesmo tempo mais um do que o outro, houve um silêncio momentâneo e nem um nem o outro pareceram capazes de articular o menor som; era como se a respiração fosse necessário a Samuel quando o último quis falar; assim a voz de Samuel cessava de se fazer ouvir desde que o médium se punha a

⁴⁰ Ver *Anais de ciências psíquicas*, ano 1906, p. 26. Consultar também: *Revista científica e moral do espiritismo*, ano 1906, p. 659.

falar.⁴¹

Durante algum tempo a forma materializada de Samuel permaneceu falando conosco, passeando alegremente com seu amigo, em torno do cômodo e fazendo diversas coisas das quais eu não posso falar no presente momento. Enfim (obedecendo, sem dúvida a certas leis das quais nós não compreendemos nada), relutantemente, Samuel se retirou e foi de novo absorvido no corpo do médium.

O arqui-diácono acrescenta:

Para ser arcebispo de Canterbury, eu não subtrairia uma só palavra do que escrevi das coisas vistas e relatadas pela primeira vez há muitos anos e que meditei em silêncio durante vinte anos.

Eu não fiquei surpreso da incredulidade dos ignorantes no que concerne a essas maravilhas incríveis, pois, mesmo hoje e após toda minha grande experiência, as coisas que vi e que relatei são tão extraordinárias que, se uma cessação desses inexplicáveis fenômenos tinha lugar e o progresso dessas coisas miraculosas tinha parado, e se não se produzisse mais provas da realidade do que eu sei verdadeiro, então o porvir me encontraria provavelmente na dúvida do que eu entretanto estou seguro ainda no presente; sim, eu cessaria talvez mesmo de crer nessas coisas das quais eu afirmo a verdade, engajando minha palavra de clérigo, e para as quais eu coloquei em perigo minha posição eclesiástica e meu futuro profissional.

O arqui-diácono acrescentava que esses extraordinários fenômenos não eram de nenhuma forma devidos ao acaso nem obtidos sem preparação. A disciplina de jejum durante todo o ano era imposta aos membros do círculo; os fenômenos recebidos eram, diz ele, as recompensas de nosso ascetismo e de nossa abstinência de anacoreta e de nossos simples hábitos de vida. Todos aqueles que desejam ter os mesmos resultados devem adotar os mesmos hábitos. Os fenômenos produzidos em nosso círculo teriam sido impossíveis sem essa condição.

Mantivemos para citar esse exemplo para mostrar toda a distância que separa a sessão de estudo e de controle experimental da verdadeira sessão espírita. Costuma-se confundir essas duas coisas; também a que ele chega? — É que, se se deseja fazer constatar um fenômeno assim desenvolvido é preciso sacrificar a todas as exigências. Quando se dá uma sessão espírita, se vos responde: — Isso não é científico. Quando se dá uma sessão experimental, se vos responde: — Não há nada aí de espírita.

⁴¹ Durante a materialização, o médium não tem mais a posse normal de seu corpo psíquica. Por outra parte a entidade, que lhe empresta os elementos de sua incorporação, não possui mais a consciência do além. Essa dupla anomalia faz como todo o esforço dispensado de um lado corresponde a um enfraquecimento do outro.

Acredita-se dificilmente no fenômeno, acredita-se muito facilmente na fraude. Ah!... A fraude. Eu falarei dela que para vos fazer notar que isso seria uma diversão absolutamente inútil, pois que a ação dos fraudadores e dos prestidigitadores não tem nenhuma relação com uma expertise cientificamente conduzida. Aliás, como o observa Morselli, os cétricos não fazem senão reeditar objeções às quais, já cem vezes, foi respondido vitoriosamente. Conseqüentemente, para o leitor que não saberia se defender contra essas sugestões fáceis, nós vamos lembrar o exemplo de uma materialização célebre. Ela nos mostra que uma incredulidade jamais se desarma.

É ainda de Katie King que vamos falar; é o caso clássico, controlado, posto em evidência tanto que alguma coisa pode ser evidente para a fraca razão humana. É um caso do qual os cétricos não gostam de ouvir falar, um incômodo, eles gostariam passá-lo em silêncio; não tendo podido sufocá-lo praticamente eles o denigrem, mas por suposições tão grosseiras, por afirmações tão infantis que o ridículo recai sobre eles.

Quando um médium resistiu vitoriosamente a todos os controles, se vos diz que ele estendeu algures, algumas vezes, em outras circunstâncias, etc. Isso é contestável, mas desvia a discussão e se deixa acolher.

Esquece-se que é justamente para responder a essas contestações que se tinha organizado todo um sistema de controle confiado a um árbitro no qual todo o mundo tinha declarado, por antecipação, aceitar o veredicto.

É nessas condições que o William Crookes, que tinha há longos anos estudado toda a série de fenômenos, foi constituído árbitro da mediunidade de Florence Cook.

Vós entendeis dizer, hoje ainda, que o fantasma de Katie King foi tomado a plenos braços, o que é verdadeiro, e que Florence Cook foi assim desmascarada, o que é falso.

Um incidente desse gênero é sempre explorado por gentes que não duvidam do que é mediunidade. É dessa calúnia que W. Crookes devia ser o árbitro. Nesse momento, ele era absolutamente ridículo de crer no fenômeno, as paixões estavam liberadas, a hora era solene, W. Crookes estava advertido, seu futuro de sábio podia afundar; compreender-se-á que ele devia manter-se em guarda.

Eis aqui a história: um fantasma tinha sido tomado por um assistente, um verdadeiro fantasma assim encerrado não podendo senão se desmaterializar. Não era o aviso dos cétricos que não conheciam nesse tempo, os fantasmas de Robert Houdin senão um florete devia atravessar; o fantasma então devia ser uma coisa inacessível. Aquele por isso, foi tomado, ele não podia senão se desmaterializar, e foi

o que ele fez. Seguiu-se uma confusão indescritível, em favor da qual as suposições se deram um livre curso. Nós gritamos, gritamos e, como nada restava entre os braços de pessoa que tinha acreditado agarrar alguma coisa, os maliciosos espalharam o barulho que o médium tinha fugido para a obscuridade. Ele só tinha uma coisa a fazer: constatar o estado do médium, mas os maliciosos não têm desses escrúpulos, sobre os tetos que o médium se tinha desligado, o que era uma calúnia. Nós temos, sobre essa sessão, o testemunho de uma alta personalidade, o grande naturalista Russel Wallace; pode-se é relacionar à sua narração, onde ele certifica que o médium foi encontrado com seus laços perfeitamente lacrados.⁴²

O médium fez o que ele devia fazer, ele pensou no grande sábio que estudava então os fatos espíritas, ele prometeu de se submeter inteiramente ao seu controle e lhe pediu proteção.

O Sr. W. Crookes, acrescenta Sir R. Wallace, tendo recebido a permissão, fez o que o Senhor cético tinha feito sem autorização, ele agarrou o espírito em seus braços e constatou que ele era evidentemente o de uma mulher viva.

Entretanto essa forma-espírito não era o da Srta. Cook, nem o de nenhum ser humano, esperado que ela apareceu e desapareceu nos cômodos fechados e cuidadosamente guardados na própria casa do Sr. Crookes, tão facilmente e completamente quando mesmo na residência do médium.

Em uma primeira carta endereçada aos jornais espiritualistas, o sábio escrevia:

Vossos leitores, Senhores, me conhecem e quererão bem acreditar, eu espero, que eu não adotarei precipitadamente uma opinião, nem que eu lhes perguntasse para estar de acordo comigo, conforme uma prova insuficiente... mas eu lhes perguntarei isso: — Que aqueles que se inclinam a julgar duramente a Srta. Cook suspendam seu julgamento até que eu traga uma prova certa que, eu o creio, será suficiente para resolver a questão.

Nesse momento a Srta Cook se consagra exclusivamente a uma série de sessões privadas às quais não assistem senão um ou dois de meus amigos e eu. Essas sessões se prolongarão provavelmente durante alguns meses, e eu prometi que toda que eu desejar me será dada. Essas sessões não tiveram lugar desde algumas semanas mas houve bastante para me convencer plenamente da sinceridade e da honestidade perfeita da Srta. Cook, e para me dar todo lugar de crer que as promessas que Katie me fez tão livremente serão realizadas.

Agora tudo o que eu peço, é que vossos leitores não presumam precipitadamente que tudo o que à primeira vista parece duvidoso implica necessariamente decepção, e que eles queiram bem suspender seu julgamento até que eu fale de novo desses fenômenos. Eu

⁴² Russel Wallace, *Os Milagres e o moderno Espiritualismo*, p. 252.

estou, etc.

William Crookes, 3 de fevereiro de 1874.

Após ter longamente experimentado W. Crookes escreveu enfim:

“Estou feliz de dizer que eu obtive *a prova absoluta*, da qual eu falava na carta mencionada acima.”

Eis aqui aliás em quais termos ele expunha a as precauções tomadas por ele, no curso das experiências:

Durante esses últimos seis meses, a Srta. Cook fez em minha casa numerosas visitas, e aí demorou algumas vezes uma semana inteira. Ela não portava com ela senão uma pequena bolsa de noite, não fechando à chave, durante o dia ela estava constantemente em companhia da Sra. Crookes, de mim mesmo, ou de algum outro membro de minha família, e não dormindo sozinha, houve uma falta absoluta de ocasiões de nada preparar, mesmo de um caráter menos concluído, que fosse apto a desempenhar o papel de Katie King. Eu preparei e dispus eu mesmo minha biblioteca assim que o gabinete negro e como de hábito, após que a Srta. Cook tivesse jantado e entreteve conosco, ela se dirigia direto para o gabinete e, por sua solicitação, eu fechava à chave a segunda porta, guardando a chave comigo durante a sessão.⁴³

Que o leitor queira considerar que o homem que é responsável com esses fatos é um físico de primeira ordem, um homem tão experimentado como nosso Pasteur e nosso Berthelot, que é membro da Sociedade Real desde 1856, que é o autor de trabalhos célebres tocante à Física, à Química, à Astronomia e à Fotografia celeste. Inventor engenhoso do fotômetro e do microscópio espectral, ele descobriu o Talium e expandiu o domínio das ciências descobrindo os estados radiantes cujos efeitos são de um poder tão formidável sobre a matéria, e que permitem a fotografia através dos corpos opacos. Qual é esse que, se lembrando de tudo isso e do testemunho que eu acabo de citar, ousaria contestar que essas condições impõem a certeza?

Entretanto tudo chega, hoje, quarenta anos depois as provas dadas, ele se acha críticos que creem que a Srta. Cook pôde dissimular sua irmã em um saco de noite, introduzi-la na casa; que ela pôde roubar durante dois meses aos olhos de todos os moradores, deitá-la e alimentá-la, e que, no nariz e na barba do grande sábio, que exercia o controle mais rigoroso, ela pôde continuar uma comédia grosseira durante seis meses com sucesso. Semelhante credulidade toca o coração.

⁴³ *Novas experiências sobre a Força psíquica*, por W. Crookes, p. 191. Leymarie, rua Saint-Jacques, 42.

Isso exposto não seria completo se nós não déssemos pelo menos, de acordo com o próprio W. Crookes, o relatório de uma sessão.

Eu passo agora — escreve o sábio⁴⁴ — à sessão de ontem à noite e Hackney. Jamais Katie apareceu com tão grande perfeição; durante perto de duas horas ela passeou pelo cômodo, e conversando familiarmente com os que estavam presentes. Várias vezes ela tomou meu braço caminhando, e a impressão sentida por meu espírito que era uma mulher viva que se achava ao meu lado, e não um visitante do outro mundo, essa impressão, digo eu, foi tão forte que a tentação de repetir uma recente e curiosa experiência tornou-se quase que irresistível. Pensando então que, se eu não tivesse um espírito perto de mim, havia com certeza pelo menos uma senhora, eu lhe pedi a permissão de toma-la em meus braços, a fim de me permitir verificar as interessantes observações que um experimentador audacioso tinha recentemente feito conhecer de uma maneira tão pouco prolixa. Essa permissão me foi graciosamente dada, e em consequência, eu ousei (convenientemente como todo homem bem educado teria feito nessa circunstância). O Sr. Volckman ficará encantado de saber que eu posso corroborar sua asserção, que o “fantasma” (que de resto não fez nenhuma resistência, era um ser tão material mesmo quanto a Srta. Cook). Mas a sequência mostrará quanto um experimentador enganado, alguns cuidados que sejam suas observações, se arriscas a formular uma importante conclusão quando as provas não são em quantidade suficientes.

Katie diz então que essa vez ela se sentia capaz de se mostrar ao mesmo tempo que a Srta. Cook. Eu baixei o gás, e em seguida com uma lâmpada à base de fósforo, eu penetrei no cômodo que servia de gabinete. Mas antecipadamente, eu tinha pedido a um de meus amigos que é hábil estenógrafo, de anotar toda observação que eu poderia fazer enquanto eu estivesse no gabinete pois eu conheço a importância que se tem nas primeiras impressões, e eu não queria me confiar em minha memória mais do que fosse necessário. Suas notas são nesse momento devidas a mim.

Eu entrei no cômodo com precaução; aí estava escuro, e foi tateando que eu achava a Srta. Cook. Eu a encontrei agachada sobre o tablado.

Ajoelhando-me, deixei o ar entrar em minha lâmpada, e na fraca claridade eu vi a jovem vestida de veludo preto, como ela estava no começo da sessão e tendo toda a aparência de estar completamente insensível. Ela não se mexeu quando eu pedi sua mão e coloquei a lâmpada praticamente perto de seu rosto; mas ela continuou a respirar calmamente.

Elevando a lâmpada, eu observei em torno de mim, e vi Katie que se mantinha em pé bem perto da Srta. Cook e atrás dela. Ela estava vestida com uma roupagem branca e flutuando como já tínhamos visto durante a sessão. Mantendo uma das mãos da Srta. Cook na minha, e me ajoelhando ainda, eu levantava e abaixava a lâmpada, tanto para clarear a figura inteira de Katie quanto para me convencer plenamente que eu via realmente a verdadeira Katie que eu tinha apertado em meus braços alguns minutos anteriormente, e

⁴⁴ *Novas experiências sobre a Força psíquica*, por William Crookes, F.R.S. Leymarie, editor, rua Saint-Jacques, 42 (p. 187-190)

não o fantasma de um cérebro doente. Ela não falou, mas ela moveu a cabeça em sinal de reconhecimento. Por três vezes diferentes, eu examinei cuidadosamente a Srta. Cook agachada diante de mim, para me assegurar que a mão que segurava era a de uma mulher viva e em três repetições diferentes, eu virei a lâmpada em direção de Katie para examiná-la com uma atenção suportada, até que eu não tivesse mais a menor dúvida que ela estava bem à minha frente. No fim, a Srta. Cook fez um leve movimento, e imediatamente Katie me fez sinal para eu sair. Eu me retirei para uma outra parte do gabinete e cessei então de ver Katie, mas eu não deixei o cômodo até que a Srta Cook despertasse e que dois dos assistentes penetrassem com a luz.

Vamos agora passar para o lado do médium. — O que prova ele? Qual é sua sensação íntima? Possuímos um documento precioso, graças a uma senhora do mundo, a Sra. d’Esperance, dotada de uma notável mediunidade, que escrever uma espécie de autoscópio, a qual nos permitiu de nos dar conta de suas sensações psíquicas e mentais, durante a produção do fenômeno de materialização.

Foi de um modo praticamente fortuito que essa senhora descobriu a faculdade que ela possuía. Em uma reunião íntima, uma noite em que uma chuva persistente impedia amigos de voltar para suas residências, alguém propôs, para matar o tempo, tentar fazer uma sessão. Várias pessoas se submeteram à prova entrando no gabinete escuro; um dormiu, um outro se amedrontou, enfim a Sra. d’Esperance veio por sua vez e nós a deixamos falar.⁴⁵

Eu não queria ser obrigado a confessar, mas naquele momento eu resenti uma coisa que lembrava muito o medo, e eu provava o desejo muito vivo, de correr para a luz, de me encontrar em companhia de cantores, mas eu fiquei sentado. Eu permanecia colado a minha cadeira, receando que “alguma coisa” me tocou, e com a convicção que, se me fazia, eu me pus a dar gritos altos. Alternadamente eu me sentia queimando e gelado e eu teria muito medo de estar do outro lado das cortinas. Eu sabia não ter senão que estender a mão para puxá-las, mas eu estava presa de uma indescritível sensação de solidão e isolamento, que parecia me colocar a uma distância enorme dos outros. Essa curiosa sensação vencida quase meu desejo de ser bravo e eu estava a ponto de me precipitar para fora do gabinete, quando uma mão, tocando meu ombro, me obrigou a pegar a cadeira que eu tinha deixado.

Isso é bastante estranho; essa pressão que em outras circunstâncias não teria perturbado além da medida, essa pressão teve o efeito de acalmar minha febre e meu medo.

Numerosas foram as formas que apareceram em torno da Sra. d’Esperance; várias, tendo toda a aparência física de pessoas conhecidas dos assistentes, não tinham nenhuma semelhança com a médium, mas aconteceu também que as formas

⁴⁵ *No país da sombra*, por E. d’Esperance. Leymarie, editor, rua Saint-Jacques, p. 188-189.

apareceram em sua completa semelhança. Assim ela conta, p. 238:

Eu obtive a permissão de deixar meu assento no gabinete, e eu vim lentamente e com dificuldade do lado das cortinas, aí ou se mantinha uma figura branca. Oh, surpresa! Eu me encontrava face a face com... eu mesmo; pelo menos assim me pareceu.

O espírito materializado era um pouco maior do que eu e de compleição mais forte; ele tinha cabelos longos, os traços mais grossos e os olhos maiores; mas observando o rosto, eu acreditava me ver em um espelho, tão grande era a semelhança.

O espírito me pôs as mãos sobre os ombros, e, me olhando atentamente, murmurou: “Bonitinha, minha pequena!”

Esse espírito que aparecem com frequência, foi apelidado — a senhora francesa — era uma das raras aparições capazes de se expressar em palavras. O autor diz sobre ele: “Ela era minha amiga particular, assim que nós o sabíamos todos e vinha para mim, embora ela fizesse muita menos atenção por mim que aos outros membros da sociedade. O papel particular que eu tinha que representar nas sessões a impedia talvez de me mostrar sua afeição, pois ela pôde notar que tudo o que ocupava especialmente meu espírito, ou despertava meu interesse, causava um enfraquecimento, uma descrença notável de seu poder em nosso meio; sempre era o que ela testemunhava muito mais em relação aos outros, notadamente ao Sr. F., o único podendo falar com ela na sua língua natal”.

É certo que a entidade se manifestando na substância mesmo do médium deve evitar se deixar retomar essa matéria que não lhe pertence. À menor excitação, a ação inconsciente do médium tende à reivindicação de suas próprias células; é preciso então ter cuidado de deixar o médium em sua sonolência e para isso lhe economizar toda emoção. Em alguns casos os assistentes puderam contribuir eles mesmos a fornecer uma parte dos elementos e, por aí, aliviar o médium.

Um fenômeno tão extraordinário será sempre difícil de explicar, nós somos forçados de ter em conta a análise psicológica que nos quis dar, ela mesma, a Sra. d’Esperance. Essa análise nos mostra as sensações consecutivas ao arranchamento de sua substância, e, do lado psicológico, sensações telepáticas que provam sua participação na vida do fantasma. Mas não seria preciso concluir na negação de toda participação das entidades do Além. Com efeito, se nota que se a sensação pertence ao médium, tem-se necessidade de sua passividade. O médium não age no fantasma, e este tende a se dissolver desde que a vontade do médium tende a lhe retomar seus órgãos. Isso quer dizer que o fantasma não pode nada senão através do órgão que toma emprestado e sem o qual ele não teria nenhuma existência real no plano material; mas isso não quer dizer que ele não seja senhor de seus atos no plano material.

De fato o médium, fisiologicamente empobrece, se acha em uma situação

estranha. Ele partilha das sensações do fantasma já que é sua substância mesmo que constitui a materialidade da aparição; tudo o que toca o fantasma o impressiona e é errado que se veria uma prova da identidade do médium com seu fantasma. A identidade é toda material, mas o mental do médium permanece independente.

Essa identidade de matéria entre os dois possuidores torna absolutamente criminais as expectativas que os novos visitantes se permitem antes de ser feita alguma ideia racional do fenômeno. A espécie de incrédulos não distingue entre uma simulação maquinada de todas as peças, ou uma aparição respondendo à ideia toda mística que eles se fazem de uma criatura celeste, ideia que existe neles no estado preconcebido.

Do mesmo modo que a Srta. Florence Cook, nossa médium foi vítima de uma dessas possessões brutais. Eis como a Sra. d'Esperance conta o atentado.

Eu não sei como a sessão começou; eu tinha visto Yolanda tomar seu jarro sobre o ombro e sair do gabinete. Eu aprendi mais tarde o que se passou. O que eu experimentava, foi a sensação angustiante, horrível, de ser sufocada ou esmagada, a sensação, eu imagino, de uma boneca de borracha que seria violentamente abraçada por seu pequeno possuidor. Depois um terror me envolveu; uma agonia de dor me apertou; me parecia perder o uso de meus sentidos e me imaginava cair em um abismo assustador, não sabendo nada, não vendo nada, não ouvindo nada, salvo o eco de um grito penetrante que parecia provir de longe. Eu me sentia cair, e não sabia onde. Eu tentava me segurar, de agarrar a alguma coisa, mas me faltava o apoio, eu desmaiei e só voltei a mim para tremer de horror, com o sentimento de ser abatido morte.

Meus sentidos me pareciam ter sido dispersados ao vento, e foi somente pouco a pouco que eu pude me lembrar suficientemente para compreender o que tinha acontecido. Yolanda tinha sido agarrada, e quem a tinha possuído a tinha tomado por mim (*No país da sombra*, p. 244).

Existem ainda infelizmente imbecis para declarar que a trapaça foi desmascarada por gestos semelhantes. Mas é um gesto semelhante que teve por consequência colocar a Srta. Florence sob o controle científico dos Srs. W. Crookes e Varley e gestos semelhantes não deixaram nada entre os braços daqueles que os tinham ousado. Eles pegaram algum trapo de manequim? — Não — mas o médium saiu daí, fisicamente arrasado e com uma grave hemorragia dos pulmões.

Essa afronta, se dura de suportar, foi mais tarde de consequências felizes; é o que o médium diz com sua sinceridade constante.

Se eu tivesse alguma parte na criação dessas formas, eu quero saber.

E, retomando suas experiências com seu espírito de crítica habitual, decidiu não mais entrar no gabinete e permanecer entre os assistentes.

Na segunda série de experiências devemos notar duas sessões instrutivas. Poder-se-ia perguntar se não se tratava de um simples desdobramento do médium sem nenhuma intervenção da entidade oculta. A essa questão, a Sra. d'Esperance vai responder. Era em Christiane, no decorrer de uma sessão na qual diferentes personagens já tinham sido mostradas, eis como a Sra. d'Esperance completa sua narração:

Agora vê-se avançar uma outra figura menor, mais esguia e estendendo os braços. Alguém se levanta na extremidade do círculo, avança em direção a ela e cai em seus braços. Eu ouço gritos inarticulados: “Ana, Oh! Ana! Minha criança, meu amor!”

Uma outra pessoa se aproxima igualmente e envolve o espírito com seus braços: prantos, soluços e ações de graças se misturam. Eu sinto meu corpo atirado à direita e à esquerda, e tudo se torna sombrio aos meus olhos. Eu sinto o braço de alguém em torno de mim, e entretanto eu estou somente sentado em minha cadeira. Eu sinto o coração de alguém bater em meu peito. Eu sinto que tudo isso me acontece, e entretanto não ninguém a não ser as duas crianças junto a mim. Ninguém percebe minha presença. Todos os pensamentos, todos os olhares parecem concentrados sobre a branca e delicada figura, envolvida pelos braços das duas mulheres de luto. É bem meu coração que eu sinto bater tão distintamente. E no entanto, os braços em torno de mim? Eu jamais tive consciência de um contato tão real, eu começo a me perguntar quem sou *eu*. Sou a silhueta branca ou a pessoa sentada na cadeira? São minhas mãos que envolvem o pescoço da velha senhora? Ou são as minhas que repousam sobre meus joelhos? Eu quero dizer sobre os joelhos da pessoa sentada na cadeira, no caso em que não seria eu.

Certamente são meus lábios que recebem beijos: é meu rosto que eu sinto todo molhado de lágrimas vertidas com tanta abundância pelas duas velhas senhoras. Como isso pode ter tido lugar entretanto? É um sentimento horrível que isso perde assim consciência de sua identidade. Eu aspiro a levantar uma dessas mãos inúteis e tocar alguém justo bastante para saber se eu existo realmente ou se eu sou somente presa de um sonho, se Ana sou eu ou se eu confundi minha personalidade com a dela.

Eu sinto os braços trementes da velha senhora, eu sinto os beijos, as lágrimas e as carícias de sua irmã; eu ouço suas bênçãos; e, presa de uma verdadeira agonia de dúvida e de angústia, eu me pergunto quanto tempo isso vai durar. Quanto tempo seremos nós duas ainda? E como isso terminará? Serei eu Ana, ou Ana será eu?

De repente eu sinto duas pequenas mãos se deslizar nas minhas que permaneciam inertes. Elas me recolocam em possessão de mim mesma. O pequeno Jonte, fatigada por ser tapado pelas três formas materializadas, se sentiu de repente isolado e agarrou minhas mãos para se consolar em minha companhia.

Quanto esse único contato de uma mão infantil me fez profundamente feliz! Minhas dúvidas se desfizeram quanto à minha individualidade e quanto ao local em que eu me

encontro... E como esses pensamentos me vêm, a branca silhueta de Ana desaparece no gabinete as duas senhoras retomam seus lugares, transtornadas, soluçantes, mas transportadas de felicidade.

É preciso fazer um esforço de imaginação para se colocar na situação do médium e compreender quanto ela é dramática. Após anos de estudo a Sra. d'Esperance ainda se perguntava se ela era vítima da autossugestão. Certa de sua sinceridade, ela não duvidava da realidade das aparições. Ela se lembrava quanto Yolanda se parecia a ela mesma, a tomada brutal da qual ela tinha sido precedentemente vítima levantava um novo problema. Ela não sentia mais seu corpo, ela não tinha mais consciência do lugar que ocupava; pelo contrário, todos os carinhos que ela via fazer no fantasma eram ressentidos por ela com intensidade. Os assistentes, unicamente ocupados com a aparição, pareciam ignorar sua presença, suas ideias eram transtornadas; enfim uma carícia de criança a tira dessa angústia. Ela não está por isso ausente, ela está bem em suacadeira, visível para todos, ela não é a outra em que todas as sensações lhe pareciam confundidas.

Essa frase: Serei Ana, ou Ana será eu? É, em sua simplicidade tudo o que há de mais expressivo. Ela expressa a angústia do médium sincero e explica os julgamentos ativos dos experimentadores maliciosos. Com efeito, a confusão das sensações pode trazer o médium a não mais distinguir entre o órgão e o seu duplo; que ele quer fazer um esforço, como é o caso para Eusapia a quem se impõe experiências de efeito físico, não pode sempre discernir se é o membro fluídico invisível, ou se é a mão de carne, que obedece à sugestão; e, ao menor gesto suspeito dessa última, fazem-se os julgamentos mais injustos.

No caso da Sra. d'Esperance, é o corpo inteiro que experimenta essa incerteza de si mesmo, mas a faculdade de raciocínio permanece intacta. É o que diz excelentemente o Sr. G. Delanne.

Assim, parece bem incontestável, que tanto quanto matéria, médium e fantasma são rigorosamente solidários, intimamente ligados; mas do ponto de vista psicológico, a separação é completa: são dois seres distintos, existindo no mesmo momento, mas tão diferentes um do outro que se a mesma substância não lhes servia ao mesmo tempo. Um espírito materializado e um médium são um pouco como irmãos siameses que têm uma parte do corpo que lhes é comum, mas cujas cabeças pensam separadamente, cada um de seu lado⁴⁶. Assim o fenômeno toma emprestada a substância do médium ele dissocia os órgãos sem dissolver a individualidade pensante. É um pouco próximo ao contrário de uma saída da alma a

⁴⁶ G. Delanne, *As Aparições materializadas*, t. II, p. 687.

alma permanece e o corpo se ausenta em parte, pela sugestão de uma influência estranha. Poderíamos citar ainda outras materializações célebres. Em 1886, em Londres, Aksakof conseguiu tirar fotografias sobre as quais o médium e a aparição se fizeram ver simultaneamente.⁴⁷ O médium era Eglinton, o mesmo que deu a magnífica aparição a qual testemunhou o pintor James Tissot que nos conservou a lembrança por meio de sua espetacular gravura.

Não ficou esquecida a obra desse admirável artista que, dotado de uma particular acuidade de visão, não era um homem fácil de se abusar.

Em 1889, ele escrevia ao Sr. de Brunoff, diretor da *Revista Parisiense...* “eu posso vos dar cópia da relação que eu escrevi após a famosa sessão que me deu a ocasião de gravar a aparição da qual se falou alhures e com tanto descaramento”.

Relação da sessão do dia 20 de maio de 1885

Residência do médium Eglinton

Após o jantar subimos para a Sala de sessões. O círculo e pouco numeroso, simpático.

Tão logo no cômodo escolhido para a experiência, o médium entra em *transe* e se assenta atrás de mim. De tempos a tempos ele se mexe muito agitado, bate mãos, geme, caminha na obscuridade como se visse claro, se nada esbarrar, e se deixa abandonar sobre uma cadeira baixa, atrás de mim, cuja madeira range ao menor movimento. Ele adormece.

Eu converso com meus vizinhos coisas indiferentes. De tempos a tempos nós cantamos. O “controle” Joey nos recomenda de não parar de conversar sobre não importa o que, pois, ao menor silêncio, a ansiedade de cada um que aumenta, fadiga e esgota o médium. — Katie está aí, me anuncia a voz. De repente me é sinalizado à esquerda, atrás de mim, uma luz. É uma forma de mulher. Eu olho muito rápido, vejo com dificuldade e a forma se desfaz. Eu olhei muito cedo. A manifestação foi como neutralizada por minha ansiedade. Eu me prometo que não olharei senão quando a forma for distinta. Após dois minutos, a luz apareceu novamente. Eu espero um pouco e devagar me viro para a minha esquerda. Então eu vejo, aí, perto de mim, uma forma humana e clareada por um feixe luminoso partindo do peito, luz muito azulada. A cabeça, coberta, me parece muito pequena, grossa apenas como uma maçã. Isso cresce. Eu vejo uma figura de mulher inteiramente formada, inclinada na minha direção, me olhando. É Katie, sim, é ela. Eu observo seu queixo. Me parece menor do que eu estou acostumado a pintar. Eu encontro o modelo de seu sorriso angélico, cheio de doçura. Sim é Katie! Seu pescoço está visível, tão pequeno entre os panos que caem sobre o peito. Mais nada.

Joey me previne que Katie não está ainda bem formada, que ela vão voltar, e me pede para não olhar senão quando a aparição estiver completa.

Nós conversamos sobre coisas banais, pois que é preciso. Meus vizinhos, vendo a

⁴⁷ V. G. Delanne, *As Aparições materializadas*, t. II, p. 294-300.

materialização da figura, exclamavam: — Oh! Que face doce! Como é bonita!

Eis Katie que reaparece dessa vez mais distinta. É uma pessoa de aspecto vivo que eu tenho diante de mim. A face é azul, como clareada pela luz. Sim, por certo, é bem minha Katie! Mas ela desaparece antes que pudesse observar a claridade das mãos.

Após alguns instantes, ela volta e dessa vez eu observo tudo. As duas mãos juntas têm o ar de reter o gelo luminoso, clareado como pela eletricidade agrupada sobre o estômago. A figura esvaneceu. Teria terminado? Uma luz então se mostra à minha direita; é a forma de um homem agora, tez morena, de cor, lábios vermelhos, barba preta, vestimenta de Mussolini branca cobrindo a cabeça como um turbante e panos sobre o corpo. Sua mão apresenta um corpo luminoso que o clareia. Ele passa à minha esquerda, atrás de mim, depois atravessa a sala diante de nós, se mostra às pessoas da direita, depois desaparece no assoalho. Crê-se que é Ernesto, o guia do médium.

Alguns momentos se passam em espera e a conversação se alonga.

Duas luzes perto de vós, senhor Tissot, duas formas... Oh! Como é belo!

— Posso olhar?

— Oh, sim! É Katie e o guia.

Com efeito, eu me viro para minha direita, eu reuni as mãos de meus vizinhos da direita da esquerda na minha mão esquerda, a fim de não interromper a corrente, tudo tendo a possibilidade de me virar mais à vontade. Vejo então um grupo admirável clareado desse mesmo clarão azulado que assinaliei, mas mais branco, como se se tivesse raspado a lua e colocado os pedacinhos nas mãos dos seres aparecendo. É a forma do mesmo homem de aspecto um pouco indiano que conduz uma jovem que é Katie.

Eu exclamo em voz baixa:

Como é lindo! É o mais lindo que eu desejava ver. É Katie!

Eu observo tudo, as dobras dos tecidos, o arranjo das mãos. Uma das mãos do homem se aproxima de Katie, como para melhor clarear; a outra a envolve em sua roupagem. Ele tem o ar de conduzi-la como sua criança, sua irmã. E, então como eu continuava a devorar essa cena do olhar, eis Katie que se inclina, se inclina e me abraça sobre os lábios. Eu sinto uma pele suave como a de uma criança; a epiderme me parece quente e viva e é sempre essa mesma expressão de beatitude, de felicidade intensa. Eu conhecia exatamente o beijo de Katie, eu acho seu beijo real. Ela se levanta depois se inclina ainda e me dá um segundo beijo. Depois ela se retira lentamente e tudo desaparece. Todos os assistentes viram, uns e outros, segundo a posição que ocupavam; este de perfil, aquele de face. Eu estava, parece, clareado quase tanto quanto a aparição luminosa mesma de minha vizinha; o conjunto do grupo estava prodigiosamente impressionado.

Que surpresa e que imprevisto na mistura de figuras humanas e sobre-humanas! Isso foi tudo.

James Tissot

Essas belas manifestações são raras. Raras, com efeito, são os *sujets* que podem dar, mais raros ainda são os observadores capazes de bem conduzir uma

sessão. É preciso para isso um conhecimento que não se pode adquirir senão pelo estudo do fenômeno. O experimentador imbuído dos preconceitos correntes, aquele que se faz uma ideia falsa do que deve ser uma aparição, não respeita a técnica e não obterá nada. Ou está convicto previamente, e favorece a fraude e não tomando as precauções necessárias, ou é cético e disposto a tomar por fraude o que não é senão a aparência. Felizmente acontece, para os materialistas, o que aconteceu para os outros fenômenos; pouco a pouco a ciência apodera-se disso; ela os analisa, ela obtém fotografias, moldagens, e não tardará a formar uma convicção. O fenômeno de laboratório não alcançam o desenvolvimento da manifestação espírita, porque não se submete à dissecação de um exame metódico; mas o fato, reduzido à sua mais simples expressão, ganha uma certeza o que perde em beleza.

Desde que as grandes manifestações são conhecidas, as experiências permitiram adquirir noções certas sobre a natureza da aparição. Uma substância emana do médium, ela evolui sob nossos olhos sob a forma de uma nuvem luminosa que se condensa até a criação parcial de um dedo, de uma mão, de um rosto. Como essas emanam de nós mesmos ou de entidades invisíveis, as consequências não são menos formidáveis, pois a substância plástica se modela sob a direção do pensamento.

A ideoplastia é uma palavra que deve soar mal aos ouvidos de um materialista, não é possível de o admitir sem renunciar ao dogma ridículo da *alma função*; mas é muito difícil de persuadir um homem de uma verdade chamada a virar ao avesso sua convicção. O fato das materializações levantou, contra ele, tantas cóleras, provocou tantos levantamentos de ombros, que as acusações de fraude são sempre acolhidas sem exame.

Quando o professor Richet constatou, em Argel, na residência do general Noël, a realidade desses fantasmas, foi uma *onda de protestos* geral; hoje ainda uma parte do público permanece convencido está julgado. Podemos certificar, entretanto, que é o público que foi mistificado por detratores ignorantes ou por testemunhas interesseiras, testemunhas que não assistiam às sessões, bem entendido.

Há uma quinzena de anos, o médium Eva, sustentada pela Sra. Bisson e submetida a condições especiais de controle, viu desfilar diante dela um grande número de sábios e de notabilidades parisienses; e a Sra. Bisson colocou tão bem os fenômenos em evidência que ela arrastou todas as convicções. Hoje o fato não é mais contestável, ela venceu a incredulidade, para não dizer a mentira e a calúnia.

Não creio que nenhuma pessoa inteligente possa supor que uma trapaça

grosseira e desmascarada anteriormente poderia sobreviver durante quinze anos ao exame dos enqueteiros melhores qualificados. Um truque desmascarado não pode mais se repetir com sucesso. Ora, não somente o fenômeno se repete, mas fez grande progresso, do ponto de vista do controle experimental. Durante os últimos anos tem-se triunfado da obscuridade; as sessões podem agora se fazer à luz do dia. Certos espíritas, aqueles que gostariam sempre de ver formas angélicas, como a do pintor Tissot, se arrependem talvez do método empregado, ele não é necessário; ele permite de fazer o processo fisiológico da manifestação; mas do ponto de vista científico isso é de um alcance incalculável, como poderá testemunhar nosso grande divulgador Flammarion, diante do que os fenômenos se produzem, malgrado a afirmação contrária dos detratores.

Nós também temos a felicidade de trazer aqui nosso testemunho após ter recebido a prova pessoal que, durante vários anos, se ofereceram aos nossos olhos. Eu guardo um infinito reconhecimento à experimentadora; eu foi testemunha de suas lutas e de seus sofrimentos íntimos, e deposito a seus pés o testemunho de minha sincera admiração. A Senhora Juliette Alexandre Bisson terá bem merecido tomar lugar entre os inovadores célebres, pois, se ela não trouxe essa revelação ao mundo, foi dela a honra de ter feito entrar na Ciência.

Capítulo IX

AS MATERIALIZAÇÕES DA NATUREZA

Em todo germe vivo há uma ideia criadora que se desenvolve e se manifesta pela organização.

Claude Bernard

Desde 1895, Aksakof chegava a essa conclusão:

Nós vemos erguer-se diante de nós um fato prodigioso que não se tem ousado olhar em face até o presente, mas que é chamado a tornar-se uma das mais brilhantes aquisições das ciências antropológicas e das quais será devido a saber: a ação física e psíquica do homem não está confinada à periferia de seu corpo.⁴⁸

Com efeito, a possibilidade que temos constatado de exercer, sem contato, uma ação sobre a matéria, é chamada a modificar todas nossas ideias sobre a existência da corrente nervosa que os fisiologistas concordam em considerar como um produto do organismo do homem e dos animais.

A faculdade de mover, sem contato, um corpo pesado necessita da intervenção de um agente material, não é mais permitido atribuir esse efeito a uma corrente nervosa que se faria sentir fora das vias de condução. Resultado, a existência de um elemento psíquico torna-se uma hipótese necessária e um outro fato, a sugestão mental passando de um cérebro a outro, prova a presença de um elemento desconhecido, material ou imaterial, nós não podemos saber.

Eis por isso colocado, sobre uma certa base, o problema da existência de um agente ativo, independente de nossos órgãos. Chamemos esse agente psíquico e eis

⁴⁸ *Animismo e Espiritismo*, por Alexandre Aksakof, 1896, p. 523, Ed. Leymarie, rua Saint-Jacques, 42.

aí a causa, o verdadeiro motor de nossos órgãos.

Não é sem contato que a natureza procede para elaborar a matéria? – O que é o fenômeno da gravidade de gravitação não é suficiente para provar a ação à distância? Ora, a atração não age por meio de uma corrente nervosa. Um planeta não saiu do nada, ele saiu do invisível e é constituído de um corpo opaco. Quer dizer que ele se materializou.

Sobre o planeta, que não era, na origem, senão um deserto de vida, todos os seres organizados apareceram; isso não seria outra coisa senão materializações.

A germinação plantas é uma materialização que se faz sob nossos olhos e que não releva da ação química; pois dois grãos semelhantes, de espécies diferentes, podem ser plantados em um terreno quimicamente idênticos e se constituir corpos quimicamente diferentes. Quer dizer que sua faculdade psíquica lhes permite fazer uma escolha entre os elementos que lhes são oferecidos; exatamente como isso se passa por nossos estômagos e nossos intestinos. É incontestável uma ação psíquica, que se tornará mais sensível ainda com as experiências.

Uma hera, chegando a topo de um muro que a sustenta, vai mudar sua forma de materialização; de trepadeira que era, vai se transformar em ramo, e mesmo se modificar a forma de suas folhas que não serão mais estreladas. Uma planta trepadeira vai se dirigir, à direita ou à esquerda, seguindo o que eu colocaria como ponto de apoio que ela cobiça.

Bem mais, a planta determina seus próprios órgãos, e o sentido da pretendida corrente nervosa. Se eu corto, no início do verão, uma vara de um ramo ou de sabugueiro prestes a sair suas folhas, e que a enfie na terra, a cabeça para baixo, ela vai se munir de fortes raízes, modificando assim a composição química de seu rebento, e a seiva, modificando seu itinerário, vai remontar sua corrente.

Passemos ao animal vivo. Pode-se, por meio de um transplante hábil, repor a cauda de um rato e desta vez será a pretendida corrente nervosa que será capaz de saber, nessa posição nova, inverter sua direção.

Eis as reflexões que se apresentam ao pensamento, à simples constatação de um movimento de objeto sem contato. Pode-se dizer que o agente que sacode a mesa vem de uma ação orgânica, mas é a ação de um órgão psíquico, ao qual nós podemos atribuir todo o poder ativo fora da corrente nervosa. A experiência nos prova que esse elemento psíquico, exteriorizado por um grupo de pessoas colocada em torno de uma mesa, é sensível e ativo; bem mais é, como a psique humana, acessível às sugestões mais inconscientes e mais longínquas; não há aí alguma coisa como um campo de força, constituído pela exteriorização fluídica de todas as

peessoas presentes. Esse campo de força é sensível às sugestões ou se faz eco de todos os pensamentos presentes ou estrangeiros e isso se traduz por movimento.

Há por isso aí um verdadeiro campo anímico, um elemento que é como o veículo da ação telepática e estamos em presença de um fato colossal do qual temos uma desconhecida importância. É que o pensamento é capaz de mexer a matéria sem o concurso de nenhuma corrente nervosa. Mas, para não indignar os fisiologistas, eu concordo com eles que a corrente nervosa existe incontestavelmente, somente a definirei assim:

Toda vida, na natureza, é sustentada e alimentada por uma corrente telepática por toda parte espalhada e de essência desconhecida; a porção de corrente que atravessa uma unidade orgânica é chamada corrente nervosa.

Vamos desenvolver essa concepção e esperamos mostrar como a presença, no corpo humano, de um elemento fluídico invisível dotado do duplo poder de agir e de sentir, estendendo sua ação além dos órgãos que contêm, nós damos a chave de todos os movimentos orgânicos e, mesmo, nos permite compreender, em uma certa medida, a primeira aparição dos seres sobre a terra, o que não é senão um fenômeno de materialização lenta, sob a forma de evolução que a ciência denomina filogenética, e nós explicaremos também a evolução do indivíduo, isto é, a ontogênese.

Os movimentos orgânicos

Antes de tudo tentemos compreender como nosso indivíduo se comporta considerando nós mesmos como uma força capaz de mover nossos órgãos. Como se explicam as relações da alma com o corpo?

Isso explicará muito simplesmente supondo que mesmo nossos órgãos são providos de uma certa força anímica independente cuja reserva se alimenta das mesmas correntes substanciais que atravessam nosso organismo.

Sabe-se que nosso corpo não é senão uma soma de organismos muito pequenos que chamamos *células*.

As células se aglomeram, se especializam e se organizam segundo a função que lhes são chamadas a cumprir. Uma associação de formará, por exemplo: a pálpebra, a íris, a córnea... que são órgãos; um agrupamento de órgãos diferentes constitui um aparelho. Assim: o aparelho visual, o aparelho respiratório... etc. A construção do edifício orgânico se parece muito ao trabalho que deve efetuar o operário tipógrafo que tira primeiro, no monte, os caracteres que representam as

células; que as juntam para formar as palavras; cada frase sendo um órgão, muitos órgãos concorrem ao desenvolvimento de um argumento complexo; o todo forma a tese, ou o corpo do livro, que representa a unidade fisiológica.

Em suma, o corpo humano se reduz em última análise à célula que constitui ao mesmo tempo o menor corpo vivo e o mais fraco grau de substância pensante e atuante.

A célula nervosa é a substância da medula e do encéfalo. Já é um ser evoluído que não pôde realizar sua materialização senão em um meio já preparado para recebê-la.

Ela apareceu em um tubo medular cuja formação precedeu a do cérebro. Hoje ainda, o ser humano, quando se forma no seio da mãe, começa por se construir um eixo medular, sem crânio, sem cérebro.

O cérebro, templo de mistério, é o desabrochamento final da materialização do sistema nervoso e a sede aparente das atividades percebidas por nossa consciência e interpretadas por ela. Abaixo do cérebro está a medula espinhal que, como cada sabe, é protegida pela coluna vertebral; sobre toda a sua dimensão se destacam nervos que, se irradiando para todos os lados, estendem à toda periferia (e além, não nos esqueçamos), a ação voluntária que emana do cérebro. De outro lado, a superfície cutânea é o resultado de uma multidão de filetes nervosos que são receptores da sensibilidade.

Isso constitui a dupla função dos nervos motores e sensitivos que, nas vértebras, são representados por uma coluna dupla, descendente e ascendente, ou ainda centrífuga e centrípeta, segundo o sentido da corrente telepática que transmite as atividades ou as sensações.

Esse sentido da corrente não existe em virtude de uma propriedade específica inerente à matéria, mas em virtude de uma sugestão há muito imposta, e que seria modificável.

Além desses feixes da coluna vertebral, temos nervos que correspondem aos sentidos da visão, da audição, do olfato, etc.... Estes se transplantam mais diretamente sobre o encéfalo e se comunicam com aparelhos orgânicos de função muito mais alta. Eles são informantes. A aparelho auditivo e o aparelho visual já têm uma aptidão adquirida a recolher as sensações sonoras e luminosas, que nossa consciência superior interpreta a seu turno, segundo a representação interna que nós fomos criados ao curso dos séculos.

Assim células orgânicas, aparelhos representam, em algum grau, uma incorporação de substância pensante e atuante; em todos os graus da escala

orgânica, a alma se manifesta em uma matéria que se renova sem cessar e cuja renovação integral não traz nenhum prejuízo ao fenômeno de consciência que se manifesta nela, não mais que em uma unidade fisiológica superior.

A matéria passa e o campo de força anímica subsiste. Em algum ponto do corpo vivo que o anatomista põe seu escalpelo emite uma consciência, ele toca uma sensibilidade. O que nomeia de reações são determinações queridas e, de nosso lado, nós chamamos inconsciente a ação independente de um órgão que age espontaneamente.

Em suma, o sistema nervoso aparece como uma vasta rede de transmissões telepáticas, sobre a qual nós enviamos mensagens que alcançam todos os pontos de nosso território e que nos relatam todas as informações que nos interessam, na condição de aplicar nossa atenção.

Eis aí o ser humano. Em seu nascimento, ele já organizou sua rede e, se a criança vinha ao mundo pela primeira vez, isso seria tão miraculoso que a aparição de um livro saindo dos escaninhos do impressor sem a intervenção de nenhuma inteligência. Examinemos agora o que se passa na materialização observada sob a forma mais rudimentar, a única que se possa produzir com um objetivo científico.

A maior parte dos homens de ciência que seguiram as sessões de Eusapia Paladino e que constataram, com dor, a realidade das formações plásticas, se conformam em afirmar que nada sai dela que não seja desejado pelo médium. Se isso fosse adquirido, a vontade seria por isso capaz de mover as moléculas orgânicas e de provoca-las fora dos organismos para modelar formas pensamentos. Ela formaria assim imagens ou órgãos cuja exteriorização psíquica forneceria a matéria primeira. Não perguntamos mais para que, a sobrevida ajudando, o sobrevivente possa, por sua vez, se manifestar sob as formas e aparências que ele julgue as melhores; isso nos conduziria a admitir, no mínimo, um elemento material do pensamento e um poder criador do espírito. Chegaríamos, por aí, a uma concepção nova de todos os movimentos da vida.

É bem certo que não há, na matéria orgânica, ponto morto; não há nada de tão inerte que não seja, a um grau ínfimo, sensível e consciente. Não há moléculas orgânicas que não dependam, de uma maneira mais ou menos longínqua, da vontade.

Voltamos ao velho adágio: *Mens agit molem*. E, como a natureza é simples em suas leis, seria preciso procurar a origem da criação dos seres, das nebulosas e dos simples átomos, em uma potência imaterial, em uma força pensante da mesma natureza que a que sentimos em nós.

As materializações que produzem formas, primeiro nubladas, depois mãos e fantasmas inteiros, se ligam aos processos de evoluções realizadas pela natureza.

Se há alguma coisa de verdadeiro nas teorias precedentemente emitidas: — polisoísmo de Durand de Gros, animismo, transmissão de imagens e de movimentos à distância... etc., não há mais lugar de se espantar que o pensamento exerce uma ação plástica sobre a substância anímica exteriorizada. Nossas relações orgânicas são fenômenos telepáticos; as pretensas correntes nervosas são correntes psíquicas; ora, para o que são sessões de materialização, estou convencido que o pensamento dos assistentes é como um centro excito-motor, tão capaz de provocar a inibição sistemática quando contribuir na criação de formas plásticas.

A materialização compreende por isso como um campo de força momentaneamente exteriorizado, reforçado por moléculas orgânicas, sobre as quais influi a vontade.

A ação telepática agindo na esfera orgânica se adapta admiravelmente a nossos conhecimentos fisiológicos, se nós substituimos a ideia, puramente convencional, das correntes nervosas pela de volição.

Isso seria mesmo muito compreensível, pois confesso que a excitação de um nervo não faz compreender seu movimento. Vós podeis batizar certo centro “excito-motor”, isso não lhe confere nenhuma atividade. Ao contrário, uma volição transmitida telepaticamente, eis aí uma ação assimilável aos fatos precedentemente observados.

Os órgãos e mesmo o cérebro sendo estranhos à percepção telepática, o fenômeno supõe o intermediário de agentes psíquicos que a física não conhece ainda. A corrente nervosa não é senão uma hipótese, a transmissão psíquica é uma constatação empírica que não é mais possível descartar.

Pode-se mesmo experimentar automaticamente. Pode-se isolar do cérebro as ditas correntes nervosas, constata-se então correntes subalternas que continuam a agir em um raio mais restrito.

Assim, por exemplo: diz-se que os fios sensitivos e motores emergem da medula espinhal. Poder-se-ia crer que esses fios são simples condutores, que vivem da vida do cérebro ao qual estão ligados: bem, não é nada. Isso admiraria muito os fisiologistas, mas esses feixes de nervos têm uma vida própria. Resulta de uma descoberta antiga e que foi verificada por Claude Bernard que, se se corta um feixe de nervos sensitivos, abaixo do gânglio que se acha perto do ponto de ligação, esse nervo morre, ou pelo menos parece morrer porque ele não dá mais sinais de sensibilidade. Mas se a seção se faz mais alto e que o gânglio permanece aderente ao

nervo, ele vive. Isso torna a dizer que o gânglio mantém lugar de cabeça e que é o centro consciente da excitação que se manifesta na sensação e pelo movimento.

Dito de outra forma: um feixe de nervos ligado ao cérebro pela via espinhal, obedece às sugestões do cérebro; ele não lhe obedece mais desde que se corte a comunicação: privado de sua ligação normal, ele volta à sua independência; a excitação, que tinha por função transmitir ao cérebro, para nele. Mas se se excita, além dele, a extremidade do nervo que adere à medula, o cérebro recebe a sensação, em condição como se ele agisse em um nervo a corrente centrípeta, de um nervo sensitivo. E a sensação, nesse caso, é análoga à que enviase pela mesma via, um leve toque periférico. Mas trata-se de um nervo motor, com função centrífuga, o cérebro não será avisado; pode-se então agir sobre a parte que está destacada do tronco e imediatamente toda a massa nervosa se comportará como um animal sensível, a consciência da carícia está no nervo que percebe por si mesmo e que se manifesta pelo movimento.

Eis a manifestação da alma nos centros secundários; todavia, a ausência de reação não é uma prova de insensibilidade, a vontade tem um poder de inibição sobre os centros nervosos, sem o qual nos seria impossível coordenar nossos movimentos. Esse poder não existe mais desde que o nervo está privado de sua ligação normal com o cérebro.

E, aqui, eu cite textualmente Mathias Duval.⁴⁹ Um animal no estado fisiológico poderá suportar uma excitação intensa sem fazer o menor movimento; após a secção da medula, o mais leve toque sobre a parte do corpo inervada pelo segmento posterior da medula sofrerá para provocar tremores enérgicos nos membros correspondentes. Relembremos ainda a intensidade do sonho sonambúlico em analogia com a intensidade desses movimentos físicos de um membro desligado de seu centro principal; isso deve ter uma causa semelhante, a ausência de um poder moderador.

Esse poder que chamamos de faculdade de inibição e que parece inexplicável aos fisiologistas porque isso não responde às teorias bioquímicas, se explica no entanto bem facilmente com a teoria anímica que aceita a ideia de uma força psíquica e de uma vontade. Uma célula pode bem receber a sugestão de manter-se imóvel sob a excitação; Mucius Scévola imobiliza seu punho sobre o braseiro; é uma consequência natural da força psíquica capaz de domar os órgãos, as almas motrizes não fazem senão executar nossas sugestões que elas compreendem perfeitamente. Do momento que uma célula obedece à ideia do movimento, ela pode obedecer

⁴⁹ Mathias Duval, *Fisiologia*, p. 70.

igualmente à ideia de resistir ao movimento.

Está provado que o cérebro não age dinamicamente sobre os órgãos, mas que cada aparelho funcional porta em si sua vontade própria e que o condutor psíquico funciona no que se quis deixar de seu domínio orgânico, mesmo após a ablação do cérebro.

É um fato que não se saberia pôr em evidência senão, mesmo no homem, os hemisférios cerebrais não têm outras funções senão querer e perceber; a vontade transmitida telepaticamente aos órgãos motores os excita, mas estes se movem espontaneamente utilizando seu próprio dinamismo. Em uma palavra, a unidade fisiológica, a consciência central não envia senão uma sugestão, e os órgãos agem com espontaneidade.

“As faculdades que sobrevivem — diz Flourens — à ablação dos lobos cerebrais são os dos quais dependem as funções de *nutrição* (isto é a *digestão, a circulação, a respiração, etc.*), de *movimento, de locomoção* e mesmo de *sensação*”.⁵⁰

Aqui devemos notar que a sensação de um aparelho funcional escapa absolutamente à nossa observação; Flourens afirma que essa faculdade sobrevive, seria mais certo dizer que ela persiste; ela existe a um grau fraco em toda parte isolada do cérebro, eis aí a realidade. Flourens supõe, por outro lado, que as faculdades de percepção e de memória se perdem, isso deve se entender da percepção e da memória central, pois é preciso concordar uma memória e uma volição especial com a associação inferior isolada de seu centro.

Quando uma rã decapitada age, quando sua pata se porta, por um movimento de reação, em direção à parte excitada, não é mais a vontade principal que age, mas uma vontade ganglionária. Se então um movimento pode ainda se produzir após a ablação dos lobos cerebrais, é verdadeiro que a percepção não existe mais para a rã, entretanto, o ato sentiu alguma parte, quis, já que a parte se dirige em direção ao endereço excitado, mas é uma entidade divisionária, uma espécie de animal inferior que é a causa do movimento. É uma memória ganglionária que reconhece uma sensação aprendida à qual responde, automaticamente, essa alma local.

Se uma galinha da qual foi retirada a massa cerebral é incapaz de procurar alimento, o grão colocado em seu bico pode entretanto provocar a deglutição. Subsiste por isso uma memória e uma percepção local e mesmo uma vontade, somente não são mais as memórias, percepção e vontade da galinha, mas as de uma espécie de monstro reduzido à mais baixa escala vital e onde o bulbo que subsiste tornou-se uma espécie de cabeça orgânica. Se há deglutição, há um despertar de

⁵⁰ Flourens, *Vida e inteligência*, Irmãos Garnier, 1858, p. 66.

memórias adquiridas e, já que o nervo trigeminal percebeu alguma coisa, a sensibilidade não está morta, mas ela aprecia a seu critério a sensação que lhe é oferecida.

A vontade não será capaz de ficar ausente de tal ação pois que a deglutição é um movimento que é preciso querer para que ele se execute. Não é preciso por isso dizer que se separou a sensação da volição, mas simplesmente que se cortou as vias de comunicação entre a alma cerebral e as pequenas almas orgânicas.

Cada aparelho orgânico tem sua vida própria e suas sensações pessoais. Assim o aparelho visual pode ser afetado pelos objetos sem nada conhecer imagens intelectuais que essa visão provoca em nós, pois isso se passa fora de si mesmo. As experiências de Flourens demonstraram que se se retira o cérebro superior de um animal e que se lhe deixa todos os órgãos dos sentidos, o olho conservará seu poder visual, a íris será móvel, seguirá os deslocamentos de uma luz, a retina terá conservado a sensibilidade; entretanto, não se poderá dizer que há visão da imagem, porque a representação visual não existe senão no foro interior do animal. Se, ao contrário, se retira o tubérculo do qual depende o aparelho ocular sem tocar no lobo cerebral, o olho não terá mais nem movimento nem sensibilidade.

Parece por isso que o órgão, estranho a nossas representações psíquicas, possui faculdades ativas e sensíveis, assim como percepções conhecidas dele só, e não é mais possível sustentar a identidade de consciência com as funções, em presença dessas experiências que mostram um animal sem cérebro cujas funções subsistiriam por toda parte enquanto que a consciência não estaria em parte alguma.

A fisiologia está ainda cheia de mistério que parecem poder se esclarecer desde que se decida concordar uma porção de alma à toda divisão da unidade fisiológica.

Mas não é preciso esquecer a fisiologia invisível, o elemento desconhecido, revelado pelas precedentes experiências, e constituem o elemento sensível que interpenetra toda a máquina orgânica. Matéria e espírito estão assim ligados por um estado intermediário novamente revelado. A corrente de indução vai do espírito à matéria passando por esse intermediário. Esse processo não é difícil de se admitir senão porque nossa educação não nos preparou a contento. Mas, agora que a certeza foi adquirida de uma ação exterior executada sem o concurso dos órgãos, me parece impossível evitar essa dedução necessária da existência de um órgão intermediário.

Toda nossa fisiologia nos dá a prova do movimento sem contato. Uma célula

está sem contato com uma outra célula; entretanto, de uma à outra, as expansões e a retrações se transmitem e se executam pontualmente sob a única direção da vontade. Por isso cada célula está em relação telepática com sua vizinha e, por isso, é de toda necessidade que cada uma possua uma parte de sensibilidade e uma parte de atividade. Em suma, toda divisão orgânica possui uma alma, ou, se preferir, um pouco de alma.

É o que foi suficientemente estabelecido por polianimismo de Durand de Gros. Cada gânglio, cada aparelho, cada órgão parece ter uma alma sensível e dotada de vontade. A alma não se estende senão à mais baixa escala orgânica, ao ponto morto da matéria mesmo, se tanto é que a inércia possa existir alguma parte da natureza.

Nossos órgãos não são senão a expressão material de uma forma de vida realizada por nossa alma invisível.

O Dr. Durand de Gros, sobre simples induções fisiológicas, sentiu a necessidade de outra coisa que o que era ensinado, e o primeiro, eu creio, ele corajosamente lançou suas ideias na circulação.

Ele compreendeu que não havia atos inconscientes e não hesitou em concluir que os atos gerados por diferentes pontos da medula espinhal têm, como motores, *almas*. Ele reconhece, como uma hipótese indispensável, que há alguma coisa associada à nossa natureza psíquica. Ele sente a necessidade de fazer intervir em nossa máquina um agente oculto de sensação, ele afirma que a matéria cerebral é estranha à percepção telepática e proclama sem reticências.⁵¹

Por que não nos rendemos ainda às objurgações da sábia filósofo? Ah! É que seu sistema polianimista toma por muito claras coisas que vale melhor deixar na sombra; Charcot entreviu essa luz e recuou, é que a prudência científica não é uma excelente desculpa para esconder a alma por toda parte onde ela ameaça aparecer. Atualmente todos os fatos embaraçosos do animismo são atribuídos à cerebração inconsciente, fórmula estranha pois que é contraditória nos termos. O sistema polianimista de Durand de Gros explicaria admiravelmente o inconsciente que existe em nós; sem dúvida, mas sabe-se jamais onde se chega? A prudência científica prefere descartar o perigo. Se nós explicamos o inconsciente pelas consciências inferiores isso vai se tornar muito claro, e nós não poderemos mais invocar a cerebração inconsciente nos casos constatados de opinião, aviso, premonições úteis, que é impossível atribuir a consciências inferiores; não vamos por isso precisar supor que essas consciências inferiores foram colocadas em um estado de ligação

⁵¹ Ver *Ensaio de Fisiologia Científica*. Paris, 1869, p. 122.

com um magnetizador desconhecido: que horror...! A ciência não pode encarar tal eventualidade. Atualmente o inconsciente nos serve de torta de creme, mas é aí uma condição de deixar subsistir o vago e o subentendido que faz todo o preço do vocábulo... “Inconsciente”.

Pois o inconsciente não é o contrário de consciente, é simplesmente o que se encontra na consciência dos outros. E vós vedes o perigo; com o sistema de Durand de Gros, nós vamos ter uma consciência intestinal, muito útil para nossa digestão, uma consciência do baço, do fígado e do pulmão; funções inconscientes para nós, mas conscientes nos agentes que as entretêm; até aí tudo vai bem; mas isso nos deixa sem defesa contra a maré montante de fenômenos que era tão fácil de rejeitar nesse domínio sem proprietário. Quando um médium escrevente produzia uma mensagem notável, dizia-se:

É o inconsciente! — mas era subentendido que essa consciência habita regiões desconhecidas; podemos nós dizer no presente: — É o baço da Srta. X. que lhe envia novidades de sua mãe... que imita a assinatura de um desconhecido...? — Não, será difícil; o baço é uma boa pessoa um pouco linfática e que entretém conscientemente glóbulos brancos em nossa circulação sanguínea, mas ele não deixa suas ocupações para pegar na pluma (“caneta”).

Eu sei que se poderá discutir; na espécie, dir-se-á que todas as faculdades que concorrem para a escrita normal agem inconscientemente na escrita mecânica, mas isso é absurdo porque essas faculdades são puramente motrizes e que elas conhecem só o movimento e não o sentido da mensagem. É muito concordar com uma consciência motriz do que crer capaz de coordenar ideias, imitar uma assinatura, ou de falar línguas estrangeiras. Um gânglio motor que fala grego ou que improvisa todo um sistema filosófico não deve ter a consciência tranquila.

Mas eis que as experiências aí estão. Elas nos mostram que a mesa, ou os órgãos, não são senão simples agentes de transmissões, e que o agente motor se encontra frequentemente no pensamento de uma pessoa viva; eis por isso um assunto de estudo todo traçado; um movimento é consciente que ele emana de nosso próprio pensamento e é inconsciente quando se descobre sua origem em um pensamento estranho.

Eu não digo um pensamento exterior, porque nossos centros motores, por exemplo, são vontades estranhas a nós mesmos e interiores a nossos órgãos; faz-se essa confusão constante, na linguagem corrente, de falar do corpo como se ele fosse *eu*. Importa por isso lembrar que o corpo não é senão a ferramenta da força psíquica

que constitui o eu sobre o plano mental; a consciência não está no instrumento, isso já está cientificamente adquirido, mas não se pode confessar porque é difícil colocar *máquina para trás* (“colocar a carroça na frente dos bois”). É certo que a radioatividade, mudando nossa maneira de ver, vai expulsar o materialismo de suas últimas trincheiras, o átomo desaparece do plano físico, não é mais senão uma criação do mesmo título que a nebulosa celeste.

Tudo sai do invisível; há por isso no invisível alguma coisa quase imaterial que se condensa, e o ser não comporta outra coisa senão o átomo, há nebulosas psíquicas que precedem a aparição das primeiras formas orgânicas, que presidem a sua evolução. É ainda uma nebulosa que precede o nascimento da criança e que preside o desenvolvimento do feto no seio das mães. Na experimentação dos fenômenos psíquicos, vemos igualmente que uma nebulosa psíquica precede a formação do que o Sr. Richet denominou o ectoplasma.

Enfim, o fraco átomo, que representa uma condensação formidável de energia, resume em si o processo das formações planetárias. Os organismos vivos são uma condensação da ideia criadora que tende a se manifestar e se sabe que, na criança que vai nascer, cada fase embrionária representa a sucessão das formas animais na ordem onde elas apareceram sobre a terra.

Aqui, me parece ver jorrar a luz, a mesma lei biogenética explica a formação do corpo da criança, a gênese de espécies animais e a condensação do planeta.

O planeta é uma materialização lenta.

Os seres organizados são materializações lentas.

processo embrionário é uma materialização rápida.

A materialização espírita, mais rápida ainda, é alguma coisa de imperfeito; como esses neoplasmas fisiológicos que apareciam algumas vezes nos corpos vivos, e que são como um acidente na natureza, uma superfície pletórica e sujeita a abortamento. Não diremos nada da materialização lenta da nebulosa planetária que é um fato evidente.

Tentemos explicar a materialização dos seres, de acordo com os fatos ontogenéticos.

Não temos a pesquisar o que pode ser a substância psíquica; ela existe, isso é suficiente; que ela seja material, puro espírito, ou força cósmica, deixaremos essa discussão aos filósofos e nos contentaremos da submetê-la à nossa observação.

As observações precedentes nos obrigam a admitir que é a força que cria o movimento orgânico. Nossa hipótese de trabalho será por isso que ela preexiste ao objeto que ela coloca em movimento, isto é, às formações orgânicas.

Antes de toda criação, a alma teve que se manifestar lentamente na concretização simples de uma primitiva célula. A substância anímica agindo sobre todo o planeta teve que formar, por toda a terra, uma multidão dessas concretizações simples.

A história do desenvolvimento dos seres nos faz ver uma consciência cada vez mais elevada conseguindo efetuar seu progresso sob as ruínas de uma multidão de organismos tão delicados que sua existência era perpetuamente ameaçada. Se a mola da vida tivesse sido na matéria, nenhum progresso teria podido se transmitir de uma célula a que era chamada a lhe suceder; o progresso é impossível se cada indivíduo recaísse na morte. Ao contrário, *a alma não muda de corpo senão pouco a pouco, e por graus, não é jamais despojada totalmente de um golpe de seus órgãos*. A vida se transplanta sobre a vida, uma multidão de vidas simples tiveram que aproveitar uma primeira experiência para se associar em um órgão. Almas elementares já ricas de memórias conquistadas e de aptidões novas vieram se ligar em órgãos melhores. Todas as forças que deviam concorrer para as realizações futuras trabalhavam então no invisível na materialização dos órgãos mas indispensáveis às manifestações da vida sobre o plano físico. Desde o antepassado monocelular até a construção orgânica que tornou possível a manifestação da alma humana, tudo o que já viveu o passado sobrevive no presente dos seres.

Para que o homem possa aparecer sobre a cena do mundo, era preciso que ele fosse precedido de uma imensa elaboração de vida orgânica. A teoria da Seleção Darwiniana se acomoda muito bem na teoria anímica. Darwin explica as modificações dos seres mas, de sua origem, ele não diz uma palavra.

Dizíamos por isso que uma vontade, de mesma essência que a que ressentimos em nós, se esforçava já nas organizações celulares das vidas atômicas. Desde a primeira hora, a ação telepática se afirma na associação simples de várias células. Vontade, sensibilidade, memória, tudo progrediu porque tudo sobreviveu se associando. É a persistência da substância anímica, após a morte, que permite aos indivíduos de uma mesma espécie de reconstituir órgãos semelhantes nas vidas seguintes. Os animais, diz Leibnitz, não morreram inteiramente.

A arcella vulgaris, simples glóbulo de protoplasma é um ser que, já, telepatiza no raio de uma pequena esfera que obedece a suas sugestões. É uma materialização da ordem mais elementar. O progresso vem em seguida; ela se eleva na marcha ascendente das espécies e é assim que se pode fazer remontar a nossa origem no antepassado monocelular. Mas será um erro considerar a ascensão filogenética

como uma filiação de indivíduos saídos uns dos outros, uma espécie de árvore de Jessé levada ao homem. A multidão de elementos simples, que tiveram de se materializar desde o começo, deve dar a pensar que a criação ocorreu por toda parte ao mesmo tempo. As espécies foram infinitamente numerosas na base da evolução, elas se reduziram extremamente no cume.

Desde que elas tiveram consciência de ser, certas formas evoluindo lada a lado elaboraram órgãos análogos; são sempre sistemas digestivos, respiratórios, visuais e auditivos que as entidades realizaram, agrupando em torno delas milhares de unidades, semelhantes a elas mesmas, mas que se especializaram em novas funções; seguiu-se uma associação que remonta a fontes muito confusas e que ela tem numerosos antepassados e não um único antepassado; donde a dificuldade em botânica como em zoologia de fazer uma classificação racional.

As espécies primitivas tiveram que realizar, em graus diversos, tipos análogos. Dois óvulos, semelhantes na origem, puderam dar nascimento ao camarão e à lagosta, mas não se pode dizer que o camarão é um degrau intermediário na evolução da lagosta. Formas similares puderam se constituir, lado a lado, sem ser saídos uns dos outros.

Os mesmos apetites criaram os mesmos órgãos, e necessidades idênticas, solicitadas pelo meio, deviam realizar os mesmos aparelhos, é sempre um intestino, um vigamento ósseo, um aparelho respiratório do qual cada um resolvia o problema a seu modo, alguns por vias diferentes, muitos por meios idênticos. É assim que um mesmo aparelho ocular se encontrou no homem e nos animais que não tinham, com ele, nenhum parentesco.

A lei fundamental de Ernst Haeckel é que a planta, o animal e o homem tem sua origem em uma simples célula, a mesma para todos nós, que engorda por inibição e prolifera em seguida se dividindo por 2, 4, 8, 16,...etc. Esse meio de crescimento está longe da ideia que se faz o vulgar, mas ele nos obriga a conceber uma força plástica agindo sobre a matéria.

Muito certamente uma célula viva foi a primeira manifestação da vida terrestre; mas quando Haeckel nos diz que foi aí no antepassado, ele que dizer, simplesmente, que o óvulo de um embrião humano é uma célula semelhante à primitiva célula. Se se pudesse remontar a corrente ascendente da gênese humana encontrar-se-ia ao todo, não uma unidade ancestral, mas uma multiplicidade elementar do qual o homem tornou-se o cume e a unidade diretriz. O que se força no seio da mulher não é senão uma repetição do que evoluiu no tempo, uma preparação de formas amistosas da qual uma alma humana virá tomar posse por

indução lenta. Quando se pergunta por que o homem, ele mesmo construiu seus órgãos, não tem conhecimento, pode-se responder: “Porque as almas animais têm uma consciência pessoal e que, em suas formas sucessivas, elas agiram por elas mesmas.

Como uma célula procederia em sua multiplicação se ela não fosse um centro de força plástica agindo sobre a matéria? Não conhecemos nenhuma causa do movimento fora dessa vontade que está em nós, é uma força consciente que releva a vida. A máquina que cria seu próprio movimento, e que suspende sua ação em tempo útil difere essencialmente da atividade mecânica que age necessariamente. A máquina não tem nada dessa espontaneidade que retarda o movimento até o momento preciso em que ela diz: — Eu quero! — E que não se nos fale de um processo de inibição, como uma mecha de lâmpada. A ameba, que não é senão uma célula semilíquida, resiste à evaporação da ação solar que secaria uma gota inerte. Há por aí, vida; isto é uma vontade que resiste, e nós constatamos essência anímica, a sensação e o esforço.

O esforço tende à associação e à organização; as modificações se produzem ao acaso de encontros acidentais ou sob a influência de meios convenientes. O ser simples quer aumentar e se torna pluricelular; os indivíduos pluricelulares querem se mover, se nutrir, conhecer o mundo exterior e tendem à criação de órgãos; as espécies são diferentes porque cada um representa as somas dos agregados organizados por ela segundo os apetites. As sensações agradáveis, ou dolorosas, são os fatores que determinam sua escolha. Assim a vida é uma prova experimental e, como a memória, o ser progride.

As sugestões frequentemente repetidas tornam-se ideias vivas, incorporadas na esfera anímica tão bem quanto na matéria, cada parcela de ideia, ou sentimento, que passa sob o fogo da vontade, sofre um trabalho de digestão que o assimila ou rejeita fora e, como as aptidões sobrevivem às destruições das células orgânicas, a esfera psíquica progride sempre em qualidade e em quantidade.

Há em nosso organismo milhares de animais que resultam de três longínquas existências. Nós reinamos sobre esse domínio que não é senão a soma de pequenas almas vivas que nós engendramos ao curso dos séculos; é nesse elemento que nós nos comunicamos por telepatia normalmente. O ser espiritual não tinha nenhuma empresa imediata sobre a matéria; precisou que o espírito do homem fosse aumentado sobre a psique das bestas, é porque a evolução animal precedeu a aparição do homem sobre a terra.

Essa concepção da evolução e da constituição da alma explica que toda

imagem se representa na memória sobre um simples apelo; é a telepatia. Todos nossos conhecimentos são incorporados em uma esfera anímica obediente à nossa sugestão.

A história da formação dos seres, tal como pôde ser reconstituída pela observação, nos confirma nessa ideia que a criação se apresenta como uma manifestação progressiva realizada em torno de uma substância anímica, que subsiste fora da vida presente, e que recomeça com mais experiência adquirida. Nosso organismo contém a síntese do que nos precedeu; não há, no seio das mães, senão almas elementares retomando o uso de suas funções às quais elas foram treinadas durante períodos mil vezes seculares. Compreende-se que o caminho percorrido pela primitiva célula, e que somente, a incansável paciência dos séculos lhe permitia percorrer, se efetua hoje nesse novo meio, o seio da mãe, com uma rapidez que tenderia do milagre se se tratasse de um ser novo. Mas um percurso idêntico se efetua, em um tempo muito curto, porque estamos em um caminho conhecido, estamos longe das tentativas da primeira evolução. O embrião encontra, em um meio eminentemente favorável, todos os elementos de sua nova incorporação. O ser que recomeça marcha sem hesitação, eis por que sua rematerialização é infinitamente mais rápida.

Essa interpretação está de acordo com os fatos de observação da ontogênese e com os fatos da psicologia experimental. Ela nos permite recorrer a um processo único para explicar a aparição da vida sobre a terra e a da criança em um mundo evoluído, colocando tudo sob uma mesma lei biogenética duas formas de evolução que pareciam dessemelhantes.

Todo nascimento é uma rematerialização, a doutrina de vidas sucessivas nos dá de todos os problemas uma solução satisfatória. O organismo de uma criança que vem ao mundo em um aparelho tão complicado que não seria capaz de ser o produto de uma criação espontânea. Como mostramos nas páginas precedentes, é o coroamento de esforços de tentativas inumeráveis. É uma força psíquica, já organizada, que preside ao refazimento dos órgãos; uma multidão de células táteis, motrizes, visuais, auditivas, tendo sua função de treinamento secular, se organizam no feto antes que se revele a presença de nenhuma inteligência.

Mesmo a primeira encarnação não pode ser o momento do nascimento; a criança, que se manifesta pela primeira vez no envelope terrestre, está visivelmente em posse de órgãos que lhe são familiares de longa data. É preciso supor que uma evolução paralela à que se fazia na matéria preparava os órgãos psíquicos às encarnações futuras. O animal humano já era velho que se lhe insuflou a alma viva –

indução da força psíquica na matéria.

A primeira encarnação verdadeiramente humana teve que tomar emprestado os materiais de seu novo edifício e constituir um corpo novo com órgãos antigos. O aparelho visual e o órgão auditivo realizados pelas espécies animais não eram indignos da humanidade e não diferem de modo algum dos nossos. Por minha parte, eu gostaria de ter a visão do pássaro, o olfato do cão e a audição do gato. Esses progressos fisiológicos já estavam realizados, e a alma desses órgãos já treinou o uso de sua função por uma prática de milhares de vezes seculares, que o ser inteligente dela se apoderou e que acabou se transplantando essas formas orgânicas. É assim que teve que aparecer a primeira humanidade, não em um estado inocente, mas em um estado de ignorância que não devia muito acima da animalidade. Com o tempo, a luz espiritual penetrou a trevas, uma ideia moral se fez luz ao mesmo tempo que ela instituía leis, famílias, tribos, que ela organizava cidades e que tudo isso se unia para formar pátrias.

Agora, os homens nascem em condições desiguais de evolução e não um, talvez, não vem ao mundo pela primeira vez; é preciso que o homem nasça de novo, é preciso que ele reencarne até que sua evolução moral seja alcançada.

Considerai a criança que acaba de nascer. O animal nela, está bastante desenvolvido para que não tenha mais nada a aprender da vida material, ela sabe ouvir, sabe sugar o seio de sua mãe, todas funções que pertencem ao reino animal do qual saiu, é por consequência já conhecidas dela; ao passo que lhe é preciso aprender penosamente a linguagem, a escrita, enfim todas funções intelectuais que são novidades para ela. Desse lado, entretanto, as aptidões são desiguais, diferenças enormes separam os indivíduos de nossa espécie, do ponto de vista intelectual e moral. Do molusco ao vertebrado, a distância psicológica é bem grande, não é tão grande talvez, como as desproporções que podem aparecer entre duas almas humanas. Se nós pudéssemos ver do plano mental, nos surpreenderíamos com tais distâncias na natureza dos corações e das inteligências que nós seríamos tentados a classificar por famílias e por espécies. A escala intelectual e moral apareceria ao nosso pensamento com todas suas variáveis. Ora não há senão uma ação evolutiva que possa dar razão a tal disparidade. Do mesmo modo que existiu uma corrente ininterrupta de progressos orgânicos, ainda visível no reino animal, assim devem existir mentalidades de valor diferente na vida do espírito. O progresso, nesse plano, não pode se fazer senão por meio de reencarnações. Nós vemos como a multidão de pequenas crianças que nascem não são, do ponto de vista físico, senão pequenos animais igualmente dotados, como por isso explicar que elas sejam tão

diferentemente do ponto de vista intelectual. A educação é impotente para nada mudar; vê-se crianças doces e inteligentes ao lado de esquisitos cuja máscara porta ainda a impressão de um vício e da bestialidade, este é um retardatário na evolução, uma mentalidade inferior, ao passo que a criança inteligente há tem uma certa experiência da vida moral, e já viveu, é a única explicação que satisfaça ao mesmo tempo à razão e ao sentimento.

Nós vimos que o nascimento renova relações interrompidas, que o feto recapitula a marcha das evoluções precedentes. Não é a criança que sugestiona sua forma embrionária, são os seres embrionários que, em virtude de afinidades psíquicas penosamente criadas, se reconstituem, isto é, reencarnam em torno do primeiro óvulo. É assim que a criança virá encarnar mais tarde na unidade fisiológica reconstituída. Não há plano preconcebido, há uma ordem e uma sucessão de formas aprendidas anteriormente e necessariamente repetidas. A alma visual não pode se constituir de outra forma que não a que fez nas espécies animais e pode-se dizer tanto de cada órgão.

Crer por um lado que nossas faculdades representam a soma das atividades químicas particulares à nova substância e, crer por outro lado que essas faculdades vão se manifestar na criança que nasce pela primeira vez, seria o cúmulo do absurdo. Criar um olho antes de ver, organizar um ouvido antes de ouvir! Me seria preferencialmente crer que uma criança fala sua língua nacional no ventre de sua mãe; o milagre não seria maior. Quando por isso uma criança vem ao mundo, nós ignoramos profundamente o mistério que lhe prepara sua via; mas podemos supor uma série de induções: a causa primeira induzindo o corpo mental, este induzindo o corpo etérico, o qual, a seu turno, induziria a matéria.

As diferenças de condições e os defeitos de nascença se encontrariam assim justificadas. Não teríamos mais necessidade de atribuir a Deus essa criação espontânea de almas inocentes submetidas a provas tão desiguais. Mas é sobretudo absurdo e ímpio para supor que essa criação divina subordine a vontade de Deus ao capricho e acasalamentos humanos. O filósofo, Jean Reynaud, rebaixou esse sonho teológico nos termos seguintes:⁵²

“Coisa incrível, baixeza da alma e, se eu ousar dizer, mesmo rejeitando, baixeza do Criador! É quando um libertino, em um acesso lúbrico, ultrajando pela violação ou o adultério todas as leis do céu, e da terra, fará um sinal infame àquele cujo olho conhece tudo, que o Todo-Poderoso se decidindo criar dará o ser à alma infortunada que deve acompanhar o fruto do deboche. Tais são as instâncias da ajuda das quais se obriga o

⁵² Jean Reynaud, *Terra e Céu*. Furne, ed., 1864, p. 198.

Criador a sair de seu sublime repouso! A paixão mais desonesta ou a mais criminosa encontra nele, desde que ela o deseja, um cooperador fiel que se apresse em vir coroar por um complemento infinito, o que ela tão miseravelmente lhe preparou!

Não, eu não concordarei jamais que o milagre da aparição de uma alma nova no seio do universo possa ter lugar em uma afirmação dessa espécie; e se tal fosse verdade, eu preferiria ainda melhor de voltar a fazer alma, como os materialistas, um produto da geração do homem, do que fazer dela uma criação de Deus, pois a impiedade me repugna ainda mais do que o absurdo.

Eis — acrescenta Jean Reynand —, um obstáculo que vós não admireis, pois todos os teólogos falham aí. É uma rocha.

É bem isso! É necessário acrescentar que tal ato, atribuído à Divindade, seria incompatível com a justiça, com a razão, com a bondade! Deus tendo que criar almas não pôde criá-las senão todas semelhantes e fazendo todas da mesma espécie. A igualdade não se encontra senão no nada original de onde elas saíram, é na evolução que começa a diferenciação das almas e das inteligências. Deus cometeria grandes injustiças na repartição das almas se, de duas almas não tendo ainda vivido, e por consequência inocentes, ele fizesse uma, privada de inteligência, em um meio de miséria sobrecarregando de defeitos fisiológicos e morais; a outra em um meio rico ornando de todos os dons do coração e do espírito.

A hipótese da alma contida no sêmen não explicaria mais como corpos semelhantes produzissem almas tão diferentes. Ela se inspira de preconceito que supõe a energia contida na matéria, é simplesmente absurda.

A hipótese muito mais provável é que a Natureza se conformou, nisso como em tudo, no caminho que ela segue constantemente, o da evolução lenta. A alma se desenvolveu ela mesma sob a influência de uma vontade criadora que a vivifica. Como o magnetismo solar atrai a vegetação, como a terra empurra seu jato, o indivíduo sente uma vontade despertar em si sob a ação do Sol Divino e, como a flor em um terreno preparado, ele germina no reino orgânico desde este chegou a uma evolução suficiente.

Há assim uma ordem perfeita em uma justiça perfeita. No começo a ignorância com a liberdade na experiência a ser feita. Desde que o querer desperta, o ser tenta seu primeiro esforço e começa nas vidas seguintes. Livre e sem experiência, ele tropeça a cada passo; Deus não é jamais cúmplice de seus erros, sua luz o ilumina eternamente sobre as consciências; aquele que não olhar em direção a essa luz se expõe a longas tentativas; cedo ou tarde, ele reconhecerá seu erro.

Em uma palavra, nós somos parte de nada, mas temos todos o mesmo curso a

percorrer, os mesmos obstáculos a vencer, o mesmo reinado a conquistar.

O homem tomba e a criança fica com o fardo de seu passado, ele é o autor de seu destino; daí as grandes desigualdades que aparecem desde o nascimento, mas a cada passo que o homem dá em direção à verdade, ele se sente melhor apoiado, ele terá um pouco mais de luzes, um pouco mais de experiência. É ele mesmo que se constitui, ele é o clichê vivo de suas próprias ações, mesmo a qualidade de seu corpo astral deve portar os traços de sua decadência ou manifestar sua grandeza, é como uma atmosfera que o envolve; se ele gera o ódio, ele acumula o inferno em si, e não atinge o céu como quando ele compreendeu a magnífica solidariedade que deve unir a família humana.

Capítulo X

AS MANIFESTAÇÕES ESPONTÂNEAS

*Há mais coisas entre o céu e a terra
do que pode imaginar nossa vã filosofia.*

Shakespeare

É indispensável fazer uma distinção entre as faculdades psíquicas, em torno das quais se pode experimentar, e os fenômenos do além, que nos é somente permitido observar quando eles se produzem espontaneamente.

Ora, confundimos essas duas coisas. Tal sábio, que viu *sujets* de hospitais, traçar automaticamente cartas e riscos, se vangloriam de ter encontrado a chave da escrita mecânica; entretanto, se adormece o *sujet* e que ele transmite a sugestão de escrever em seu despertar, se ele dá a essa sugestão a forma de uma comunicação espírita, ele pretenderá ingenuamente ter demonstrado o grande erro dos espíritas; sem pensar que, mesmo por sua experiência, ele prova que uma pessoa pode escrever pela vontade de uma outra pessoa; e que é nisso precisamente que consistem as transmissões do além na forma de mensagem espírita. É bem verdade que ele produziu uma comunicação falaciosa; mas ele teria podido, pelo mesmo procedimento, enviar uma mensagem verídica.

É porque temos feito o histórico dos fenômenos, qualificados os erroneamente tomados por sobrenaturais, podem se produzir, não à vontade, mas em condições tais que podemos determinar a origem; pois a prova é feita como todos podem ter sua fonte no pensamento de uma pessoa viva. Teoricamente, não temos nenhuma diferença a fazer entre a sugestão que pode exercer um vivo e a que, por hipótese, poderia exercer um desencarnado.

Assim a manifestação mais rudimentar do além se produz frequentemente

por meio de golpes batidos; isso é feito só para concluir que todo médium cuja presença permite obter esse fenômeno notável; vos envie uma mensagem. É no entanto a primeira objeção que fazem os céticos que vos dizem: “Eu vi Eusapia produzir seus golpes batidos, não há *espíritos* aí dentro”.

Com efeito, a experiência tende simplesmente a colocar fora de toda dúvida a realidade de um fato ao qual se recusava crer, um fato que prova a existência de um modo insuspeito da fisiologia. Esses golpes que parecem provir de agentes materiais tendo os atributos da compacidade, enquanto provêm de agentes invisíveis, representam alguma coisa que está praticamente fora da física natural e que é inexplicável para nós; não se tem talvez bastante observado e desprezo, que parecem professar certos experimentadores sábios, diante de um fato que não ligar a nenhuma experiência conhecida, não é sempre sincera.

Os antigos magnetizadores tinham observado esses fatos. A vidente de Prevorst, relata o Barão du Potet, ia sem deslocamento bater no que ela quisesse e dizia que isso não era com sua alma, mas com seu espírito e por meio do ar que ela batia assim. Ela dizia “o que mais a alma e a inteligência, havia um espírito nérvico e que esse espírito que permanece no envelope da alma quando esta abandona o corpo.”⁵³

Como se vê, por essa citação, a vidente de Prevorst dava golpes à distância e não havia de modo algum espírito em seu caso, mas isso não impede os espíritos de agir do mesmo modo, pois que esse espírito que está em nós permanece no envelope da alma.

O grande físico William Crookes, que submeteu ao exame mais rigoroso todas as manifestações de forma espiritual, fala nesses termos das batidas:

Com o pleno conhecimento das numerosas teorias que se têm colocado anteriormente, sobretudo na América, para explicar esses sons, eu os experimentei de todas as maneiras que pude imaginar, até o que não tenha sido possível de escapar à convicção que eles eram bem reais e que não se produziam pela fraude ou meios mecânicos.

Uma questão importante se impõe aqui à nossa atenção: *esses movimentos ou esses ruídos são governados por uma inteligência?* Desde o início de minhas pesquisas, eu constatei que o poder que produzia esses fenômenos não era simplesmente uma força cega, mas senão uma inteligência o dirigia ou pelo menos lhe estava associada; assim os ruídos dos quais acabo de falar foram repetidos um

⁵³ *Novas experiências sobre a força psíquica*, por William Crookes, traduzido por J. Alided, editor Leymarie, rua Saint-Jacques, 42, p. 152.

número de vezes determinado; eles se tornaram fortes e fracos, e, à minha solicitação, eles ressoaram em diferentes lugares; por um vocabulário de sinais convencionados com antecedência, ele respondeu a questões, e mensagens foram dadas com uma exatidão mais ou menos grande.

A inteligência que governa esses fenômenos é algumas vezes manifestamente inferior à do médium, e ela é frequentemente em oposição direta com os desejos. Quando uma determinação foi colocada para fazer alguma coisa que não podia ser considerada como bem racional, eu vi dar mensagens urgentes para se pensar refletir de novo. Essa inteligência é algumas vezes de caráter tal que se é forçado a crer que ela não emana de nenhum dos que estão presentes”.

Em torno de verdadeiros médiuns que pretendem um controle ilimitado, assim como o fizeram os Drs. Home, Kate Fox ou Eusapia Paladino, todo pesquisador pode por isso, seja observando, seja controlando, chegar a ter uma certeza concernente ao fato que lhe parece inverossímil. Mas é preciso levar a investigação muito mais longe para poder constatar que, se esses fatos se produzem fora de toda intervenção de espírito, ou antes se, como o dizia a vidente de Prevorst, eles são produzidos pelo espírito do médium, é bem outros casos onde essa explicação é insuficiente pois que os mesmos fatos se produzem na ausência de todo médium. Tais são os que se produzem espontaneamente e que sempre coincidem com um falecimento.

A repetição desses fatos, que tiveram por objetivo atrair a atenção e que cessam desde o objetivo é alcançado, permite crer que entre a morte e a manifestação ruidosa há uma relação de causa e efeito, tanto mais que muitos desses casos são produzidos por causa de pacto ou promessas particulares, e enquanto que a manifestação acabava por surpreender os que eram testemunhas antes que tenham podido saber da morte do manifestante.

Eis um exemplo da manifestação mais simples e a mais frequente que é a das batidas. Não daremos mais exemplos e as testemunhas dos quais a literatura é abundante, nós citaremos alguns como tipos, escolhendo de preferência os que têm a vantagem de ser relatados por pessoas conhecidas.⁵⁴

“Caro mestre e amigo.

Era 1871. Eu tinha a idade em que se colhe pequenas flores nos campos como vós colheis estrelas no infinito; mas em um momento em que eu tinha esquecido da fazer minha colheita costumeira, eu tinha escrito um artigo que me tomou um certo número de anos prisão: tudo vem ao ponto a que não sabe esperar. Ora eu estava na prisão de São Pedro de

⁵⁴ *O desconhecido*, p. 76, Ernest Flammarion, editor, rua Racine, 26, Paris, 1900.

Marselha. Aí se achava também Gaston Crémieux, condenado à morte. Eu gostava muito porque nós tivéramos os mesmos sonhos e que nós tínhamos tombado sobre a mesma realidade. Na prisão, na hora dos passeios, chegava a tratar, na pequena felicidade de conversação, a questão de Deus e da alma imortal.

Um dia, como alguns camaradas se tinham proclamados ateus e materialistas com uma veemência pouco comum, eu lhes fiz notar, sobre um sinal de Crémieux, que era pouco conveniente de nossa parte proclamar essas negações diante de um condenado à morte que cria em Deus e na imortalidade da alma. O condenado me diz sorrindo:

Obrigado meu amigo. Quando eu for fuzilado, irei vos fazer a prova manifestando em vossa cela.

Na manhã do dia 30 de novembro, ao nascer do dia, eu fui subitamente despertado por *um ruído de pequenas golpes secos* dados em minha mesa. Eu me virei, o ruído cessou, e eu adormeci. Alguns instantes depois, o mesmo ruído recomeçou. Eu saltei então de minha cama, me coloquei bem desperto diante da mesa: *o ruído continuou*. Isso se produziu ainda uma ou duas vezes, sempre nas mesmas condições.

No salto da cama, todas as manhãs, eu tinha o hábito de me tornar, com a cumplicidade de um guardião, na cela de Gaston Crémieux...! Infelizmente! Havia as travas sobre a porta, e eu constatei, pelo buraco da parede, que o prisioneiro não estava mais lá. Eu fiz com dificuldade essa terrível constatação que o bom guarda se lançou em meus braços em lágrimas; ele foi fuzilado nessa manhã, ao nascer do dia; mas ele morreu corajosamente.

Tal é meu relato. Eu vos escrevi como me deu sob a pluma... Eu estava em meu estado normal, eu não duvidava da execução e ouvi perfeitamente essa série de avisos. Eis a verdade nua”.

Clovis Hugues

Sem dúvida, alguns casos isolados dessa espécie não apresentariam um grande valor, mas uma multidão de casos análogos e mais complexos ainda, coincidindo com um falecimento não permitem duvidar que nós nos achávamos em presença de alguns dos grandes mistérios do além.

A vidente de Prevorst dizia ainda que o espírito nervinho podia produzir outros efeitos: as almas, dizia ela, podiam não somente falar, mas produzir sons, tais como suspiros, roçar de seda ou de papéis, golpes sobre paredes ou móveis, ruídos de areia, pedras ou sapatos sobre o assoalho... que eram capazes de mover os objetos mais pesados, abrir ou fechar as portas. Quanto mais sofredoras elas são, dizia ela, mais esses ruídos que elas produzem com a ajuda do ar ou de seu espírito nervinho podem ser fortes.

E, de fato, nós encontramos todas essas formas de manifestações nos fenômenos espontâneos.

Se um espírito desencarnado dispõe de condições físicas que lhe permitem bater a matéria, um ser inteligente pode nisso tirar melhor partido batendo, por

exemplo, uma tecla de piano. Temos exemplos dessa espécie. *O Desconhecido*, pág. 108:

“Há um ano e meio mais ou menos, meu pai, uma prima, e minha irmã conversavam na sala de jantar. Essas três pessoas estavam sozinhas no apartamento, quando de repente eles ouviram um tocar de piano no salão. Muito intrigada, minha irmã pega a lâmpada, vai ao salão e vê perfeitamente algumas notas se abaixar todas em conjunto, fazer ouvir sons e se levantar.⁵⁵

Ela volta e conta o que viu. Riram no primeiro momento de sua história, imaginou-se um rato no fundo do caso; mas, como é dotada de uma vista excelente, e que ela não é supersticiosa ao menos do mundo, achou-se a coisa estranha.

Ora, oito dias depois, uma carta vinda de Nova Iorque, nos informava a morte de um velho tio que habita nessa cidade. Mas, coisa mais extraordinária, três dias depois da chegada da carta, o piano recomeça a tocar. Como a primeira vez um anúncio de morte nos chegava oito dias após, dessa vez de minha tia.

Meu tio e minha tia formavam um casal perfeitamente unido; eles tinham um apego muito grande a seus familiares e seu Jura, seu lugar de origem.

Jamais o piano se fez ouvir desde então.

As testemunhas dessa cena vos certificarão a coisa quando vós quiserdes; nós habitamos no campo nos arredores de Neuchâtel, e vos asseguro que não estamos doentes”.

Edouard PARIS

Artista pintor, perto de Neuchâtel (Suíça)

É preciso notar que todos esses fatos espontâneos, que surpreendem as famílias onde eles aparecem, não diferem da série de efeitos produzidos pelos médiuns.

Um *sujet* tal como Eusapia Paladino pode agir sobre uma tecla de piano, pinçar as cordas de um instrumento, girar uma chave à distância, abrir e fechar os batentes de um armário nas melhores condições de controle, mas esses efeitos não foram obtidos senão a uma pequena distância, o poder dinâmico do órgão invisível sendo solidário ao corpo psíquico do qual ele se exterioriza, ao passo que a exteriorização completa no homem falecido não limita seu campo de ação no espaço; ela parece somente limitada, no tempo, há alguns dias que seguem o falecimento.

Eu confesso não dar nenhum valor à objeção de alguns sábios que, tendo examinado o caso de Eusapia, declaram que não há espírito nele.

Do momento em que um efeito físico se produz além do organismo físico, estamos em presença de uma manifestação do além. Eusapia nos mostra uma faculdade normal do além agindo nas condições ainda mal conhecidas; é ela mesma

⁵⁵ Sr. Victorien Sardou me relatou ter observado um fato análogo (nota do Sr. C. Flammarion).

que age, é entendido, mas é um ser do além que produz o fenômeno quando não há médium a quem possamos atribuir. É justamente o caso das manifestações após falecimento.

Me dirão que nesses casos especiais, são as testemunhas da manifestação que servem de médium; talvez... em uma certa medida, mas não se explicará por que esses médiuns de ocasião poderiam agir fora da zona onde operam os outros médiuns, por que eles não estão limitados ao campo de força imediatamente em seu entorno do organismo no espaço e, por que essa exceção não se apresenta senão quando o fenômeno é inesperado e que coincide com um falecimento.

A prova de identidade se acha algumas vezes reforçada pelo fato que as batidas lembram certos hábitos da pessoa falecida, seja por um ritmo, seja por um lugar que lhe era habitual quando vivo; e ainda melhor, quando não houve pacto, sobre um objeto determinado antecipadamente.

Enfim os médiuns têm também a faculdade de deslocar os objetos, abrir ou fechar as portas, retirar os ferrolhos. Encontramos essas performances nas manifestações espontâneas, sempre em concordância com um falecido, ou antes com uma agonia, o doente tendo então consciência de agir aí ou se manifesta ao longe.

Essa clarividência dos moribundos é instrutiva, ela nos revela que eles são agentes não duvidosos do fenômeno do qual o efeito ultrapassa de muito a ação que o médium poderia produzir senão à pequena distância.

Poderíamos nos estender muito mais longe sobre esse assunto, pois somos ricos de exemplos, mas é preciso se limitar. Retenhamos somente que entre um fenômeno produzido por uma entidade do além, há uma distinção a fazer; as batidas e os movimentos de objetos se apresentam com um caractere distintivo, segundo os casos, e a distinção é a que nós fizemos a propósito das transmissões telepáticas. Uma simples faculdade anímica, vindo do médium, produzirá fenômenos que se repetem à vontade, ou quase; uma intervenção estranha não pode se produzir acidentalmente.

Não se compreende, geralmente, o papel do duplo na manifestação, não se tem em conta sua existência como se sua realidade não fosse ainda provada; mas não somente o duplo é uma hipótese necessária para explicar a maior parte dos fatos, mas ainda ele se manifesta espontaneamente. O desdobramento espontâneo do corpo humano é um fenômeno que apresenta uma importância muito grande pois ele traz uma confirmação inesperada à possibilidade das aparições materializadas.

Esse fenômeno foi observado em numerosas circunstâncias e foi erradamente classificado entre as alucinações visuais, esperado que não tem nada de telepático. Com efeito ele objetivo, aconteceu que a fotografia tenha registrado, para surpresa, enquanto sua visibilidade não tinha ainda atraído a atenção; mas outras vezes pôde-se observar em torno de certas pessoas o duplo que estava ao lado delas. Eis, por exemplo, o caso da Sra. Stone:

“Eu fui vista três vezes apesar de não estar realmente presente;⁵⁶ e cada vez, por pessoas diferentes. A primeira vez foi minha cunhada que me viu. Ela cuidava de mim após o nascimento de meu primeiro filho. Ela olhou em direção da cama onde eu dormia e me viu distintamente assim como meu duplo. Ela viu de um lado meu corpo natural e, do outro, minha imagem espiritualizada e enfraquecida. Ela fechou várias vezes os olhos, mas reabrindo-os ela via sempre a mesma aparição; a visão se dissipou ao fim de pouco tempo. Ela pensou que fosse um sinal de morte para mim e eu não ouvi falar disso senão vários meses depois”.

A presença do duplo é tão real que ele é visto por todas as pessoas presentes, como caso seguinte:⁵⁷

“O conde D. e as sentinelas pretenderam ver uma noite a imperatriz Elisabeth da Rússia, sentada no trono, em grande costume de aparato, enquanto ela estava deitada e adormecida. A dama de honra de serviço que também estava convencida, foi acordá-la. A imperatriz se achou também na sala do trono e viu sua imagem. Ela ordenou a um sentinela fazer fogo; a imagem desapareceu então. A imperatriz morreu três meses após”.

Mas o caso melhor caracterizado é ainda o de Emilie Sagée que teve muitas testemunhas e se tornou clássico. Trata-se de uma professora do ensino básico cujo duplo foi visto, muitas vezes, por todos os alunos do pensionato de Neuwelck, na Rússia. Eis algumas passagens de acordo com Aksakof:⁵⁸

“No número de professoras havia uma Francesa, Srta. Emilie Sagée, nascida em Dijon. Poucas semanas após minha entrada na casa singulares ruídos começaram a ocorrer por sua conta entre os alunos. Quando um dizia ter visto em tal parte do estabelecimento, uma outra assegurava tê-lo encontrado alhures no mesmo momento.

Mas as coisas não tardaram para se complicar e pediram um caractere que excluísse toda possibilidade de fantasia ou de erro. Um dia que Emilie Sagée dava uma a treze de suas jovens meninas, entre as quais a Srta. Guldenstubbé, e que, para melhor fazer compreender

⁵⁶ A narrativa que dizer que a imagem foi vista onde ela mesma não estava, mas ela estava presente ao lado.

⁵⁷ Citado no livro de Gabriel Delanne, *As Aparições materializadas*, t. I, p. 932, Leymarie, rua Saint-Jacques, 42.

⁵⁸ Aksakof, *Animismo e Espiritismo*, p. 498.

sua demonstração, ela escrevia a explicar no quadro negro, os alunos viram de repente, para seu grande pavor, duas senhoritas Sagée, uma ao lado da outra. Elas se pareciam exatamente e faziam os mesmos gestos. Somente a pessoa verdadeira tinha um pedaço de giz e escrevia efetivamente, ao passo que seu duplo não tinha nada e se contentava em imitar os movimentos que ela fazia para escrever.

Daí, grande sensação no estabelecimento, tanto mais que todas as meninas, sem exceção, tinham visto a segunda forma e estavam perfeitamente de acordo na descrição que faziam do fenômeno.

Pouco depois, uma das alunas, a Srta. Antoinette de Wrangel, obteve permissão para sair com algumas colegas, a uma festa local da vizinhança. Ela estava então ocupada a terminar sua toailete, e a Srta. Sagée, com a bonomia e a solicitude habituai, tinha vindo ajuda-la e grampeava seu vestido por trás. A menina se virou por acaso, percebeu na vidraça duas Emilie Sagée que se ocupavam dela. Ela ficou tão assustada com essa brusca aparição que desmaiou.

Meses se passaram, e fenômenos semelhantes continuavam a se produzir. Via-se o tempo todo, no jantar, o duplo da professora, em pé atrás da cadeira, imitando seus movimentos, ao passo ela comia, mas sem faca, nem garfo, nem alimento em suas mãos. Alunas e domésticas servindo à mesa foram igualmente testemunhas.

Entretanto, não acontecia sempre que o duplo imitasse os movimentos da pessoa verdadeira. Às vezes, quando esta se levantava da cadeira, via-se seu duplo aí ficar sentado. Um dia, todas as alunas, em número de quarenta e duas, estavam reunidas em uma mesma peça e ocupadas com trabalhos de bordado. Era uma grande sala ao rés do chão do edifício principal, com quatro grandes janelas, ou antes quatro portas envidraçadas que se abriam diretamente sobre o patamar e conduziam a um jardim bastante grande anexo ao estabelecimento. No meio da sala estava colocada uma mesa diante da qual se reuniam habitualmente as diferentes classes para entregar trabalhos de agulha ou outros parecidos.

Nesse dia, as jovens pensionistas estavam todas sentadas diante da mesa, e elas podia muito bem ver o que se passava no jardim; todas trabalhando, elas viam a Srta Sagée, ocupada em colher flores, não longe da casa; era uma de suas distrações de predileção. Na extremidade superior da mesa se mantinha uma outra mestra, encarregada da supervisão e sentada em uma poltrona de marroquim verde. Em dado momento, essa senhora se ausenta e a poltrona fica vazia. Mas não foi senão por pouco tempo, pois as meninas aí perceberam de repente a forma da Srta Sagée. Tão logo, elas viraram seus olhares para o jardim e a viram sempre ocupada a colher flores; somente seus movimentos eram mais lentos e mais pesados, parecidos aos de uma pessoa caída de sono ou esgotada de fadiga. Elas viraram de novo seus olhos para a poltrona onde o duplo estava sentado, silencioso e imóvel, mas com uma tal aparência de realidade que se elas não tivessem visto a Srta Sagée e não tivessem sabido que ela tinha aparecido na poltrona sem ter entrado na sala, elas teriam podido crer que era ela mesma. Mas certas que elas não tinham visto uma pessoa verdadeira, e um pouco habituadas a essas estranhas manifestações, duas das alunas mais ousadas se aproximaram da poltrona, e tocando a aparição, acreditaram aí encontrar uma resistência comparável à que oferecia um leve tecido de musseline ou de crepe. Uma ousou mesmo

passar na frente da poltrona e *atravessar* em realidade uma parte da forma. Malgrado isso, esta demorou ainda um pouco de tempo, depois se dissipou gradualmente. Observou-se tão logo que a Srta Sagée tinha retomado a colheita de suas flores com sua vivacidade habitual. As quarenta e duas pensionistas constataram o fenômeno da mesma maneira”.

Isso prova que no estado de exteriorização visível o duplo tem alguma coisa de corporal, é um começo de materialização.

Se essa senhorita Sagée estivesse dedicada às experiências, uma entidade oculta teria podido se manifestar tomando a posse de seu duplo para produzir certos fenômenos à distância, e mesmo modelar em sua própria imagem e semelhança. Os melhores médiuns são os que não procuram a manifestação; eles se revelam espontaneamente e são surpreendidos por operações inteligentes que é impossível atribuir a eles mesmos. A relação seguinte, de Victorin Joncières, foi tomada emprestada de um livro de Camille Flammarion.⁵⁹

Eu saía da sucursal de nosso Conservatório após ter examinado a classe de piano, quando fui abordado por uma senhora que perguntou o que eu pensava de sua filha e se eu julgava que ela devia tomar a carreira artística.

Após uma conversa bastante longa, na qual eu prometi de ouvir a jovem artista, eu me achava engajado de ir nessa mesma noite (pois eu partia no dia seguinte) à casa de um de seus amigos, alto funcionário do Estado, e assistir a uma sessão de Espiritismo.

O mordomo me recebeu com uma extrema cordialidade; ele me conduziu a uma grande sala de paredes nuas, na qual se achavam reunidas várias pessoas, entre as quais sua mulher e um professor de física no liceu; ao todo, uma dúzia de assistentes. No meio da peça se achava uma enorme mesa de carvalho, sobre a qual estavam colocados papéis, um lápis, uma pequena harmônica, uma campainha e uma lâmpada acesa.

O espírito me anunciou ora que ele viria às dez horas, me diz ele, nós temos tempo. Eu vou aproveitar para vos ler os processos verbais de nossas sessões há um ano.

Ele depositou sobre a mesa um relógio, que marcava cinco minutos para as nove horas, e o recobriu com um lenço.

Durante uma hora, ele se pôs a ler as histórias mais inverossímeis. Eu tinha pressa entretanto de ver alguma coisa.

De repente, um estalo ruidoso se fez na mesa. O Sr. X... levantou o lenço que cobria o relógio; ele indicava exatamente dez horas.

Espírito, estás aí? Diz ele.

Ninguém tocava a mesa em torno da qual, por sua recomendação, nós formávamos a corrente, nos segurando pela mão.

Houve um violento golpe.

A jovem sobrinha apoiou então seus dois pequenos dedos contra o rebordo da mesa

⁵⁹ *As forças naturais desconhecidas*, 1897.

e nos pediu para imitá-la. E essa mesa de um peso enorme, se levantou bem acima de nossas cabeças, de tal sorte que nós fomos obrigados a nos levantar para acompanhar sua ascensão. Ela se balançou alguns instantes no espaço e desceu lentamente em direção ao assoalho onde ela pousou sem ruído.

Então o Sr. X... foi procurar um grande desenho de vitral. Ele o colocou sobre a mesa e pôs ao lado um copo com água, uma caixa de pintura e um pincel. Depois ele apaga a lâmpada. Ela a reacendeu no fim de três minutos; o desenho ainda úmido estava colorido em dois tons, em amarelo e em azul, *sem que nenhum golpe de pincel tivesse ultrapassado as linhas traçadas*".

É certamente de muita felicidade que os médiuns como aquele, que se revelam frequentemente nas famílias honradas, sejam absolutamente perdidos para o estudo e a observação. Uma mulher do mundo não se expõe aos ataques profissionais do denegrimento sistemático, essa raça não tem outro argumento senão a injúria; mas é também muito feliz que certas pessoas, com mediunidade frágil, e, aliás, sem muita instrução, tenha raiva de exhibir sua mediunidade.

É sobretudo na prática da escrita automática que esse flagelo castiga, mas é preciso também arrepender-se do abuso que se faz das sessões de mesas por causa de sua facilidade, todo o mundo podendo obter, e é porque se tem muita pressa de entrar em conversação com simples forças anímicas, que tantas sessões, mal dirigidas, não resultam senão na confusão.

Por isso, aí ainda, é preciso fazer a distinção entre o que vem de dentro e o que vem de fora, entre a mensagem verídica e a mensagem mentirosa.

É absolutamente impossível confundir certas mensagens que vêm de uma fonte conhecida, com a escrita automática de um médium que se engana a si mesmo.

Como se tratasse de batidas, ou de automatismos de centros motores da escrita e da palavra, há sempre três explicações desses fenômenos:

1°. O automatismo devido às perturbações orgânicas do médium cujos órgãos se acionam mecanicamente;

2°. O automatismo provocado pelo pensamento de um agente distante;

3°. O automatismo atrás do qual se revela uma inteligência que não pode ser a do médium, nem a de nenhuma pessoa viva.

É esse terceiro caso que constitui a prova decisiva do além. Mas a segunda tem um valor experimental decisivo, pois que, já, ele expulsa de sua posição os céticos que gostariam de manter, contra a evidência, que todas as manifestações vêm do médium. Já citamos o caso da Sra. Kirby, pela mesa, essa de Sophie Swoboda, pela escrita, e a contraprova experimental que se pôde fazer com o Sr. e a Sra. Newnham. Resulta que a atividade celular dos órgãos motores pode ser acionada

pelo pensamento de uma pessoa estranha, isto é que o agente muscular é sensível à ação telepática, e é por aí que o fenômeno de mesa, de escrita e todas as outras manifestações. Uma observação que surpreenderá talvez as pessoas que jamais refletiram, é que as mensagens de ordem elevada, aquelas que se apresentam sob a forma telepática, tais como: inspiração, pressentimento, visão profética, são necessariamente muito vagas e incertas para constituir uma prova, ao passo que os fenômenos vulgares, que tomam emprestado a via desviada das atividades inferiores, as que se manifestam sob uma forma material exterior, tais como as batidas, os automatismos, etc., são os únicos que possam se manifestar, sobre o plano físico, com uma forma definida e um certo grau de evidência.

É porque a prova da sobrevivência, ou simplesmente a prova da existência de inteligências supranormais, não poderá ser obtida senão por essa via, tão frequente desprezada, e isso explica suficientemente todas as dificuldades e obscuridades que se encontra na prática dos estudos psíquicos.

Um grande número de manifestações revelam coisa que não podiam estar nem na consciência do médium, nem na consciência de nenhuma pessoa do entorno. É por isso necessário supor que uma inteligência supranormal, uma entidade do além, testemunha do fato revelado, acionou, segundo o processo comum, o automatismo que opera a transmissão da mensagem. Esse agente suposto pode agir pelo menos da maneira de um espelho inconsciente.

Exemplo: *Procedimentos da Sociedade para as Pesquisas Psíquicas*, vol. IX, página 44. “Lady Mabel Howard era particularmente dotada para a escrita automática. Um dia, por ocasião de um roubo com arrombamento, suas amigas tiveram a ideia de lhe perguntar se ela poderia designar, com a ajuda da mediunidade, onde se encontravam as joias roubadas. Lady Mabel tomando a pena escreveu automaticamente: no rio abaixo da ponte de Tebay. Não havia aí nisso nenhuma probabilidade; tratava-se de um fato diverso colhido em todos os jornais e não interessava em nada experimentadores. Entretanto os malfeitores acabavam de ser presos na estação de Tebay e o fato estava ainda ignorado no momento onde se obtinha a comunicação. As joias foram achadas, um mês mais tarde, sob a ponte”.

Camille Flammarion dá uma série de fatos do mesmo gênero, comunicados pelo Sr. Castex-Desgranges⁶⁰ e que são de um interesse capital, nós convidamos o leitor a tomar conhecimento, pois não podemos abusar das citações.

Nessas comunicações que revelam coisas que estão fora do conhecimento dos assistentes, convém acrescentar as que implicam conhecimentos especiais e que o

⁶⁰ *As Forças naturais*, Ern. Flammarion, editor, Paris, 1907, p. 513 a 521

médium seria praticamente incapaz de tirar dele mesmo. Assim uma série de experiências conduzidas pelo Sr. J. P. Barkas, com a Sra. d'Esperance como médium, nos mostra o agente motor traçando automaticamente as respostas a questões científicas muito árduas, tratando-se do calor, da luz, da eletricidade, do magnetismo... etc.⁶¹ Bem que as respostas a problemas difíceis pareciam praticamente satisfatórias, importa notar que a crítica faria falso caminho se ela demorasse a discutir o valor intrínseco das soluções propostas. Os habitantes do além são, como nós, seres em via de evolução e não têm a infalibilidade que, por hipótese, lhes atribuem os incrédulos; o interesse do fenômeno residindo totalmente no fato que um homem instruído possa discutir, com a entidade que se comunica, sobre assuntos dos quais o médium não tem nenhuma noção.

É ainda certo que se comunica com uma entidade estranha, todas as vezes que o médium se mostra capaz de manter uma conversação em uma língua que não conhece, pois não existe nenhum meio razoável de considerar esse fato como um caso patológico. Ora, os casos são numerosos onde se constatou que um médium tinha escrito, ou falado, em língua estrangeira.

O caso mais conhecido e cuja autenticidade é irrecusável apareceu nos *Spiritual Tracts, by Judge Edmonds*. Nova Iorque, 1858 (panfleto nº 6) – *Speaking in many tongues*.

"O juiz, diz Aksakof, gozava em seu tempo de um renome considerável nos Estados Unidos pelos altos funções que ele preenchia, primeiro como presidente do Senado, em seguida como membro da Corte de apelação."

O juiz Edmonds que tinha passado dois anos entre os indianos pôde falar que sua filha dá comunicações em língua indiana, espanhola, francesa, polonesa e grega. Ela fala ainda o italiano, o português, o húngaro, o latim e outras línguas. Citaremos aqui o episódio mais conhecido de acordo com Aksakof:⁶²

"Uma noite em que uma dezena de pessoas estava reunida em minha residência, o Sr. Green, artista dessa cidade, veio acompanhado de um homem que ele nos apresentou sob o nome de Sr. Evangelidès, da Grécia.

Esse último falava mal o inglês, mas se exprimia corretamente em sua língua materna. Logo uma personagem se manifestou que lhe endereçou a palavra em inglês e lhe comunicou um grande número de fatos que demonstravam que era um amigo falecido desde vários anos, em sua casa, mas da qual ninguém de nós tinha conhecido a existência.

⁶¹ Consultar em: *Psychical Review*, 1878, t.I, p. 215. *Animismo e Espiritismo*, Aksakoff, p. 332, *No país da sombra*, Sra. d'Esperance, p. 138.

⁶² *Animismo e Espiritismo*, ed. 1895, p. 358.

De tempos em tempos minha filha pronunciava palavras e frases inteiras em grego, o que permitiu ao Sr. Evangelidès perguntar se podia ele mesmo falar em grego e em inglês da parte de minha filha. Esta não compreendia sempre o que era dito por ela ou por ele em grego; mas acontecia algumas vezes que ela compreendia o que era dito, bem como eles falassem todos dois o grego. Por momentos a emoção do Sr. Evangelidès era tão viva que ela atraía a atenção dos assistentes; nós lhe perguntávamos a razão mas ele esquivava a resposta.

Não foi senão no fim da sessão que ele nos diz que até então ele jamais tinha sido testemunha de manifestações espíritas e que no curso da entrevista ele estava entregue a diversas experiências para apreciar a natureza desse gênero de fenômenos. Essas experiências consistiam abordar diversos *sujets* que minha filha não podia certamente conhecer e mudar bruscamente de tema passando de questões de ordem privada a questões políticas, filosóficas, etc...

Em resposta a nossas interrogações, ele nos afirmou que o médium compreendia a língua grega e a falava corretamente’.

Não é impossível que o sentido telepático dá ao médium a intuição da ideia que se passa pelo cérebro de seu interlocutor falando em língua estrangeira, mas isso não explicará jamais a resposta, a ação automática considerada em sua forma ativa inconsciente que, na espécie, é uma sugestão motriz exercida sobre os órgãos vocais. A escrita em língua desconhecida do médium é ainda uma ação motriz que prova *de uma maneira absoluta* a intervenção de uma influência estranha. A explicação natural quer que esse que fala uma língua a tenha aprendido e os que apoiam essa evidência invocam *a exaltação das faculdades intelectuais*, ou as faculdades hipotéticas da consciência sonambúlica; eles não percebem assim ao maravilhoso e que explicam tudo por milagre.

Teríamos numerosos exemplos a citar, mas nos é suficiente saber que essas provas existem e que a ação motriz vem de uma fonte exterior é suscetível de afetar todos os órgãos.

Há além disso casos de escrita visual, é preciso classifica-los entre as alucinações sensoriais (imagens vistas). Os médiuns veem então sinais gráficos que eles copiam servilmente. Isso lembra muito as primeiras experiências sobre a transmissão do pensamento. Esse processo é lento e penoso.

Nos parece racional comparar esses fatos de exemplos que nós conhecemos de transmissão entre vivos, e cuja possibilidade foi experimentalmente demonstrada pelos Srs. Guthrie, Rawson, Shmoll, Lombroso, etc., e de atribui-los às mesmas causas.

Uma senhora de trinta e cinco anos, apresentada ao Sr. Richet por Fred.

Myers, sem saber o grego, do qual ela ignorava mesmo o alfabeto, produziu algumas páginas, penosamente decifradas sobre um texto existente em diferentes obras impressas, mas das quais essa senhora parecia não ter senão uma visão mental.⁶³

O Sr. Richet declara o fato inexplicável; segundo ele toda explicação é absurda mas, diz ele, porque as explicações são absurdas, é uma razão para rejeitar os fatos? Seria um grave erro que querer, à toda força, dar aos fatos que não se compreende uma explicação racional.

E, sem dúvida, entretanto, me parece que a comparação que fazemos desse caso, com experiências já conhecidas, é uma tentativa razoável. Eu não vejo o que haveria de absurdo de chamar um gato de cão, e um espírito humano de espírito, atribuindo efeitos semelhantes a causas semelhantes, não fazemos senão distinção entre o espírito humano encarnado ou desencarnado.

Mas, para o Sr. Richet, o espírito é uma invenção cômoda; do mesmo modo, diz ele, como os selvagens explicam granizo, a chuva e os relâmpagos pelas ações de gênios e de diabos, nós explicaremos os fenômenos incompreendidos por espíritos. Eh, meu Deus.. nós vemos nessa interpretação uma pequena lacuna e, por minha parte, eu confesso, sem dificuldade, que se o granizo, a chuva e os relâmpagos se apresentam a mim sob uma aparência espiritóide, por exemplo: se se obtivesse um resultado evidente rogando ao granizo que chovesse granizo e a chuva chover, bem, sim...! Eu atribuiria esse efeito notável a uma causa inteligente.

O agente que dá comunicações responde, em uma certa medida, ao que se lhe pergunta; frequentemente ele mesmo dita as condições da experiência a se tentar, indica se nós devemos tomar a pena, colocar na mesa ou permanecer passivo na expectativa de uma imagem visual, auditiva, ou de uma sugestão motriz; e se nos diz: não há espírito aí, não há senão uma força desconhecida. — Muito bem, mas essa força possui todos os atributos da personalidade. Ora, quando o agente que é a causa primeira desses fenômenos pôde ser alcançado sobre o fato, ele foi encontrado ser o espírito de uma pessoa viva que transmitia a imagem ou movimento; isso se produzia sem participação aparente do corpo humano, não é absurdo dizer que este não é por nada a transmissão do pensamento; que tudo é devido ao corpo anímico, substancial e exteriorizável, cujos falecidos poder ser perseguidos tanto quanto nós; o que aliás eles manifestam por um número de fenômenos que expusemos.

Por isso temos a prova de uma intervenção do além todas as vezes que se

⁶³ Encontrar-se-á um longo estudo sobre esse caso interessante nos *Annales des Sciences psychiques*, junho de 1905. Artigo do Sr. Ch. Richet, intitulado: *Xenoglossia*.

torna impossível atribuir a um ser vivo um que ultrapassa as possibilidades orgânicas do médium ou seus conhecimentos adquiridos.

Ademais, o agente inteligente varia seus métodos. Assim o acionamento automático dos centros motores do médium, que poderia se explicar pelo treinamento, não é mais suscetível da primeira explicação se o agente produz a escrita pelos movimentos que jamais o organismo não tivesse praticado anteriormente, como é o caso para a prancheta.

Diz-se que há uma maneira de soletrar com uma prancheta móvel, munida de uma seta que uma influência desconhecida passeia acima de um alfabeto. Os braços executam então uma espécie de ginástica nova à qual se preparou nenhuma educação. Ademais, acontece que duas pessoas provocam o fenômeno que nenhuma delas pode obter separadamente. É evidente que, se o movimento tivesse que revelar atividades inconscientes, o acoplamento das duas mãos não faria senão contrariar a ação. Ora é tudo ao contrário que acontece; quando essa associação é possível, a harmonia se faz espontaneamente e o fenômeno se afirma com nitidez que surpreende todos os assistentes; acontece mesmo que a prancheta munida de um lápis, escreve diretamente sobre o papel.

Eis um exemplo que se encontra em Oliver Lodge. Trata-se de duas meninas que obtiveram da escrita na prancheta; uma dezena de pessoas estavam presentes. Essa prancheta não funcionava com nenhuma outra combinação que não essas duas meninas associadas. Essas senhoritas, com uma alta instrução, tiveram a ideia de perguntar a um espírito que afirmava ter sido primeiro em concurso da Universidade, de dar a fórmula de uma equação que representaria a curva do contorno em de coração da prancheta da qual elas faziam uso.

A resposta foi: $R = \alpha \cdot \text{sen}\theta / \theta$

Oliver Lodge diz que o Sr. Sharpe, de Bournemouth, foi bastante bom para lhe traçar um gráfico exato dessa curva e que essa operação represente muito bem a forma comum de uma prancheta, e ele acrescenta: é naturalmente muito mais difícil inventar uma equação conveniente a uma curva dada (o que a escrita fez no caso presente), do que traçar a curva quando a equação é dada.

Enfim uma complicação que, mesmo com o treinamento, ultrapassaria as faculdades do homem, tantas orgânicas quanto intelectuais, é a que se apresenta algumas vezes com várias mensagens obtidas simultaneamente.

Vejamos, por exemplo, em Aksakof (p. 38), o que diz o Dr. Wolfe do célebre médium Mansfield que escrevia com as duas mãos ao mesmo tempo e falava ao mesmo tempo.

W. Crookes em suas *Pesquisas sobre os fenômenos do Espiritismo* (p. 167), testemunho também de um fato semelhante:

“Em minha presença, vários fenômenos são produzidos ao mesmo tempo e o médium não os conhecia todos. Srta. Fox escreve automaticamente uma comunicação para os assistentes, durante que uma outra comunicação, sobre um outro *sujet*, lhe era dada por uma pessoa, por pessoa do alfabeto e por *batidas*; durante todo esse tempo, o médium conversava com uma terceira pessoa, sem o menor embaraço, sobre um *sujet* praticamente diferente das duas outras”.

Enfim, para bem compreender a qual ponto certas influências ocultas inteligentes podem apoderar-se dos órgãos físicos, aí variar sua ação, e mesmo passar de uma pessoa a outro, é preciso conhecer as ações curativas que são algumas vezes produzidas com toda aparência de ser dirigidas por entidades espíritas.

O relato seguinte foi tomado emprestado da obra de F. Myers: *Personalidade humana e sua sobrevivência da morte do corpo*. Longmans, Green e C^o. 39, Paternoster Row, Londres, 1913.

Ação curativa exercida sobre a Sra. X...

“O autor do relatório, diz Myers, é um médico ocupando um posto científico importante da Europa continental, nós o conhecemos por ter correspondido com ele por um amigo comum que, ele mesmo, é um sábio de reputação europeia. Ele discutiu o caso com o Dr. X... e com sua mulher e viu o relatório que nós publicamos agora o resumindo. Nós somos obrigados a dissimular a identidade do Dr. X... e omitir mesmo seu país; isso não tem nada muito racional, pois que a bizarrice dos fatos que nós temos a contar seria notada como praticamente deslocada, junto de seu entorno científico atual.⁶⁴

O Dr. Z... que faz sua aparição aqui, sob o caractere incerto de um espírito magnetizador, se acha igualmente ter sido um sábio de reputação europeia e um amigo pessoal do Dr. X... Sra. X... por uma noite muito obscura, torceu o pé direito. Quinze dias após nosso retorno a M... o pé estava quase curado; mas, um pouco depois, eu caí doente e a Sra. X... me dando cuidados, sofreu uma grande fadiga.

Durante todo o inverno, a Sra. X... foi constrangida a ficar de repouso, o pé privado de todo movimento, comprimido sob os emplastos ou gases de silicato.

No fim esse tratamento foi abandonado para se manter bandagem simples e ao uso de muletas. As articulações do pé direito apresentavam uma inflamação dos

⁶⁴ Uma vez mais essa observação explica as dificuldades que se encontra quando se tenta vulgarizar os fatos.

tecidos e nós estávamos seriamente inquietos.

Foi então que alguns amigos informaram a Sra. X... de certos fatos bem atestados do Espiritismo dos quais ela não tinha tido, até aquele dia, senão uma vaga noção.

O espírito guia de um grupo do qual um de meus amigos era membro, anunciou a intervenção em espírito do Dr. Z... Foi agendado um dia para a visita do doutor junto à Sra. X... que foi informada da data. Absolutamente com outras preocupações, nós tínhamos esquecido completamente desse encontro. Mas, no dia diz, - abril de 1891 – o Dr. Z..., se anunciou de si mesmo por raps na mesa. Então somente nós nos lembramos do encontro combinado. Eu pedi a opinião do Dr. Z... sobre a natureza do mal do pé da Sra. X... e as batidas da mesa deram, pela mediunidade da Sra. X..., a palavra: *tuberculose*, significando que havia tuberculosas nas articulações e disso, com efeito, havia alguns sintomas. Alguns dias depois o Dr. Z... voltou sobre nossa pergunta e prometeu de se empenhar na cura do pé da Sra. X..., nos avisando, todavia, que não haveria jamais cura completa, mas que a doente ficaria inapta nas longas saídas e sofreria, mais ou menos, de seu pé em tempos de umidade, o que foi confirmado.

No dia 17 de agosto de 1891, a doente ressentiu, pela primeira vez, uma sensação insólita, acompanhada de formigamento e de uma sensação de peso nos membros inferiores, especialmente nos pés. Essa sensação ganhou rapidamente o resto do corpo e, quando ela atingiu os braços, um movimento de rotação começou a se produzir nas mãos e nos antebraços. Esse fenômeno reaparecia todas as noites, após o jantar, tão logo que a doente repousava em sua poltrona. A gente estava lá, quando a família se retirou para o campo de R...

Nesse endereço, a manifestação sobrevinha duas vezes por dia, durante quinze a vinte minutos. Ordinariamente a doente colocava suas duas mãos sobre a mesa. A sensação de estar magnetizada se fazia sentir primeiro nos pés que começavam seu movimento de rotação, ao qual a parte superior do corpo participava gradualmente a doente começava a poder caminhar sem muita dificuldade, mas todo movimento acentuado e voluntário de seu pé era ainda doloroso, e entretanto, quando o movimento era provocado pela influência oculta, ela não sentia nenhuma espécie de dor.

Um novo fenômeno seguiu de perto. Um dia a Sra. X... se sentiu arrancada de sua poltrona e constrangida a ficar em pé. Seus pés e o corpo inteiro obedeceram a uma ginástica forçada da qual todos os movimentos eram regulados e ritmados com uma arte perfeita. Isso se renovou nos dias seguintes e, no fim de cada acesso, cuja

duração era de uma hora ou duas, os movimentos se tornavam extremamente violentos. A Sra. X... jamais tinha recebido a menor noção de ginástica e cômodo ou outro e esses movimento tivessem sido extremamente dolorosos e fatigantes se não lhe fosse preciso executá-los por sua própria vontade. Entretanto, no fim de cada exercício, ela não estava fatigada de modo algum, nem sem fôlego. Tudo era para o melhor e o Dr. Z... acabava de anunciar que seus cuidados, de agora em diante, não eram mais indispensáveis quando, no dia seguinte, um singular acidente veio tudo piorar. A Sra. X..., com o objetivo de alcançar alguns objetos de seu guarda-roupa, estava montada com grande precaução sobre uma cadeira baixa cujos quatro pés ofereciam, entretanto, uma larga base de sustentação; no ponto de descida, a cadeira foi violentamente de debaixo dela e projetada à distância. A Sra. X... caiu sobre o pé doente e todos os cuidados foram recomeçados.

Em uma carta posterior, o Dr.. Z... explica que, de acordo com o relato da Sra. X..., esse movimento é devido certamente a uma força invisível e não a uma queda natural de cima da cadeira.

A Sra. X... estava acostumada a tratar seu pé ela mesma cada manhã. Um dia ela se achou estupefata de sentir suas mãos agarradas e dirigidas por uma força oculta. A partir desse dia, as bandagens foram ajustadas segundo todas as regras da arte e com uma perfeição que teria feito honra ao mais hábil cirurgião dos dois mundos. Embora hábil com suas mãos, a Sra. X... não tinha jamais tido a menor ocasião de praticar nem adquirir o menor conhecimento cirúrgico e entretanto as bandagens, aplicadas tão automaticamente, estavam irreprocháveis e todo o mundo as admiravam. Quando a Sra. X... desejava renovar seu curativo, ela colocava as bandagens todas enroladas sobre a mesa, ao alcance de sua mão, e mecanicamente sua mão tomava as bandagens que convinham o melhor ao operador oculto. A Sra. X... tem o hábito de se pentear ela mesma. Numa manhã, brincando, ela exclamou: ‘um cabeleireiro da corte deveria fazer bem meu penteado para mim, meus braços estão fatigados!’ Tão logo suas mãos começaram a agir, automática, sem nenhuma fadiga para seus braços que pareciam sustentados e o resultado foi um penteado complicado que não se parecia em nada ao penteado simples que ela se fazia habitualmente.

Os fenômenos citados até aqui forma puramente subjetivos⁶⁵, mas naqueles que querem seguir, há também alguma de objetivo. Quando se tem a honra de ser tratado por um médico tão célebre como o Dr. Z..., um sentimento natural exige

⁶⁵ Nós respeitamos o texto do relatório, mas confessamos não compreender como se pode qualificar de *subjetivos* fenômenos cuja causa está visivelmente fora do *sujet*, do qual este não tem nem o conhecimento nem a direção. E, todo caso é decidir prematuramente, e de caso pensado, a questão em litígio.

algumas vezes que se pense em fazer aproveitar seus vizinhos. Um funcionário de meu departamento sofria há vários anos de uma inflamação da pleura que o forçava a cair de cama e lhe causava frequentes dores de cabeça. Consultado, o Dr. Z... prescreveu um tratamento interno que, para minha grande surpresa, consistia somente de grânulos dosimétricos (que o grande cirurgião não tinha empregado quando vivo). Ele fez também executar pela Sra. X... passes de desobstrução de uma duração de dez a quinze minutos. É notável que ao passo que esses passes eram feitos com uma grande violência, a mão da Sra. X... parava a um milímetro da face do doente sem o tocar jamais em que quer que seja. Dela mesma, a Sra. X... não teria jamais podido dar a seus movimentos um grau de precisão.

Uma outra vez, nossa serviçal A... cujo marido estava doente no hospital, veio encontrar a Sra. X..., chorando, dizendo que ela tinha perdido toda esperança de vê-lo melhor. A Sra. X... perguntou ao Dr. Z... de pegar o caso; este prometeu e acrescentou que ele lhe faria sentir sua presença. No dia seguinte, no hospital, A... encontrou seu marido desesperado. “Veja, dizia ele, além de meu mal habitual, eis aqui, agora, que eu tenho uma doença nervosa; eu fui sacudido a noite toda, meus braços e minhas pernas executavam movimentos que eu não podia impedir. – A... se colocou a rir e avisar seu marido que o Dr. Z... tinha empreendido sua cura e que ele estaria logo restabelecido. O doente voltou ao seu estado normal e se porta bem quanto o permite a afecção pulmonar incurável que o atingiu”.

Quanto ao pé da Sra. X... eu tenho a convicção muito firme que foi curado pelos movimentos rítmicos que lhe foram impostos, e pela magnetização do agente oculto. “Vós me perguntais se esses agentes pertencem à raça humana. Eu respondo: — Sim...! Provisoriamente. Ao menos que nós admitíssemos que, acima de nosso mundo existe um outro mundo que difere da humanidade mas que a conhece e estudo, como nós estudamos os reinos da natureza e que, por diversão ou por outro motivo, desempenham os papéis de nossos amigos desaparecidos’.

Eu estou longe de ter esgotado a série dos fatos espontâneos que se pode atribuir a causas ocultas. Eu não digo nada das casas mal assombradas onde, entretanto, a série inteira dos fatos observados com os médiuns se produzem espontaneamente, porque eu quis me limitar aos únicos fatos que tendem a provar a sobrevivência. Eu pareci fazer uma divisão arbitrária tratando como um grupo à parte uma série de manifestações de naturezas muito diferentes é porque me pareceu que fatos espontâneos, observados em todos os lugares e em todos os tempos, e afirmados por ilustres testemunhas, não podiam senão confirmar aqueles são, é difícil fazer a prova em sessão experimental, o único fato que se produzem

espontaneamente, com ou sem médium, é de natureza a fazer cair bem objeções.

Para mim, eu estimo que esses fatos estabelecem, sem que seja possível conservar a sombra de uma dúvida, que há, em nós, um segundo corpo, que não é a alma, mas que serve de *substratum* à força misteriosa que W. Crookes chama *força psíquica*; que esse segundo corpo, e o elemento do qual ele é composto, não releva da física atualmente conhecida, mas que é experimentável. Enfim, temos constatado, empiricamente, que esse corpo obedece ao pensamento, que é suscetível de movimento, que é maleável, enfim que ele é capaz de se exteriorizar e mesmo se materializar.

Em seu estado normal, esse corpo explica todas as manifestações da vida orgânica e não produz outras manifestações exteriores; mas, em condições ainda mal observadas, é fácil constatar que ele se exterioriza, e também que influências de toda natureza podem agir sobre ele e se substituir, momentaneamente, a esse influência normal que todos chamamos ordinariamente de *ação do eu*.

Capítulo XI

AS MANIFESTAÇÕES DO ALÉM

*Por minha parte, eu não tenho mais nenhuma dúvida a esse assunto...
Eu consegui a prova que os seres que se comunicam
conosco são realmente aqueles que eles dizem ser.*

Sir Oliver Lodge.

Discurso do dia 22 de novembro de 1914.

Onde é o além...? É geralmente admitido, por todos os psiquistas, que o além não é um lugar; a vida mental não estava condicionada pelo espaço.

A além é uma condição mental elos permitindo transpor o limite atualmente conhecido da no além não vivemos sensações físicas, vivemos pensamentos e sentimentos.

Segue que, na incorporação atual, não estamos nas condições desejadas para poder comunicar, Entre vós e eu a relação não pode se estabelecer senão graças a um subterfúgio, que foi de criarmos imagens verbais; e ainda, essas imagens seriam representações abstratas se elas não tivessem revestido um corpo material para descer sobre o plano físico.

Essas imagens tomaram um corpo na escrita que se endereçam a nossas faculdades visuais, e na palavra, que se endereça às vias auditivas. Assim os sons e os sinais escritos são corpos materiais que afetam órgãos materiais para remontar, daí, sobre o plano intelectual; a esses sinais convencionais não damos nenhuma certeza de se comunicar comigo, pois que, pelos lábios e pela pena, eu posso mentir sem que vós duvideis; assim, entre vós e eu, não há nenhuma relação direta possível.

O EU vive no além; ele existe independentemente do corpo físico, tudo como meu pensamento existe por ele mesmo, independente dos sons pelos quais ele o exprime, dos caracteres materiais que eu traço no papel.

Vamos agora abordar a grande questão: há, no além, outra coisa que nós

mesmos, há manifestações do além, vindo de entidades estranhas?

Essas manifestações, se elas existem, são fora de nós, elas podem se produzir espontaneamente e não de outro modo.

William Stead, o grande jornalista e espírita inglês, do qual não se esqueceu a morte heroica a bordo do *Titanic*, definia assim nossa posição por relação ao além, na *Revista* do dia 15 de janeiro de 1909.

Ele se servia de uma comparação que lhe sugeria a aplicação, então recente, da telegrafia sem fio. Ele comparava a tumba ao Oceano antes de Cristóvão Colombo ter descoberto a América; depois, por uma ficção engenhosa, ele supunha que o explorador e os que teriam seguido tivessem sido na impossibilidade de navegar do Oeste para o Leste, ninguém teria jamais podido fazer a viagem de retorno. A Europa teria concluído a não existência do outro continente.

Entretanto a civilização americana teria progredido ao mesmo tempo que a nossa; os navegadores não teriam renunciado à exploração e, um belo dia, um entre eles teria abordado em uma república florescente. — O que ele teria feito?

Ele se apressaria de empregar todos os recursos da ciência moderna para informar a mãe pátria, ele teria tentado a telegrafia sem fio ainda bem imperfeita; tivesse recebido, nessas condições mensagens truncadas, incompreensíveis. Após numerosas decepções ter-se-ia decifrado uma mensagem mais clara:

Do capitão ISMITH (mar do sul) ao Lloyds de Londres. – TODOS VIVOS, SÃOS E SALVOS. DESCOBERTO NOVO MUNDO, POVOADO DE DESCENDENTES DE COLOMBO E DE SUAS COMPANHIAS.

Ter-se-ia atribuído essa mensagem a algum escritório marcônico da Europa mesmo teria sido preciso que um pequeno número de trabalhadores obstinados ousassem prosseguir as experiências, antes que o mundo se revolte e se admita a possibilidade de um fenômeno ainda inacreditável; mas, com o tempo, será conseguido e estabelecer postos de receptores melhor condicionados; e será achado, assim, em posseção da solução das mesmas dificuldades que encontramos quando nós procuramos estabelecer a certeza de uma outra vida após a morte.⁶⁶

Nossa posição é bem definida por essa comparação. A além se manifesta espontaneamente; se, os esforços que ele faz, nós respondemos pela indiferença, pelo ceticismo ou pela zombaria, todo esforço cessará.

A dificuldade consiste no estabelecimento prévio de um posto receptor.

É preciso aceitar pelo menos essa hipótese, que nós podemos ter

⁶⁶ Ver o artigo *in-extenso* na *Revista científica e moral do Espiritismo*, março de 1909, p. 529. Boul. Exelman, 40.

correspondentes no além; é preciso estar atento aos menores índice dessa telegrafia sem fio que, talvez, se nos envia de detrás da tumba. E, para estar em estados de receber essas mensagens hipotéticas, seria preciso, tudo ao menos, se ocupar de organizar, tão perfeitamente quanto possível, os postos receptores.

Os receptores são os sensitivos; estes abandonados a si mesmos não têm senão inúteis clarões de lucidez, mesmo se obtêm comunicações preciosas, como eles são, eles mesmos, os simples narradores, eles não rodeados de testemunhos suficientes.

O verdadeiro posto receptor seria o que fosse organizado em torno de uma pessoa clarividente, sensitiva e suscetível de ser posta em ligação com o além no estado sonambúlico. Seria preciso, além disso, que essa pessoa seja capaz de devotamento, que ela seja rodeada de experimentadores bem ao corrente dos fenômenos e instruídos igualmente na história das ciências psíquicas, não céticas, e trabalhando na suscitada hipótese. Seria preciso ter um médium à disposição, em um local bem preparado, recursos pecuniários e um organização material assegurando a vida de uma sociedade de estudos, o que as leis tornam impossíveis na França onde uma sociedade não pode possuir os locais nos quais o rendimento lhe permitisse prosseguir com despesas de experiências e para assegurar sua viabilidade.

Felizmente que as condições são mais fáceis na Inglaterra. Nela se terá a honra e a glória de ter instituído o posto receptor que pôde receber as primeiras mensagens autênticas vindas do além.

É uma grande honra, para nossos estudos, que a Sociedade para as Pesquisas psíquicas tenha não somente reunido homens que, como F. M. Myers, Hodgson, Oliver Lodge apresentam toda garantia científica, mas ainda que ela tenha encontrado, na pessoa da Sra. Piper, um médium excepcional do qual o desenvolvimento acima de todo elogio.

O caso da Sra. Piper, estudado com perseverança por esses homens que aceitavam provisoriamente e a título de hipótese, as personalidades dos que se apresentavam como os espíritos de parentes falecidos, deu resultados tais que todos os consultantes tiveram a sensação da presença real de seus familiares e amigos, e que todos os sábios seguiram as experiências de perto terminaram por aceitar essa interpretação.

Fez-se o impossível para explicar os fatos pela clarividência, pela leitura de pensamentos e pela subconsciência; mas os fatos falaram contra essa interpretação. Se a subconsciência da Sra. Smith criou sete ou oito personalidades de caracteres

distintos, cada um tendo sua linguagem própria, sua escrita e sua ortografia características, a Sra. Piper teria produzido várias centenas de personalidades tudo também inteligentes, isto é, várias centenas de memórias que não fariam, entre elas, nenhuma confusão. Eu não posso, falta de lugar, me esticar sobre as obscuridades do começo,⁶⁷ elas estavam prevendo, e elas não invalidam em nada o valor dos resultados obtidos desde então.

Os tranSES da Sra. Piper, escreve o Sr. F. M. Myers⁶⁸, podem se dividir em três fases:

1ª Quando a principal entidade diretriz era o Dr. Phinuit e se servia quase exclusivamente dos órgãos vocais;

2ª Quando as comunicações se obtinham no estado de transe, principalmente pela escrita automática e sob a supervisão especial da entidade conhecida sob o nome de George Pelham. Entretanto o Dr. Phinuit se comunicou ainda com frequência durante esse período, 1892-1894;

3ª Quando a direção pertenceu ao imperador, Doutor Rector e alguns outros, e como as comunicações tinham lugar sobretudo pela escrita, e algumas vezes também pela palavra. Essa última fase começa em 1897, ela continua ainda no presente e parece querer persistir a partir de agora”.

Após as obscuridades e confusões do começo, a intervenção de vários espíritos veio depurar o fenômeno, parece que tenha sido preciso proteger contra os importunos uma cabine telefônica colocada do lado de fora. Várias entidades misteriosas se concertaram para descartar as influências embaraçadoras. As condições sendo melhor estabelecidas, os misteriosos correspondentes podiam se exprimir mais seguramente, influenciando os centros motores do médium; os defuntos asseguram que eles pensam com seu pensamento no que eles chamam de uma luz. Isso concorda com muitas outras experiências; não é raro que pessoas praticamente ignorantes do Espiritismo, fazendo uma tentativa puramente recreativa vejam surgir uma entidade que, na questão colocada: — Por que estais vós aqui? Resposta: — Eu não sei, eu vi uma luz, me puxou, e eis me aqui.

Assim os espíritos pensariam as palavras, pensariam a escrita e, se nenhuma influência perturbadora vem desnaturar o efeito, o aparelho fisiológico de um médium seria apto a se deslanchar, automaticamente, sobre essa simples excitação. No caso onde as duas mãos escrevem ao mesmo tempo, é que há acordo entre os dois espíritos para que cada um pense em um órgão diferente. Algumas vezes há luta, parada ou incoerência, quando um médium resiste. Mas essa luta parece

⁶⁷ Ver o livro do Sr. Sage: *A Sra. Piper*, Leymarie, Paris, 1902.

⁶⁸ *Personalidade Humana e sua sobrevivência à morte do corpo*, t. II, p. 257. Longmans, Greed e Co, 1903.

verdadeiramente real; nós encontramos no começo de todas as mediunidades, somente, no caso da Sra. Piper, a ordem não foi estabelecida senão após a intervenção de Georges Pelham.

George Pelham (pseudônimo) é uma das personalidades mais interessantes de todas elas que afirmar se manifestar por intermédio da Sra. Piper. Era um jovem homem bem elevado na sociedade que, passando, tinha estudado o caso Piper em companhia do Dr. Hodgson, secretário do braço americano da Sociedade. Ele morreu vítima de um acidente e, algumas semanas após sua morte, comunicações obtidas pelo intermédio da Sra. Piper pareceram vir dele. Era 1892, o Dr. Phinuit, entidade enigmática, que até aí tinha comandado como mestre se viu despejado de seu apartamento ou pelo menos constrangido a partilhar com novo hospede, que estabeleceu perfeitamente sua identidade.

A memória fresca de G. Pelham, saído há pouco de nosso mundo, pode ter conservado suas lembranças intactas embora, no curso das experiências, ele declarou: “Eu me afastei de vós cada dia mais”.

Havia sete anos que duravam as comunicações, e quatro semanas que Georges Pelham estava morto de um acidente de cavalo, quando sua intervenção elevou o valor da manifestação. Este foi confrontado com uma trintena de seus antigos amigos, com pai e sua mãe, ele reconheceu e chamou cada um por seu nome, ele observou sempre a atitude que, quando vivo, ele estava acostumado de fazer com cada um dele. Quando se apresentava ao médium um novo chegado, cada apresentação era feita sob um falso nome. É preciso mesmo uma certa dose de credulidade para atribuir ao cérebro da Sra. Piper esse poder de adivinhação sem limite.

Cada consulente interrogou sobre coisas muito íntimas, como sobre detalhes muito fúteis, G. Pelham precisava os detalhes de uma casa de campo, indicava as particularidades do alpendre, da gangorra, do galinheiro, etc. E tudo isso era conforme a realidade. O Sr. Pelham pai recebeu da boca da Sra. Piper, tudo o que teria podido esperar de seu filho vivo.

O sexto volume do *Anais da Sociedade* é especialmente consagrado às sessões do professor de filosofia, James Hyslop, uma personalidade considerável no Estado de Nova Iorque. O professor Hyslop foi apresentado à Sra. Piper no momento mais favorável, isto é quando se tinha saído do período tão obscuro do começo. A apresentação teve lugar como todas as outras aliás, sob o nome de Sra. Smith, a fim de entregar ao médium nenhum indício sobre a personalidade do visitante. O professor pediu a precaução de se disfarçar no seu carro antes de se aproximar da

casa da Sra. Piper. Ele esperou que ficasse em estado de transe para falar diante dele; malgrado essas precauções, o pai do professor se nomeou, deu sinais de identidade e pareceu estar ao corrente dos acidentes mais íntimos da família. Ele refez, com seu filho, uma exposição das doutrinas religiosas que ele professava quando vivo.

“Algum poder supranormal, acrescenta o professor Hyslop, que se concorde com as personalidades segundas da Sra. Piper, se me farão dificilmente crer que essas personalidades segundas tenham podido reconstituir, tão completamente, a personalidade moral de meus parentes falecidos. Admirá-lo me levaria muito longe no inverossímil. Eu gosto mais de crer que são meus parentes eles mesmos a quem eu falei: é mais simples”.

Na última sessão, o professor Hyslop saiu de sua reserva intencional. Ele rejeitou as medidas de precaução que até aí foram tomadas, ele queria ver o resultado da mudança de atitude, se ele agisse com o comunicante como age com um amigo em carne e osso. O resultado, diz Hyslop, foi que eu conversava com meu pai desencarnado, com tanta facilidade como se tivesse conversado com meu pai vivo, por telefone. Nós nos compreendíamos a meias-palavras como em uma conversação comum.

Parece por isso verdadeiramente que, nas melhores dessas sessões, vozes do além sejam feitas ouvir e tenham respondido vitoriosamente a todas as condições exigíveis. A Sra. Piper agiu sob uma influência estranha, inteligente e consciente da vida íntima dos consulentes. A telepatia não explica de modo algum a conduta de entidades inteligentes que se manifestam: também os desejos e as lembranças latentes dos consulentes tiveram efeito sobre as comunicações; algumas vezes, mesmo, os espíritos fizeram confusão como eles eram capazes de fazer; eis um exemplo:⁶⁹ James Hyslop evocou a lembrança de um certo Sr. Cooper que ele queria lembrar à memória de seu pai. Este se pôs a falar em abundância sobre o Sr. Cooper, mas não de tudo no sentido que espera o consulente. O mal entendido foi esclarecido mais tarde. Tudo o que o pai tinha relatado era exato, mas se aplicava a um senhor Joseph Cooper com quem ele tinha tido uma relação íntima, o que seu filho ignorava. O pai se lembrava do que seu filho tinha evocado, Samuel Cooper, e, logo, ele citou o fato particular que se tinha querido lembrar à sua memória. A leitura do pensamento não entra por nada em semelhantes incidentes.

Tudo isso se passava em conversação, mas a Sra. Piper escreveu também mecanicamente, e esse meio tornou-se a via ordinária de Georges Pelham. Foi nessa

⁶⁹ Ver o livro de Sage, *Sra. Piper*, p. 201.

ocasião que se pôde constatar, uma vez mais, a simultaneidade da ação de agentes motores. Assim, enquanto Phinuit conversava pela boca do médium, Georges Pelham escrevia sobre um assunto todo diferente, acionando a mão direita, ao passo que um terceiro interlocutor podia ainda, com a mão esquerda, responder a um terceiro consulente.

Temos citado o testemunho de Hyslop, mas há bem outros, o leitor que gostaria consultar os *Anais da Sociedade* poderá aí tomar conhecimento dos relatórios de Hodgson, dos quais eis a conclusão.

“Em suas primeiras comunicações, Georges Pelham empreendeu a tarefa de mostrar à toda assistência que ele podia fazer a prova da continuidade de sua própria existência e a de outros comunicantes em execução de uma promessa que tinha feito alguns dois anos antes de sua morte dizendo que, se ele morresse antes de mim e que se achasse vivo, ele se daria por inteiro em fazer a prova. Ora, pela persistência de seus esforços em superar as dificuldades da comunicação na medida do possível, por seu zelo em servir de interlocutor nas sessões, pelo bom efeito dos avisos dados a mim como experimentador e aos outros assistentes, ele tem, tanto quanto eu posso julgar esse problema complexo e ainda obscuro, destituído de todo o ardor e a perseverança que caracterizavam Georges Pelham quando vivo.

Em resumo, as manifestações de G. P. não foram de uma natureza mutável, nem espasmódica, elas tiveram todas as aparências de uma personalidade contínua e sobrevivente, restando sempre ela mesma no curso de vários anos e guardando seu caractere de independência, que os amigos de G. P. estivessem presentes nas sessões ou que eles estivessem ausentes”.⁷⁰

Mais adiante, Hodgson concluiu: “Para o momento, eu creio, sem ter a menor dúvida, que os comunicantes dos quais eu falei nas páginas precedentes são as personalidades que elas afirmam ser, que eles sobreviveram na mudança que nós chamamos morte, e que eles se comunicaram diretamente conosco, os supostos vivos, pelo intermédio do organismo da Sra. Piper em transe”.

Seríamos capazes de repetir que essas comunicações foram envolvidas com as melhores garantias científicas. Hodgson, do qual acabamos de citar as conclusões, era um eminente doutor em letras e filosofia; ele começara muito jovem a se ocupar de estudos psíquicos, com o único objetivo de descobrir as fraudes e desmascará-las. Ele tinha feito toda em trem a viagem às Índias para reduzir a nada os pretensos fenômenos atribuídos aos iogues e aos faquires o que conseguiu incontestavelmente. Mais tarde ele foi aos Estados Unidos pensando em obter o

⁷⁰ *Personalidade Humana e sua sobrevivência*. (Longmans, Green e Cº, Londres, 1903. Vol. II, p. 243).

mesmo resultado junto da Sra. Piper. Mas, aí, o caçador de fraudes foi vencido; ele se tornou um membro assíduo da *Sociedade para as Pesquisas psíquicas*, e não hesitou em fazer belas profissões de fé.

Nós lemos nos *Anais das Ciências psíquicas*, no ano de 1906, p. 64:

“O reverendo Dr. Minot J. Savage que conhecia intimamente o Dr. Hodgson, e que o considerava como um de seus investigadores mais escrupulosos, científicos e céticos” que ele tenha jamais conhecido, diz dele que “após ter combatido contra essa convicção durante anos, ele foi enfim obrigado a fazer conhecer ao mundo inteiro que os fatos o tinham colocado na necessidade de crer que os que nós chamamos mortos são os vivos; que podemos nos comunicar com eles, que é perfeitamente seguro ter comunicado com alguns de seus amigos falecidos, e que ele tinha enfim estabelecido de uma maneira científica absoluta a identidade de algumas das inteligências que se manifestavam pela Sra. Piper”.

Está aqui o caso de mencionar a bela prova de identidade que o Dr. Minot Savage obteve de seu próprio filho. Esse caso, escrito por ele mesmo, é relatado por Ernesto Bozzano, *Anais das Ciências psíquicas*, ano de 1906, pág. 534. No curso de uma das minhas sessões com a Sra. Piper, se manifestou uma personalidade que dizia ser meu filho. Eu omito a descrição dos incidentes que são produzidos, para me limitar àquele último episódio. “Na época de sua morte, meu filho ocupava com um estudante de medicina e um outro velho amigo, um quarto na rua Joy, em Boston. Ele tinha habitado precedentemente na rua Beacon, e tinha mudado de residência após minha última visita, o que faz que eu não tivesse jamais colocado o pé no quarto da rua Joy; e como eu jamais tinha ouvido falar, eu não podia ter nenhuma ideia do que ele podia me dizer a esse assunto. Ora, diz ele: “Papai (e esse com um sentimento de ansiedade muito viva), eu gostaria que tu vais imediatamente ao quarto que eu habito e que tu procuras na minha gaveta; tu aí encontrarás um monte de folhas soltas. Há algumas que eu gostaria que tu pusesses de lado para destruí-las sem atraso’. Após ter dito isso ele se mostrou mais satisfeito antes que eu lhe tivesse prometido formalmente de fazê-lo.

É preciso lembrar que a Sra. se achava em um estado de transe profundo enquanto sua mão escrevia. Ela tinha conhecido pessoalmente meu filho; ele não me relembra que a tenha jamais visto. Aliás, essa alusão a folhas soltas que, por uma razão desconhecida, ele desejasse tanto fazer destruir, é de natureza a exceder os limites de toda conjectura possível, mesmo no caso em que a Sra. Piper teria sido despertada. Bem que eu fosse achado em ligações de verdadeira intimidade com meu filho, uma semelhante pergunta de sua parte me parecia tão inexplicável que eu não tentava mesmo de adivinhar a causa. Eu entrei todavia no quarto que ele

tinha habitado, achei na gaveta, eu reuni todos os papéis, e eu não tive mais cedo começar a compreender as razões e a grande importância que dava ao que eu jamais prometi de fazer. Aí se achavam coisas que eu tinha jogado fora, confiando na discrição de sua gaveta, mas que ele não teria querido dar publicidade a qualquer preço. Não sou eu, certamente que violarei essa reserva revelando seu conteúdo. Eu me contentarei em dizer que a ansiedade de meu filho era completamente justificada. Talvez alguém mais sagaz do que eu saberá me explicar como a Sra. Piper teria viria a conhecer um tal segredo’.

Nessa narração encontramos a revelação de uma coisa de ordem íntima e evidentemente ignorada por toda pessoa viva. Por consequência, a telepatia não é uma explicação suficiente e a intervenção do filho de Minot Savage parecia bem certa.

A Sociedade de Pesquisas não é a única a ter obtido resultado semelhante, somente ela possui hoje uma abundante reserva de documentos clássicos aos quais pode-se acrescentar fé, porque ela sempre rejeitou, após enquete, as narrações ao *sujet* das quais se podia relevar alguma dissidência nos testemunhos. Entretanto, fora dela, nós ainda temos uma rica documentação de fatos com garantias experimentais. Assim o caso seguinte para o qual foi preciso um ano de pesquisas antes de poder estabelecer a identidade do comunicante.

Isso se passava no escritório da Casa de comércio do Sr. Fidler, em Gotenburgo, Suécia. Em 1890, a Sra. d’Esperance escrevia uma carta de negócios quando, sobre a carta comercial, apareceu espontaneamente o nome de Sven Stromberg.

Era uma folha desperdiçada, a Sra. d’Esperance a colocou de lado; mas, à noite, ela mencionou o fato em seu diário, de sorte que a cópia da carta que ficou no escritório foi achada mais tarde e pôde servir para certificar a data (3 de abril de 1890).

Ninguém conhecia Sven Stromberg, e o incidente caiu no esquecimento se dois psiquistas bem conhecidos, Aksakoff e Boutlerow, não tinham vindo, dois meses mais tardem, em vista de outras experiências.

Esses senhores se propunham a tentar alguns ensaios de fotografia espírita. Desde primeira sessão, uma entidade diretora, Walter, interveio para dizer: — Há aí um homem, de nome Stromberg, que deseja contar à sua família que ele morreu. — O Sr. Fidler perguntou então se era o mesmo que tinha escrito seu nome numa folha de papel, em seu escritório. Foi confirmado, acrescentando que sua família, dele, morava em Jemtland, mas que ele mesmo morreu na América, em Nova Estocolmo.

Sobre esses entrefatos, o Sr. Aksakof e Boutlerow, preparando suas experiências fotográficas, fizeram um simples ensaio para a regulagem.

Oh surpresa!... a Sra. d'Esperance se sentiu tocada por uma mão e, quando acendeu a luz do magnetismo, um assistente declarou ter visto um homem que se colocava atrás dela. Walter declarou, então, que era o de nome Stromberg, morto e Nova Estocolmo, no dia 31 de março. A placa, revelada tão logo, confirmou o fato da aparição, mas ninguém conhecia Sven Stromberg e, na esperança de um esclarecimento, a fotografia foi enviada para Jemtland para perguntar se um homem, com essa aparência, tinha emigrado para a América por volta de 1886.

De seu lado, o Sr. Fidler tinha escrito ao Canadá, ao cônsul da Suécia.

Ora, a resposta de Jemtland foi negativa; o cura da paróquia de Strom, onde a fotografia tinha sido enviada, respondeu que se conhecia somente um denominado Sven Ersson, que era casado e partiu para a América por volta dessa época. De outro lado, não se conhecia Nova Estocolmo; de sorte que se acreditou, um instante, dever abandonar o negócio.

Mas tudo se esclareceu quando se recebeu novidades da América. Registros tardios fornecidos pelo cônsul, e um outro correspondente do Sr. Fidler, estabeleceram que Sven Ersson, da paróquia de Strom (em Jemtland) Suécia, tinha esposado Sarah Kaiser e tinha emigrado para o Canadá, onde ele tinha tomado o nome de Stromberg, tinha comprado terreno em um país denominado Nova Estocolmo, tinha tido três filhos e tinha morrido no dia 31 de março de 1890.

Eis o fato resumido em sua parte essencial. Cada um fica livre para inventar teorias fantásticas para explicar semelhantes comunicações pelo mistério do subconsciente mas, verdadeiramente, é ainda mais fácil crer nas comunicações, como diz o professor Hyslop, é mais simples.

Como se vê, nós temos recorrido de preferência às experiências cujas condições se acham responder a todas as experiências científicas, mas não seria preciso crer que os representantes da ciência sejam os únicos qualificados para registrar esses fenômenos. Ao contrário, seus métodos e seu ceticismo contrariam as manifestações e a impedem frequentemente de se produzir. Obtém-se belas manifestações no círculo fechado das ciências espíritas, somente o testemunho de sábios é útil para afirmar que os espíritas viram bem e bem observaram.

Poderíamos refazer esse livro não nos apoiando senão sobre a documentação espírita; pois, também quem quer que seja os espíritas são capazes de discernir o verdadeiro do falso. É suficiente para isso não ser desprovido de julgamento, de ter um espírito direito e uma intenção pura, o que não confere sempre os diplomas.

Que se leia o caso seguinte que nós tomamos emprestado ao sábio estudo do Sr. Gabriel Delanne.

O caso do Sr. Abade Grimaud⁷¹

No dia 13 de janeiro de 1899, doze pessoas estavam reunidas na residência do Sr. Davi, localizada em Corps-Saints, 9, em Avignon, para sua sessão semanal de Espiritismo.

Após um momento de recolhimento, viu-se o médium, a Sra. Gallas (em estado de transe), se virar do lado do Sr. abade Grimaud e lhe falar na língua dos sinais empregados por certas pessoas surdas-mudas. A volubilidade anímica era tal que o espírito foi solicitado de se comunicar mais lentamente, o que ele concordou de imediato. Por uma precaução da qual se apreciará a importância, o Sr. abade Grimaud não fez senão enunciar as letras à medida de sua transmissão pelo médium. Como cada letra isolada não significa nada, era impossível, mesmo que se quisesse, interpretar o pensamento do espírito e foi somente no fim da comunicação que ela foi conhecida, a leitura tendo sido feita por um dos dois membros do grupo encarregados de transcrever os caracteres.

Ademais, o médium empregou um duplo método, aquele que enuncia todas as letras de uma palavra para indicar a ortografia, única forma sensível para os olhos, e a que enuncia só a articulação, sem ter em conta nenhuma forma gráfica, método cujo inventor é o Sr. Fourcade e que está em uso somente na instituição de surdos-mudos em Avignon. Esses detalhes são fornecidos pelo abade Grimaud, diretor e fundador do estabelecimento.

A comunicação relativa à obra de alta filantropia à qual é votado o Sr. abade Grimaud, era assinada: irmão Fourcade, falecido em Caen.

Nenhum dos assistentes, à exceção do venerável eclesiástico, conhecia nem pôde conhecer o autor dessa comunicação, bem como não se passou algum tempo em Avignon há trinta anos, nem seu método.

Assinaram: os membros do grupo assistente a essa sessão: Toursier, diretor do Banco de França aposentado, Roussel, Domenach, David, Brémond, Canuel, as Sras. Toursier, Roussel, David, Brémond.

No processo-verbal juntou-se a seguinte atestação:

“Eu abaixo assinado, Grimaud, padre, diretor — fundador da instituição dos enfermos da palavra, surdos-mudos, gogos e crianças deficientes, em Avignon, certifico a exatidão absoluta de tudo o que está relatado acima. Eu devo à verdade dizer que eu estava longe de esperar semelhante manifestação, a qual compreendo toda a importância do ponto de vista do Espiritismo do qual sou um adepto fervoroso, eu não tenho nenhuma dificuldade em declarar publicamente.

Avignon, 17 de abril de 1899.

Assinado: Grimaud, padre”.

Devemos reconhecer que uma comunicação obtida com sinais convencionais que o defunto era o único a conhecer, nos dá a melhor das provas de identidade que

⁷¹ Gabriel Delanne, *Pesquisas sobre a mediunidade*. Livraria de Ciências psíquicas, rua Saint-Jacques, 42.

se possa desejar.

Essas provas se obtêm pela escrita. Em vão dir-se-á que é preciso desconfiar de mensagens da qual são capazes as personalidades segundas. Mas nem o automatismo, nem a personalidade segunda poderiam inventar os detalhes relativos aos negócios de família, revelar coisas que o defunto era o único a conhecer, escrever em uma língua que o médium não conhece e essas criações fictícias não poderiam não mais imitar a escrita da pessoa que se trata de identificar.

Já vimos um personagem do além, apresentado sob o nome de Elvira, dar provas de seu poder e de sua existência real produzindo, em um cérebro de criança, a sugestão de um sonho dado. Eis um exemplo de manifestações que a mesma entidade produziu pela escrita. É sempre o Dr. Ermacora que faz a narração:⁷²

Caso do Doutor Ermacora

Pádua, 17 de junho de 1892.

A Sr. Maria Manzini, morando aqui, em Pádua, experimenta desde vários meses a escrita automática. Ela é habitualmente influenciada por uma personalidade que se anuncia sob o nome de Elvira.

No dia 21 de abril de 1892, a Sra. Maria Manzini recebia uma carta de Veneza informando que sua prima, Maria Alzetta, estava gravemente atacada de tuberculose pulmonar. Havia há longo tempo que a Sra. Manzini não tinha tido notícias dessa parente; ela sabia somente que, tornada viúva sem filhos, ela casou-se de novo e que tinha dois filhos de seu segundo marido.

Na noite desse mesmo dia ela escreveu, em minha presença, sob o controle de Elvira. Ela colocou as seguintes questões:

P. – Podeis dizer se minha prima está seriamente doente? Após um minuto e meio de espera:

R. – Ela tem muito pouco tempo de vida; ela deixa três crianças charmosas.

P. – Conhecerdes isso pela primeira vez quando eu recebi a notícia de sua doença?

R. Não, eu sabia há longo tempo, mas eu não dizia com receio de fazer pena a Maria (o médium).

P. – Nesse caso, por que ficaram muito tempo sem responder?

R. – Eu fui ver como ela estava a fim de poder vos dar notícias precisas. No dia seguinte, a Sr. M... escrevendo a Veneza, se oferecia para ir visitar a doente. No dia 24, ela recebeu uma resposta exprimindo o desejo de vê-la chegar e dizendo que a doente estava hospitalizada; ela escreveu de novo para perguntar os dias de visitas autorizadas. Antes do retorno da resposta, a Sr. M... escreveu em minha presença (dia 28 de abril) sob a influência de Elvira e nós colocamos as seguintes questões:

P. – Como vai a doente de Veneza? Sabeis por que a resposta a minha carta não chegou? Conheceis os dias de visitas ao hospital?

⁷² Tirado do livro de F. Myers, *Personalidade Humana*, nº 858 A.

R. – O estado da doente é sempre o mesmo. Pouca esperança. Ela sofreu uma operação grave, aí está o perigo. Amanhã de manhã, Maria receberá a carta. Os visitantes como ela, admitidos todos os dias no hospital.

P. Quereis dizer, como ela, parentes da doente?

R. – Não, os que, como ela, vêm de longe.

Não podíamos compreender que relação havia entre a doença dos pulmões e uma operação cirúrgica; perguntamos.

P. - Se a doente foi atacada de tuberculose pulmonar, operação foi feita?

R. – Ela tem tuberculose pulmonar. Mas a operação tornou-se necessária desde o nascimento de sua última filhinha.

Enfim, o doutor concluiu: a escrita automática nos informa fatos inteiramente desconhecidos de nossa consciência ordinária; em particular, o fato que a doente tinha três filhos e faz que ela tinha sofrido uma operação. É muito necessário que nós possamos, aqui, invocar a clarividência e a telepatia como uma explicação.

Finalmente, uma mensagem automática explica a coisa de maneira mais simples e essa explicação parece bem ser a única verdadeira”.

Dr. G. B. ERMACORA

Obtêm-se ainda provas de alto valor nos casos em certas manifestantes, absolutamente desconhecidos das pessoas presentes, revelam as circunstâncias de sua morte e dão detalhes que se acham confirmados após enquete. Já citamos o caso de Stromberg; a Sociedade de Estudos Psíquicos de Nancy publicou análogos. São ordinariamente provas diabólicas, mortos em acidentes, ou que se suicidaram. E que dão todos os ensinamentos úteis à reconstituição de seu estado civil. Bozzano conta também nos *Anais de Ciências Psíquicas* (ano de 1909, p. 222), o fato de uma pequena menina morta envenenada, e que é verdadeiramente de natureza a convencer os mais céticos. Mas, nessa matéria, a Sociedade para as Pesquisas Psíquicas está igualmente bem documentada, o leitor encontrará um exemplo cujo alto valor é reconhecido de todos os investigadores sérios no caso de Blanche Abercrombie⁷³ autenticado por Myers.

Não terminaremos esse capítulo sem voltar à questão dos fantasmas. Temos visto, tratando-se de materializações, as dificuldades levantadas por esse problema. Se as aparições são difíceis de produzir, é mais difícil ainda de controlá-las; de sorte que não somente se pode contestar a existência do fantasma, mas ainda se pode se perguntar se uma aparição poderá jamais chegar a provar sua identidade.

Eis alguns casos onde essa prova de identidade foi obtida. Nestes casos a manifestação se produziu com bastante intensidade, e ela se tornou bastante frequente, para poder convencer os experimentadores que se achavam em presença

⁷³ Ver *Procedimentos S.P.R.*, vol. XI, p. 96 e seguintes ou *Personalidade Humana*, vol. II, p. 231.

de uma entidade inteligente tendo toda aparência do defunto.

Temos primeiro o caso tão célebre da mulher de Livermore, *Estela*. Eis o que se acha na obra de Aksakof no *sujet* de suas comunicações escritas:

“Elas foram todas em número de uma centena, recebidas sobre cartas que o Sr. Livermore marcava e trazia ele mesmo, e foram todas escritas não pelo médium (cujas mãos o Sr. Livermore mantinha seguras durante toda a sessão), mas diretamente pela mão de Estela e algumas vezes mesmo sob os olhos do Sr. Livermore, à luz espiritual criada *ad hoc*, luz que permitia reconhecer perfeitamente a mão e mesmo toda a figura daquela que escrevia. A escrita dessas comunicações é uma perfeita reprodução da escrita da Sra. Livermore viva.

“Encontramos aqui uma *dupla prova de identidade*: ela é constatada não somente pela escrita em todos os pontos semelhantes ao do defunto, mas ainda em uma língua desconhecida do médium. O caso é extremamente importante e presente aos nossos *olhos uma prova de identidade absoluta*” (Aksakof, *Animismo e Espiritismo*, páginas 547-548).

Uma outra senhora recebeu uma prova semelhante, pela mediunidade de Eglinton, vindo de um defunto amigo. Esse amigo era austríaco, a correspondência se fez em inglês. Uma vez, entretanto, ela recebeu uma carta alemã, escrita com caracteres góticos com uma forte beleza e de um estilo impecável. Essa carta alemã, nota Aksakof, apresenta o mesmo valor que a de Estela, escrita em francês.

Caso pouco perto de semelhantes se reencontram, apoiados de testemunhos que não têm todos um valor igual, mas nós sabemos bastante para concluir que o fenômeno é possível e que a prova de identidade está feita.

Temos a felicidade de possuir um caso decisivo, é o de um fantasma, aparecido espontaneamente em uma casa mal assombrada, e visto por uma senhora que pode entrar em contato com ele, graças a seus dons naturais de clarividência. Por seu intermédio, a Sociedade de Pesquisas Psíquicas pôde empreender uma enquete que não deixa nenhuma dúvida sobre a realidade objetiva, não mais que sobre a identidade pessoal da aparição; essa prova repousa sobre o conhecimento da parte de um espírito falecido.

Caso da Senhora Claughton

Esse caso foi de uma enquete por F.W.H. Myers, que conheceu os nomes de todas as pessoas implicadas nessa história íntima, e que garante a realidade de todos os fatos controlados. Como se trata de um negócio bastante recente e de personagens conhecidas, o teve que omitir certos detalhes.

Eis o que eu pude relatar conforme revelado em minhas notas tomadas nos *Procedimentos*.⁷⁴ A Sra. Claughton é uma vidente; há vários em sua família, mas ela jamais procurou desenvolver seus dons. É uma mulher viúva frequentando a alta sociedade, tendo dois filhos, e conhecida de todos como uma mulher entusiasmada, inteligente e ativa; muito ocupada com seus próprios negócios para pesquisar outros.

Em 1893, ela morava em Blake Street, 6, em casa pertencente à Sra. Appleby, filha da Sra. Blackburn que estava morta aí, após três dias de residência; a casa era mal assombrada. A Sra. Claughton aí estava há cinco dias quando ela viu um fantasma que ela descreveu e que respondia à sinalização da Sra. Blackburn, morta na casa e praticamente desconhecida da vidente. Há provas materiais, diz Myers, que ela viu duas vezes esse fantasma que falou bastante longamente de fatos desconhecidos da Sra. Claughton. Alguns puderam ser imediatamente controlados e foram reconhecidos exatos.

Os outros detalhes que lhe foram dados concernente a uma missão íntima que a Sra. Claughton foi encarregada a empreender. Dá-se-lhe as indicações de uma vila da qual ela jamais ouviu falar (Myers a designa sob o nome de Meresby). Foi-lhe designado, por seus nomes e outras sinalizações, as diferentes pessoas que ela teria que visitar lá; foi-lhe anunciado, exatamente, os diversos incidentes da viagem que ela deveria efetuar. A Sra. Claughton foi por isso visitar Meresby onde ela encontrou tudo conforme as premonições que lhe foram fornecidas. Tinha lhe sido dito que ela receberia instruções complementares e ela as recebeu com efeito; ela tinha recebido a ordem de fazer certas comunicações aos sobreviventes, ela os fez e, se o controle não pôde se aplicar a essas revelações íntimas, suportou, pelo menos, provas materiais que ela fez efetivamente a viagem e as visitas, conforme ao relato que tinha feito. Assim ela não tinha outro motivo para ir à Meresby senão de se liberar da missão que lhe tinha sido confiada pela aparição no meio da noite; ela não tinha, não mais, outro motivo para ir ver pessoas que lhe eram praticamente estranhas.

Ela devia cumprir não se sabe qual cerimônia secreta na igreja do lugar, e isso no meio da noite; ela fez os passos e empregou esforços necessários para obter a autorização dessa formalidade delicada (Myers conheceu os motivos do segredo guardado pelos interessados sobreviventes, e julga que seu silêncio é plenamente justificado). Não existe nenhuma hipótese plausível para explicar que essa data empreendeu essa viagem e fez esses esforços sob o império de uma sugestão tola, então que não havia aí, para ela, senão uma fonte de tédios e de preocupação, e que,

⁷⁴ *Procedimentos da Sociedade para Pesquisa Psíquica*, v. XI, p. 547.

para obedecer à injunção do fantasma, ela tinha deixado uma criança doente em casa.

É preciso notar que, na primeira palavra do fantasma da Sra. Blackburn a Sra. Claughton tinha respondido lhe perguntando:

Estou sonhando, ou é uma realidade? E como a Sra. B... tinha respondido: — Se vós duvidais, verificai a data de meu casamento.

E ela dá a data exata do casamento que tinha sido celebrado nas Índias.

Na noite seguinte o fantasma da Sra. Blackburn reapareceu uma segunda vez acompanhada de um homem que diz estar enterrado no cemitério de Meresby, ele dá o nome de George Howard. Como a Sra. C... não o conhecia de forma nenhuma, ele indicou, a ele mesmo, a data de seu casamento e o de seu decesso, rogando-a verificar essas datas nos registros da paróquia. Ele lhe rogava, após essa verificação, de ir à igreja durante a noite, de se encerrar somente e esperar após a sepultura de Richard Hart que se achava na igreja no canto sudoeste do corredor. Ele dava igualmente sua idade e a data de seu decesso, que se poderia verificar nos registros, e a convidava a ir colher sobre sua própria tumba rosas brancas que se achavam e enviá-las ao Dr. Ferrier com seu bilhete trem.

Por fazer isso, se lhe anunciava que seu bilhete de trem não lhe seria reclamado na chegada. Ele lhe que ela receberia a assistência de um homem moreno chamado Joseph Wright; sua mulher, na casa onde ela encontraria asilo, lhe declarava que tinha um filho enterrado no mesmo cemitério; não era que em seguida que ela aprenderia no fim da história sobre o qual se guarda segredo. Essas revelações eram feitas estando presentes os dois fantasmas, mas um terceiro personagem apareceu do qual a Sra. C... não devia revelar o nome. Ele se mantinha em pé à direita da Sra. Blackburn e parecia fortemente perturbado, escondendo seu rosto com as mãos. No fim, a Sra. Claughton se dissipou, não sem ter recorrido ao sinal de apelo que se tinha estabelecido sob seu ouvido em seguida da primeira aparição.

O Dr. Ferrier, que era gerente da casa mal assombrada, verificou a data do casamento de Blackburn e assegurou, no escritório do correio, que Meresby existia bem efetivamente no condado de Suffolk.

A Sra. C..., deixou por isso a Black Street e veio a Londres na sexta-feira quando ela sonhou que ela chegava na vila em festa e que ela errava de lugar em lugar sem encontrar alojamento. No sábado ela foi a estação ferroviária, entrou no bufê prevenindo o empregado de avisar antes da partida do trem, mas este, por erro, a procurou na sala de espera, de sorte que ela perdeu o trem. Ela visitou o

British Museum até às 3h50 da tarde.⁷⁵

Em Meresby ela muita dificuldade para se alojar e acabou por encontrar asilo na residência de Joseph Wright que se achava ser o sacristão; no domingo a Sra. Wright lhe falou de uma querida menina que estava enterrada no cemitério. A Sra. C... assistiu ao ofício e foi, tão logo após à sacristia onde ela verificou as datas nos registros, Joseph Wright tinha conhecido George Howard e reconheceu sua descrição de acordo com a que ela fez da aparição. Então ele a conduziu às sepulturas de Richard Hart e de George Howard; sobre esta não havia pedra, mas três montículos rodeados de grelhas guarnecidas de rosas brancas. Ela colheu uma rosa para o Dr. Ferrier assim como lhe tinha pedido; ela visitou o vigário que não se mostrou simpático a seus projetos. Após a refeição, ela visitou, em companhia da Sra. Wright, um parque que rodeava a casa de campo de G. Howard, depois ela esperou até a noite, se perguntando se ela teria coragem de cumprir sua missão até o final. Enfim, Joseph W. a introduziu na igreja por volta de uma hora da manhã, eles revistaram a nave para se assegurar que ela estava deserta; enfim, fechada sozinha e sem luz, à 1h20, ela velou perto da tumba de Richard Hart, não sentiu nenhum receio e recebeu uma comunicação a qual a impediu de falar. Está aí que se lhe dá a sequência da narrativa começada na Blake Street. Foi-lhe pedido para pegar uma segunda rosa branca sobre a tumba de G.H; e dá-la à sua filha, da qual se indicava a morada na Hart Hall, e se pediu observar quanto ela era gentil e parecia com seu pai. À 1h45 Joseph Wright deixou a Sra. C...Esta colheu uma rosa para a Srta Howard, voltou à casa e se pôs na cama onde ela dormiu bem pela primeira vez desde que a Sra. B. lhe tinha aparecido.

Eis os fatos. É inútil procurar atribuir o fenômeno à imaginação quente, não se pode não mas atribuir à clarividência e é igualmente impossível explicar pela impostura um drama complexo que teria necessitado da colaboração de tantas pessoas honestas e que não se conheciam.

A Sra. C... não era a única a ter visto o fantasma. Antes de sua chegada, a filha da defunta Sra. Blackburn já a tinha visto, e até aí não teria podido duvidar; mas o que é único, nessa história, são os elementos do controle e os testemunhos que são irrecusáveis.

Após isso eu sei bem que existe certas pessoas para quem um fato deve ser rejeitado por essa única razão que é inacreditável; mas, além disso o que a experiência nos mostra todos os dias que ele é absurdo de recusar um fato por essa

⁷⁵ A importância desses menus feitos e que eles foram controlados em todos os seus detalhes. É um método do qual a Sociedade de P. P não se separou jamais.

única razão, é preciso deplorar a ausência de sentido crítico ou preguiça intelectual da maior parte das gentes que recusam os fenômenos para não se ter a dificuldade de as compreender. A incredulidade desejada dos céticos é muito mais desprezível do que a credulidade.

Capítulo XII

MORS JANUA VITAE

A vida é um degrau da escada dos mundos que nós devemos transpor para chegar alhures.

Lamartine

Eu terminei; eu paro nessa síntese forçosamente incompleta e, entretanto, não falamos ainda da morte que triunfa a alma imortal afirmando sua sobrevivência por manifestações frequentes das quais podemos medir a importância sem esperar o veredito da ciência. Com as provas que elas contêm em germe, cada um de nossos capítulos seria suficiente para provar a sobrevivência; mas, se a telepatia entre os vivos nos traz uma prova experimental da existência do princípio espiritual, é na morte que se afirma a continuidade desse princípio. Se os corpos gelados, e outras manifestações físicas, apresentam algum interesse, não é em sua conexão com a morte que nós encontramos um sentido a esse enigma.

Se as aparições de vivos podem entrar no domínio das constatações científicas, não será mais permitido negar as aparições dos mortos sob o vulgar pretexto de que elas são impossíveis. E é aqui o lugar de lembrar a conclusão de F. Myers: e agora, eu me arrisco numa proposição ousada, pois eu prevejo que, em razão desses novos dados, todos os homens razoáveis acreditarão daqui a cem anos na Ressurreição do Cristo, ao passo que, sem o novo fato, nenhuma pessoa sensata poderá aí crer nos em anos.⁷⁶

Pode-se encontrar a prova da sobrevivência no estudo da morte e dos moribundos, na condição de estender a observação bem além do fenômeno patológico que não tem nada a ver com o fato da sobrevivência.

Um mistério que toca de perto ao da sobrevivência, o mistério da fecundação

⁷⁶ Frédéric W. Myers, *Personalidade Humana*, vol. II, p.287.

da abelhas, foi resolvido por um cego; do mesmo modo que François Huber pôde observar a vida das abelhas se reportando às observações dos que possuíam o órgão que lhe faltava, do mesmo modo podemos, nós, os cegos do além, utilizar as faculdades dos que têm a clarividência desse além. Eu sei que é preciso se manter em guarda e não se fiar em todas as clarividências, mas me persuadirá dificilmente que a vidente de Prevorst era uma simuladora, que a Sra. d'Esperance não era de uma sinceridade perfeita, e eu creio também que a lucidez sonambúlica, quando ela não é falseada pela interpretação do médium, é uma fonte útil de documentação. Pois que essa faculdade já foi empregada para diagnosticar as lesões internas do corpo humano, pode-se também empregá-la para observar as peripécias do desprendimento do corpo psíquico quando ele está no ponto de deixar seus despojos mortais.

Eis uma curiosa experiência relatada por *Le Figaro* em 1891: trata-se de um artista belga, Wiertz, que o Dr. D..., seu amigo, adormeceu no dia da execução de um condenado. Após ter testemunhado e descrito os sofrimentos do supliciado, ele exclama: “Eu voo no espaço, mas estou morto? Está tudo acabado? Não, o sofrimento não pode durar para sempre, etc.” Erny, que lembra esse fato, acrescenta:

“Não se poderia refazer essa experiência, mas de uma maneira menos sinistra? Como se arranja para ter um sujet em estado profundo de hipnose no quarto de uma pessoa moribunda, se os parentes o permitem; se não, como se opera em uma sala ou quarto de uma casa de misericórdia ou de hospital, no momento em que saberá que um doente está morrendo ou em estado de agonia”.⁷⁷

De sua parte, o Dr. Ciriax escreveu:

“A maneira como a morte é descrita por centenas de videntes, prova que a alma ou espírito sai de seu envelope mortal pelo crânio. Esses videntes têm observado que tão logo após essa saída, uma nuvem vaporosa se eleva acima da cabeça e, tomando a forma humana, se condensa pouco a pouco e se parece cada vez mais com a pessoa morta. Quando esse corpo fluídico está formado, não fica menos ligado durante algum tempo nos despojos mortais por um fio fluídico, partindo da região intermediária entre o coração e o cérebro”.⁷⁸

Em 1910, morreu, nos Estados Unidos, um homem que gozava na América da mais alta consideração; ele era médium e vidente, instruído e possuindo

⁷⁷ Erny, *O Psiquismo Experimental*, p. 98. E. Flammarion, edit.

⁷⁸ Idem, p. 99-100.

conhecimentos médicos bastante estendidos. Suas faculdades de clarividência foram frequentemente aplicadas no diagnóstico de doenças. Esse homem escreveu suas memórias e eis como ele descreve o processo da morte:

Minhas faculdades de vidente me permitiram estudar o fenômeno psíquico e fisiológico da morte, na cabeceira de um moribundo. Era uma senhora por volta dos sessenta anos, à qual eu tinha dado frequentes conselhos médicos. Quando a hora da morte chegou, eu estava muito feliz *em um estado perfeito de saúde* permitindo a minhas faculdades de vidente se exercer livremente. Eu me colocava de maneira a não ser visto ou incomodado em minhas observações psíquicas, e eu me pus a estudar os misteriosos procedimentos da morte.

Eu vi que a organização física não podia mais sofrer as necessidades do princípio intelectual, mas diversos órgãos internos pareceram resistir à partida da alma. O sistema muscular tentava manter as forças motrizes. O sistema vascular se debatia para reter o princípio vital; o sistema nervoso lutava com todo o poder contra a aniquilação dos sentidos físicos e o sistema cerebral procurava reter o princípio intelectual. O corpo e a alma, como dois esposos, resistiam à sua separação absoluta; esses conflitos internos pareciam primeiro produzir sensações penosas e perturbadoras, também foi feliz quando percebi que essas manifestações físicas indicava, *não a dor e o mal-estar*, mas simplesmente a separação da alma e do organismo.

Pouco depois, a cabeça foi rodeada de uma atmosfera brilhante, depois, tudo de repente, eu vi o cérebro e o cerebelo estender suas partes interiores e parar suas funções galvânicas, eles se ficaram saturados de princípios vitais de eletricidade e magnetismo, que penetraram nas partes secundárias do corpo. Dito de outra forma, o cérebro se tornou subitamente dez vezes mais preponderante do que não era no estado normal. Esse fenômeno precede invariavelmente a dissolução física.

Em seguida, eu constatei o procedimento pelo qual a alma ou o espírito se desliga do corpo. O cérebro atrairá a si os elementos de eletricidade, de magnetismo, de movimento, de vida, de sensibilidade, espalhados em todo o organismo. A cabeça foi como iluminada, e eu notei que no mesmo tempo que as extremidades do corpo ficavam frias e obscuras, *o cérebro tomava um clarão particular*.

Em torno dessa atmosfera fluídica que envolvia a cabeça, *eu vi se formar uma outra cabeça*, que se desenha cada vez mais nitidamente; ela era brilhante como eu podia com dificuldade vê-la, mas, à medida que essa cabeça fluídica se condensava, a atmosfera brilhante desaparecia. Eu deduzi que esses princípios fluídicos que tinham sido atraídos de todas as partes do corpo em direção ao cérebro, e então eliminados sob forma de atmosfera particular, eram antes unidos solidamente, segundo o princípio superior de afinidade do universo que se faz sempre sentir em cada parcela de matéria. Com surpresa e admiração, eu segui as fases do fenômeno.

Da mesma maneira em que a cabeça fluídica era desligada do cérebro, eu vi se formar sucessivamente o pescoço, os ombros, o tronco, e enfim o conjunto do corpo fluídico.

Ficou evidente para mim que as partes intelectuais do ser humano são dotadas de uma afinidade eletiva que lhe permite se reunir no momento da morte. As deformidades e defeitos do corpo físico tinham desaparecido inteiramente do corpo fluídico.

Enquanto o fenômeno espiritualista se desenvolvia diante de minhas faculdades particulares, por outro lado, para os olhos materiais das pessoas presentes no quarto, o corpo da moribunda parecia experimentar sintomas de mal-estar e de pena, mas eles eram fictícios, pois eles provinham somente da partida das forças vitais e intelectuais se retirando de todo o corpo para se concentrar no cérebro, depois no novo organismo. O espírito (ou inteligência desencarnada) se elevou a um ângulo à direita acima da cabeça do corpo abandonado, mas antes da separação final do laço que tinha reunido tanto tempo as partes materiais e intelectuais, eu vi uma corrente de eletricidade vital se formar sobre a cabeça da moribunda e abaixo do novo corpo fluídico. Isso me dá a convicção de que a morte não era senão um *renascimento* da alma ou do espírito se elevando de um estado inferior a um estado superior, e que o nascimento de uma criança nesse mundo ou a formação de um espírito no outro eram fatos idênticos; nada faltava ali, mesmo o *cordão umbilical que era figurado por um laço de eletricidade vital*. Esse laço subsistiu durante algum tempo entre os dois organismos. Eu descobri então o que não percebera em minhas investigações psíquicas, é que uma pequena parte do fluido vital retornava ao corpo material, tão logo o cordão ou laço elétrico era cortado. Esse elemento fluídico ou elétrico, se espalhando em todo o organismo, impedia a dissolução imediata do corpo.

Tão logo que a alma da pessoa que eu observava foi desligada dos laços tenazes do corpo, constatei que seu novo organismo fluídico era apropriado a seu novo estado, mas que o conjunto se parecia com sua aparência terrestre. Me foi impossível saber o que se passava nessa inteligência *revivente*, mas notei sua calma, e sua *admiração da dor profunda dos que choravam perto de seu corpo*. Ela pareceu se dar conta da ignorância deles do que tinha se passado realmente.⁷⁹

As observações dessa natureza são preciosas. Algumas, nós não ignoramos o pouco de onvidentes excepcionais, como aquela, cuja honorabilidade é constantemente confirmada no curso de uma longa existência, seria ridículo não ter em conta o testemunho. A descrição acima responde certamente a uma visão exata, porque ela concorda com muitas observações semelhantes. Eu concordo, entretanto, que não devemos nada aceitar do que descrevem os videntes sobre a vida no além, porque então eles traduzem conforme suas concepções pessoais das coisas percebidas sobre o plano mental, e que são frequentemente inexplicáveis, mas pode-se crer neles quando olham sobre o plano físico. Ora, trata-se de um processo físico de desencarnação.

Mas temos outros testemunhos como os dos videntes, é os dos moribundos que foram chamados à vida, e aqueles também concordam plenamente com a

⁷⁹ Erny, *O Psiquismo experimental*, p. 94-97. Ern. Flammarion, editor.

observação dos *sujets* lúcidos. O retorno à vida, após ter transposto o umbral da morte. Permite a alguns contar suas impressões e, quando estão aí médicos e observadores, seu testemunho adquirem valor excepcional.

Eis, por exemplo, o caso do Dr. Wiltse, médico de Skiddy (Kansas), examinado pelo Dr. Hodgson e F. Myers e coletado pelos *Anais da Sociedade F.P.R.* vol. III, p. 180. O fato foi publicado no *Jornal de Medicina e de Cirurgia de Saint-Louis*, em novembro de 1898, e no *Mid-Continental Review*, em fevereiro de 1890. Eu abrevio a narração do Dr. Wiltse:⁸⁰

(...) Finalmente, as minhas pupilas se contraíram, a percepção diminuiu e a voz veio me faltar, eu me senti desmaiar por uma sensação de entorpecimento geral; eu fiz um violento esforço para esticar minhas pernas, eu baixei meus braços sobre meu peito, depois, juntando meus dedos crispados, cai logo na completa inconsciência.

Demorei cerca de quatro horas sem pulso nem movimento do coração, eu soube desde então pelo Dr. S. H. Raynes, o único médico presente. Durante esse tempo, vários dos assistentes me acreditavam morto e como o ruído se espalhou para fora, os sinos da vila já tinham anunciado meu fim. O Dr. Raynes me diz, entretanto, que se aproximando de meu rosto, ele cria perceber por um momento um sopro tão leve que era dificilmente perceptível.

(...) O Dr. Raynes enfiou uma agulha na carne em vários lugares desde os pés até a cabeça, nenhum sinal lhe respondeu. Bem que os pulsos pareceram cessar o batimento durante quatro horas, o estado de morte aparente não durou mais de uma hora e meia.

Eu perdi toda faculdade de pensar e todo sentimento da vida, eu estava na inconsciência absoluta... Quando recuperei o sentido da existência, constatei que eu ainda estava no corpo, mas meu corpo e eu não tínhamos mais nada em comum. Na admiração e na alegria eu pensei pela primeira vez em me olhar a mim mesmo, eu observei o eu, o *Ego* real ao passo que o não eu o aprisionava de todas partes com em um sepulcro de argila.

Com a curiosidade do médico, eu contemplei as maravilhas da fisiologia corporal com a qual eu me confundia, alma viva desse corpo morto.

Eu analisava meu estado com calma, raciocinando assim: “Estou morto segundo a linguagem dos homens, e entretanto continuo homem mais do que nunca. Eis me aqui sobre a ponte de partida do corpo. Um poder que não parecia vir de mim socorria meu Ego de um lado e do outro, como se balança um berço e isso ajudava a se desligar dos laços do tecido corporal.

Ao fim de um instante esse movimento lateral parava e eu sentia e ouvia, o que me pareceu, como as vibrações de inumeráveis pequenas cordas na planta dos pés, desde o ouvido até o calcanhar. Após isso, eu comecei a me retirar suavemente dos pé à cabeça; eu me vejo chegado aos quadris e dizendo: “Agora, não há mais vida abaixo dos quadris”. Eu não tenho nenhuma lembrança de ter atravessado o abdômen e o peito, mas eu me lembro claramente, quando tudo ficou concentrado na cabeça, ter feito essa reflexão: “Eis me aqui

⁸⁰ Traduzido de *Personalidade Humana*, vol. II, p. 315-321.

todo inteiro na cabeça, eu seria logo desligado”. Eu passei em torno do cérebro como se eu tivesse sido esvaziado, comprimindo tudo em redor com suas membranas em direção ao centro, e eu saí pelas suturas do crânio, emergindo como finas folhas de um envelope membranoso. Quanto à forma e à cor eu me lembro claramente que me pareceu, a mim mesmo, alguma coisa como uma medusa.

Saindo, eu percebi duas senhoras em face, eu conclui que havia um espaço suficiente para me manter, mas eu experimentava um extremo embaraço no pensamento que eu ia sair nu diante delas; entretanto eu tomei coragem, me dizendo que, segundo todas as probabilidades ela não poderia me ver com os olhos do corpo pois que era um espírito. Tão logo saí, eu flutuei de alto a baixo, da direita para a esquerda, como uma bolha de sabão que adere ao maçarico, até que enfim eu me destaquei do corpo caindo com rapidez sobre o assoalho de onde eu me levantei tendo retomado toda a aparência de um homem comum. Eu estava transparente como uma chama azul e completamente nu. Com uma penosa sensação de embaraço, eu me dobrei em direção à porta entreaberta para escapar aos olhares das senhoras que me encaravam, assim como outras pessoas que eu sabia estar em torno de mim. Mas, tendo atingido a porta, eu me achei vestido; satisfeito nesse ponto, eu voltei em direção à companhia das pessoas. Ao retornar, meu cotovelo esquerdo tocou o braço de um dos dois cavaleiros que se mantinham junto à porta. Para minha estupefação o braço passou sem resistência através do meu cujas partes divididas se reaproximaram sem dificuldade, se rejuntando como ar. Vivamente, eu olhei seu rosto para ver se ele tinha sentido o contato, mas ele não dava nenhum sinal; ele se mantinha em pé, olhando fixamente a cama em que eu acabava de deixar. Eu dirigi meu olhar na direção do seu e vi o meu próprio cadáver. Ele estava lá, estátua funerária na atitude que eu tivera tanta dificuldade para lhe fazer tomar, ligeiramente trazido sobre o lado direito, os pés aproximados e as mãos cruzadas sobre o peito. Fiquei surpreso com o palor da face. Eu não tinha me visto no espelho há vários dias e me achei pelo menos pálido que a maior parte das pessoas tão doentes. Eu me felicitei, à parte de mim, da atitude decente que eu tinha sabido dar a meu corpo, esperando que meus amigos ficariam menos impressionados.

Eu vi numerosas pessoas sentadas ou em pé que pareciam ajoelhadas à minha esquerda; eu compreendia que elas estavam em lágrimas. Eu soube desde então que eram minha mulher e minha filha, mas nesse momento eu não tinha consciência das personalidades: esposa, filha ou amigo eram tudo um só para mim.

Eu quis em seguida atrair a atenção das pessoas em vista de lhes confirmar na certeza de sua própria imortalidade. Eu fazia alegres reverências e lhes enviava saudações com a mão direita, eu me punha no meio delas, mas elas não ficavam em guarda. Então o cômico da minha situação não apareceu e eu ri francamente.

Entretanto, pensei eu, elas deveriam ter escutado isso, mas devia ser de outra “Eles não veem senão com os olhos do corpo e eles não podem ver os espíritos. Eles examinam o que eles creem ser eu, mas eles se enganam, não sou eu, eu estou aqui e mais vivo do que nunca”.

Eu saí pela porta aberta, baixando a cabeça e procurando onde pôr os meus pés para descer para o vestíbulo.

Eu transpus o alpendre, descendo os degraus e fui até a rua. Aí eu parei para olhar em torno de mim. Jamais tinha visto essa rua tão distintamente quanto a vi então. Eu notei a vermelhidão do solo e as poças d'água deixadas pela chuva; Eu lancei um olhar ansioso em torno de mim, como alguém que vai deixar seus penates por muito tempo. Eu percebi então que eu estava maior que em minha vida terrestre, o que me deu prazer. Eu estava corporalmente um pouco pequeno a meu grado, então, pensava eu, em minha nova existência, eu vou ser conforme meu desejo.

Notei também que minha vestimenta se ajustava ao meu talhe maior e me perguntava com admiração de onde vinha e como isso era em mim à minha revelia. A fabricação se parecia a uma espécie de tecido da Escócia, uma boa vestimenta sem luxo, mas conveniente. Como eu me sinto bem portando, eu me dizia. Há alguns minutos apenas, eu estava horrivelmente doente e sofria, eis por isso essa mudança que nós chamamos a morte e a qual me assusta muito forte! Agora está feito, e aqui estou eu ainda um homem pleno de vida e de pensamento? Sim, com certeza e mais lúcido do que nunca. Que bem-estar!... e jamais ficarei doente, e não morri mais! Na exultação de meus pensamentos, eu saltava de alegria, depois caí na contemplação de minha forma e de minhas vestimentas. De repente eu notei que podia ver uma fina costura nas costas de minha vestimenta: - Como, eu me perguntei, posso ver em minhas costas? - Eu olhei ainda, para me assegurar, atrás de meu traje e minhas pernas até meus calcanhares; eu levei a mão ao rosto para tocar meus olhos; eles estão entretanto bem em seus lugares, digo para mim; estou por isso como o mocho que pode divisar sua cabeça de uma meia-volta? Tentei isso mas sem sucesso. Então ele pode, saído de meu corpo por um instante, que eu tenha entretanto a faculdade de ver pelos olhos do corpo, e eu me virei para ver atrás de mim, pela porta entreaberta, se a cabeça de meu próprio corpo se achasse sobre uma mesma linha comigo. Eu percebi então um fio fino como o de uma teia de aranha, partindo detrás de meus ombros e alcançando de frente na base do pescoço..

Eu parei nessa conclusão que, graças a esse laço, eu podia me servir dos olhos do corpo e desci de novo à rua.

Eu dei somente alguns passos e perdi os sentidos de novo. Quando voltei a mim eu flutuava no ar, sustentado por mãos que me apertavam levemente de cada lado. O possuidor dessas mãos, se elas tivessem um, estava atrás de mim, me empurrando pelos ares, o que era um meio de locomoção rápida e agradável. Com o tempo eu compreendi melhor minha situação; eu tinha sido levantado e depositado com facilidade na entrada de um caminho estreito, mas bem preparado e que subia seguindo uma inclinação de um pouco menos que quarenta e cinco graus.

Levantando os olhos, o céu e as nuvens pareciam na altura habitual e, os abaixando, eu via abaixo a copa verdejante das árvores. Eu pensei: "A cabeça das árvores em baixo feita de uma areia bonita e de uma espécie de quartz leitoso; eu apanhei um grão e o examinei particularmente. Eu me lembrei bastante que no centro havia uma pequena mancha preta; eu a aproximei de meus olhos, era uma pequena cavidade aparentemente causada pela ação química de algum metal.

Tinha chovido, a frescura se fazia sentir. Notei que malgrado a rigidez da encosta

eu não experimentava nenhuma fadiga ao caminhar, meus pés estavam leves e meus passos incertos como os de uma criança. A lembrança me voltou caminhando em minha recente doença, e eu gozava de minha saúde e de minha nova força. Depois um grande sentimento de solidão me invadiu, eu desejava a sociedade de alguém que me abrisse o raciocínio: “A cada minuto alguém morre, se eu esperasse somente trinta minutos há grande chance de que alguém morra nessas montanhas e virá me fazer companhia”. Esperando eu supervisionava o espaço ao meu redor. Ao leste havia uma longa cadeia de montanhas e a floresta, em baixo, se estendia até um flanco da montanha e além de seus cumes. Abaixo de mim se achava vale arborizado onde corria um belo rio do qual uma multidão de pequenas brisas levantavam enxurradas de espumas. Eu comparei ao rio de esmeralda e as montanhas me pareceram muito ao pico de Waldron. O escarpamento de rochas pretas que estava à esquerda sobre a estrada me lembrava Lookout Mountain, no lugar onde a via férrea passe entre o rio Tennessee e a montanha. Assim as três grandes faculdades do espírito, a memória, o julgamento e a imaginação agiam ainda em sua integridade.

Eu esperei uma companhia durante cerca de meia-hora, mas ninguém veio. Então eu tive esse raciocínio: — É provável que, quando se morre, cada um deve fazer seu caminho individualmente e que se é obrigado a viajar sozinho. Como não há dois homens absolutamente parecidos segue que não há dois viajantes seguindo a mesma estrada no outro mundo.

Eu tinha por certo que algum ser do outro mundo viria para junto de mim; entretanto, coisa estranha, eu não pensava em nenhum em particular que fosse desejado ver de preferência. — Anjo ou demônio, dizia eu, um ou outro virá, eu serei curioso de saber qual! — Eu sonhei então que eu não tinha acreditado em todos os dogmas da Igreja; mas que tinha, por meus escritos e por minhas palavras, afirmado uma crença que eu julgava melhor. Mas eu me dizia: — Eu não sei nada, há aqui um lugar para a dúvida e um lugar para o erro? Poderia que eu caminhe em direção de uma destinação terrível. — Aqui se coloca uma coisa difícil de escrever; tudo ao meu redor, e vindo de pontos diferentes, eu sentia pensamentos expressivos:

Seja sem receio, tu estás salvo! Eu não ouvia nenhuma voz, eu não via nenhum ser; entretanto eu estava perfeitamente consciente que os diferentes pontos, a diversas distâncias de mim, alguém pensava essas coisas em meu lugar. — Como eu tomava consciência? Isso era tão misterioso que eu duvidava da realidade. Um sentimento de dúvida e de receio me envolveu e eu começava a ficar infeliz, quando um rosto cheio de inefável amor e ternura me apareceu um instante e fortaleceu minha fé.

Sem consciência e sem esforço de minha parte meus olhos se reabriram, eu percebi minhas mãos e a pequena cama branca sobre a qual eu me achava deitado e reconhecendo que eu tinha voltado ao meu corpo, eu exclamei com surpresa e desapontamento: “O que aconteceu? Vou morrer de novo? Eu estava bem fraco, mas ainda bastante forte para contar o que precede, apesar de todas exortações para me manter tranquilo”.

Respostas feitas aos pesquisadores, resulta que o doente viu corretamente os fatos e as imagens exteriores. Assim os dois senhores vistos na porta do quarto

ocupavam esse lugar efetivamente, as poças d'água vistas na rua existiam bem fora, pois o tempo tinha estado chuvoso; quanto ao fino fio fluídico, o *sujet* tinha algum conhecimento dessa teoria mas não acreditava em tudo, de sorte que não se pode atribuir o fenômeno à visualização de uma ideia expectante.

A narrativa do Dr. foi confirmada pelas cinco pessoas que achavam então presentes, e o relator nos diz que o interesse lhe pareceu tão grande como ele desejou, assim como seu amigo Hodgson, tomar conhecimento pessoal do narrador e que, dizem eles, nenhuma espécie de prova não seja, aqui, possível, a importância do fato aumentou aos olhos deles.

Assim todos os testemunhos estão de acordo a representar o processo da morte como o desligamento de alguma coisa que não é absolutamente imaterial, mas que é sede do princípio pensante; ter-se-ia por isso errado em considerar o fantasma como uma irrealidade. Rejeitar uma realidade porque ela se presta ao escárnio, seria uma atitude indigna de um espírito científico. As histórias de *almas do outro mundo* encontram sua justificação na prova previamente estabelecida da existência de um *substratum* fluídico que objetiva as imagens no mundo do pensamento, isso não tem nada mais de sobrenatural e há aparições oferecendo tal caráter de autenticidade que é absurdo não levar em conta.

Sabendo que um ser vivo pode agir sobre um outro pela telepatia e produzir, por essa via, uma imagem visual, sabemos que não se pode mais duvidar, que a visão é devida a uma operação exterior e ativa; quando essa operação pode atingir os sentidos de várias pessoas, ela não prova talvez ainda sua objetividade material, mas ela prova tudo ao menos o que eu chamaria de sua objetividade essencial.

A seguinte aparição, vista independentemente por três pessoas, foi relatada por um membro da Sociedade Real astronômica de Londres, em um jornal científico bem conhecido de todos os astrônomos: *English Mechanic and World of Science*, no dia 20 de julho de 1906. Importa notar que a aparição se produziu após a falecimento. Damos somente um breve resumo.⁸¹

No dia 10 de janeiro de 1879, o Reverendo Ch. Tweedale, despertando no meio da noite, viu aparecer sua avó, o observou alguns segundos e a viu lentamente desaparecer na luz do luar. Uma particularidade o despertou, é que sua avó estava com um gorro à moda antiga, em relevo e desenho quadriculado.

De seu lado, seu próprio pai despertou ao mesmo tempo, e via a mesma aparição (sua mãe), em pé perto de sua cama. Enfim, a filha deste último que

⁸¹ Ver a tradução textual de C. Flammarion nos *Anais de Ciências psíquicas*, 175, bul. Pereire, nº de outubro 1616, p. 610.

morava a 30 quilômetros dali, teve igualmente a mesma visão de sua mãe, nessa mesma noite, às 2 horas da manhã. O Sr. Tweedale pai tinha anotado o instante preciso; quanto ao Sr. Ch. Tweedale (o filho), está certo, conforme a claridade das paredes, que a lua tinha transposto o meridiano; ele consultou sobre esse assunto o secretário da Sociedade astronômica Real de Londres que lhe fixou a hora da passagem para aquele dia: 14h19, o que corresponde às 2h19 da manhã. A avó tinha morrido há 15 minutos. Assim três pessoas tiveram, *independentemente uma da outra*, a mesma visão duas horas após o falecimento.

Ademais, o Sr. Tweedale declara que ele não tinha visto sua avó há vários anos quando ela morreu. Ele escreveu ao seu tio e lhe enviou um croquis de sua visão; ele atraiu sua atenção sobre um esboço de gorro, lhe perguntando se isso lhe oferecia alguma analogia com o penteado mortuário da defunta. O tio respondeu: “A semelhança é impressionante”.

O Reverendo Ch. Tweedale, membro da Sociedade Real astronômica de Londres, termina pelas reflexões seguintes:

“O fato que eu acabo de relatar apresenta tanta garantia de autenticidade que não seria capaz, eu penso, de olhá-lo como suspeito. Eu aconselho aos incrédulos de tomar conhecimento de fatos notáveis contidos em *Personalidade Humana* de Myers, e também os descritos em *The Proceedings of the Psychical Research*, dezesseis volumes que podem ser consultados utilmente. A meus leitores que desejassem aprofundar esses espantosos problemas com um *verdadeiro* sábio, eu indicarei Sir W. Crookes, Sir Oliver Lodge, assim como outros eminentes membros do Conselho da Sociedade”.

Frequentemente se tem dificuldade de penetrar os espíritos superficiais de noção que as aparições de pessoas falecidas são hoje estudadas por verdadeiros sábios; a questão é entretanto muito simplificada com os dados novamente adquiridos pela psicologia, e notadamente pela constatação das manifestações de toda natureza pelas quais se revela o corpo fluídico. As aparições não são frequentemente senão simples mensagens telepáticas provocando uma visão que é o quadro fiel da situação em que se achava o defunto em seus últimos instantes. Com frequência a manifestação se limita a uma aparição simples que mostra calma e sorridente mesmo na hora em que o doente expira; algumas vezes é uma verdadeira materialização; isto é como o corpo invisível, descrito por todos os videntes, se acha na ambiência de recursos desconhecidos para reforçar por meio de uma condensação que lhe confere a visibilidade. Lemos em *As alucinações Telepáticas*, p.

182, um caso semelhante de condensação e de formação gradua, assim descrito pelo amigo do defunto:

(...) Medida que ele avançava, o nevoeiro, para chama-lo assim, se concentrou em um só lugar, se espessou e apresentou o contorno de uma figura humana, cuja cabeça e os ombros se tornaram cada vez mais distintamente visíveis, ao passo que o resto do corpo parecia envelopado de uma grande vestimenta de gaze parecida com um manto... A plena luz da janela caía sobre o objeto que era tão pouco consistente e tão fino que a luz que refletia caía sobre uma porta bem envernizada era vista através por baixo da vestimenta. A aparição não tinha cor, ela parecia uma estátua talhada no nevoeiro”. A testemunha dessa aparição reconheceu, então, os traços de um amigo muito caro, a figura tinha uma expressão de paz, de repouso, de santidade. Depois, em um instante, tudo desapareceu como o vapor ao contato com o ar frio. Ora o correio do dia seguinte trazia a notícia que esse amigo tinha morrido no mesmo momento em que foi visto. Foi uma morte súbita que nada permitia prever. Esse exemplo pertence a uma categoria de fatos similares que nos permitem afirmar que a aparição do falecido não é sempre um fato de simples telepatia, mas que ela pode, algumas vezes, se manifestar pelo processo ordinário da materialização. Citemos ainda a seguinte: O Sr. Binet conta (*O Desconhecido...*; Flammarion, p. 84), ter visto uma pequena amiga lhe aparecer nas mesmas condições. Lhe pareceu ver um raio de lua caminhar; depois essa sombra luminosa, flutuando com um vestido, tomou a forma de um corpo. Ela avançou em direção à cama:

Uma figura magra me sorria, diz ele... Eu gritei... Léontine!... Depois a sombra luminosa dobrando-se desapareceu aos pés da cama.

O Sr. Binet estava nesse momento em Donchery, tratava-se de uma menina morta no bombardeio de Mézières, a aparição tinha se produzido na mesma hora em que a criança foi morta. Independentemente da certeza do interesse que apresentam as aparições, independentemente da certeza de sua realidade, e mesmo das provas de identidade que elas trazem, é preciso convir que as que são vistas por várias pessoas podem ainda se produzir em condições tais que vêm confirmar a materialidade das imagens. É quando elas satisfazem às condições das coisas reais, quando a imagem é bem localizada por todos no mesmo lugar, quando ela se reflete em um vidro e responde às leis de perspectiva, se apresentando de frente para e de perfil para outro, etc.

Ler-se-á com interesse o relato de C. Flammarion narrando um fato do qual ele conhecia bem todos os elementos pois que isso se passou em sua própria família. Nós o reproduzimos *in extenso* e com os comentários do autor.

Uma aparição

Paris, de dezembro de 1911.

“Residência do Senhor Leymarie.

Em resposta ao seu pedido da semana última, para vosso número de Natal, uma feliz coincidência me permite satisfazer vosso desejo, e me apresso de vos enviar essa relação. Sempre sobrecarregado por pesquisas ilimitadas, eu procurava sem achar, algum fato novo a vos sinalizar, quando nessa manhã, uma visita me trouxe. Meu novo lamento, o capitão Camille Martin, da Infantaria colonial, morreu em Paris no dia 22 de março último, causado por febres e as fadigas, na idade de quarenta e seis anos, no apartamento que habitava há um ano, avenida dos Gobelins, 4. Sua viúva e sua enteada acabam de me avisar, todas ainda trementes, embora o fato date de sete meses, de um fenômeno psíquico, digne de toda nossa atenção. Uma longa ausência de Paris os tinha impedido de me falar até agora.

Há cerca de seis semanas após a morte de seu marido, a Sra. Camille Martin estava deitada no mesmo apartamento (mas não no quarto mortuário), quando, ainda não adormecida, ela percebeu a sombra de seu marido deslizar no ar, não longe dela.

Sua filha, deitada em outra cama e adormecida, desperta subitamente e percebeu de seu lado a sombra de seu padrasto chegando diretamente sobre ela fixando seus olhos afundados e sofridos que ele apresentava nos últimos tempos de sua vida. Ela teve tanto medo que lançou um grito pavoroso de angústia e que, na hora me contando o fato, ela tremia ainda dos pés à cabeça empalidecendo estranhamente.

Eu supliquei, a uma e a outra, me escrever separadamente uma relação sumária do que elas tinham observado e sentido. Eis as duas narrativas”:

Relato da Sra. Camille Martin

“Estava na primeira semana de maio. Eu tinha me deitado muito tarde, por volta de 11h ou meia-noite, muito absorvida por contrariedades de negócios que eu tinha sido obrigada a discutir no dia. A noite estava quente e o quarto vagamente clareado pela luz difusa de Paris. Eu permanecia em minha cama sem poder dormir, os olhos bem abertos, quando percebi uma sombra (a de Camille), a figura acinzentada, os olhos horrivelmente fundos, e sua pessoa envelopada de uma espécie de panos acinzentados. Distinguia-se a metade do corpo; as pernas desapareciam em uma tez sempre cinza e como dentro de um nevoeiro. A sombra acabava de entrar por uma janela (aberta) e parecia planar cerca de 60 centímetros acima do assoalho, avançando, ou antes deslizando, na direção da cama da minha filha. Da minha cama, eu a seguia tanto melhor quanto um vidro em frente repetia cada movimento da sombra.

Muita angustiada, mas sem o menor pavor, eu me perguntava o que meu pobre Camille procurava, quando nesse justo momento onde ele se achava quase a planar sobre a cama de minha filha, essa última deu um grito terrivelmente pavoroso me chamando e gritando em seu pavor. Eu lhe respondi: Sim, eu o vejo também, não te apavores. Mas ela soltou um novo grito, mais penetrante ainda, e a sombra se desfez no vidro.

Após essa visão, minha filha voltou a adormecer, muito calma, como jamais desde essa morte ela não tinha feito. No dia seguinte à noite, o pavor de rever essa

aparição tornou-a tão nervosa que ela não quis deitar em sua cama e me pediu para compartilhar da minha, sempre tremendo.

Quanto a mim, desde então, eu não experimentei o menor pavor. Ao contrário, eu sentia uma calma benfazeja, e o resto da noite eu passei sem a menor fadiga.

Com frequência, desde então, eu tentei rever meu caro Camille, pensando nele fortemente, mas eu não obtive o menor fenômeno.

Devo vos fazer notar também, que na época de sua aparição, nós ouvimos várias vezes barulhos singulares e inexplicáveis nas lâminas do assoalho, e do mesmo modo portas bateram bruscamente, enquanto elas tinham sido fechadas cuidadosamente e verificadas várias vezes.

Nosso apartamento era, como vós sabeis, no quinto andar”.

M. MARTIN

Relato da Srta Berth Dupont

Isso data cerca dos primeiros dias de maio, entre os dias 5 e 10; nós tínhamos deitado à meia-noite, e eu tinha a impressão de dormir desde uma hora quando me senti despertada como por um fluido, e abrindo os olhos eu vi uma sombra a alguma distância de meus olhos. Ela me parecia vagamente vestida com uma mortalha, os braços cruzados sobre o peito, não estando visível a parte de baixo do corpo; era como um nevoeiro que ia se esvanecendo.

A sombra parecia plana e avançar em direção de minha cama, eu tinha a impressão muito nítida de estar desperta e de vê-la se aproximar de mim; eu reconheci os traços da fisionomia de meu padrasto, e fui tomada de um medo pavoroso. Ele chegava diretamente sobre mim.

Após tê-la visto e reconhecido durante dois segundos talvez, eu gritei para acordar mamãe, deitada no mesmo quarto que eu, quase perpendicularmente à minha cama, e lhe mostrar minha angústia. Ela me respondeu tranquilamente, para minha grande surpresa, pois eu a acreditava adormecida: “Mas eu a vi também, não é preciso ter medo”. Eu lhe gritei ainda mais apavorada uma segunda vez, e nesse momento a sombra se esvaneceu.

Eu voltei a adormecer muito calma, e o restante de minha noite, eu repousei como jamais tinha feito desde a morte que nos tinha batido”

Berth DUPONT

Eis por isso duas observações bem distintas do mesmo fenômeno.

A explicação geralmente admitida pelos fisiologistas é que se trata de uma alucinação. Mas eu gostaria de saber qual é exatamente o valor explicativo dessa palavra.

É considerada como sinônimo da palavra ilusão. Isto é o que seria aí um fenômeno puramente subjetivo, e que não haveria nada fora do cérebro das duas narrativas. Sua visão seria um simples produto de sua imaginação, de seu nervosismo.

Uma alucinação coletiva é também tão simples como essa?

Pode-se supor, é verdade, que a Sra. Martin, sob a impressão sempre viva da morte recente de seu marido, constantemente revive pelas discussões dos negócios, acreditou ver uma sombra inexistente e criou todas as peças e que as ondas emanadas de seu cérebro impressionaram o de sua filha. É possível, mas tal explicação é, confessemos, puramente hipotética e bastante complicada. Notemos que, ao passo que a jovem filha via chegar em frente e sobre ela essa sombra misteriosa, sua mãe a via de três quartos e se refletindo na vidraça.

Diversas teorias são emitidas para essas aparições.

Eu não acabo de dizer como se pudesse afirmar rigorosamente a realidade da presença de meu querido sobrinho. Não está certamente demonstrado. Mas a hipótese não é menos aceitável que as outras. Por que alongar de caso tomado, por puro ceticismo?

Parecia-me mais lógico e mais sensato registrar a observação de acrescentá-la a todas as da mesma ordem. Esses documentos servirão um dia para a discussão definitiva: Não negligenciem em nada a solução do grande problema. Isso pode ser tudo outra que não uma aparição real; mas é um fato de observação a analisar, sem nenhuma ideia preconcebida. Nós somos ainda tão ignorantes de todos os mistérios da alma”.⁸²

Camille FLAMMARION

As observações e a documentação que nos serviram até aqui para estabelecer os fatos são úteis para vencer a resistência a incredulidade dos fatos; mas agora que a credibilidade dos fatos está bem estabelecida, agora que eles foram constatados por toda parte, com médiuns, junto a pessoas vivas e junto ao leito dos moribundos, nós vamos deixar de lado todas as considerações relativas à natureza objetiva ou subjetiva do fenômeno e, abandonando a máscara do ceticismo, afirmaremos ao ouvido à voz do sentimento que tem também o direito de se fazer ouvir.

É quando os órgãos arrasados pela doença estão enfraquecidos, é quando eles cessam de oprimir a alma do veículo pesado da matéria que nós devemos todos de verdadeiros videntes, porque então as almas se aproximam sobre a fronteira dos dois mundos; as relações telepáticas se restabeleceram com o além e os invisíveis nos aparecem.

Lê-se em *Anais Psíquicas* ano 1906, p. 159:

Eu tiro o caso seguinte do volume III, p. 32 dos *Proceedings of the S.F.P.R.* Foi comunicado à Sociedade por um coronel irlandês. Sendo dado que o papel principal de evento é mantido mesmo pela mulher do coronel, compreende-se que esse último não deseja que se publique os nomes.

Havia cerca de dezesseis anos, a Sra. me diz: “Nós teremos hóspedes durante toda a semana próxima. Conheceis vós alguém que possa cantar com nossas filhas?” Eu me lembrei

⁸² Extraído da *Revista Espírita*, rua Saint-Jacques, 42, nº de janeiro de 1912.

que meu vendedor de armas, o Sr. X..., tinha uma filha cuja voz era muito bela, e que estudava o canto com uma finalidade profissional. Eu a indiquei por isso, e me ofereci para escrever ao Sr. X... para rogar-lhe permitir à sua filha de vir passar uma semana conosco. Assim foi decidido, eu escrevi ao armeiro e a Srta Julie X... foi nossa hóspede durante o tempo fixado. Eu não sei que a Sra. a tenha revisto desde então... Quanto à Srta Julie X..., em lugar de se consagrar à arte do canto, ela esposou algum tempo depois o Sr. Henri Wesbley. Nenhum de nós teve mais ocasião de revê-la.

Passaram-se seis ou sete anos. A Sra. que estava doente há vários meses, estava então na outra extremidade e expirou no dia seguinte ao que eu vou falar. Eu estava sentado ao lado dela; nós conversávamos sobre certos interesses que ela desejava vivamente resolver. Ela parecia perfeitamente calma e resignada, em plena posse de suas faculdades intelectuais; isso é provado pelo fato que se constatou mais tarde a justeza de sua opinião, enquanto que se reconheceu errado o conselho de nosso advogado, o qual julgava inútil a medida sugerida para a doente. Subitamente ela mudou de discurso, e, se dirigindo a mim, ela me perguntou: “Notas essas doces vozes que cantam?” – Eu respondi que não ouvia nada. – Ela acrescentou: “Eu já as assisti várias vezes hoje; não duvido que sejam anjos que vêm me desejar a bem vinda ao céu; somente é estranho, há entre essas vozes uma que eu estou segura de conhecer, mas não posso me lembrar de quem é”. De repente ela se interrompeu e, indicando um ponto sobre minha cabeça, diz: “Olha, ela está no canto do quarto; é Julie X..., agora ela avança; ela se inclina sobre tu; ela levanta as mãos rogando. Olhe, ela vai embora”. Eu me virei, mas não vi nada. A Sra. X... acrescentou ainda: “Agora ela partiu”.

Eu compreendi naturalmente que essas afirmações não eram outra coisa senão as imaginações de uma moribunda.

Dois dias depois, lendo um número do *Times*, me aconteceu de ler, na necrologia, o nome de Julie X..., mulher do Sr. Webley. Isso me impressionou tão vivamente que imediatamente após as exéquias de minha mulher eu voltei a.... onde encontrei o Sr. X... e lhe perguntava se a Sra. Julie Webley, sua filha, estava realmente morta. Ele me respondeu: “É verdade, ela morreu da febre puerperal. O dia de sua morte, ela começou a cantar de manhã, ela cantou e cantou até quando ela se apagou”. Para esses fenômenos produzidos durante a crise que precede a morte, se levantará frequentemente a objeção de alucinação subjetiva. Entretanto, após exame, essa explicação não parece muito melhor que a do cérebro aquecido; primeiro, porque essas visões são fora do que se poderia esperar de um órgão cuja atividade está tão próxima de se extinguir, em seguida porque os elementos de verdade que elas contêm não se explicam pela alucinação, se se pensa nas numerosas provas de identidade e nas premonições fornecidas por essas aparições.

Nós acabamos de ver a Sra. X..., no momento de crise última, receber a visita de uma pessoa que ela não tinha nenhuma razão para supor morta, e o Sr. Bozzano observa nesse sujet que não se conhece alucinações análogas produzindo, sob a mesma forma, aparições de vivos. Ao contrário, casos se apresentam, onde o moribundo percebe o fantasma de uma pessoa que não se acreditava viva, e que, nesse caso estava realmente morta. Aqui, como precedentemente, nós fazemos senão aflorar um sujet; mas nós não tratamos nenhum a

fundo, esperando somente despertar a curiosidade do leitor para um golpe de vista lançado sobre um conjunto de fatos que não importa vulgarizar. Quem se interessar por essas questões achará na biblioteca especial a que responder às objeções; mas haveria um bom livro a escrever sobre as manifestações que se produzem em torno dos moribundos. Nos *Anais de Ciências Psíquicas*, o Sr. Ernesto Bozzano publicou uma série de complexidade ascendente, acompanhada de sábios comentários. Tiramos o que segue:

O Dr. Paul Edwards, chamado à cabeceira de uma amiga, uma doente em plena posse de todas as faculdades, relata as últimas palavras que endereça ao seu marido, no momento de sua agonia.⁸³

“Agora meu mais vivo desejo é de ir embora...Eu percebo várias sombras que se agitam em nosso redor... todas vestidas de branco...Eu ouço uma melodia deliciosa. Oh! Eis aqui minha Sadie! Ela está perto de mim e sabe perfeitamente quem eu sou (Sadie era uma pequena criança que ela havia perdido há dez anos). – “Sissy, lhe diz o marido, não vêes que tu sonhas? – Ah! Meu querido, respondeu a doente, por que tu me lembraste? No presente, eu teria mais dificuldade para ir embora. Eu me sentia tão feliz no além; era tão delicioso, tão belo!” Após cerca de três minutos, a moribunda ajuntou: Eu me vou de novo, e dessa vez eu não voltarei, mesmo quando tu me chamares.

Essa cena teve a duração de oito minutos. Via-se bem que a moribunda gozava da visão completa dos dois mundos ao mesmo tempo, pois ela falava de figuras que moviam em torno dela no além e, ao mesmo tempo, ela dirigia a palavra aos mortais nesse mundo... Jamais me aconteceu de assistir a transpasse mais impressionante, mais solene”. Outro caso tirado dos *Anais de Ciências Psíquicas*.

O Dr. Wilson, de Nova Iorque, que assistiu aos últimos momentos do tenor James Moore, fala como segue:

Eram 4 horas, e a claridade da aurora, que ele tinha esperado com ansiedade, começava a filtrar através das persianas. Eu me inclinei sobre ele, e constatei que seu rosto estava calmo e seu olhar límpido. O pobre doente me olhou e me fechando a mão nas suas, me diz: Vós tem sido um bom amigo para mim, doutor. Vós não me deixou”. Então se passou um fato que eu não esquecerei até o meu último dia; alguma coisa que minha pena é impotente para descrever. Eu não posso me expressar além disso dizendo que então que ele parecia conservar toda a razão, ele foi transportados para o além, e, embora eu não possa explicar bem a coisa, eu estou absolutamente convencido que ele tinha penetrado na estada espiritual. Com efeito, elevando a voz um pouco mais que ele não tinha feito durante sua doença, ele exclamou:

“Eis aqui minha mãe”! Vens aqui para me ver, mamãe? Não, não; sou eu que virei a ti. Espera um instante”. Seu rosto tinha uma expressão de felicidade inexprimível; a maneira como ele falava me deu uma impressão que jamais senti até àquele dia; ele viu sua mãe e lhe falou; eu estou fortemente convicto que estou sentado aqui nesse momento.

⁸³ *Anais*, 1906, p. 151. Bul. Pereire, 1715, Paris.

No fim de bem parar minhas lembranças, sobre o que tinha sido o fato mais extraordinário ao qual eu tivesse jamais assistido, eu registrei tão logo, palavra por palavra, o que eu acabava de ouvir... Foi a mais bela morte à qual eu jamais tenha assistido.

Outro caso, p. 149. Sr. Alfred Smedley, na p. 50-51 de sua obra *Algumas reminiscências*, conta como ele acompanhou os últimos momentos de sua mulher:

Antes instantes antes de sua morte, seus olhos se fixaram em alguma coisa que pareceu lhe encher de surpresa viva e agradável; então ela diz: “Como! Aqui está minha irmã Charlotte, eis aqui minha mãe, meu pai, meu irmão Jean, minha irmã Marie! Agora eles me trazem também Bessy Heap! Eles estão todos aqui; Oh! Como é belo, como é belo! Não os vê? Não, minha querida, respondo eu, eu lamento. – Tu não podes por isso vê-los? Repete a doente com surpresa. Entretanto eles estão aqui; vieram para me levar com eles. Uma parte de nossa família já atravessou o grande mar, e logo nós nos acharemos todos reunidos na nova estada celestial”. Acrescentarei aqui que Bessy Heap tinha sido uma criada muito fiel, muito afetiva a nossa família, e que ela tinha tido sempre uma afeição particular por minha mulher.

Após essa visão extática, a doente ficou algum tempo como exausta; enfim, virando fixamente o olhar em direção ao céu e levantando os braços, ela expirava”.

Sim!... Há na morte belezas que, melhor que todo raciocínio, provocam a convicção; mas há também certezas que se impõem à razão. Os casos que nós acabamos de citar são entre os mais simples, mas as mesmas visões se encontram frequentemente associadas às diferentes formas de fenômenos que nós temos descrito alhures. Quando os mensageiros que velam às portas da morte começam a ser vistos moribundos, eles se mostram com os sinais particulares que podem fazer a prova de sua identidade, ou dão provas de objetividade, ou fazem prova de conhecimentos especiais, dando avisos úteis, se inquietam com negócios de família, ou ainda, como nós temos visto para o caso de Elisa Mannors, eles vêm colaborar com experimentadores na intenção certa de fornecer uma nova prova de sua identidade. Pensai em todas as complicações, pesai tudo isso em vosso espírito, e perguntai em seguida se é ainda possível de crer nas teorias da coincidência fortuita e da alucinação?

Uma outra prova que não é, como se poderia crer, uma razão de sentimento, é como os mesmos fenômenos são percebidos por crianças muito jovens para serem acusadas de impostura, e que, mesmo antes de terem ficado doentes, descrevem ingenuamente a visão de um parente ou de um pequeno irmão que vêm procura-los, lhe anunciar que eles vão passar do outro lado, sua recomendação de dizer à sua mamãe para não chorar.

O sentimento de “o outro lado” é muito frequente entre as crianças das quais nenhuma doutrina ainda falseou o julgamento. Elas conservaram a lembrança de já ter vivido e dão algumas provas, citando os nomes das personagens que elas conheceram ou dando as profissões que exerceram em uma precedente existência, descrevendo os lugares que habitaram, e algumas vezes a maneira como morreram.

Após ter estudado toda série de documentos baseados em testemunhos, um golpe de vista sintético, lançado sobre o conjunto, forçará vossa convicção. Vós cedereis à evidência e sobretudo vós vos liberareis dessa sugestão mentirosa, que a hipótese da sobrevivência não seria uma hipótese razoável porque ela seria contrária aos dados da Ciência. Os materialistas que afirmam isso fazem um raciocínio semelhante aos que consagraram o erro nos séculos passados e entravaram progressos que são realizados malgrado eles.

Ah! O materialista!...Vós jamais sonhastes em aprofundar a psicologia de um senhor que crê que é permitido negar alguma coisa porque ela choca suas concepções sobre a matéria; um senhor que não compreende que, únicas, as realidades acessíveis ao nosso entendimento têm o direito de serem afirmadas, em um mundo onde todas as aparências não são senão. O primeiro erro do homem foi crer que o sol se levanta, que a terra é imóvel, que mesmo ele é o centro e o objetivo da criação. O materialista é um homem incapaz de se subtrair à ilusão dos sentidos, um homem que crê que sua sensação deve lhe dar a medida de tudo. Incapaz de se abstrair, lhe é suficiente descobrir algum vestígio do homem primitivo, em uma camada diluviana do terciário, para crer que reconstituiu a gênese do mundo, pois ele qualifica de sobrenatural tudo o que ultrapassa a altura de sua frente.

Do mesmo modo que o teólogo do século XVI negava que nenhum mundo tenha podido jamais existir alguma coisa de mais sutil além de seus órgãos.

O senhor que não crê que o que ele vê está bem perto do ridículo, o materialista o é praticamente. Não é que ele, ainda ontem, negava a possibilidade do magnetismo, da ação à distância e da telegrafia sem fio? Não é que ele afirmava fazer da visibilidade das coisas o critério de sua realidade; e que punha em princípio que o átomo, sendo a única realidade existente, continha a razão de ser de tudo o que viu e o único fundamento de tudo o que existe.

O materialista de hoje é bem mais ridículo ainda que o teólogo de outrora; este, com efeito, podia conceber que nosso mundo fosse o centro de um sistema único; mas aquele que proclama que o átomo é suficiente para gerar o mundo do pensamento, não é tão louco quanto o que afirmava que nosso globo é suficiente para explicar a geração dos sóis. Por que procurar sempre em baixo a solução que

não se pode achar senão no alto. Por que não levar em conta razões escondidas no mistério do Cosmos, sob pretexto que nosso olhar não os alcança, e que, por isso, as razões cósmicas seriam sobrenaturais? Mas, boa gente, que afirmais conhecer os limites da vida olhai por isso vosso passado, vossos erros não contam mais. Vós tendes dito: A vida é impossível for do oxigênio; a vida é impossível na obscuridade; a vida é impossível sob as pressão de grandes fundos do mar!...” Talvez tivésseis se a matéria contivesse o germe da vida, mas como, de fato, é a vida que se apodera da matéria, que a modela e organiza para adaptá-la a seus fins, a observação vos dará sempre errado; a vida se mostra por todo parte onde vós a proibis de aparecer; e ela continua aí onde vós dizeis que ela acabou; e mesmo ela não começa onde vós credes. Para limitar a vida ao curto espaço de tempo compreendido entre o berço e a tumba, seria preciso poder afirmar que atrás desses limites não há mais mistério. E o materialista não aceita nenhum mistério; pois, para se persuadir que um miligrama de substância inerte vai fazer um milagre em nove meses, ele assegura que a química explica os progressos do feto que viria ao mundo pela primeira vez; ele se gaba por isso de conhecer o absoluto e de compreender as causas; e, em sua incompreensão do mistério, é ele que acusa a espiritualidade de pretender o conhecimento do segredo divino.

Mas é bem inverso os papeis. De forma alguma é necessário medir o infinito profundo dos céus para assegurar que eles se estendem bem longe além da via láctea; aquele único que fixaria a limite afirmaria conhecer o fundo das coisas. Quando o teólogo pretendia fixar assim os limites da criação, ele era obrigado a se apoiar na revelação divina, tudo como o materialista de nossos dias se retranca atrás de pretensas revelações científicas que não existem em parte alguma. A ciência não nos ensina nada da vida e não deu a ninguém de afirmar o espírito e a inteligência nos limites do corpo humano. Não, o astrônomo não tem necessidade de conhecer os segredos de Deus para aumentar o Universo e nós não temos necessidade de possuir o conhecimento absoluto para vos mostrar a via científica que nos permitiu de alargar o domínio da vida. É por isso de bom direito que o espiritualista olhe no além para sondar as maravilhosas profundezas. Nessa contemplação, ele percebe revelações que se estendem bem fora do domínio da física e da química, ele percebe as esferas do espírito, da consciência e da inteligência cujo domínio é ilimitado, e cuja evolução se efetua fora dos limites do tempo e do espaço.

O homem se mal conhece a si mesmo porque sua alma, puro diamante, está cercado de uma ganga e, porque o mundo que ele vê não responde a suas

aspirações, ele se desespera. Um dia vem, entretanto, onde a fadiga, a opressão da matéria o excita a fazer um esforço, o espírito tendo a quebrar seu cinto e o pobre peregrino da terra vai embora vaguear em direção à cidade dos mortos; ele aplica o ouvido contra a laje da pequena caverna fúnebre, e aí, oh surpresa! Ele encontra a fé e a esperança e elevando a cabeça exclama: “Não se morre”.

Não, não se morre, porque a força criadora é anterior à condensação das vias orgânicas e porque o estudo do além acabou de nos provar que a alma individual, preexiste e que ele sobrevive às destruições corporais.

Com os olhos do corpo nós vemos, é verdade, desaparecer as materializações passageiras que se formam na superfície de nosso limo terrestre; mas, com o olho da razão, podemos seguir, no além as manifestações da consciência e da inteligência, cuja atividade continua no invisível, em torno da grande corrente cósmica onde tudo se alimenta. Não se morre..., pois nada pode morrer do que existe..., mesmo o corpo é uma sobrevivência e um composto das primeiras almas orgânicas que lhe deram nascimento. Já temos vivido no protozoário, no zoófito, no réptil, no pássaro e no mamífero; e os pequenos seres que realizaram essas formas guardaram a lembrança para nos fornecer, hoje, os materiais da encarnação presente. O longo trabalho dos séculos não deixaram nada perder instintos, memórias e tatibilidade da vida orgânica; sobre esta veio se transplantar a alma humana. Se uma só dessas forças que presidiram aos formações primeiras tivesse um instante cessado de existir, a cadeia dos progressos sucessivos teria sido rompido, e tudo seria recaído na inércia do átomo original; se a evolução progride, é graças à sobrevivência, e é graças à almas inferiores, que sobrevivem em nós e que se encarregam das baixas funções da vida orgânica, que nós podemos tomar o desenvolvimento e nos elevar em direção à vida mental.

A natureza não tem outra finalidade; é porque não se morre; a vida é tudo e a matéria não é nada, então a matéria passa e a vida permanece.

E agora o que se liberaram do umbral do mistério vêm vos provar que um laço telepático os liga sempre a nós de uma certa maneira. As portas do sepulcro deixam filtrar os raios de uma nova luz, os que novamente faleceram hesitam ainda, param na fronteira dos dois mundos eles podem nos enviar alguns sinais materiais de sua presença; detrás da tumba ele lançam um último grito do qual nós percebemos os ecos.

Enfim, quando nós mesmos chegarmos ao termo da prova, quando após essa triste vida percorrida nós esperamos mais nada senão a obscuridade no nada, nossa visão psíquica se desperta, nós começamos a furar o véu da matéria, então os que

nós tínhamos sepultar de nossas mãos nos aparecem na luz do além, eles vêm nos trazer a aurora de seu sorriso. Os que nós acreditávamos mortos nos gritam; “Não se morre!”

ADENDO

Na hora em que essa edição está para impressão, o Instituto Metapsíquico internacional publica reproduções de moldagens de membros humanos materializados, que constituem uma prova matematicamente certa da realidade dos fatos.

